

CINTHIA BASSO

A FUGA DA PRINCESA

DUOLOGIA INIMIGOS REAIS - LIVRO I





PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

CINTHIA BASSO

A FUGA DA PRINCESA

DUOLOGIA INIMIGOS REAIS - LIVRO I

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Copyright © 2019 Cinthia Basso

Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens, lugares e acontecimentos descritos são produtos de imaginação do autor. Qualquer semelhança com nomes, datas e acontecimentos reais é mera coincidência.

Revisão: Tarciane Franco

Revisão Final: Margareth Antequera

Capa: L.A Design

Diagramação Digital: Layce Design

Todos os direitos reservados.

É proibido o armazenamento e/ou a reprodução de qualquer parte dessa obra, através de quaisquer meios — tangível ou intangível — sem o consentimento escrito da autora.

A violação dos direitos autorais é crime estabelecido pela lei nº. 9.610./98 e punido pelo artigo 184 do Código Penal.

Edição digital | Criado no Brasil.

PERIGOSAS ACHERON

A FUGA DA PRINCESA



[Sinopse](#)

[Playlist](#)

[Nota da Autora](#)

[Prólogo](#)

[Capítulo 1](#)

[Capítulo 2](#)

[Capítulo 3](#)

[Capítulo 4](#)

[Capítulo 5](#)

[Capítulo 6](#)

[Capítulo 7](#)

[Capítulo 8](#)

[Capítulo 9](#)

[Capítulo 10](#)

[Capítulo 11](#)

[Capítulo 12](#)

[Capítulo 13](#)

[Capítulo 14](#)

[Capítulo 15](#)

[Capítulo 16](#)

[Capítulo 17](#)

[Capítulo 18](#)

[Capítulo 19](#)

[Capítulo 20](#)

[Capítulo 21](#)

[Capítulo 22](#)

[Capítulo 23](#)

[Capítulo 24](#)

[Capítulo 25](#)

[Capítulo 26](#)

[Capítulo 27](#)

[Capítulo 28](#)

[Capítulo 29](#)

[Capítulo 30](#)

[Capítulo 31](#)

[Capítulo 32](#)

[Agradecimentos](#)

[Outras obras](#)

[Sobre a autora](#)

[Contato](#)

PERIGOSAS NACIONAIS

[Notas](#)



PERIGOSAS ACHERON

A FUGA DA PRINCESA



Quando Adele Packard Rodwell fugiu do seu próprio casamento, ela não imaginava que isso desencadearia uma confusão gigantesca. Queria apenas proteger as pessoas que amava e cuidar para que a verdade fosse revelada. No entanto, lá estava ela, em uma enrascada digna de nota.

Enquanto ela fugia, Nicholas Henry Baldrick Holloway, o príncipe herdeiro do trono de Persóvia, tinha noção de que precisava se casar o quanto antes. Não importava o que sentisse, bastava que aceitasse suas responsabilidades e honrasse a coroa.

Ambos não sabiam como seriam as coisas, quando finalmente iniciassem seus reinados; só

PERIGOSAS NACIONAIS

tinham conhecimento que Hironnelle e Persóvia eram países inimigos e que assim permaneceriam para sempre.

Uma rivalidade tão antiga quanto as famílias reais.

Uma fuga que mudaria o presente.

E o que era impossível se tornaria apenas... um mero acaso.

Nesta primeira parte, Nicholas e Adele terão que medir e unir forças para descobrirem algo muito pior do que imaginavam. Algo muito maior do que esperavam.

PERIGOSAS ACHERON

A FUGA DA PRINCESA



Para ouvir a *playlist* de “*A fuga da Princesa*” no *Spotify*, abra o app no seu celular, selecione buscar, clique na câmera e posicione sobre o *code* abaixo.



A FUGA DA PRINCESA



Este universo, que envolve Hironnelle e Persóvia, foi criado para que todos os detalhes do livro se tornassem ainda mais evidentes ao leitor. Qualquer semelhança com a realidade é mera coincidência.

PERIGOSAS NACIONAIS

‘Há muito tempo, uma rivalidade teve início;
Haverá propagações da verdade e, em cada uma,
um pequeno detalhe será acrescentado.
Chame isso de ofício
Dos que não querem enxergar.
Haverá aqueles sedentos pela verdade encontrar
Enquanto outros quererão ocultá-la, e a todo
custo pagar;
Mas o que, de fato, aconteceu; o que semeou o
ódio e o rancor entre esses dois países, apenas neste
livro irão descobrir
Ele se encontra escondido,
Na colina mais distante;
No lugar mais protegido,
Onde apenas um sinal lhe denunciará.
Apenas alguém com conhecimento saberá lhe
identificar as charadas;
Conseguir ler o mais improvável dos idiomas.
Amor, com amor se paga.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Não há como se iludir.

Os olhos deverão enxergar mais do que lhe é permitido.

Enquanto seu repouso não lhe é afligido.

Mentes cegas deixarão detalhes lhe nublar a visão,

Enquanto mentes imaginativas rapidamente os notarão.

Embaixo de estrelas e histórias inesquecíveis, ele se encontra

Amor, com amor se paga

Contanto que o sentimento não lhe seja seu maior fardo

E a verdade, um segredo não descoberto. ”

Amor amore compensatur – *Um livro perdido por séculos*

PERIGOSAS ACHERON

A FUGA DA PRINCESA



ADELE

Dois meses antes

“Todos estão em polvorosa com o casamento da princesa. Pessoas ilustres e beneméritos da realeza encontram-se em expectativa para o grande evento que se aproxima.” – *Hirondelle Daily*



São conhecidos dois tipos de princesas: as inteligentes, amáveis e recatadas, e as inteligentes, atrapalhadas, sem qualquer tipo de contenção nas

palavras e totalmente geniosas.

Para infortúnio de papai, eu me encaixei justamente no segundo modelo... Absolutamente, de maneira magistral. Causei tantos desastres que, às vezes, pensei suscitá-los com o poder da mente. Prova disso, foi uma das estantes na enorme biblioteca, que eu e Arya — minha irmã de 11 anos — derrubamos sem qualquer intenção, causando um efeito dominó em todas as outras.

Encolhi meu corpo e fechei meus olhos, querendo retirar a visão do desastre da minha mente. Impossível que sejamos tão atrapalhadas assim; impossível.

— Meu... bom Deus! — sussurrou Jordyn, nossa professora de etiqueta.

Uma mulher alta, na casa dos 30 anos, com cabelos castanhos e olhos tão negros quanto piche.

Sua voz nasalada me provocou arrepios constantes e sinceros. Até a comparei a um ganso grasnando na lagoa, o que admito que acontecia com frequência, nos últimos anos, já que eu e minha irmã demos o nome dela a um deles, logo

que ele nasceu. Como se soubesse disso, o bichinho foi o que mais resmungou e se excluiu do grupo, como o patinho feio.

Olhei para minha irmã, com seus cachos loiros, olhos verdes amendoados e rosto angelical, tentando conter a gargalhada, ao pensar o mesmo que eu. Levei o dedo indicador aos lábios e pedi segredo.

Um livro se abriu no meu pé, quando tentei sair da confusão de papel que fizemos.

Uma citação me prendeu no lugar.

“Amor amore compensatur” — Reconheci a língua como latim e, graças a Deus, eu decidi aprendê-la para decifrar códigos antigos e secretos espalhados por entre a biblioteca secular. Foi como um bálsamo para todas as responsabilidades que precisei assumir desde muito nova.

“Amor, com amor se paga.”

Peguei-o do chão, notando suas folhas extremamente amareladas e emboloradas, devido à ação do tempo. Sua capa vermelha em tecido, parecia querer se descolar do miolo do livro,

PERIGOSAS ACHERON

quando o toquei. O papel era antigo, muito antigo e eu não lembrava de tê-lo visto nas prateleiras. De onde havia saído?

Admirei a bagunça de livros e estantes em torno de mim e Arya, chegando à conclusão de que não descobriria, nem que quisesse.

Folhee algumas páginas e várias linhas prenderam a minha atenção. Algumas diziam que eu procurasse nos lugares mais estranhos do palácio, com menos atenção do que devia, encontraria a próxima pista, juntamente com a joia tão escarlate quanto sangue.

Eu e Arya sempre fazíamos nossa caça ao tesouro e, depois de uma das muitas histórias de papai, onde ele afirmou que alguém escondeu, no castelo, um colar de rubi, não descansaríamos enquanto não o encontrássemos. Uma espécie de promessa de honra, para nós duas.

— Arya, olhe aqui! — indiquei para ela, a frase.

Seus fios loiros roçaram em meu braço, quando se esticou nas pontas dos pés para tentar ver o que eu via.

— Acha que essa é mais uma pista?

— Tenho certeza de que sim, bonequinha! — Baguncei seu cabelo com a mão livre e ela me olhou irritada.

— Não faça isso comigo; não sou mais criança!
— resmungou.

— Claro que não! Já é adulta?

— Crianças não tentam encontrar colares de rubi com base em pistas tão difíceis de serem decifradas!

— Colares de rubi? De acordo com a primeira pista que encontramos na biblioteca de papai, é apenas um colar, assim como na história dele. Desde quando essas joias se reproduzem?

— Desde que eu falei!

Gargalhei com a sua confiança e sagacidade.

Segundo papai, eu e ela somos cópias de nossa mãe nisso. Não tenho muitas recordações dela, que, quando eu tinha apenas dez anos, faleceu, mas Arya nem sequer a conheceu, já que foi em seu parto quê... enfim. Fez falta? Muita. Mas, parou de

doer, há tanto tempo, que eu apenas... esqueci. Quando olhava seus retratos pelo castelo, sentia saudade, mas não uma dor excruciante. Era como se meu coração fosse aquecido, apenas por saber que a havia conhecido.

— Certo!

— As duas são muito espertas, tenho que admitir, mas quem arrumará toda essa bagunça e esse... *Caos* que causaram? — exclamou Jordyn — Deviam ajudar, para, na próxima vez, pensarem duas vezes, antes de darem tanto trabalho para todos!

Sorri amável para ela. Sempre me livrava de enrascadas com meus sorrisos. Talvez fosse um *dom*, visto que ninguém conseguia se irritar comigo, quando o usava em potência máxima.

— Jordyn, nós podemos ajudar mais tarde? — pedi. — Dwayne de Constance virá aqui, hoje, para me visitar, e não sei se terei tempo para arrumar toda essa bagunça, mas te garanto que sei que somos culpadas. É que eu e Arya temos tantos compromissos ainda por cumprir, talvez não

consigamos terminar a tempo e sabe como o rei fica furioso quando nos atrasamos e...

Ela balançou as mãos e fui impedida de continuar falando pelo seu gesto de impaciência.

— Está bem. Certo. Sem problema... — deu uma pausa dramática — Porém, na próxima vez em que fizerem algo similar, não terá sorriso de princesa capaz de te salvar da arrumação, Alteza.

Sorri para ela. Um sorriso amplo, branco e mostrando todos os meus dentes.

— Você é a melhor, Jordyn, melhor pessoa do universo! — Abracei-a apertado.

Não esperei que mudasse de ideia para sair da biblioteca. A ideia de arrumar tudo não me animava em nada, por isso eu e Arya corremos pelos corredores, segundos depois, ambas sem fôlego, apenas para evitar o pior.

E o livro permaneceu firme debaixo do meu braço.



Todos, no país, souberam, desde o início dos

PERIGOSAS ACHERON

tempos e todos, sem exceção, nutriram a rivalidade antiga entre o povo de Hironnelle e o de Persóvia. Uma proibição que ninguém ousou ultrapassar.

Desde criança, fui criada com a noção de que jamais podia cruzar as fronteiras e me apaixonar por um homem Persoviano. Jamais, em hipótese alguma.

“Você está prometida, Adele. E, quando se casar, seremos uma potência, à qual Persóvia terá de obedecer. Será rainha, e cabe a você fazer escolhas que beneficiem a todos” — era o que papai sempre dizia.

Rainha de Hironnelle. Seria errado eu temer este momento? Porque toda vez que pensava nele, um frio na barriga me consumia.

Hironnelle, um nome inspirado nas Andorinhas, uma homenagem em francês às aves que são o símbolo de nosso país, protagonizando, até mesmo, a nossa bandeira e representando a paz, prosperidade e bem-estar familiar. Até mesmo meu nome derivou disso, o que não me agradou muito, quando pequena, mas tive que aceitar.

Era bem irônico, na verdade, que eu amasse o inverno e elas fugissem dele.

Enfim, retomando o assunto "inimigos reais": Persóvia possui mais alianças que nós com países influentes ao extremo, porém, o tratado que firmamos, sobre nos mantermos o mais distante possível uns dos outros, foi respeitado por décadas. Era uma noção que já nascia conosco, um conhecimento de mundo implantado em nossas mentalidades, desde muito pequenos. No entanto, apenas os monarcas sabiam o real motivo da desavença. As especulações eram apenas isso: fofocas passadas de pai para filho, quando, na verdade, ninguém sabia o que, de fato, ocorrera.

Fui prometida a Dwayne, príncipe de Constance, um país como o nosso, que nos ajudaria a recuperar o que nos era de direito. Ainda não fui informada do que é essa tal coisa, mas papai disse que saberei quando me tornar rainha. Então, vou entender. Espero, sinceramente, que isso aconteça mesmo, porque, por mais que eu seja forçada a odiar pessoas que nem conheço, não conseguia conter minha natureza curiosa e indaguei o motivo disso,

uma resposta que ainda não obtive.

— Vossa Alteza, seu pai e seu noivo a aguardam no salão — falou Julie ao enfiar a cabeça no meu quarto, através de uma pequena abertura na porta.

Sorri amável para ela. Afinal, não tinha culpa do meu destino. Era o que era, no final das contas. Fitei meu reflexo no espelho, o vestido simples, elegante e que contornava minhas curvas até meus pés, com uma solidão crescente no meu peito.

— Já vou descer.

Minha secretária concordou com um aceno e fechou a porta com um clique suave.

A princesa que me fitou do espelho não parecia contente com seu casamento com um príncipe. Quando a escolha nos é tirada, é quase impossível ficar contente com tudo, não é?

Fui uma mercadoria vendida aos 11 anos, idade que eu tinha quando papai firmou o contrato, e, mesmo sabendo que me amava, não consegui conter aquela onda de pessimismo, pensando que ele nem, ao menos, cogitou como eu me sentiria com isso.

— Alteza, vamos logo. Não deixe o príncipe esperando! — Dessa vez, quem colocou a cabeça na fresta foi Elize.

Faltava apenas Jordyn para terminar de me infernizar, completando o trio pronto para tudo: secretária, assessora e professora de etiqueta, a que mais trabalhava, porque eu era simplesmente uma negação, na maioria das coisas que tentava me ensinar.

— Como ele é? — Foi impossível conter minha curiosidade.

Elize fez uma careta estranha e temi pelo que diria a seguir.

— Bem bonito, na verdade. Não é nenhum sapo, como imaginamos. No entanto, tem uma feição muito sisuda, se compararmos com a senhorita, que está sempre sorrindo para todos, mas, pensando pelo lado positivo, serão um casal muito interessante. — Fez uma careta de que não gostei nem um pouco. — De verdade.

— Como tratou os funcionários da equipe da casa real?

A maneira como uma pessoa tratava quem trabalhava para ela dizia muito sobre sua índole.

— Não acho que seja elegante falar sobre isso!
— respondeu Jordyn, ao colocar a cabeça acima da de Elize e não demorou muito para que Julie a sobrepuhasse também.

Três pares de olhos curiosos me contemplavam.

— Não posso especular sobre o caráter do meu futuro noivo?

— Ele é um príncipe, Alteza. São raras, as pessoas da realeza com uma índole impecável. Claro que não podemos dizer o mesmo da senhorita — apressou-se em completar, após levar uma cotovelada de Julie.

— Sou ruim para vocês?

— Só para Jordyn, porque dá muito trabalho, Vossa Alteza — brincou Elize.

— Não posso fazer nada quanto a isso — Sorri.

As três gargalharam, ao notarem minha brincadeira.

— Agora, vamos. Antes que o homem desista e

volte para Constance — Apressou Julie.

Dei uma última checada, antes de ir até a porta. As três abriram caminho para mim e me seguiram silenciosas.

— Respire fundo, Alteza. Vai dar tudo certo — sussurrou Elize.

Mordi meu lábio inferior, nervosa. Pela primeira vez, veria Dwayne frente a frente e, sinceramente, não sabia o que esperar do encontro.

Parei ante às imensas portas do salão e olhei para os dois seguranças imóveis, feito estátuas nas laterais, que me fitaram amáveis, com empatia. Um deles, que passou por uma situação muito delicada com a filha, há não muito tempo, inclinou-se ligeiramente para sussurrar um "boa sorte, Alteza."

Agradei à preocupação de Edgar com um aceno.

As portas se abriram e fui anunciada pelo mordomo. Assim que entrei no salão social, avistei um homem alto, forte, em um terno com colete escuro e impecável, e os cabelos loiros na altura dos ombros, parado de costas, com as mãos cruzadas, enquanto admirava a paisagem que se

avultava diante dos janelões. Se virou ao ouvir meu nome e eu abafei um arquejo.

Ele era muito bonito, mas havia algo... Uma coisa muito estranha, que me aconselhou a não brincar com sua determinação. Talvez o furo em seu queixo, que achava uma característica dos vilões, que me causou um arrepio que me perpassou.

Dwayne me olhou de cima a baixo e balançou a cabeça, aprovando o que viu. Senti-me avaliada, da pior maneira possível, e notei que não seria nada fácil ser esposa de um homem como ele.

Definitivamente, a teoria do furo no queixo estava correta, neste caso.

O mordomo foi em sua direção, oferecer-lhe chá, mas Dwayne nem mesmo olhou na direção do homem, dispensando-o com um gesto de mão, menosprezando um dos funcionários mais antigos e respeitados da Casa Real de Hironnelle.

Crispei meus lábios e meus dedos se fecharam ao lado do meu corpo.

Quando o senhor passou por mim, falei, alto o

PERIGOSAS ACHERON

suficiente para ele escutar.

— Não se importe com ele, Harlow. Pessoas esnobes, assim, não se dão ao trabalho de serem gentis com ninguém.

Ele não expressou nenhuma reação ao se retirar com a bandeja de chá.

— Sente-se, filha. Sente-se, Dwayne — falou papai e eu prontamente o obedeci.

Quando me sentei, senti a presença ao meu lado, seu cheiro peculiar e forte se tornando quase insuportável.

Franzi meu nariz e contive a vontade de espirrar.

— É uma honra conhecê-la, Adele. — Pegou uma das minhas mãos e a beijou.

Babou na minha pele.

Que nojo!

Controlei-me ao máximo para não enxugar no tecido do vestido. Papai, percebendo o que eu faria, apressou-se a prosseguir com sua fala.

— Essa é minha filha, que irá subir ao altar com você, Dwayne. Acredito que todos os detalhes já

PERIGOSAS ACHERON

foram acertados e tenho absoluta certeza de que serão muito felizes. Trarão prosperidade, tanto a Hironnelle, como para Constance, e eu não poderia estar mais feliz. — Papai levantou-se e eu o busquei com o olhar, implorando para não me deixar sozinha — Fiquem à vontade para se conhecerem um pouco. Se precisarem, vou estar lá fora.

Senti que não seria nada agradável.

Logo que o rei passou pelas portas e elas se fecharam, Dwayne se aproximou, ainda mais de mim, colando as suas coxas nas minhas. Olhei para baixo, aterrorizada. Ao fitá-lo, notei como seus olhos estavam enevoados e sua língua despontava sutilmente.

Que nojento!

Levantei-me apressada, disposta a fugir dele em todos os sentidos.

— Você é tão linda quanto me falaram, princesa! Pena que o rei a mantenha tão presa no palácio, devido ao acontecido com a rainha. Todos deveriam ver como é bela e inconfundível — disse

PERIGOSAS NACIONAIS

ao se levantar também. — Será uma honra apresentá-la a todos em Constance como minha esposa, após nosso casamento.

Permaneci acuada, ao lado de uma das poltronas.

Ele caminhou confiante na minha direção, colocou uma das mãos na minha cintura e a outra começou a escorrer por meu quadril, descendo, até que pisei no seu pé com meu salto e dei uma joelhada nas suas partes baixas.

Quem diabos, esse maldito pensou que eu era? Alguma idiota?

— Sua... desgra... — não conseguiu terminar a fala, ajoelhando e cobrindo suas *coisas* com as mãos.

— Nunca mais tente tocar em mim sem que eu te dê autorização! — vociferei.

— Será minha... — Respirou fundo, tentando controlar a dor. — Esposa. Não terá como fugir das minhas investidas para sempre.

— Eu não sou obrigada a nada, mesmo que me case com você!

PERIGOSAS ACHERON

— Sua vida não é um conto de fadas, Adele.

Ah, eu tive plena ciência disso quando fui prometida a um idiota como ele.

— Sei disso. Apenas em um, eu não seria prometida a alguém tão asqueroso! Passar bem, Dwayne. Nos vemos no altar.

Caminhei a passos decididos até a porta e eu mesma a abri, saindo de queixo erguido pelo corredor, sem olhar para trás.

Ele se provou ainda pior do que imaginei, mas, se pensou que seria fácil lidar comigo, notaria, logo no primeiro dia, o quão errado estava.

A FUGA DA PRINCESA



NICHOLAS

“As indiscrições do príncipe são de conhecimento geral e, com o passar dos dias, acreditamos que o casamento esteja bem distante dos seus desejos. Cabe a alguma mulher interessante fugar sua atenção, ou estaria este país fadado ao comando de um devasso?”

— *Persóvia Journal*.



— Já vai? — uma voz manhosa se fez ouvir.

Olhei para a mulher na cama a me fitar com malícia, enquanto eu terminava de vestir o terno.

PERIGOSAS ACHERON

Prendi os botões com o brasão de Persóvia e não tive pressa para respondê-la.

Contemplei minha própria sina, sabendo que toda aquela atmosfera estranha no palácio era justamente por eu estar com 29 anos, solteiro, sem qualquer noiva em vista.

Isso era um problema, não só para o meu pai, mas para todos. Exceto eu, claro.

Mas não evitei me casar por querer aproveitar várias camas, vários corpos e várias sensações. Na verdade, foi porque senti que a maioria das mulheres que se aproximava de mim ambicionavam apenas a posição de rainha, o que acabaria por deixar a nós dois infelizes.

A ambição traria paz a uma nação?

Acreditava fielmente que não.

— Eu preciso.

— Não, não precisa, *meu* príncipe. — Senti mãos suaves contornarem meu peitoral, ao mesmo tempo em que ela deu uma mordida sacana no lóbulo da minha orelha.

— Como sabe do que preciso, Bonnie?

— Soube exatamente o que fazer para que esquecesse as preocupações por um tempo.

— Por um tempo — sussurrei.

Olhei pela janela, para os vários edifícios da capital, para a catedral de *Autumn*, cuja torre principal erguia-se imponente, ameaçando alcançar o céu. Os dois sinos no seu topo começaram seu badalar com o característico som das 6h da noite. Na verdade, o primeiro toque soava às 6h da manhã, se repetia ao meio-dia, às 6h da noite e, por fim, meia-noite. De seis em seis horas, o retumbar marcava o tempo para os milhares de pessoas que viviam nesta parte da cidade.

— O que acha de ficar até a meia-noite? Pode sair com os sinos. — Ela abriu um dos botões que fechei, da camisa social, e cravou as unhas no meu tórax.

Um gemido escapou por entre meus lábios.

— Tenho um compromisso — sibilei.

— Com outra mulher? — inquiriu.

Virei-me bruscamente, para fitá-la diretamente nos olhos.

A vaga noção de que sua fala *não quero me casar, podemos ficar no sexo casual pelo tempo que quiser, Alteza*, não se sustentaria por muito tempo foi certa.

— Não é outra mulher. Eu te disse que esse não é meu estilo — enfatizei.

Eu fui sincero com Bonnie e disse, com todas as palavras, que, enquanto estivéssemos juntos, eu não ficaria com mais ninguém.

Jamais quebrei minhas promessas.

— Então, por que não fica mais tempo comigo?
— Seus lábios formaram um beijo de súplica e controlei a vontade de revirar meus olhos, impaciente.

— Não posso ficar. Sabe disso. Sou o príncipe de Persóvia e, se alguém me vir saindo daqui com você, ou seguido de você, um escândalo cairá sobre a coroa mais rápido do que um objeto respeitando a gravidade.

— Nunca, ninguém, irá saber sobre nós?

Senti a mágoa por trás das suas palavras.

— Eu não... posso — admiti.

Erro.

Foi absolutamente um erro trazê-la para um dos meus apartamentos na capital. Agora, ela pensa que, por este motivo, nós tivemos algo a mais do que prazer carnal.

— Não pode! Não consegue enxergar o absurdo do que está dizendo? Por que não poderia dizer que está comigo? Não aceito toda essa palhaçada, Nicholas. Se quiser continuar com o que temos, se quiser continuar... — indicou a nós dois. — terá de criar coragem e falar com todos. Não aceitarei mais partes de você, quando o quero por inteiro.

Ela não entendia. Simplesmente não entendia que as coisas não funcionavam assim para a família real.

O atual rei precisava autorizar o casamento de membros da família real que iam até a 6ª pessoa na linha de sucessão. Se ele não concordasse, se eu

não obtivesse sua aprovação por escrito, tal ato seria considerado traição à coroa, podendo desencadear em uma crise política e de bom relacionamento com todos.

Não havia como arriscar, nesse caso, e sinceramente, com o pensamento de que eu serei rei, um dia, enraizado na minha mente, desde que eu aprendi a falar, não arriscaria de forma alguma, o futuro de tantas pessoas.

— Desculpe, Bonnie. Mas, se não consegue aceitar que nada vai mudar, não podemos mais ficarmos juntos. Sinto muito. Será melhor para nós dois que você vá e que não tente mais entrar em contato comigo. Um dos seguranças te levará até sua casa. Tenha uma boa vida, minha querida. — Meus lábios se curvaram fracamente.

— Você não pode fazer isso comigo, Nicholas!
— Exaltou-se.

Mantive meu semblante neutro.

Eu não deveria ter saído do palácio hoje, soube, assim que o mau agouro de derrubar café na minha calça aconteceu, ou quando um dos cachorros

escapou do canil e fez suas necessidades no caminho de cascalho, pelo qual caminhei até chegar ao meu carro. Não vi e pisei de forma centralizada, então tive que retirar os sapatos e voltar descalço para o meu quarto.

Se eu contasse o ocorrido a alguém, teimariam em dar aos cachorros uma lição, o que eu, definitivamente detestaria. Ninguém que prezasse pelo seu emprego maltratava Ludwig, Wolfgang, Johann, Ana Karenina e Joana D'Arc. Nomes um tanto quanto históricos que dei a eles, meus amores mais sinceros, o que só reforçou meu ponto de vista quanto a uma futura esposa, já que, se eles não a aprovassem, não me casaria.

Cachorros sempre foram excelentes juízes de caráter.

— Acha que eu queria agir dessa forma? Acha que é fácil? Você não tem nenhuma noção, Bonnie. Nenhuma maldita noção do que eu posso, ou não, fazer, seja com minha vida pessoal ou todas as minhas responsabilidades. — suspirei furioso ao terminar de falar.

Ela se apressou a pegar o lençol de linho que cobria a cama para envolver-se nele. Seus olhos claros se encheram de água e me arrependi totalmente por ter perdido a linha. Minha mãe sentiria, no mínimo, decepção, se soubesse que eu tratei uma mulher com menos cortesia do que merecia.

— Desculpe. — suspirei e olhei para o teto, perdido. — Eu não deveria ter falado com você desta forma e, infelizmente, receio que tenha razão. Nós não devemos mais nos envolver. Foi maravilhoso, enquanto durou, mas acabou.

— Consegue se livrar de dez meses com essa facilidade? O que tem no lugar do coração? Uma pedra de gelo?

Foi, justamente, por não ter uma pedra de gelo como coração, que terminei com tudo. Ela estava mais envolvida do que deveria e acabaria saindo mais machucada, caso prosseguíssemos.

— Quem me dera, não sentir nada. Estou fazendo isso para te proteger e garantir que as coisas não se tornem piores para nós dois.

Bonnie transformou sua feição revoltada na mais sincera indignação.

— Não, não está me protegendo, Nicholas. Está *se* protegendo. Você não quer assumir riscos porque, no fundo, tem medo das consequências deles!

Não deixava de ter razão.

— "Digno é o homem que tem medo do desconhecido". Não acho que isso me coloque em uma categoria ruim. Não seria pior continuar com você e correr o risco de te iludir, quando a verdade é que não há como ultrapassarmos o nível em que nos encontramos? Estou quebrando seu coração, agora, para que perceba ter sido a coisa certa a se fazer, mais à frente.

— Por que não quer, ao menos... arriscar? — Uma última súplica abandonou seus lábios.

— Bonnie, eu fui sincero com você, desde o princípio. Ficamos juntos apenas porque afirmou não querer se casar. Eu não poderia me casar com você, então, foi um bom arranjo para mim. O que mudou?

— Eu me apaixonei.

Meus ombros desabaram ao perceber que posterguei o ponto final por tempo demais. Olhei para seus olhos imensos e esverdeados ressaltados pela cor clara de seu cabelo, sentindo um arrependimento gigantesco por não notar antes e por não ter evitado que se decepcionasse amorosamente.

— Sinto muito.

Não precisei explicar minuciosamente o motivo para minhas desculpas. Quando algumas lágrimas contidas finalmente desceram pelas suas bochechas, percebi que ela entendeu a mensagem por trás das minhas palavras.

— Claro, tudo bem. Posso entender — sussurrou.

Deixou que o lençol caísse e eu não admirei as suas curvas, dessa vez. Pelo contrário, dei as costas para ela e passei pela porta da suíte, fechando-a e lamentando que tudo tivesse chegado a esse nível.

— Leve-a para casa — ordenei a um dos seguranças parado na sala, ao lado da porta de entrada.

— Sim, Alteza.

Acenei, despedindo-me, e ele retribuiu.

Quando o elevador se abriu, na garagem, vários homens se colocaram ao meu lado, acompanhando-me até meu carro. Entrei e coloquei as mãos nos olhos, frustrado.

Não sentia nada a mais por Bonnie, porém, de forma alguma queria que tudo terminasse dessa maneira. Foi como magoar a alguém que me fez tão bem. De maneira involuntária, mas, ainda assim, bem.

Desisti de ficar pensando sobre isso e acelerei em direção ao palácio. Papai ligou e disse que precisava falar comigo. Um pressentimento sobre o assunto deu as caras.

Não havia escapatória.

Mesmo que eu lutasse com todas as minhas forças contra o sistema, as tradições e todos os protocolos reais, o herdeiro tinha que se casar. Era uma... obrigação.



Fotos foram lançadas à minha mesa.

Respirei fundo, olhando para cada uma.

— Pegajosa. — Retirei uma da pilha — Insuportável. — Outra — Nem em sonho. — Mais uma. — Por favor, misericórdia. Essa jamais! — A cada uma que descartei a imagem, um olhar recriminador de papai me atingiu.

— Precisa escolher uma, entre elas, para seguir com a linhagem real.

Minhas mãos travaram em uma delas. Uma mulher de cabelo escuro, longo e liso, e um olhar tão penetrante que me despertou o interesse, no passado. No passado. No presente, não senti orgulho em admitir que corri dela a todo custo.

— A filha do Primeiro-ministro? Sério?

Meu pai arqueou uma das sobrancelhas, em um gesto imperativo.

— Pensei que, pela intimidade que já compartilharam, ela fosse uma opção.

— Só se quiser que seu filho, futuro rei de Persóvia, se suicide no primeiro dia de casado. Um

tiro no pé me soa mais extasiante do que compartilhar minha cama com essa... doida. Certo, talvez doida seja um tom muito horrendo para defini-la, mas enfim... ela está absolutamente... fora de questão.

— Passou da idade de se casar. Vai se tornar rei em breve e nenhum reinado prospera com um monarca sem companheira, Nicholas! Não posso permitir que o futuro de Persóvia caia em desgraça pelas atitudes inconsequentes do meu próprio filho! Eu o criei para ser um rei. Aja como tal e... escolha uma rainha.

Sua exaltação não me afetou.

Sua Majestade perdeu a paciência com minha falta de interesse momentânea e, para não discutirmos ainda mais, deu as costas, sendo escoltado pelos seus guardas e desaparecendo do meu escritório.

Saí do lugar e caminhei a passos lentos até meu quarto de cabeça baixa, procurando uma saída para o que parecia não ter solução. Logo que entrei no aposento, movi-me até a varanda, apoiando as mãos

no balaústre de gesso trabalhado. O brasão da linhagem real de Persóvia estava em todos os detalhes e exaltava o poder que nosso reinado mantinha. Uma coroa repleta de diamantes, entre duas espadas que se cruzavam, simbolizando a guerra que tivemos de travar, há séculos, para que a paz reinasse. Fazia muito, muito tempo. No entanto, algumas tradições se mantinham intocadas.

Parecia, simplesmente, tão irônico que o motivo para a guerra fosse a paz.

Abaixei a cabeça, preocupado com o que estava por vir. Quando a levantei, olhei para as casas do povo, que se estendiam até sumirem de vista, com seus telhados simples e aparência modesta; nas ruas, as pedras francesas, importadas por um dos primeiros reis da nossa dinastia, resistiam às intempéries.

O inverno se aproximava e, com ele, vendavais gelados varriam a capital e seus arredores.

Meus ombros desabaram, tamanho o fardo de nascer com a responsabilidade de comandar uma nação desenvolvida como Persóvia. Que eu teria

que me casar com quem fosse mais vantajosa, tanto para aliança diplomática, como para prosperidade do país, eu sempre soube. Porém, nenhuma das alternativas soou, no mínimo, aceitável.

Desisti de cair em comiseração e deitei-me em meio aos lençóis macios e irresistíveis. Antes de qualquer decisão importante, eu precisava dormir. Dormir de verdade. Não procurei nenhuma mulher para aplacar essa sensação estranha de impotência que me ameaçou.

Nenhuma conseguiria exprimir o vazio.

A FUGA DA PRINCESA



NICHOLAS

“O bom filho à casa torna!” – *Persóvia Journal*.



— Olá, Alteza! — Ouvi o tom brincalhão do meu amigo de anos.

Virei-me para conversar com Mason, em seu terno e colete característicos e pose de empresário inalcançável.

Dono de uma cadeia de boates por toda a Europa e um investidor mais do que bem-sucedido, ele podia se dar ao luxo de ser um dos empresários

PERIGOSAS ACHERON

mais bem vistos pelo meu pai, assim como, uma das poucas pessoas que poderiam me tratar verdadeiramente como amigo.

— Trabalhando muito?

— Sempre.

— Onde estava, na semana passada?

— Na de Bruxelas.

— Pensei que estivesse em Mônaco.

— Não — discordou, mas não explicou o motivo por ocultar a verdade para seu pai.

Se havia algum segredo, eu o deixaria lidar com ele em paz. Odiava que as pessoas me fizessem perguntas que eu não queria responder, então, não faria o mesmo com ele.

— Terminei tudo com Bonnie — Soltei, entredentes.

Eu gostei dela, gostei do que tivemos e sentiria falta, de verdade. O problema é que não gostei tanto assim... Não a ponto de arriscar a paz no palácio. Além do mais, ela não passou no teste com os cachorros, dizendo em alto e bom som que

odiava animais. Ficou complicado cogitar alguma coisa com ela, depois da sua revelação.

— Vamos conversar no meu escritório — Mason falou e virou-se.

Segui-o por entre as várias pessoas da área VIP, sentindo olhares em mim, alguns curiosos e outros totalmente obscenos. Passei por um grupo de mulheres maravilhosas que me fitaram de cima a baixo, expressando gostarem do que viram.

Em outro momento, eu teria parado para conversar. Nesse, sentia-me desgastado com tudo para simplesmente esquecer minhas responsabilidades com transas ocasionais.

Uma mão pousou na minha cintura e olhei para o toque, as unhas carmim me chamando para o pecado. Subi o olhar até o rosto da dona dos dedos elegantes e choquei-me com a sua beleza. Espetacular. Porém, havia terminado um caso de meses com uma mulher, pelo fato de não poder me entregar mais. Seria injusto ficar com outra na mesma semana.

— Qual seu nome? — perguntou ela.

Estranhei que não soubesse. A maioria, ali, sabia.

Olhei para Mason, já no elevador que levava para a cobertura do prédio, onde a *Indécence* ficava. Somente eu conseguia entender a dor e a agonia expressas em seu semblante, cobertas por camadas e camadas de disfarces. Ele odiava elevadores. Não contava para ninguém, mas eu sabia e, às vezes, até os evitava para que conseguisse se acalmar.

— Na volta, nós conversamos — Prometi à moça.

Esperei que ela retirasse os dedos e me movi apressado até ele.

— Arrasando corações, logo depois de um término?

— Jamais — Pisquei para o meu amigo.



— Ela ficou possessa ao descobrir que você nunca teve qualquer interesse em se casar com ela, mesmo depois de ser sincero em todos os encontros, é isso? — Ele me estendeu o copo com uma dose de *Glenfiddich Excellence*.

— Basicamente. — Olhei para o cristal. — quando vai me servir seu *Glenfarclas 1955*¹? Estou ansioso para provar aquele uísque.

— Posso dizer "nunca"? É um insulto eu te oferecer um dos meus melhores e ainda se interessar por um dos que habitam em meu coração. Se não fosse meu amigo, te expulsaria daqui com um chute na bunda. Claro que ser príncipe também não facilita essa tarefa para mim.

Ergui o copo em cumprimento e saboreei o líquido, que queimou suavemente a minha garganta e trouxe uma sensação de calor ao meu peito.

Perfeito.

Sem mais.

— *Dalmore 50 anos*? — tentei.

— Ainda teima em me insultar, irmão? Quanta coragem há nesse corpo?

— Não muita — Cruzei minhas pernas.

— E qual é a sua com ele? Por que insiste tanto?

— É reconhecido como um dos melhores, com sabor fresco e refinado. Seria um tonto, se não
PERIGOSAS ACHERON

tentasse te convencer a abrir a garrafa.

— Tem razão. Podemos abrir todas que quiser, no dia do seu casamento. Não vai estar nem um pouco feliz e é meu dever te animar. Além do mais, podemos fazer uma troca? Eu aprecio um deles com você e você abre o *Dalmore Trinitas 64*.

Arregalei meus olhos.

Aquele, sim, estava fora de cogitação.

— Sem chance. Nem pelo maior amor no mundo eu o abriria. Só foram engarrafados três dele, meu querido. É uma raridade! Foi produzido pela colheita de malte de cinco anos diferentes e te garanto que o seu paladar não vale mais de 125.000 € como aquela beleza na adega de *Holloway*. Sinto muito, mas podemos diminuir esse patamar? Me orgulho muito daquela garrafa. Além de mim, apenas mais duas pessoas possuem um amor tão puro como o meu por aquele uísque. É, de fato, um sentimento tão sincero, que me tira o ar. Só em imaginá-lo lá, aguardando minha atenção, sinto arrepios de excitação.

A gargalhada de Mason foi estrondosa.

— Eu ainda tenho aquele *The Macallan* raro que arrematei em um leilão.

— Quase 1 milhão de euros por uma garrafa? Nem eu sou tão maluco.

— É uma pérola da minha coleção.

— Algum dia ainda vamos abrir essas garrafas.

— Não conto com isso, Nick. Nunca. Acho que não abriria aquela garrafa nem mesmo pela mulher mais linda do mundo e isso, sim, é uma grande coisa, dado meu histórico altamente apreciativo de sacanagem.

— E já que voltou ao assunto mulheres... — Cruzei as pernas e recostei-me no encosto almofadado da poltrona. Mason sentou-se à minha frente, atento ao que eu diria. — Bonnie ficou muito nervosa, jamais a vi assim. Surtou de verdade.

— Ela sempre foi mimada. O pai dá tudo o que quer e, sinceramente, acho que você está no topo dos desejos daquela mulher. — Levantou-se e serviu-se de mais uma dose. — Quer mais uma? Acho que precisaremos, se prosseguirmos com esse

tema. A propósito, cederia aos apelos do pai dela, se ele te desse alguma raridade em troca?

— Claro que não. — refleti. — Ou, talvez... um bom uísque valha meu esforço. Seu *Macallan*, de que se gaba tanto, pode valer a pena. Vou exigí-lo como condição para casar com Bonnie. Um desse definitivamente me compra, meu caro.

Mais uma gargalhada.

— Talvez seu tempo, mas não a sua paz.

— Não sei por que o interesse dela em mim. É linda, pode ter o homem que quiser aos seus pés.

— Esse é o problema, ela não ter você. Talvez se torne a meta de vida dela, assim como de Felicity. Aliás, do que está reclamando, seu ridículo? Duas mulheres lindas obcecadas por você e ainda sobe comigo até meu escritório para ficar reclamando? Devia ter vergonha.

Abri um sorriso.

— Sei que parece tentador, se observar por esse lado, mas mulheres são... caminhos tortuosos. Uma curva errada e tudo desaba.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Sei bem do que fala — divagou Mason. — Uma mulher rancorosa... é uma fera que caminha! Desperte o amor, mas nunca, jamais, a ira.

— Exato! — concordei.

— Despertou a fúria de Bonnie?

— E da Felicity — proferi, em tom divertido.

— Corajoso. Extremamente corajoso. Mais um pouco disso e juro que até cogito te presentear com uma das garrafas raríssimas da minha adega. Ou um *Royal Courtesan*², que adquiri recentemente.

— Assim me ofende.

— Ah, quem me dera, ofender Vossa Alteza! Faz muito tempo que isso não acontece.

— Bons tempos, aqueles. Não me preocupava em encontrar uma noiva de quem eu gostasse e que suprisse os padrões altos de papai. Ou seja, uma tarefa praticamente impossível.

— Só sua mãe para aturá-lo.

Gargalhei. Mason tinha toda a razão.

— E como estão as coisas em Bruxelas?

PERIGOSAS ACHERON

Começamos a falar sobre mim e ignoramos totalmente você.

— A boate em Bruxelas vai bem. O que não vai bem é outra coisa...

Ergui as mãos, incentivando-o a continuar.

— Tem uma mulher lá, uma *bartender*. Há algo nela que implica um mistério que eu me sinto cada vez mais tentado a descobrir. Parece fugir de alguém... Será que estou ficando louco? — Ele sentou-se novamente, na poltrona à minha frente, e inclinou o corpo na minha direção, em tom de confiança. — E não sei, me sinto no dever de ajudá-la.

— Loucos todos nós estamos, principalmente se houver uma mulher linda na jogada.

— Claro.

— Eu sempre amei passar noites nos braços de mulheres. Às vezes, várias diferentes por mês, mas sinto quê... esse tempo já não é mais para mim. Faz sentido? — indaguei.

— Faz todo o sentido, se levar em conta que,

agora, é um homem sério, que precisa garantir a linhagem real. Deus, eu não queria estar na sua pele! Papai me pressiona para casar? Um pouco, tenho que admitir. No entanto, não chega nem mesmo em um terço do que você tem que aguentar. Se eu estivesse em seu lugar, acabaria me embebedando e parando em uma viela qualquer.

— Não falta muito para isso, acredite em mim —
Brinquei.

— Não é do seu feitio, Nicholas, levar as suas responsabilidades em tom de brincadeira. Alguns escândalos aqui e ali, mas nada que manche permanentemente sua reputação. É um cavalheiro.

— Você também.

— Ah, meu caro, estou tão longe de ser um cavalheiro como o polo Norte está de se tornar o Saara.

— Se estivesse no deserto, abriria a garrafa de quase 1 milhão de euros?

— Esperto... Muito esperto. E não, eu não abriria. A levaria debaixo do braço e tomaria minha urina, se fosse necessário.

— Que horror! — Reprovei a imagem que se instaurou na minha mente.

— Você quem quis saber. — Defendeu-se meu amigo. — E, sinceramente, não te chamei até aqui para ficar trocando confidências. Precisamos discutir negócios.

— Finalmente, um assunto interessante — Exprimi — Temos de fazer uma visita à nossa vinícola. Não pude ir até lá esse mês, devido as missões diplomáticas — Fiz uma careta. — e ambos sabemos que a nova safra precisa de atenção.

Eu e Mason compramos uma vinícola que não conseguiu se manter no mercado e a inovamos totalmente, aplicando novos processos, contratando pessoas especializadas e que trouxeram o conhecimento necessário.

Foi minha melhor decisão em anos.

Ela ficava em uma cidade afastada da capital de Persóvia. Um lugar calmo, repleto de videiras, bosques e lagos. Construímos duas casas de campo na propriedade e a beleza de tudo ficava em

PERIGOSAS NACIONAIS

desvantagem, se comparada ao lavandário. Um horizonte de lilás que se estendia por hectares e mais hectares de paisagem, uma maravilha que eu herdei com o ducado.

— Eu amo aquele lugar.

— Somos dois.

— Sabe? Quando me veio com a ideia de comprarmos e sermos parceiros em um negócio, pensei que nossa amizade acabaria, mas fico feliz em notar como estive errado. Você é meu sonho dourado, Nick.

Gargalhei. Mason sempre fazia questão de brincar quanto a isso.

— Sua salvação, não é?

— Terá para sempre o meu amor.

Levantei-me da poltrona, alongando-me.

— Preciso ir até o palácio. E nada de declarações horríveis e juras de amor eternas. Sei que sou o amor da sua vida, mas precisa entender que eu já tenho muito com o que lidar. — Movi-me até ele e dei tapas camaradas em suas costas.

PERIGOSAS ACHERON

— E se eu der aquela garrafa em troca?

— Não pode comprar meu amor, querido Mason. Sinto muito, mas não mando no meu coração. Ou...

— Fingi pensar. — melhor dizendo, acho que vale o custo, não é?

Meu amigo fez uma careta.

— Agora, sem brincadeiras, amanhã eu te encontro por lá, para conversarmos melhor sobre a vinícola. Ou em *Holloway*. — Fez um gesto de descaso com as mãos. — Basta me avisar onde estará.

O elevador parou diretamente na cobertura, indicando um novo visitante. As portas se abriram e uma mulher alta e esguia o abandonou, com as pernas esbeltas ressaltadas pelas fendas dos dois lados em seu vestido vermelho. Não posso mentir dizendo que não acompanhei o caminho desde as suas sandálias de salto até seu rosto.

Linda. E me lembrei de tê-la visto ao lado da mulher que me parou anteriormente.

— Pelo visto, continuamos o assunto amanhã. Aproveitem, a noite é uma criança. — Pisquei para

PERIGOSAS ACHERON

a mulher e entrei no elevador.

Voltaria para a residência oficial da coroa e tentaria, a todo custo, evitar Felicity.

Que eu saísse vitorioso quanto a isso.

A FUGA DA PRINCESA



ADELE

“Onde está a princesa? Teria ela deixado um sapato de cristal para que o príncipe a encontre?” -
Hirondelle Daily.



Eu me perdi na floresta!

Maravilha!

Era tudo de que eu precisava!

Precisei fugir, numa atitude totalmente desesperada, mas necessária. A conversa que
PERIGOSAS ACHERON

flagrei, de Dwayne com um homem que não reconheci, quando estava prestes a me casar, foi o estopim, o cume mais alto, da montanha mais perigosa da minha vida.

“— Precisamos dela; sabe que sim! — Meu futuro marido conversava com alguém que eu não conseguia enxergar.

Já estava em um trabalho realmente difícil, esgueirando-me entre as colunas e esconderijos do castelo. Se eu fizesse um mísero barulho, ele me descobriria ali, naquela tocaia estúpida. Poucas pessoas conheciam as passagens secretas, no entanto, se eu não aplacasse minha maldita falta de sorte, Dwayne em breve conheceria também.

— Não vejo por quê.

— Para unificar os dois países. Para o quê, mais?
— Tentei identificar a pessoa pela voz, mas nunca a tinha ouvido antes.

— E o que faremos com ele, enquanto não morrer? Servir e alimentar a sede de vingança?

— Esse é um problema para depois!

Movi-me um pouco para o lado, tentando enxergar quem conversava com o príncipe. Não fui feliz nesta tarefa. Infelizmente, acabei tropeçando em alguma coisa e um barulho baixo ecoou pela ala dos convidados. Dwayne relanceou o ambiente, tentando encontrar a origem do barulho e, quando não a encontrou, voltou a conspirar.

— E a garota? Tem quantos anos? 20? 21? Não sei se será tão maleável quanto imaginamos. Na última vez em que estive aqui, ela não foi nada suscetível. Parece mais um animal raivoso do que uma princesa. Acredite em mim, quando digo que ela seria capaz de me morder em nossa noite de núpcias, porque sinceramente, isso é algo bem provável. E ela? Sua parceira de crime não sentirá remorso com tudo? Sabe quê... — Dwayne sussurrou e eu me irritei por não conseguir ouvir.

— Podemos resolver esse problema também... Quando for mais oportuno, é claro. — Uma pausa estranha comandou a conversa. — Além do mais, tenho ideias muito prazerosas para colocar em prática com Adele. Ela é linda, precisamos admitir isso. Podemos nos livrar dela depois que

aproveitarmos bastante. Não acho que seja um pecado. Apenas estamos garantindo que ele sofra ainda mais. Depois, colocamos nosso plano em prática, após comandar totalmente Hironnelle e...
— Mais um sussurro.

Quem era essa pessoa?

Que ódio!

Era uma porcaria me sentir tão impotente!

— Não posso discordar.

Não precisava ouvir mais nada.

Corri por entre as passagens dos corredores secretos do palácio, com uma habilidade que colocaria o maior dos fugitivos em xeque.

Não podia me casar.

Para o bem de todo o país, eu não podia me casar. Ou seria um peão para a destruição de um reinado; a verdadeira culminação de todos os problemas.”

Um sorriso perverso enfeitou meu rosto, ao imaginar como Dwayne ficaria revoltado e furioso ao descobrir que foi abandonado praticamente no

altar.

Eu não te pertenço, príncipe.

E definitivamente não serei um dos meios para o fim que deseja.

Nada de brinquedos para o seu egoísmo hoje, meu querido.

Não calculei com antecedência. Claro que não. Quem, em sã consciência, fugiria do próprio casamento com um príncipe?

Não muitas pessoas, admiti.

No entanto, para um homem tão sórdido, ele até que sairia no lucro com o meu desaparecimento. Nós dois casados seria uma verdadeira catástrofe. Então, lógico que decidi ouvir aquele aperto no meu peito, que me avisou para escapar antes de ser tarde demais.

Conhecendo papai, tenho certeza de que daria seu jeito para que ninguém ficasse sabendo ou o escândalo seria impossível de ser contido. Os reinados seriam abalados e, como fez questão de ressaltar, a confiança do povo também.

Devia me sentir mal, por fugir dessa forma, mas me senti leve quando notei ser o certo a fazer. Tão leve que eu poderia flutuar. A única coisa que me fez vacilar sob minhas atitudes, foi me lembrar de Arya e da nossa caça ao tesouro interrompida. Seu sorriso ainda infantil. Sua mania carinhosa de pegar no lóbulo da minha orelha para dormir, enquanto eu contava histórias para ela, e sua voz bem baixa, quando decidia *me fazer dormir*.

Pensar na minha irmã me fez estacar e repensar meus atos.

Adele, o que está fazendo, sua louca? E sua irmã?

É justamente por ela que estou fazendo isso! — Rebatida à voz em minha mente.

Parei de pensar bobagens e retornei para minha situação atual. Estar perdida em meio aos bordos. Eu tentei me orientar entre as folhagens verdejantes, ansiando por encontrar a direção à qual o homem que eu não perguntei o nome me indicou, há um tempo. Segundo o *bendito*, algumas horas de caminhada levariam direto para Persóvia.

Algumas horas?

Eu, com certeza, já estava ali por um dia inteiro!

Fechei meus olhos e resmunguei sozinha.

Quando eu cruzei com o “rapaz sem nome”, antes de escurecer, praticamente o forcei a me dizer o que fazia por ali, sem absolutamente nada indicando que faria uma trilha ou algo assim. Estávamos ambos nos limites da floresta e os vigias haviam passado não havia muito tempo, enquanto drones que também filmavam, por motivos de segurança, acabavam de fazer seu papel. Não demorariam muito a voltar. Eu tinha uma vaga noção dos esquemas de segurança do palácio e, por bênção divina, consegui memorizar alguns padrões. Por esse motivo, eu estava ali.

Depois de muita conversa e relutância de sua parte, ele disse que namorava alguém de Hironnelle. No entanto, afirmou viver em Persóvia, ou seja, um crime cometido por ambos. Foi a conversa mais doida que já tive, principalmente porque precisei mesmo convencê-lo de que não o entregaria para as autoridades. A situação seria

muito complicada para ele, se não me ajudasse. Eu o peguei se infiltrando na floresta e, depois de muito usar suas falas contra si mesmo, tirei-lhe a verdade. Porém, mal notou ele que eu também estava errada.

Novamente, foi o sorriso. Todo mundo acreditava em mim quando eu sorria amavelmente. Poderia me livrar de um crime, se eu quisesse — *não que eu tivesse a intenção de praticar algum, claro.*

Voltando ao rapaz coagido a me dizer a verdade: ele dissera "sul" ou "norte", para chegar até o lado mais tranquilo de Persóvia?

Sul?

Ou era norte?

Cristo! Como esqueci uma informação tão importante como essa?

Sul, norte; norte, sul; sul, norte — fiquei repetindo em pensamento, como se isso pudesse me trazer alguma habilidade de previsão do futuro.

Onde você estava com a cabeça?

Preferia ter se casado, sem a menor ideia do que aconteceria depois?

Claro que não, mas também não precisava fugir desse jeito!

Ah, então o que eu faria, sábia Adele da minha cabeça? Me trancaria no quarto e rezaria para que ninguém derrubasse a porta?

O.k., você tem mesmo razão!

Se alguém me visse discutindo comigo mesma, pensaria que eu era uma doida que representava perigo. Se bem quê... eu era mesmo uma maluca que representava perigo, mas para ninguém, além de mim mesma. Não era para eu ter cogitado me embrenhar no meio da mata e ir parar em um país inimigo. Isso era loucura em seu estado mais crítico, no entanto, com todos os meus medos despontando no horizonte, acreditava que esse fosse um destino melhor do que voltar e ter que me casar com alguém que destruiria Hironnelle no dia seguinte. Papai jamais me procuraria em Persóvia. Era minha única chance de desaparecer sem correr o risco de ser encontrada.

Se norte ou sul?

A essa altura, pouco me importei, desde que eu chegasse em algum lugar!

Uma coisa pontiaguda cravou-se em minha pele e controlei um grito. Trinquei meus dentes e senti os meus músculos faciais retesarem-se.

Que aranhas não me comessem viva!

Que aranhas não subissem pela minha perna!

Que aranhas não entrassem na minha barriga, pelo amor de Deus; que elas não entrassem na minha barriga!

Filme estúpido... Porcaria de filme estúpido!

Foi depois de um filme que assisti, no qual as aranhas fizeram justamente isso, procriar na barriga de seres humanos, que eu adquiri um horror inenarrável dessas malditas!

Fechei meus olhos, forçando-me a me acalmar.

Minha vida dependia única e exclusivamente de mim. Não teria ninguém para me salvar e, ao contrário do que todos imaginavam, não existia um príncipe a cada esquina disposto a me ajudar. Pelo

contrário, o com o qual me casaria deveria quebrar meu pescoço, logo que pudesse.

Um horror.

Eu não era uma galinha para ser degolada!

Comecei a me afundar mais e mais entre as árvores, sentindo o pouco de calor que os raios solares que conseguiam passar por entre as copas das árvores me proporcionavam. Ao menos isso. O astro despontou no céu e me brindou com uma dose de esperança.

Passei a noite inteira perdida? Provavelmente.

Não seria nenhuma surpresa, segundo Jordyn.

Abri a bolsa de tamanho médio que peguei antes de sair do palácio, pesquei uma das garrafas de água e comi um pedaço de pão, que adquiri com uma moça chamada Irina, na última noite, na qual eu perambulei perdida pela cidade na fronteira com Persóvia. Sentei-me em uma pedra escorregadia como sabão, por causa da pequena camada de musgo a encobri-la. Não me importei por sujar minha roupa. Na verdade, não deveria me importar com muita coisa na minha atual situação.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Onde eu vou parar, desse jeito? — indaguei-me. — Não sei nem para onde é o sul ou o norte, pelo amor de Deus!

Pelo menos, eu ainda tinha o que comer.

Terminei o pão, sentindo-me revigorada.

— Só seguir em frente. Em algum lugar eu devo sair.

Mas frente era muito relativo.

Relativo demais!

Parei por instantes, olhando em volta, enxergando árvores e mais árvores, plantas estranhas que despertaram um alvoroço de medo no meu estômago e alguns insetos nojentos que pareceram não me querer ali. Por sorte, aranhas não entraram no meu campo de visão.

— *Princesa Adele, como tem a audácia de andar com a roupa suja desse jeito? Deve estar sempre impecável!* — Comecei a imitar a voz nasalada da minha professora de etiqueta, rindo de tempos em tempos da minha própria estupidez.

Acho que estava delirando...

PERIGOSAS ACHERON

Sim, só podia ser.

Em determinado momento, lembrei até do ganso na lagoa de *Packard*. Que o querido estivesse bem.

Jordyn tinha mesmo algo que a fazia ser muito engraçada, por mais que ela odiasse isso. Era como se estivesse com uma gripe infinita, arregalando os olhos de tempos em tempos quando eu ou Arya fazíamos alguma coisa que considerasse inaceitável.

— Não há como me manter em perfeito estado desbravando a floresta, certo, Jordyn?

Gargalhei, dessa vez.

Entrei em estado de pânico, aquele ponto em que a nossa mente tenta nos desviar do terror que se embaralha aos nossos pensamentos.

Caminhei e caminhei, corri, tropecei em tantos galhos que se ramificavam por entre a relva que, em certo momento, cogitei nunca mais sair desse lugar. Caí, levantei, caí, levantei de novo e comecei a pensar que a honra estava justamente nisso. Cair, levantar e seguir em frente. Uma princesa possui honra também, não somente príncipes.

PERIGOSAS NACIONAIS

Por mais que, no conceito de papai, apenas homens a tivessem. Um tanto quanto ultrapassado e machista, esse pensamento.

O Sol começou a descer por entre o verde e, então, a escuridão pareceu me acarinhar a cada centímetro que se aproximou de mim.

Minha visão girou e meu corpo tendeu a exaustão.

Abri minha mochila e olhei seu interior. Sem água, nem comida... só as roupas e algum dinheiro que decidi trazer comigo. Só me restava não desistir, neste momento.

Enfrentei meus piores medos e escolhi uma direção para seguir, torcendo para estar certa. Depois de muito tempo e de andar a esmo por um ambiente tão... hostil, forcei-me, o máximo que pude, a continuar.

— Ai, ai, ai! — exclamei, pulando sobre um dos pés.

Quando eu perdi um dos meus tênis? Não conseguia me lembrar.

PERIGOSAS ACHERON

Levantei meu pé, firmando-me em uma posição estranha, até que ele estivesse à altura dos meus olhos. Desencravei um espinho gigantesco de minha carne. Doeu, eu não mentiria, mas o meu asco por me casar era muito maior que a dor. Ignorei-a.

Pisei em outra coisa pontiaguda e isso me fez parar, angustiada com as pontadas agindo como mil agulhas percorrendo as minhas veias.

O restante da minha coragem começou a se esvair conforme andava, peregrinava e marchava, sem conseguir avistar, nem mesmo parcamente, o fim de todo o breu no qual a floresta densa me colocou. A noite caiu aos poucos. Suave, impregnando as árvores de escuridão. Os barulhos dos animais se tornaram subitamente mais altos e o terror por não saber o que aconteceria comigo, foi se alastrando por toda minha força de vontade.

O que me forçou a avançar foi essa falta de luz não me assustar tanto quanto um casamento arranjado com uma pessoa tão odiosa como aquele príncipe estúpido. A muito custo, forcei meu pai a ceder ao meu apelo e aceitar que eu me casasse,

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

quando completasse 21 anos. Consegui adiar minha união em cerca de três anos, contrariando a tradição. No entanto, quando meu “futuro marido” — um chato irritante — concordou, meu pai simplesmente não teve como recuar.

Eu ganhei, naquele dia, uma pequena batalha. Mas o que seria a vitória da guerra, além das pequenas vitórias em cada batalha que travei? Pois bem, fugindo, eu acabei por ganhar a guerra ou a travei de vez.

— Ele pensa que vai mandar em mim? — resmunguei, em meio aos barulhos estranhos. — Nada disso! Não vou ser propriedade de ninguém, muito menos moeda de troca.

Meus passos se tornaram inconstantes, meu corpo cedendo a cada distância que eu abrangi inadvertidamente.

Alcancei uma campina clara, iluminada pela luz da lua, deixando-a com uma aparência gótica. Poderia passar a noite ali. Ao menos, eu não estaria mais na mata densa, nem ouviria os sons de animais selvagens cada vez mais próximos de mim.

PERIGOSAS ACHERON

Havia um ponto bom em cada perspectiva, e eu tentava ressaltá-los com maior voracidade do que os negativos.

Olhei para a minha calça, anteriormente clara, e me arrepiei ao vê-la rasgada em vários pontos e coberta por uma camada espessa de musgo.

— O que você esperava, Adele? Permanecer limpa?

Decidi que era melhor procurar uma peça de roupa dentro da bolsa para me deitar no chão. Meus olhos pesaram mais e mais e eu não soube o quanto aguentaria andar sem, ao menos, uma parada para descansar. Não demorou para que, mesmo diante do pavor e da possibilidade de ser devorada viva por algum animal, eu caísse no sono. Estava fatigada, com uma dor de cabeça impiedosa e uma sensação estranha de que coisas muito piores ainda estavam por vir.

Ignorei este pensamento.

A única responsabilidade da qual fugi foi me casar. O resto que viesse. Nasci uma princesa, fui criada como uma e, como tal, as pessoas mal

sabiam a força que eu mantive trancafiada em mim.

Elas que se cuidassem.

Sonhei. Sonhei com o que aconteceu, há muitas horas. Sobre a ajuda que eu recebi, caso contrário, eu provavelmente estaria presa a essa altura.

“— Princesa? — O tom de voz de um dos seguranças foi de espanto.

Fechei meus olhos ao ser pega no flagra. Como, raios, eu imaginei que conseguiria fugir tão facilmente dessa forma?

Virei-me com um sorriso amarelo, torcendo internamente para que ele me deixasse voltar sem fazer alarde.

— Edgar? — Tentei aparentar surpresa, ao dizer o nome do homem. — Como está sua filha? Melhor?

Eu esperava, do fundo do coração, que ele se lembrasse do homem pavoroso que era meu futuro marido. Ninguém merecia ser trocada como uma mercadoria, ninguém!

— O que faz aqui? — Ele ainda me olhava duvidoso, com os olhos semicerrados, como se soubesse exatamente o que eu estava fazendo.

— Apenas vendo se todos que assistirão ao casamento estão animados. — Arrastei meu pé direito na frente do corpo, empurrando pedrinhas, como quem não queria nada. Minhas mãos, atrás do corpo, tremiam frenéticas.

— Sem nenhuma segurança? — Arqueou uma sobrancelha. — Eu nem, ao menos, fui avisado sobre a sua saída do palácio.

Ele sabia que eu estava mentindo. Não havia escapatória, além de dizer a verdade e torcer para que me ajudasse, acobertando-me. Quando ele levantou a mão em que estava seu rádio para comunicar aos demais, eu me desesperei.

— Tudo bem, eu admito. Preciso fugir para o mais longe possível. Não posso me casar com Dwayne. Ele está tramando alguma coisa contra Hironnelle e, se eu ceder ao que ele quer, estaremos perdidos! Por favor, Edgar, acredite em mim! Eu preciso fazer isso. Prometo que não vai acontecer

nada comigo e que você não será culpado por nada.
— Aproximei-me rapidamente dele e coloquei minha mão sobre a sua com o aparelho.

Ele pareceu ponderar por alguns minutos. Minutos os quais eu não poderia me dar ao luxo de perder.

A essa altura, eu já deveria estar o mais distante que conseguisse.

— Correndo o risco de ser dispensado, acreditarei na senhorita e tentarei lhe dar alguns minutos a mais de fôlego. Agora, — ele advertiu — vá logo, para o mais longe que conseguir, para um lugar aonde ninguém irá te procurar.

Não esperei que ele mudasse de ideia. Saí correndo por entre as pessoas, seguindo a estrada abarrotada.”



Levantei-me junto com os raios solares, que me acertaram em cheio nos olhos. Despertei sentindo-me ainda pior do que quando me deitei. Caminhei mais um bom tempo pela floresta e, quando a mata densa começou a ceder e apenas algumas plantas

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

rasteiras se tornaram meu maior empecilho, enxerguei uma estrada, com o Sol já descendo novamente pela copa das árvores.

Será que eu enlouqueci? A estrada não parecia nada tranquila, como o rapaz havia dito. Mas e daí? Seria a minha salvação, afinal.

Pena quê...

Eu nem, ao menos, distingui nada. Minhas pernas falharam e, então, minha visão ficou turva.

Algum tempo depois, senti alguém mexer em mim. Tentei acordar e lhe dizer para parar com aquilo. No entanto, não houve força em meu corpo para tanto.

Sonhei que estava sendo carregada, depois um movimento embalou meu sono necessário, com meus membros cada vez mais congelados, sem responderem aos meus comandos e, sinceramente, ceder à escuridão me pareceu o melhor a fazer.

PERIGOSAS ACHERON

A FUGA DA PRINCESA



NICHOLAS

“Há quem diga que temos sorte; há quem diga que precisamos de mudanças. Loucos e santos, sendo os primeiros, os mais normais; enquanto os segundos, os mais loucos.” – *Persóvia Journal*.



— Alteza, não irá permanecer no palácio?

Olhei para meu assessor com cara de poucos amigos.

Sinceramente?

Já começava a duvidar de que cortar os laços

com Bonnie tivesse sido uma boa ideia. Sexo com ela era fabuloso e eu não mentiria quanto a isso. Depois do último acesso de raiva do meu pai, impondo o casamento, achava que não faria mal nenhum esquecer de tudo por algumas horas.

Voltar e pedir desculpas ou esquecer e procurar algo mais interessante a fazer?

Talvez a segunda opção fosse a melhor. A longo prazo, com certeza.

Entrei no meu carro, junto com os últimos raios de sol do dia.

Eu só podia ser um tolo, querendo voltar atrás na minha palavra pelo simples fato de me sentir sozinho.

Bati com a cabeça uma vez no volante, de leve, por penitência.

Deandre me fitou com o semblante curioso.

— Terminei tudo com a Bonnie. — suspirei.

— Pensei que ela não fosse do tipo que gostasse de seriedade.

— Pensei o mesmo. Mas, não sei, sinto que era

até interessante ficar com ela.

— Vai atrás dela, senhor?

A pergunta foi a mesma que repercutiu na minha cabeça.

Olhei pelo retrovisor, observando quando os seguranças reais acessaram a garagem para formar minha escolta.

— Não sei se é uma boa ideia. Fui bem enfático quando disse que estava acabado.

— Então deixe como está. De qualquer forma, em breve vai se casar — disse, como se fosse a coisa mais simples do mundo.

Fitei-o com raiva.

— Justamente dessa ideia que estou querendo fugir, meu caro amigo.

— Por que fugir, Alteza? Poderia ter quantas amantes quisesse e ninguém o julgaria por isso. A única coisa que é expressamente obrigatória são os nascimentos dos herdeiros para o trono. No mínimo, dois, como bem sabe. Se vierem mais? Qual o problema?

Todos sabiam desse protocolo. No mínimo, dois herdeiros. Quando minha mãe passou por complicações na gravidez, todos julgaram meu pai por se negar veementemente ao divórcio, em busca de uma esposa que lhe desse mais herdeiros. Essa foi uma das coisas pelas quais eu mais o admirei: sua ênfase em enfrentar o Conselho e dizer que permaneceria com a mulher que amava, sem se importar com essas porcarias aristocráticas.

— Não acha estranho dizer algo tão horrível? — indaguei.

— Horrível seria negar a verdade.

— Nada de amantes. Por isso a minha preocupação sobre com quem irei me casar.

— Não lhe faltam opções.

Suspirei profundamente. Nem sempre a quantidade era o que importava. Se eu tivesse apenas uma pretendente que fosse interessante, inteligente, singela, com senso crítico e tão forte que ninguém seria capaz de destratá-la, casaria no mesmo instante.

Para ser uma rainha era preciso ter pulso firme,
PERIGOSAS ACHERON

caso contrário, tudo desandaria. Alguém engessado com os protocolos e que abaixasse a cabeça para tudo seria inútil, perante a mudança que eu queria.

— Se alguma fosse tão boa para o *país* — enfatizei a última palavra — pode ter certeza de que eu já teria casado. E, Deandre, se Mason aparecer por aqui, diga que estou em *Holloway*? Eu o esperei durante todo o dia, mas, pelo visto, houve assuntos mais interessantes com os quais lidar.

— Eu faria o mesmo, no lugar dele, senhor.

Um sorriso relaxado abriu-se no meu rosto. Não posso dizer que penso de outra forma.

Liguei o carro e dei ré, saindo da garagem e aguardando que os seguranças me acompanhassem. Dessa vez, senti-me tão desacreditado que não acelerei demais. Precisava ir devagar, assim como carecia tomar as decisões do meu futuro com ainda mais lentidão.

Passei pelos pesados portões da propriedade Real, com uma escolta de dois carros, como sempre. Entrei na primeira entrada à direita, direto para *Holloway*, o distrito ligado ao ducado mais

antigo da coroa persoviana. Desde os primórdios, os herdeiros diretos o herdavam, fazendo parte, então, de sua fortuna as propriedades do antigo duque e os impostos incumbidos dos moradores do estado. Podia-se dizer que eu era o prefeito, para todos os efeitos. Desastres naturais? Quem deveria cuidar de tudo para as pessoas era eu. Alguma construção de rodovia, hospital ou algo do tipo? Também era de responsabilidade do duque de *Holloway*. Se fugisse da minha alçada, eu levaria direto para a coroa Persoviana, que, então, se comunicaria com o parlamento.

Obrigações...

Burocracias...

Estava acostumado com toda a carga. Cresci com as minhas responsabilidades enraizadas na minha mente a fogo e ferro.

Four Seasons de Vivaldi vibrou por todo o carro. Lembrei-me que dali duas semanas haveria um concerto e isso fez com que uma onda de satisfação me amparasse. Esses momentos em que eu podia apenas apreciar a música, eram tão raros que eu

aproveitava cada segundo. A música me manteve tão absorto, que ao olhar para o lado e notar algo incomum, tomei um susto e freei o carro em um rompante.

Abri o vidro e fiz um sinal para que os carros atrás de mim diminuíssem a velocidade.

Eu me surpreendi que, mesmo em uma estrada movimentada, ninguém tivesse visto aquilo.

Do lado esquerdo, havia uma mata fechada que, segundo os mapas, fazia contato direto com as terras de Hironnelle. Não havia muita segurança ali, devido à dificuldade e sabedoria do povo do que aconteceria com quem fosse pego tentando se infiltrar. Além do mais, havia uma lenda de que os bordos, as árvores que compunham a floresta, faziam com que quem se aventurasse perdesse o senso de direção e acabasse morrendo na própria região. A lenda era tão forte entre todos que moravam pelas redondezas que ninguém ao menos arriscava.

Sinceramente, eu achava, em alguns momentos, que tudo não passava de exagero, no entanto, os

PERIGOSAS NACIONAIS

dois países eram movidos por mitos que eu sequer sabia quais eram. Boatos de uma floresta demoníaca nem me deixavam, assim, tão espantado.

Desci da minha Mercedes sem me importar em deixá-la no meio da faixa.

Os seguranças do primeiro carro desceram e formaram uma barreira com dois homens de cada lado, para que nenhum veículo acabasse por ocasionar um acidente, mesmo que as bandeiras no capô já fossem indicativas o bastante de que aquela era uma comitiva real.

Os demais seguiram-me até o corpo de uma mulher.

Franzi minhas sobrancelhas.

Peguei seu braço frio entre minhas mãos e constatei que seu pulso batia fraco. Olhei para sua boca seca, com rachaduras na vertical, totalmente pálida, e imaginei que estivesse sofrendo de desidratação. Minha atenção voltou-se para a floresta. Semicerrei meus olhos, procurando outra pessoa. Não vi ninguém.

PERIGOSAS ACHERON

Como ela foi parar ali sozinha?

— Senhor, o que faremos? — indagou um dos seguranças.

Várias ideias correram pela minha cabeça e nenhuma delas foram boas. Se eu a levasse para o Palácio Real, provavelmente ela seria presa e questionada sobre suas intenções, até que tivessem certeza de que não fosse de Hironnelle. Um pressentimento ruim me infligiu ao imaginar o que aconteceria se a resposta fosse positiva para isso.

— Ainda não sei. Mas... — Olhei para todos. — Não quero que esse assunto saia daqui, entenderam? Se alguém ficar sabendo, eu vou descobrir quem contou e, então, essa pessoa não terá mais emprego ou os benefícios de trabalhar diretamente para o príncipe.

— Alteza, nossa obrigação é reportar tudo para o rei.

Meu semblante tornou-se frio e imutável.

— Eu não quero repetir meu pedido.

Eles engoliram em seco e acenaram em

concordância.

— Bom.

Enxerguei uma bolsa ao lado e a coloquei em seu colo, presumindo ser dela. Passei meus braços por debaixo do corpo frágil, sentindo a falta de firmeza nos membros gélidos e pálidos. A cascata de cabelos castanhos pendeu, quando a levantei, e seu rosto ficou totalmente visível. Abafei um arquejo ao notar como era linda. Uma beleza tão única e esplendorosa que ficou difícil simplesmente respirar com ela entre meus braços.

Peguei-me curioso para ver a cor dos seus olhos. Seus cílios eram espessos e compridos, repousando majestosamente sob suas olheiras, e sua pele, mesmo castigada por vários cortes — que suspeitei terem sido causados por galhos — ainda parecia tão sedosa quanto o mais caro veludo.

Carreguei-a até meu carro e deposei-a com cuidado no banco do carona.

Peguei meu celular no bolso da calça e liguei para um dos meus médicos. Optei por chamar o mais fácil de abafar as dúvidas. Meu pai não

poderia tomar conhecimento disso tão cedo. Ou, na verdade, eu só precisava descobrir uma forma de contar, que não soasse tão incriminadora para ela.

— Preciso de você em *Holloway*. — Fui direto.

— Aconteceu alguma coisa com Vossa Alteza?

— Não e sim. Só venha, por gentileza. E... — Dei uma pausa para enfatizar. — Que isso fique entre a gente.

— Claro.

Encerrei a ligação e olhei para a mulher desacordada no banco ao meu lado.

Os seguranças ainda estavam de pé, na estrada, aguardando que eu desse o aval para que partíssemos.

Notei que fiz algo extremamente irresponsável e que, por mais que estivesse um tanto quanto arrependido, tinha plena noção de que seria a melhor decisão a longo prazo.

Acelerei o *S-Class* para *Holloway* e dessa vez não fui devagar, cobrando a aceleração monstruosa que o motor de quase seiscentos cavalos foi capaz

de oferecer.

Precisava chegar o mais rápido possível ou... seu pulso não existiria mais.



Saí do carro, apressado, contornando-o para pegar a mulher no banco do carona. Não me dei ao trabalho de fechar as portas e também não esperei muito para acessar o salão do castelo.

— Senhor, o médico pediu para levá-la até as instalações médicas — falou o mordomo.

Acenei, confirmando.

Entrei no elevador que levava ao subsolo, onde ficavam as instalações médicas, em casos de emergência, e comecei a me preocupar, quando a mulher no meu colo ficou ainda mais pálida. Bati meus pés no chão, impaciente, e contei até mesmo os segundos.

— Alteza — Recebi uma medida do médico de longa data, logo que as portas se abriram.

— Sem formalidades hoje, homem. Tenho uma mulher morrendo nos meus braços, pelo amor de

Deus.

— Coloque-a na maca.

Fiz isso, pegando a bolsa e colocando em uma das cadeiras. Não saí do lado dela enquanto ele a examinou.

— E aí? Como ela está?

— A pressão sanguínea está baixa devido a desidratação. Não sei o que essa mulher fez. No entanto, ela sofre de um estágio bem grave e, se não a tivesse encontrado, teria realmente perdido a vida. Presumo que tenha desmaiado de fadiga e que não conseguirá repor o que perdeu pela via oral, então, farei o tratamento intravenoso e ela recobrará a consciência quando seu corpo estiver se recuperando. Pode ser que haja alguma desorientação, vertigem, dor de cabeça e sonolência. Mas, fique tranquilo, meu rapaz: ela ficará bem.

Ele deu tapas nas minhas costas e medicou a mulher, partindo, logo em seguida.

Disse que qualquer emergência ou mudança no quadro da paciente, que eu telefonasse novamente.

Entendi o que o homem estava fazendo e não o julguei por não querer ter mais informações do que o necessário. Aguardei impaciente que a mulher abrisse os olhos, olhando curioso para o conteúdo em sua bolsa, tentando descobrir quem era, afinal.

Quando notei que demoraria a acordar, deixei-me levar pelo sono, dormindo em uma das poltronas em uma posição totalmente desconfortável.



Acordei em um sobressalto, pulando na poltrona e olhando em volta, para topar com o mais singular castanho, tão interessante quanto eu imaginava e tão intenso quanto o sabor de cacau.

— Quem é você? — indagou, com sua voz fraca.

Espantei-me por notar isso e sentir tanta preocupação.

— Eu quem deveria fazer essa pergunta, já que a encontrei no fim da floresta, por um fio de distância da morte e, ainda, a salvei.

— *Ohh* — Demonstrou arrependimento.

— Vai me dizer ou não?

PERIGOSAS NACIONAIS

— Sou... — Pensou por alguns instantes. — Eu... É... — Pensou mais alguns instantes e eu presumi que o que diria seria a mais completa mentira. — Não sei quem eu sou... Minha cabeça dói demais e não consigo recordar de nada...

Dor de cabeça... Fazia sentido...

Eu só não acreditei muito que ela, de fato, não se lembrasse de nada.

— E qual o motivo para se encontrar em território Persoviano, na fronteira com Hironnelle? — Fui direto.

Não gostava de rodeios.

Diante de tanta gente querendo dizer tantas coisas para mim, o mínimo que eu precisava era de agilidade para entender o assunto em questão.

Ela arregalou os olhos e seu temor passou a ser por sua vida. Seu rosto ficou pálido, mesmo em meio a sujeira, e seus olhos cor de chocolate perderam a vivacidade.

— Eu... — Pensou um pouco mais. — Me perdi do meu pai. Estava... procurando borboletas para

PERIGOSAS ACHERON

poder ampliar minha coleção. Sou uma entusiasta!
— A última parte abandonou seus lábios de maneira esfuziante demais.

— Borboletas? Naquele ponto da floresta? — indaguei. — Com o inverno se aproximando? — Duvidei ainda mais. — Quase não há borboletas, nesta época do ano.

Ela engoliu em seco, aparentando hesitação.

— Sim, senhor.

— Então prove. Onde está seu material de estudo ou, ao menos, a câmera fotográfica para poder registrar o momento? Celular — inquiri — ou algo assim?

— Eu perdi na floresta.

— Que pena — fui irônico. — Encontramos essa bolsa perto de onde estava. É sua? — apontei para a mochila de lona na poltrona ao meu lado.

— Acho que sim.

— *Acha* que sim? Engraçado que há apenas roupas aqui e nada, absolutamente nenhum material de estudo ou telefone, ou qualquer coisa que

pudesse corroborar com a sua fala.

Ela não se afetou com meu tom de voz. Sentou-se na maca e olhou em volta, para os armários brancos no cômodo, a porta do banheiro e a outra, que levava ao corredor. Consegui ver, pela sua confusão, que ficou temerosa quanto ao que lhe aconteceria, sem saber onde estava.

— Quem é você? — indagou. — Por acaso... — Absorveu um pouco mais do ambiente e olhou para o lado, em um dos criados-mudos.

Segui sua atenção até um dos vasos de decoração e não consegui me mover rápido o bastante para impedi-la. Senti um baque oco na minha cabeça e logo depois uma dor excruciante, que me fez trincar os dentes para suportá-la.

— Se pensa que vai roubar os meus órgãos e vender no mercado negro, está muito enganado! Seu mentiroso! Eu não sou idiota a ponto de acreditar que me salvou sem qualquer má intenção à vista! — A mulher começou a se remexer e me esforcei para esquecer a dor, a fim de segurá-la.

Era maluca.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Fica calma, pelo amor de Deus! Eu não sou nenhum criminoso, eu...

— Alteza — Meu assessor abriu a porta em um rompante, interrompendo minha fala.

Os olhos de cacau relancearam entre mim e o homem que entrou.

— Sim.

— Quem é essa?

— Quem são vocês? — ela rebateu a pergunta dele.

Abri um sorriso leve e contrariado pela firmeza com a qual ela se expressou. Aparentemente, nada abalava sua determinação.

— Não sabe quem somos? — Meu assessor arqueou uma das sobrancelhas.

Eu apenas duvidei ainda mais da versão dela dos fatos. Como não saberia que eu era seu príncipe?

Semicerrei minhas pálpebras e, quando ela voltou a me fitar, aparentou confusão.

— Se eu soubesse, não estaria perguntando.

PERIGOSAS ACHERON

Soltei uma gargalhada estrondosa, dessa vez. Ela era mesmo muito interessante, neste ponto. Eu não podia negar. Poucas seriam as mulheres com essa sua coragem de enfrentar desconhecidos com tanta bravura.

— Que mulher mais...

Olhei para Deandre em recriminação.

— Enfim, Sua Majestade deseja falar com o senhor imediatamente. Exigiu a sua presença em *Baldrick*. — Mudou de assunto.

Respirei profundamente.

Era só isso que ele sabia fazer, *exigir* a minha presença.

— Cheguei há pouco tempo e ele já quer que eu volte?

Deandre aparentou confusão.

— Pouco tempo? Passou a noite aqui, Alteza.

Neste momento, quem não entendeu nada foi eu. Como se para lembrar-me da noite, minhas costas começaram a doer devido a poltrona onde dormi.

Passei a noite inteira ali, velando pelo sono da

PERIGOSAS ACHERON

mulher? Que porcaria! Eu tinha tanto a fazer e simplesmente não fiz nada.

— Majestade? — o sussurro feminino me tirou do mar de preocupação.

— Sim, senhorita ou senhora? Tanto faz, na verdade. Tem a honra de falar com Sua Alteza Real, Nicholas Henry Baldrick Holloway, príncipe herdeiro do trono de Persóvia.

Seus olhos ficaram pétreos e seu corpo desabou novamente na cama, com a leveza de uma pluma.

— Isso, Deandre, olha só o que fez — ralhei.

Levantei-me e fui até ela, para checar seu pulso.

Estava normal. Não foi pela desidratação que perdeu os sentidos, dessa vez.

— O rei ficará furioso.

— Não é nenhuma novidade — falei.

— Tenho certeza de que foi por isso que ele exigiu sua presença.

— Eu também. Desconfiei que um dos seguranças contaria.

— O que vai dizer para ele?

— A verdade — sussurrei.

— E acha uma boa ideia?

Olhei para a mulher na maca, com alguns fios se espalhando pela sua bochecha, agora, rosada em um tom natural.

— Não. Mas eu não tenho nenhuma outra — falei e saí da ala médica.

No caminho até a sala de estar, peguei meu celular e liguei para o rei em pessoa. Não gostei nada do que ouvi dele.

É, meu assessor tinha razão. Seria um caos se eu contasse a verdade.



Borboletas...

Altiva.

Corajosa.

Encontrada na fronteira entre Hironnelle e Persóvia.

Eu me orgulhava de ser muitas coisas e a
PERIGOSAS ACHERON

principal era perspicaz.

De quem está fugindo? — a pergunta ecoou pelos meus pensamentos.

Passamos pelos guardas que vigiavam a entrada principal do palácio e ambos olharam para a mulher com um semblante duvidoso. Os olhares nem se movimentaram na minha direção, em respeito. Seguimos em frente, com ela caminhando, pulando em um pé. Notei que faltava um tênis, mas não achei que ela diria o que aconteceu.

A moça só havia acordado no caminho até o Palácio de *Baldrick*. Então, neste meio tempo, tive que carregá-la novamente até o carro, tentando decifrar todas as suas nuances.

— Sua Majestade o aguarda no escritório, Alteza — um dos mordomos se apressou em dizer.

Concordei com um aceno e segui até o aposento, pensando em formas de falar que a mulher seria minha convidada e que eu assumiria a responsabilidade pelos seus atos, o que me fez lembrar que eu não sabia o seu nome e, segundo sua mentira, nem mesmo ela.

— Como não quis me dizer qual seu nome, que tal acreditarmos que é Elizabeth? — sussurrei, bem próximo ao seu ouvido — Se eu disser que se recusou a falar, suas chances de defesa não serão muitas.

— Tudo bem... — Elevou uma das sobrancelhas.
— Mas por que está fazendo isso por mim?

Sua pergunta fez mais sentido do que minhas ações.

— Ainda não sei.

Logo que me aproximei, os empregados abriram as pesadas portas duplas de madeira e a “entusiasta de borboletas” travou sob seus pés, parando centímetros antes e reforçando todas as minhas desconfianças.

— Vou ficar aqui, Alteza — falou baixo.

Prendi um dos botões no pulso do meu terno e não me dignei a olhar muito mais tempo para a mulher. Sentia que ela guardava um segredo que poderia destruir a todos nós.

— Por favor, levem-na até um dos quartos de

hóspedes para se trocar. Peçam que providenciem, também, roupas novas. — ordenei. — As que ela trouxe não serão o suficiente. Acho que ficará um bom tempo aqui conosco. — sussurrei para mim mesmo essa última parte.

Permaneci no corredor luxuoso, com rodapés esculpidos a mão e papel de parede com arabescos tecidos em fios de ouro. Tudo no castelo representava a riqueza de uma dinastia secular, construída com base em seus próprios ideais.

Jazidas de esmeralda e poços de petróleo foram grandes fatores que perpetuaram essa riqueza.

Entrei no escritório real com um frio na barriga por antecipação.

— Nicholas.

— Majestade. — inclinei-me.

— Já tomou uma decisão? — indagou ele, sem se levantar de sua cadeira majestosa.

Olhei para a sala ampla e repleta de obras de arte, com a noção de que me sentaria ali algum dia e que teria que reger toda uma nação. Nada me soou mais

desanimador, mas eu não teria escolha. Como filho único, só me restou aceitar meu fardo.

— Não.

— Então vou tomar por você — Foi imperativo.

Não havia contestações quanto a isso.

— Posso, ao menos, aguardar alguns dias para verificar se há qualquer... — Olhei para o teto, sentindo que o chão sob meus pés desaparecia. — Ligação entre mim e a possível candidata?

— Não me oponho a nada, desde que tome a decisão certa para o país.

— Claro.

Algo que se tornasse maléfico ao seu filho no futuro pouco lhe importava.

Coloquei minhas mãos nos bolsos e admirei o imenso jardim da propriedade, que se estendia por hectares e mais hectares a minha frente.

— Há algumas princesas de outras nações querendo um possível matrimônio com você, assim como duquesas de alguns estados de Persóvia. Elas fazem parte do Conselho Real e seria esplêndido

uma rainha com tamanho conhecimento.

Abri um sorriso irônico.

Como se essa fosse uma novidade.

Movi-me vagorosamente até uma das cadeiras, sentei-me e cruzei as pernas.

— Como quiser.

— Quanto ao assunto do qual fui informado mais cedo, sobre a mulher que ajudou, — ele me cortou — é expressamente proibido seu envolvimento com ela, visto que estamos prestes a anunciar sua procura para o casamento, assim como ela não deve sair do palácio, enquanto não tivermos certeza sobre suas reais intenções. Preciso prestar atenção nela.

— Claro. Não há qualquer preocupação quanto a esse possível “problema”.

— Só me prova que posso finalmente confiar em você, filho. Será um monarca muito melhor do que eu.

Balancei a cabeça inconformado. Ele tinha mais fé na minha capacidade do que eu mesmo.

— Veremos.

— Não aceito nada menos. E, como prova de minha boa-fé, dou-lhe duas semanas para decidir quem será a próxima rainha de Persóvia. Promoveremos bailes e chás da tarde com as candidatas para que verifique sua... facilidade em relacionar-se com alguma delas. Afinal, uma rainha tempestuosa é tudo o que precisamos evitar. — Seu tom foi enfático.

E discordei do seu posicionamento.

Acreditava que apenas uma mulher com sangue quente seria capaz de me manter feliz em um casamento forçado. Caso contrário, seria como uma punição para nós dois.

— Bailes e chás da tarde? — ironizei — Em que século estamos, afinal? XIX? Tudo me soa tão... — Fui até um dos pequenos aparadores, pegando o decantador com um licor exclusivo de Persóvia, feito sob nossas terras, para poder apreciar a desgraça na qual acabei de cair. — Ultrapassado? — Balancei a cabeça, concordando com meus pensamentos. — Sim, totalmente ultrapassado e

sem cabimento, papai. Que tal trocarmos bailes por festas e chás da tarde por jantares? Sinto-me mais confortável desta forma.

Ele conseguiu ouvir o deboche em minha voz?

— Como quiser. Mas, é imprescindível que todos saibam que está a procura de uma esposa. Se não concordar, podemos encontrar uma pessoa adequada o mais rápido possível, para se casar no dia seguinte. Está em suas mãos.

— Obrigado pela compreensão.

— Disponha. Está dispensado. Estes são os únicos assuntos, por ora. E... por que sua testa está vermelha? — apontou para o ponto que senti pulsar.

Eu não podia negar que o braço dela era forte.

— Longa história.

Fiz uma medida, depusitei o copo vazio no aparador e saí do escritório real, sentindo que aquele peso nas minhas costas aumentava a cada segundo que se passava.

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

A FUGA DA PRINCESA



ADELE

“A pergunta que não quer calar: Onde ela está?” –
Hirondelle Daily



— Viemos para ajudá-la. — Algumas empregadas entraram apressadas no quarto.

Ele era imenso. Não tão grande quanto o meu, no Palácio de *Packard*, mas, ainda assim, grande para todos os padrões.

— Muito obrigada.

PERIGOSAS ACHERON

Elas ergueram as cabeças, abismadas com minha resposta. Sabia, por conhecimento próprio, que a maioria dos monarcas não tratavam o povo com, pelo menos, educação, o que era inadmissível para mim. Sempre prezei pelos tratamentos iguais, acima de tudo, e continuaria com este mesmo pensamento. Além do mais, eu podia ser uma protegida de Sua Alteza, no entanto, para o povo Persoviano, não passava de uma mulher desconhecida, quiçá uma ameaça.

Regularam a temperatura da água da banheira, o que eu poderia ter feito e, logo depois, vieram até mim, me ajudarem a tirar minhas roupas, o que eu prontamente recusei.

— Não, não é necessário. Podem deixar, que eu sei como me virar.

Elas pareceram relutantes, no entanto, acenaram em concordância.

— Senhorita, aqui está o que deve vestir. Basta apertar o botão, caso precise da nossa ajuda — uma delas disse e apontou para um botão dourado em cima do criado-mudo direito, após ter depositado o

vestido de caimento leve em cima da cama.

Vestido...

Sufoquei uma careta.

Vestidos era o que mais me irritava. Às vezes, eu gostava de sentar desajeitada e eles só deixavam em evidência a minha calcinha, quando eu o fazia, tirando o fato de que eu não poderia correr muito, de vestido e, sinceramente, ainda não sabia se deveria correr ou agradecer.

— Certo. Agradeço.

Acenaram em despedida e saíram.

A pesada porta de madeira provocou um clique suave na fechadura, logo que elas a fecharam.

No banheiro, vários itens modernos e com a mais alta tecnologia eram acessíveis, mas preferi ficar o maior tempo que eu conseguisse relaxando na banheira.

Estava em território inimigo?

Sim.

Eles me matariam se descobrissem quem eu realmente era?

Com certeza! Ou talvez me mantivessem presa para uma troca diplomática e com vários benefícios para eles.

Mas, por que me sentia mais segura ali do que no meu próprio lar?

Não tinha ideia.

Poderia ser por saber que príncipes salvadores não existiam. Não no meu caso. Eu era meu próprio príncipe e cabia a mim mesma me livrar das enrascadas. O casamento arranjado com um crápula era uma delas. E com essa pequena parcela de alívio por ter escapado, achava sinceramente que eu poderia manter a minha identidade escondida por mais algum tempo. Pelo menos, o bastante para convencer a todos de que eu não era uma ameaça, poder partir para casa após algumas semanas, e encontrar os ânimos de meu pai calmos.

Era o que eu esperava.

Em total e completa ingenuidade.



— Está maravilhosa! Mas, no fundo, acredito

que essa roupa não combine tanto com você.

Seus olhos pousaram em minha roupa formal, um vestido rosa bebê que parecia ter sido feito sob minhas medidas, tamanha a perfeição com a qual se moldou ao meu corpo e, sinceramente, ele estava certo em sua constatação. Eu realmente não me sentia bem na roupa.

— Alteza — Fiz uma reverência.

— Elizabeth — O deboche com o qual pronunciou meu nome falso não me passou despercebido.

O pavor de que ele desconfiasse da minha identidade me acometeu. O que ele faria, caso descobrisse?

— Não gostei do seu tom.

— Deveria agradecer por ainda ser capaz de ouvir qualquer tom que seja.

Nossos olhares mantiveram-se presos, em uma guerra de forças. Não contive aquela vontade insana de admirá-lo. Os dentes brancos e perfeitamente alinhados, seu nariz reto e perfilado,

que, somado àquelas covinhas charmosas nas suas bochechas, o tornavam irresistível. Seu cabelo formava pequenas ondas castanho acobreadas, com fios espessos e brilhantes, e, de repente, me vi com uma vontade incontrollável de tocá-los e tirar a prova se eram tão sedosos quanto pareciam. Seus ombros largos e imponentes e seus braços, que aparentavam exercícios diários, também me deixavam a ponto de fantasiar muitas e muitas cenas durante meus devaneios.

E seus olhos...

Deus!

Seus olhos eram fantásticos!

Verde oliva, com um tom mais claro no centro, ressaltando a cor.

Eu já falei sobre as covinhas?

Nossa, maravilhosas e inesquecíveis.

— Sim? — perguntou ele.

— Não queria dizer nada, Vossa Alteza. — Abaixei a cabeça.

Seu toque no meu queixo me pegou

desprevenida, assim como aquela onda de pequenos arrepios que se alastrou pelo meu corpo.

Alçou meus olhos na altura dos seus, mantendo-os presos em uma névoa de sedução.

— Sinta-se à vontade para me chamar de Nicholas, quando estivermos sozinhos. Apenas evite-o fazer na presença de outros... — Revirou os olhos — costumam ser intransigentes demais.

— E Alteza... — comecei, mas fui interrompida por um olhar recriminador. — Certo, *você* não deveria ser também? Como futuro rei de Persóvia, é o que todos esperam.

— Isso me incomoda, sabia? — Seu desconforto foi claro. — Odeio ter que viver sob padrões, ter que agir como todos esperam e jamais, em hipótese alguma, tomar uma atitude errada. Cansa. Me sobrecarrega com as cobranças. Tudo é tão... ultrapassado, não acha? — Seu olhar divertido aliviou o clima.

— Fui criada para não achar nada.

— No entanto, a cada vez que te olho, o que mais percebo é você *achando* as coisas. Sei que mentiu

PERIGOSAS ACHERON

sobre sua identidade, mas de forma alguma a julgo. Fugiria da minha, se possível, também.

Mal soube ele o quão perto passou da verdade.

— Se alguém me dissesse, eu não acreditaria onde se encontra! Te procurei por esse maldito castelo inteiro, Nick!

Virei-me em um sobressalto, no corredor, para admirar um homem maravilhoso. Ele era ruivo, alto e sua imponência não se destacava apenas pela altura, mas também pela sua construção corporal, totalmente ampliada pela roupa que usava. Trajava uma camisa de botão azul-clara, com um blazer justo e azul escuro, em um ar de empresário. A calça caqui também era um pouco mais justa do que eu estava acostumada a ver e deixava suas coxas musculosas em evidência. Era um homem e tanto, não tinha como negar isso.

— Mason, essa é Elizabeth. Elizabeth, esse é Mason, meu melhor amigo.

Estendi minha mão e ele a tocou com cuidado, alçando-a e depositando os lábios respeitosamente em seu dorso.

— Encantado em conhecê-la. Disseram pelos corredores que era linda, mas sem dúvidas ocultaram a real profundidade da sua beleza.

Nicholas bufou à minha frente e captou minha atenção, assim como a do amigo.

— Mason é um mulherengo nato.

Com aquele rosto e corpo? Fez todo o sentido do mundo.

— Faz sentido.

O ruivo abriu um sorriso arrebatador e eu respirei profundamente, para conter aquela onda de deslumbramento que correu por mim.

— Deveria se espelhar na inteligência dela, Nick — falou para o amigo.

Olhei para os dois, notando a sutileza e a confiança que mantinham um no outro.

— Interessante — respondi ao meu próprio pensamento.

Nicholas arqueou uma das sobrancelhas em confusão e eu não fiz questão de esclarecer meu comentário. Mason sustentou o sorriso confiante.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Está um lindo dia para flertar, mas temos que tratar de negócios. — Ambos trocaram olhares enviesados.

— Claro. — Nicholas voltou-se para mim — A biblioteca é na ala oeste do castelo e dá para passar um bom tempo lá. Se sentir vontade de ir a outro lugar, basta perguntar a alguém pelos corredores e te orientarão.

Despediram-se de mim e locomoveram-se até o fim do corredor. Desapareceram da minha linha de visão, segundos depois, deixando-me com uma sensação estranha de falta.



— Quando vamos?

— Estava me perguntando justamente isso.

Essa última era a voz de Nicholas, consegui distinguir.

Eu ajudava um dos jardineiros, quando os dois surgiram no corredor aberto, do lado de fora do castelo. Ambos pareciam focados na própria conversa e nem, ao menos, olharam para o lado.

PERIGOSAS ACHERON

— Deveria tomar cuidado com Elizabeth. Se é que esse é o nome dela de verdade. Me soa como algo que apenas você inventaria.

— Você me conhece tão bem! E realmente, preciso falar com você sobre isso, mas não aqui. Não iria trazê-la para cá, mas não posso desobedecer a uma ordem direta do rei, mesmo que ele seja meu pai.

Uma raiva por estarem falando sobre mim, sem que eu estivesse presente, inflamou minha impetuosidade. Porém, ao pensar pela perspectiva de uma pessoa que me salvou sem saber ao menos quem eu era, ele não fugia do seu dever, afinal.

— Falando de mim, Alteza? — Levantei-me do canteiro no qual me encontrava, com as mãos na cintura e os lábios crispados.

Os dois pararam de caminhar e viraram-se na minha direção, sem aparentar qualquer afetação por serem pegos em flagrante.

Os olhos avaliadores de Nicholas toparam com os meus e obriguei o ar a entrar em meus pulmões.

— Ela foi invocada com nossa fala — debochou

PERIGOSAS ACHERON

Mason.

— Não é educado falar das pessoas sem que elas estejam presentes para se defenderem.

Minha altivez pareceu divertir Nicholas.

— Acho que teria razão, se não tivesse mentido para mim. No entanto, como Mason pontuou, o nome surgiu da minha cabeça, não é, Elizabeth? Deveria me agradecer, antes de, sequer, me criticar. Engraçado... cadê o agradecimento? — Inclinou-se em minha direção e voltou a ficar ereto, segundos depois. — Como imaginei.

Sua fala me emudeceu.

Como ficar irritada, se, na verdade, ele tinha razão?

— Não é esse o ponto, aqui.

— É exatamente esse o ponto, aqui. — seu olhar sustentou o meu e tentou ler a minha alma.

— Minha nossa, quanta tensão! Vocês estão com os ânimos muito exaltados. Podemos relaxar? Querem ir até um bar, beber algumas garrafas de cerveja? — O homem ergueu as mãos, na

defensiva. — Eu não me negaria a acompanhar.

Nicholas voltou a olhar o amigo e um sorriso enfeitou seu rosto. Uma das covinhas deu o ar da graça. Achei encantador, para não dizer, no mínimo, hipnótico.

— Elizabeth?!

Ouvimos o grito de um dos jardineiros.

Virei-me para o homem, que ficou totalmente envergonhado ao notar com quem eu conversava.

— Vossa Alteza. — Fez uma mesura respeitosa.
— Senhor Mason.

— Aconteceu alguma coisa, Colton?

— Não, Alteza. É quê... — Ele olhou para mim, implorando por ajuda. — Elizabeth me ajudaria com algumas flores nos canteiros.

Senti o olhar de Nicholas e Mason em mim, queimando a minha pele.

— Agora entendi a terra no seu rosto.

— Não sou perita em jardinagem.

— Conseguimos notar. — Mason colocou as

mãos nos bolsos e me fitou, com extrema atenção.

— Não queremos atrapalhar, de forma alguma — O príncipe apressou-se a dizer e cruzou as mãos à frente do corpo, fitando-me. — Pode seguir em frente com suas coisas. Vamos ficar aqui, só... admirando.

— Verdade. Não tenho nada melhor para fazer, no momento — seu amigo disse e rapidamente sentou-se na mureta que separava o corredor da área repleta de flores e arbustos.

Os dois poderiam passar facilmente por esculturas de deuses gregos, tamanha a beleza de ambos. Verdadeiros Adônis em ternos, mas, com calças jeans e aquele ar despojado? Deus! Eram maravilhosos! Fiquei congelada por segundos, perdida em pensamentos, até escutar a tosse do jardineiro atrás de mim.

— Já vou, Colton.

Apressei-me a acompanhá-lo, mas não antes de ouvir os dois homens sussurrarem.

— Suspeita de alguém? Estranho saberem que iríamos para lá e, então, atearem fogo em uma das

PERIGOSAS ACHERON

cabanas. Na sua, o que piora a situação. Como tinham esse conhecimento? — A elucidação partiu de Mason.

— Não tenho ideia, e essas perguntas ficaram girando em minha cabeça durante as últimas horas. Por sorte, você não apareceu ontem, senão teríamos ido e algo muito pior aconteceria.

— Atentado à coroa?

— Será? Sinto que alguma coisa não se encaixa nisso, Mason. Simplesmente... não se encaixa.

— Mandou pessoas investigarem as câmeras de segurança, testemunhas ou qualquer pista que consigam?

— Sim. Deandre foi até lá com mais alguns seguranças. Vários deles serviram a elite do exército Persoviano e devem saber como agir nesses casos.

— E você está aqui?

— Não posso sair do palácio, por enquanto.

— Por quê?

— Ordens do rei. E, além do mais, eu... preciso

encontrar uma esposa.

— Todas essas festas que seu pai anunciou são para isso, escolher uma esposa?

As vozes ficaram muito mais baixas, conforme eu me afastei e só consegui ouvir um muxoxo de consternação antes de não conseguir escutar mais nada. Nada, além das tesouras dos outros jardineiros podando arbustos, de pássaros gorjeando e pessoas conversando animadamente.

Arrisquei olhar para trás e Nicholas, lado a lado com Mason, se afastavam.

Dei uma checada na bunda de ambos. Eram belas bundas e despertavam uma vontade bem louca de morder. Chacoalhei minha cabeça, tentando parar de pensar esses absurdos, mas só o que permeou minhas loucuras foi eles dançando com cuecas cavadas!

Pare já com essa safadeza, Adele! — ralhei comigo mesma.

— Pode estar livre para fazer o que quiser, no palácio, menina, mas não se esqueça de que, na verdade, é uma pessoa da qual eles desconfiam. —

Colton desviou minha atenção e me olhou com pesar. — Jamais se iluda com o que não é verdade. Só está sendo tratada com essa educação porque o príncipe deixou claro que, se alguém lhe fizer mal, será penalizado. — O velho homem deu de ombros, com a carga de uma vida sob suas costas. — Ele está te protegendo com o próprio peso de sua posição. Deveria agradecer por isso. Muitas pessoas não teriam o mesmo privilégio.

Fitei Colton e entendi as palavras não ditas na sua frase.

— E você? Me trata bem por causa dele? — indaguei.

— Eu confio no julgamento de alguém que respeito. O príncipe é uma pessoa maravilhosa, cuida de todos que pode, mas já teve seu futuro traçado desde o momento em que se ouviu o primeiro choro no quarto da rainha, assim que ela deu à luz. Não há o que mudar quanto a isso.

— Um paraíso negro. Ter tudo o que quer e, ao mesmo tempo, não ter nada.

Eu sabia melhor do que ninguém como era essa

sensação.

— Pode-se dizer que sim. Agora, vamos continuar os trabalhos? A governanta exigiu. Exigiu, menina. — O homem baixo de cabelo grisalho, na casa dos 50 anos, revirou os olhos, ironicamente. — Como se eu fosse trabalhar apenas porque ela manda, não porque preciso e amo o que faço! Educação e empatia? Aquela mulher, com certeza, não tem! Nem mesmo minha filha, que é um amor de menina, passa despercebida diante das recriminações da mulher.

— Quem é sua filha? — Voltei minha atenção para as flores e para as ervas daninhas que cresceram entre elas.

— Uma das ajudantes na cozinha...

Nós começamos a falar de sua filha e esqueci totalmente o turbilhão de curiosidade que exalou dos meus poros ao ouvir a conversa sussurrada entre Nicholas e Mason. Sendo a maior questão: Qual o lugar que eles citaram?

Atentado à coroa?

Não precisei pensar muito para entender a
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

seriedade da situação e o que me deixou mais abismada foi o silêncio que eles escolheram sustentar.

Olhei por minutos pelo caminho que eles seguiram, tentando decifrar todos os sujeitos ocultos nas frases de ambos e o que mais me assustou foi sentir um arrepio no meu corpo, um calafrio de medo, por prever que nada de bom sairia dali.

PERIGOSAS ACHERON

A FUGA DA PRINCESA



NICHOLAS

“Um caso no palácio? Não há como defender!” –
Persóvia Journal.



— Requisitou minha presença, mamãe?

A rainha estava de costas para mim, sua atenção fixa em um porta-joias.

Virou-se e me olhou com o semblante leve. Seus gestos foram comedidos, graciosos e completamente calmos, dignos de uma pessoa da realeza. Alguns fios de seu cabelo estavam brancos

devido a idade, no entanto, ainda era linda e eu compreendia totalmente por que, dentre todas as pretendentes, meu pai a escolheu. A conexão dos dois e a forma como ela conseguia neutralizar o pior lado dele era inegável. Se ele não tivesse se casado com ela, não seria metade do rei que era.

Por isso, eu entendia a sua necessidade de encontrar o mesmo para mim, por mais que meu negativismo deixasse claro que isso não aconteceria.

— Sim, meu filho, e fico contente que tenha atendido ao *pedido*. — enfatizou a última palavra.

— Sempre.

Ela balançou a cabeça suavemente em contento.

Pegou uma das suas caixas de música e uma das sinfonias de Bach começou a tocar. Sorri com isso. Esse foi um dos motivos que me levou a aprender a tocar piano. Minha mãe amava e, por vezes, se sentava ao meu lado, apreciando. Eram raros os momentos em que podíamos ser apenas mãe e filho.

— Seu pai que me deu, quando pediu minha

PERIGOSAS ACHERON

mão, sem nada oficial, ainda. Ele não deveria ter feito o que fez, mas estávamos apaixonados demais. Foi tão incrível, que eu não pensei, em nenhum momento, que seria a rainha de Persóvia e que teria uma responsabilidade enorme. Eu só queria ficar com ele, sem medo nenhum do que teria que abdicar para isso.

— Sim, eu sei.

Ela já contou tantas vezes essa história, que eu praticamente a decorei.

— Queria dizer que não me importa o que é melhor para Persóvia. Não fico orgulhosa em admitir tal fato, sendo rainha. No entanto, você é meu filho e eu o amo acima de qualquer outra coisa. O que seu coração escolher, é a decisão que vou apoiar, mesmo que, para tal, eu precise ir contra a vontade de seu pai. Não há nada mais perigoso do que uma leoa mãe assistindo à aflição de sua cria. — A determinação no seu olhar me sobressaltou.

A rainha Gracie era calma e justa como ninguém. Nunca a vi alterada ou sem seu famoso sorriso

amoroso. Exceto claro, quando eu aprontava em minha infância.

— Não me sinto preparado para casar, mamãe.

— A verdade é que nunca estamos preparados para dividir nossas vidas, manias e medos com uma pessoa. Porém, arriscamos. A vida é feita de riscos. Nunca sabemos, Nick, qual o resultado de nossas escolhas. Jamais. Não é assim que funciona.

— E se eu não for um bom rei? E se estragar tudo?

— É uma criança?

Fiquei mudo

— Não é. Então seja um homem e aceite suas responsabilidades ciente de que suas decisões podem afetar a vida das pessoas à sua volta.

— Seu discurso de responsabilidades foi perfeito
— Brinquei.

— Não tente aliviar o clima.

Minha mãe deixou de lado a caixa de música e caminhou na minha direção. Seu penteado ornamentado e a coroa reluzente, em sua cabeça,

realçaram os fios em um tom de castanho-claro acobreado, como os meus. Meus traços eram muito parecidos com os dela, mas o olhar, esse era totalmente de meu pai, uma das características mais frias da nossa família.

Em cada retrato, no salão de memórias, em cada imagem e pintura dos monarcas anteriores, era perceptível que o tom de verde era tão firme quanto desconhecido. O peso do conhecimento. Cada um guardava segredos que envolviam o reinado e, em breve, essa pessoa seria eu.

Sacrifícios.

Eu teria que fazer muitos e o primeiro estava mais próximo do que eu imaginava.

Meu olhar se tornou perdido por instantes e mamãe percebeu. Ela sempre percebia quando eu me aterrorizava.

— É só quê... tenho medo de falhar — assumi.

Ela era a única para a qual eu podia contar a verdade.

— Só um louco não teria.

Passou seus braços em torno da minha cintura, abraçando-me. Retribuí o carinho, sentindo que seu conforto jamais seria demais.

— Obrigado.

— Nada de agradecer por esse motivo. E a garota que encontrou? Como está?

Entramos em um assunto que ainda me intrigava, e muito. Nada tirava da minha cabeça as teorias malucas que criei.

— Bem. Um dos seguranças acabou de me reportar que ela está na biblioteca procurando algo para ler.

— Pessoas que leem costumam ver a vida com mais possibilidades. Uma das vantagens de viverem várias vidas em apenas uma, não?

Balancei a cabeça em concordância.

— Não está errada, mas sinto que nos equivocamos ao mantê-la aqui. Papai deveria tê-la deixado seguir seu caminho. Ela claramente não aparenta periculosidade para ninguém, além de si mesma. É o desastre em corpo de mulher! — Sorri

e minha mãe prendeu-se nesse gesto.

Seus lábios não disseram nada. Entretanto, seus olhos...

— Não questione as atitudes do seu pai. Ele pode ter enxergado algo que nós não enxergamos.

— Talvez. E... — Pausei, procurando por palavras que não indicassem minhas dúvidas. — Mãe, como a rivalidade entre Persóvia e Hironnelle começou? Aprendi, desde pequeno, a odiar esse povo e a não permitir qualquer interação. Mas... como tudo começou, a senhora sabe?

Seu semblante ficou pesado no mesmo instante, envelhecendo anos em segundos.

— Há assuntos que não devem ser invocados. Em hipótese alguma, Nicholas.

Franzi meu cenho.

O ódio era sincero, dava para sentir em cada pessoa. Porém, alguém soube, algum dia, de fato, o que aconteceu?

— Nem mesmo quando eu me tornar rei?

— Quando se tornar rei, meu filho, vai receber

todas as informações condizentes para seguir com o reinado. Inclusive, algumas que te trarão a clareza de que precisa. De geração para geração, conhecimento se tornou uma arma e uma fonte inesgotável de rancor. Até mesmo quem é o verdadeiro culpado será uma dúvida.

A forma como o assunto a abalou me manteve estático.

— Espero que esse rancor não afete minhas decisões.

— Infelizmente vai, posso garantir.

Ela me soltou, para se mover até o janelão em frente à sua cama. Naquela parte dos jardins, havia uma ala apenas para ela, com um enorme labirinto de arbustos e caminhos e mais caminhos rodeados de flores. Flores de Gracie, foi o nome dado pelo rei. Fazia sentido que ela fosse a primeira coisa que via ao acordar.

— Papai já escolheu minhas pretendentes.

— Sei que sim. Eu o ajudei.

Olhei-a com uma sobrancelha arqueada.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Felicity? — indaguei.

— Não, essa não fui eu. — Sua clara infelicidade com o nome deixou essa verdade insípida.

— Imaginei desde o princípio. Nunca gostou dela — afirmei.

— Não fiz muito para disfarçar, não é? Tome cuidado com aquela moça. Ela quer ser rainha, não importa o custo, não importa o que terá que fazer para alcançar esse pedestal.

Tomar cuidado com Felicity?

Não enxergava as coisas tão drasticamente.

— Acha que ela é pior do que realmente é.

— Torço todos os dias para estar errada.

Fitei minha mãe, tão preocupada que as rugas de expressão no seu rosto ressaltaram-se.

Suspirei.

— Que eu seja mais esperto que ela, então — exprimi.

O silêncio pairou no enorme aposento e temi o que ele pudesse significar.

PERIGOSAS ACHERON



Caminhava pelos corredores do palácio, quando olhei por uma das gigantescas janelas e avistei Elizabeth passeando entre os corredores de flores. Eu precisava fazer muitas coisas, dentre elas conversar com o Primeiro-ministro sobre algumas dúvidas que surgiram na minha cabeça durante a última reunião, além de conversar com Mason. A sua desconfiança corria latente pelas minhas veias.

“— Eu já a vi em algum lugar. E não faz muito tempo.

— Pode ser só impressão.

— Talvez sim, talvez não. Abra os olhos e veja mais do que sua mente desconfia.”

Porém...

Vi-me preso em um feitiço e dando passos largos e inconscientes até a mulher enigmática que me manteve absorto.

— O que faz, perdida? — indaguei.

PERIGOSAS NACIONAIS

Ela se assustou e sua respiração acelerou, fazendo-me gargalhar.

— Vossa Alteza — Fez uma medida, levantando um pouco a barra de seu vestido, o que chamou minha atenção.

Ele era mais solto a partir da cintura, mas a forma como o sol passou pelo tecido fino deixou a sombra de seu quadril em evidência e me lançou direto para o inferno, tentando enxergar mais.

De repente, quem ficou com a respiração acelerada fui eu.

— Não precisa fazer isso — Forcei-me a falar.

Quando subi meu olhar até seu rosto, o sorriso enigmático decifrou cada pensamento malicioso que tive.

— Gosto de manter as formalidades. Além do mais, os guardas estão me vigiando — comentou, sem se importar.

Voltou a cheirar algumas flores e sua maneira doce e leve de interagir com tudo ao seu redor fez com que as palavras evaporassem e meu coração se

PERIGOSAS ACHERON

agitasse.

— Nós precisamos abordar melhor esse assunto... — Ouvi a voz do meu pai se aproximando, e peguei no braço de Elizabeth, arrastando-a suavemente comigo, para que ele não nos notasse.

Decifraria tudo.

— O que aconteceu? — indagou ela, sem entender nada.

— Estou nos tirando de uma rota perigosa.

Passei apressado por entre os arbustos e ramos de flores, e segui para a parte privada do jardim. Era muito mais reservado para se ter uma conversa. Ainda mais, com a minha tentativa de tirar informações da mulher.

Se as minhas desconfianças estivessem certas, ninguém conseguiria prever seu intuito ao se infiltrar em Persóvia. Ela poderia causar uma guerra entre os dois reinados e acabar com a vida de muitas pessoas inocentes. De qualquer forma, se eu estivesse errado ao presumir, acabaria por ceifar a *sua* vida. Não me parecia justo tomar essa decisão

PERIGOSAS NACIONAIS

assim, rapidamente e, como minha mãe disse, eu precisava estar preparado para arcar com as consequências. Sinceramente, naquele momento, eu não estava.

Tomar a atitude de um rei, sem ser um, não era nada interessante.

Pelo contrário, sufocava-me.

— Por qual motivo?

— Para conversar melhor com você — desabafei.

Parei de andar apressado, carregando-a comigo, quando os arbustos densos de Gracie nos acobertaram. As rosas vermelhas cintilaram por todos os lados, enquanto o labirinto calmo à nossa frente inspirou paz. Certa vez, quando eu era criança, perdi-me e passei horas no lugar até que alguém me encontrasse. Nada me aterrorizou tanto e ele se tornou, então, um dos meus maiores medos.

— O que quer conversar?

— Não é assim que deveria dizer. Talvez algo do tipo: “Claro, Nicholas. Basta perguntar”.

PERIGOSAS ACHERON

Ela fez algo inesperado...

Começou a gargalhar.

Gargalhou tanto, a ponto do ar lhe faltar e seu corpo se convulsionar com a graça.

— Isso foi engraçado! Eu jamais diria algo assim! — comentou, enxugando algumas lágrimas que escorreram pela sua bochecha, de tanto rir.

— Acabei de perceber que não — soei insatisfeito.

Ela postergou-se e empinou o queixo de forma ativa. Novamente, notei que tinha algo ali muito difícil de conter. Uma personalidade forte e exigente.

— Acredito que seria muito mais sábio, Alteza, — falou com escárnio — que me liberasse dessa prisão involuntária e me permitisse sair do palácio.

Elizabeth soou tão categórica, que a minha cabeça quase caiu nas suas artimanhas e a deixou partir.

— Estamos te alimentando, vestindo, tratando bem e respeitando. Não vejo como isso poderia

soar ruim.

— Nunca veem, nunca! Que saco! — exclamou indignada e arregalou os olhos ao perceber o que acabara de dizer. — Desculpe, príncipe.

— Pareceu chateada — Aliviei a pressão para descobrir algo.

Todos sabiam que era necessário dividir para conquistar.

— Eu fico chateada porque todos querem me controlar. Todos querem impor suas vontades, enquanto eu... e o que eu quero? Sou taxada de egoísta por saber o que preciso evitar. Para o bem de todos, inclusive! Deveriam me agradecer, sabia? — Seu desabafo foi latente.

E me vi representado em grande parte das suas palavras.

— Sei, sim — anuí.

Movi-me até um dos bancos de mármore e esperei ela se sentar ao meu lado. Assistimos ao pôr do sol sobre as rosas, juntos, enquanto ela falava e eu ouvia atentamente seus relatos. Eu precisava ir

até o parlamento, no entanto, a ideia sumia da minha mente, conforme eu apreciava a delicadeza da sua voz e a forma exaltada de sacudir as mãos.

— Então, bom... é isso. Só queria tomar minhas próprias decisões. É pedir muito? Ser eu mesma? Claro que depois eu voltaria para casa, não sou tão irresponsável a esse ponto.

— Não, não é.

— Por que todo mundo age como se fosse a coisa mais errada do mundo?

— Também não sei. — Minha dúvida foi real.

Mas eu me acostumei e me conformei com o destino. Não havia o que mudar, sequer havia essa possibilidade.

— O palácio de *Holloway* é grande? — Mudou de assunto.

— É, sim. Não tão grande quanto a residência oficial da Coroa, mas não tão pequeno quanto outros da propriedade real. O médico foi te atender lá, quando a encontrei, mas permaneceu, pela maior parte do tempo, desacordada, depois de me acertar

PERIGOSAS NACIONAIS

com um vaso, claro. Para minha sorte, você não bateu com tanta força quanto queria. — Cocei o galo que se formou, por reflexo.

Elizabeth seguiu meu olhar e fez uma careta de arrependimento.

— Desculpe por isso. É que sempre tive medo que roubassem meus órgãos.

Eu me controlei para não rir.

— Quem poderia te julgar por ter um medo tão *comum* quanto esse, não é? — ironizei — e sobre *Holloway*, quer ver melhor?

Seus olhos brilharam, quando me fitou. O sorriso se abriu vagaroso e exaltou a cor dos seus lábios, enquanto suas bochechas ficaram rosadas de animação. Notar todas essas mudanças sutis me assustou. Muito.

— Podemos? Não acho que sair com uma “convidada” seria propício, não é? Conheço os protocolos e...

Ela parou de falar subitamente e, a cada vez que fazia isso, eu juntava as peças do quebra-cabeça.

PERIGOSAS ACHERON

— E? — instiguei-a.

— Não seria de bom tom, sair com uma mulher solteira, prestes a escolher uma pretendente.

— Como sabe que estou nesse processo?

— Os corredores falam — Seu mistério me atiçou mais.

— Claro que sim.

— E alguma é interessante ou são todas...

— Desinteressantes? — completei sua fala.

— Sim, pode ser isso.

— Não há como saber, na verdade. Não conversei muito com todas, apenas com a filha do Primeiro-ministro, que, por um deslize meu, acabou se tornando a preferida de papai. Com a forte influência do pai dela, muito provável que eu esteja encaminhado para a força, sem ao menos me dar conta. — Fiz um sinal de corda no pescoço e ela gargalhou.

Foi tão espontânea, autêntica e hipnotizante, que eu não consegui desviar meu olhar.

— O que aconteceu?

— Além de eu ter... — Pensei melhor e não poderia dizer exatamente o que aconteceu — me envolvido de forma mais profunda com ela?

— Entendo. Faz tempo? — Sorriu sem graça. — Tempo que se envolveu?

— Alguns meses.

— Deveria cogitá-la, então, já que se conhecem. Melhor do que se casar com uma desconhecida...

— Ela olhou para o chão, como se lembrasse de alguma coisa.

— Tem razão, mas não acho que daria certo.

— Talvez.

O assunto me incomodou e eu não soube explicar o porquê. Decidi cortá-lo, antes que essa sensação piorasse.

— Vem comigo — Levantei-me em um impulso, puxando-a.

— Para aonde? — Assustou-se.

— Fugir um pouco.

A verdade é que eu não queria... parar de conversar com ela. Era instigante e me fazia

PERIGOSAS ACHERON

esquecer toda a responsabilidade, ao mesmo tempo em que me impulsionava a descobrir algo. Não teria como existir sentimento mais controverso.

— Não posso sair daqui! — sussurrou.

— Tenho formas de sair sem ser visto. Acredite — falei, em tom de confiança.

Peguei na sua mão e o calor se alastrou. Minha palma tocou a sua, pele com pele, e eu quebrei totalmente o protocolo real de tocar pessoas somente em casos estritamente necessários, sem ao menos perceber.

— Jura? Mas...

Elizabeth não teve tempo de prosseguir com as suas dúvidas porque, em questão de instantes, saímos da área Gracie e fomos diretamente até uma das alas onde eu mantinha meu *Corvette* de fuga, como costumava chamar. Quando precisava clarear meus pensamentos, era até ela que eu fugia para dar vazão a tudo. Passava por uma saída exclusiva do palácio e, então, seguia caminho até *Holloway*.

Pelo menos, naquele lugar, não tinha meu pai me dizendo a todo momento como eu deveria agir.

PERIGOSAS NACIONAIS

Quando entramos no automóvel, a sua presença ao meu lado me deixou calmo e a sua mania de fazer careta a cada música de que não gostava só me fez gargalhar a todo minuto.

No fim, apenas duas delas, na minha seleção inteira, prenderam a sua atenção e, porcaria... nós as ouvimos milhares de vezes, durante o caminho.

PERIGOSAS ACHERON

A FUGA DA PRINCESA



ADELE

“Todo o conselho está em polvorosa. Reuniram-se no Palácio de Packard e estudam uma alternativa para aliviar os ânimos exaltados de todos os Hironnelles.”

— *Hirondelle Daily*



— Estamos em...

— *Holloway.*

O castelo ergueu-se a nossa frente, com pedras majestosas, enquanto o portão automático de ferro fundido, com o brasão real no centro, abriu-se.

— E pode sair dessa forma, da residência oficial?

— Tecnicamente, a *minha* residência oficial é essa. Venho para cá aos fins de semana, quando não estou na capital de Persóvia com... — Nicholas parou de falar e eu presumi o que diria.

— Alguma mulher? — indaguei, sem qualquer propósito, notando o seu claro desconforto. — E não aja como se eu fosse uma idiota. Li vários jornais, na biblioteca, e cada um deles ressaltou a sua cafajestice.

Deveria me sentir ameaçada com ele tão próximo, no entanto, se não fosse ele, a começo de conversa, eu provavelmente não estaria mais respirando. Nicholas era na verdade, minha salvação, já que papai jamais pensaria que eu estivesse ali.

Ou Dwayne.

Argh! Uma centelha de raiva surgiu ao me lembrar do homem.

— Às vezes. Não seria pecado, não é?

— Não vou julgá-lo — Olhei para fora, pela

janela do carro.

— Todos me julgam. Já me acostumei. Além do mais, não faço nada de errado, apenas sou alguém de quem eles adoram obter um furo. Qualquer coisa vira notícia, mesmo que eu não queira. É impossível lutar contra.

Os portões se abriram completamente e Nicholas avançou com o carro pela estrada exclusiva. Alguns metros à frente, uma fonte jorrava água a uma altura imponente, enquanto os arbustos em um verde vívido contornavam-nos de todos os lados. O caminho de pedras francesas muito bem cuidado prendeu minha atenção e, assim que vi a imensa porta de entrada, notei os vários guardas estáticos também.

Segurança não era mesmo uma coisa com a qual brincavam.

Nicholas estacionou o carro na frente dos degraus ornamentados e desceu, contornando o automóvel para abrir a porta para mim.

— Obrigada.

— Não por isso.

Estendeu o braço na minha direção.

— Interessada em um *tour* por *Holloway*?

— Com certeza!

Ele sorriu com a minha empolgação e, então, entramos no enorme castelo, decorado com peças de extremo bom gosto e tato. Alguns retratos das mesmas pessoas do salão de memórias do palácio real estavam ali também.

Passeamos por todas as alas, com os empregados nos olhando interrogativamente.

— Alteza, não o aguardávamos hoje. — Um dos mordomos curvou-se em cumprimento e proferiu.

— Também não estava pensando em vir, Jackson. Apenas quis mostrar *Holloway* à minha convidada.

— O que deseja para o jantar, senhor?

— Não tenho preferências. — Virou-se para mim. — Você tem?

— Não... Alteza — falei, lembrando-me de tratá-lo formalmente diante de outras pessoas.

Um vinco formou-se entre suas sobrancelhas e,
PERIGOSAS ACHERON

assim que notou o motivo da minha súbita mudança, tranquilizou-se.

— Qualquer coisa, então, Jackson, meu amigo — falou e passou pelo homem, dando um tapa nas suas costas em cumprimento.

Pelo visto, eu não era a única a tratá-lo informalmente. Nicholas parecia muito mais... acessível, do que todos os outros príncipes que eu conhecia.

Seguimos por um imenso corredor bem iluminado e acolhedor.

— É sua biblioteca? — indaguei quando passamos por duas portas imensas.

Através delas era possível enxergar as diversas estantes, que iam do chão ao teto, abarrotadas de livros de todos os tipos e formatos, aparentando idades diferentes e importâncias diferentes.

— É. Tenho vários títulos que não estão disponíveis nem mesmo na biblioteca real.

Isso inflamou minha curiosidade. Retirei meu braço do seu e entrei no lugar, olhando para tudo.

Uma lareira antiga, em um estilo único, trazia calor ao ambiente, enquanto a enorme cornija em madeira envelhecida deixava a sensação de estarmos em casa. Lembrava-me Hironnelle, de algumas das minhas manhãs lendo no escritório, enquanto papai tratava de todos os assuntos.

A falta me fez suspirar profundamente.

— Está tudo bem? — Senti sua presença atrás de mim e fingi normalidade.

— Sim, tudo bem.

Corri, quando vi uma das edições mais magníficas de Ana Karenina. Tolstói era um dos meus escritores preferidos. O livro estava em um cubo de vidro semiaberto, em uma espécie de pedestal, diante da segunda estante de carvalho. Abri a portinhola, tomando cuidado — porque obviamente eu não queria causar um efeito dominó na biblioteca dele também — peguei o livro entre minhas mãos e o abri, fascinada ao ver... O autógrafo do autor. Consegui decifrar o ano de 1902, na tinta envelhecida.

— Um amigo arrematou em um leilão para mim.

Paguei uma pequena fortuna, mas nada comparado a outros que tenho aqui.

— É lindo — proferi, embasbacada.

— Um clássico. A história de uma mulher infeliz, mesmo tendo tudo, com marido e um casamento aparentemente feliz, um filho amado, riqueza, mas que sentia o vazio a consumir. No final, todas as críticas abordadas na trama fazem com que o final seja...

— Infeliz — completei.

— Exato. Essa história foi originalmente publicada através de folhetim, porém Tolstói discutiu com o editor por causa da não concordância com seu fim. No mesmo ano, ele publicou tudo em forma de livro, da maneira que queria. É considerada uma obra de arte e um dos romances mais populares de todos os tempos, mesmo tratando de um assunto tão polêmico quanto a traição. Acredito que a graça de Tolstói em escrever sobre o costume da época e deixar que a escrita fluísse foi um dos grandes motivos para que esse livro se tornasse tão aclamado por seu

realismo literário.

Fiquei embasbacada, admirando a sua perícia e conhecimento. Raras pessoas se interessavam por algo tão específico.

— Foi o que descobri, quando comecei a lê-la — sussurrei, a voz quase desaparecendo na minha garganta.

— Minha mãe adorava ler histórias diferentes para mim, quando eu era um adolescente. Ela achava que ajudava na minha *tarefa*, digamos assim. Os conflitos políticos, a inveja, a infelicidade, as decisões, eram um dos parâmetros que usava para poder me ensinar, mesmo que indiretamente.

— Parece ser uma mulher muito digna.

— Amorosa e uma rainha sem igual. A sua empatia é tão vasta quanto as terras de Persóvia. Meu pai teve sorte. Não sei se poderei dizer o mesmo de mim. — Ele pegou o livro das minhas mãos, fechou-o em um baque surdo e colocou-o no lugar de onde eu havia retirado. Quando notou que eu o olhei interrogativa, apressou-se em responder.

PERIGOSAS NACIONAIS

— É uma raridade, tem que lavar as mãos e secá-las bem para poder folhear. Por isso ele tem seu lugar de destaque.

O sorriso que deu foi totalmente forçado.

— Está com medo... — Solucionei o motivo do seu calvário.

— Seria um idiota se não estivesse.

— Tem razão.

— Eu preciso me casar. Sabia que isso aconteceria, um dia. Todos sabiam. O problema é que eu não tenho noção se vou conseguir, pelo menos, me sentir bem. Meu compromisso sempre foi para com a coroa, até mesmo me casar faz parte do pacote. Mas, ter uma vida estabelecida desde o nascimento é tão... sufocante.

— Te entendo mais do que imagina — sussurrei e, por sorte, ele não ouviu.

Eu fui prometida, há muito tempo, e coube a mim apenas aceitar. *Não tínhamos vontades; tínhamos responsabilidades.* Meu pai sempre me disse essa frase e nunca entendi tanto sua fala como

PERIGOSAS ACHERON

quando precisei conhecer meu futuro marido. Um patriarcado se instaurou em minha vida, onde a figura masculina dele exercia poder sobre todas as minhas vontades.

E não, eu não me contentei com isso. Nem deveria.

— Se quiser, podemos jantar e voltar para o castelo real.

— Por mim, tanto faz. Não é como se eu estivesse de férias.

— Eu mesmo vou garantir que possa ir embora, Elizabeth. Não fez nada de errado e sei que não vai fazer.

Para aonde?

Foi a pergunta que me atormentou.



— Como seu pai se chama? — Nicholas perguntou logo que nos sentamos à mesa.

Não deveríamos conversar durante o jantar, porém, ele pouco se importou com meus olhares incômodos na sua direção.

— Eu.... não sei, não me lembro — fingi.

O verde cintilou nos seus olhos, quando me fitou.

— Certo. Não se lembra nem mesmo da família ou de algum parente que possa ficar com você?

Engasguei-me com o filé de peixe empanado. O pedaço que eu não mastiguei prendeu-se à minha garganta e comecei a me asfixiar com a comida. O desespero tomou posse de mim a cada segundo em que tentei puxar o ar e não consegui.

Sacudi as mãos no ar, aterrorizada.

Até mesmo o vestido que eu usava, que nem era tão apertado assim, parecia subitamente muito preso ao meu corpo.

Braços me rodearam e me vi sendo alçada da cadeira em um abraço de urso, com sua força sendo empregada totalmente para me fazer desentalar com o pedaço de peixe. Eu ficaria envergonhada com a situação, se não sentisse o ar se esvaindo totalmente dos meus pulmões.

— Como você conseguiu fazer isso? — indagou Nicholas, em meio ao desespero.

Aplicou força; meus pés ergueram-se do chão e nada do peixe sair. Fiz gestos para que batesse nas minhas costas.

Estava asfixiando de verdade e, porcaria, tinha certeza de que a cor do meu rosto era de um roxo bem vívido!

— Ficou maluca? Eu não bato em mulheres, a não ser que me peçam, em outro momento, claro...
— A malícia tomou conta da sua voz e eu me desesperei.

Cravei minhas unhas no seu antebraço direito.

Um grito sepulcral do príncipe reverberou pelo enorme salão de jantar formal.

— Por... — Não consegui terminar minha fala.

Nunca mais comeria peixe.

Nunca mais, de verdade.

Eu me traumatizei com um simples pedaço de filé empanado. E ele nem foi tão grande assim, pelo amor de Deus!

Nicholas tirou seus braços, que me rodeavam, e senti um tapa não tão forte nas minhas costas.

PERIGOSAS NACIONAIS

Aguardei que ele desse outro, prestes a desmaiar. Ele notou isso também, porque o próximo tapa nas minhas costas não foi nada suave. Meu corpo chacoalhou e o pedaço de filé saiu voando até sua taça de vinho, respingando líquido para os lados com o choque. Eu teria gargalhado da infelicidade se não me sentisse mole com a falta de ar.

— Nunca mais. Ouça o que digo: Nunca mais me peça para fazer isso.

Balancei a cabeça afirmativamente.

— Desculpe — sussurrei, sentindo minha garganta protestar.

— Só... vamos garantir que nada disso aconteça novamente.

Alguns empregados abriram a porta em um rompante e Nicholas passou uma das mãos no cabelo, incomodado.

— Alteza, aconteceu alguma coisa? — indagaram em uníssono.

— Não, podem voltar para os seus afazeres. — Olhou-me misteriosamente. — Não aconteceu

PERIGOSAS ACHERON

nada.

Todos os empregados voltaram pelo mesmo caminho. Não refutaram ou, sequer, duvidaram da palavra de seu príncipe.

— Por que está me olhando desse jeito? — perguntei.

— Por motivo algum. Eu preciso ter um motivo para te olhar acusador, como se quisesse fugir das minhas perguntas? — Sua sobrancelha esquerda arqueou-se.

Um desafio para a minha negação.

Fiquei furiosa com a sua prepotência e percebi que todas as pessoas, dali em diante, que fizessem o mesmo gesto para mim, só me fariam lembrar deste momento.

— Não tentei fugir; eu engasguei!

— Que belo momento para engasgar, não é? Imprudente, colocando a sua vida em risco dessa forma por uma mentira.

— Não fale assim comigo! — Levantei-me exaltada, apontando o dedo em sua direção.

Uma atitude totalmente inapropriada. No entanto, nem eu, muito menos ele, nos preocupamos com convenções, ali, sozinhos e com os ânimos fora de controle.

Nicholas moveu-se até mim, parando na minha frente e olhando fixamente meus olhos. Sua boca se crispou em sinal de raiva e isso foi bom, porque, sinceramente, eu me senti bem raivosa também.

— Não aponte o dedo para mim! — falou, irritado.

— Então não fale comigo como se me conhecesse! — reclamei.

— Não te conheço mesmo e, ainda assim, me esforcei para salvar sua vida, não foi?

Nós nos encaramos por instantes, perdendo totalmente a paciência mantida por um fio, até que seus olhos desceram para a minha boca e os meus se firmaram na sua.

— Não sei do quê... — Não consegui continuar minha fala.

Seus lábios fixaram-se aos meus e sua língua

abriu caminho, convidando-me a entreabrir minha boca para que se aprofundasse e desbravasse o momento. Não resisti muito. Ele era quente. E convidativo. E a primeira pessoa que eu beijei de verdade na vida.

Ninguém tinha coragem de se aproximar da princesa e não havia muitos homens dispostos a beijar alguém prometida.

Sua língua esfregou-se à minha e eu senti o gosto do vinho que acompanhava nosso jantar. Vinho nunca foi tão irresistível.

Suas mãos contornaram meu rosto e seu corpo juntou-se ao meu, empurrando-me bruscamente até uma das cadeiras. Senti o móvel me barrar e, então, a firmeza de músculos me prender no lugar. Algo se incendiou em mim, aumentando a temperatura do meu corpo de maneira exponencial. Correspondi, chupando seu lábio inferior e um gemido gutural viajou dele até mim.

Uma das suas mãos abandonou meu rosto e ouvi um barulho agudo de várias peças caindo ao chão. Não tive tempo de me perguntar o que era; apenas

cedi ao seu impulso e me sentei na mesa, sentindo-o se posicionar entre as minhas pernas, enquanto sua boca me explorou com lascívia e perícia. Sua pélvis pressionou-se contra aquela parte cada vez mais quente e ansiosa.

Foi como flutuar sobre um vulcão repleto de lava e brincar com o mais perigoso dos animais.

E perdi o controle.

Nunca imaginei que seria tão maravilhoso ceder.

Uma das alças do meu vestido desceu, com o que não me importei.

Sua boca seguiu o caminho dela, com beijos necessitados e que me fizeram arquear o corpo, ansiosa por recebê-los.

Seus dedos passearam pela pele do meu ombro e, dessa vez, quem gemeu foi eu. Puxei seus fios, sentindo-os cederem macios ao meu apelo, apreciando outro som exaltado que ecoou pela sua garganta.

Ouvimos um estalo que nos livrou do transe.

Nicholas afastou-se rapidamente, como se tivesse

se queimado, enquanto seu peito movimentava-se impetuoso em busca de ar. Um reflexo do meu, com o calor elevando-se ao invés de dissipar-se.

Olhamos fixamente um para o outro, logo depois para a cadeira que desabou no chão com a nossa movimentação.

— Eu... — ele começou a falar e as palavras morreram na sua boca.

— Não fiz nada para evitar — falei, descendo da mesa com a dignidade que me restou.

— Isso não deveria ter acontecido, mas...

Subi a alça do meu vestido e dei as costas para o príncipe. Precisava ficar sozinha, um pouco, para entender como um beijo poderia ser tão bom, mesmo que eu não tivesse provado nenhum outro.

— Deixe as explicações para depois, Vossa Alteza.

— Encontre-me na entrada em trinta minutos. Precisamos voltar para Baldrick. Eu não deveria ter te tirado de lá.

— Tarde demais para se culpar — sussurrei.

Ele não ouviu, para a minha infelicidade, já que eu queria atingi-lo por quebrar a magia de algo tão incrível.

Não disfarcei minha falta de vontade em conversar, quando o encontrei na frente do *Corvette*, aguardando-me, encostado na lataria. Ele também não se esforçou para manter a conversação, abrindo a porta em um silêncio constrangedor e sustentando-o até que estivéssemos novamente no palácio da coroa.

— Alteza, Sua Majestade deseja falar com o senhor — um dos empregados interrompeu nossa caminhada, assim que chegamos.

Nicholas não volveu seu olhar na minha direção, em nenhum momento, enquanto seguia pelo longo corredor, respondendo ao chamado do pai.

Senti-me culpada e essa sensação foi tão inexplicável quanto minha súbita vontade de fugir para o mais longe que eu conseguisse... de novo.

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

A FUGA DA PRINCESA



NICHOLAS

“Quanto mais próximo o proibido, mais tentadora soa a transgressão. É o que podemos dizer que permeia a família mais importante de Persóvia.” – *Persóvia Journal*.



Sete dias.

Uma semana sem entender as inconsistências daquela mulher.

Passei os últimos dias evitando-a o máximo que

pude. Trocamos alguns olhares e eu não precisei ler mentes para saber o teor dos que partiam dela. No entanto, a repreensão de meu pai ecoou em meus pensamentos a cada vez que a vi.

“— Me disse que não teríamos problema com ela.

— E não teremos — enfatizei.

— Não é o que me parece. Sinceramente, Nicholas, saindo a noite com uma mulher que todos sabem estar sob nossas suspeitas? Que tipo de rei será? O que governa com sabedoria e uma mulher ao lado ou o tipo que destrói um país por uma paixão?

— Não tem com o que se preocupar.

— Não tenho mesmo? O que, infernos, passou pela sua cabeça ao levá-la para *Holloway*? Provar que consegue burlar o sistema de segurança do palácio? Se sim, saiba que fez um excelente trabalho, meu querido filho. Agora, várias pessoas que não deveriam têm esse conhecimento.

— Quanto exagero!

— Torne-se rei para me dizer que estou exagerando. Foi a segurança de todos que colocou em risco. Tem noção de que mandei vários agentes tentarem descobrir quem ela é? E todas as nossas opções não me parecem nada boas, inclusive a falta de informações sobre ela. Não há, ao menos, queixa de desaparecimento que bata com suas características. Deveríamos prendê-la, de verdade, para forçá-la a nos dizer.

Levantei-me em um rompante da cadeira, irritado com a sua alternativa.

— Nem pense nisso, papai. Quer retroceder diante de tudo? Tirar a verdade de uma pessoa sob tortura não me parece algo que um país em pleno século XXI faria, pelo amor de Deus! Isso é inadmissível.

Seu olhar foi como um balde de água fria.

— Ainda a defende?

— Não posso aceitar que ninguém a trate dessa forma. Eu a trouxe para cá e sou responsável por ela. Ninguém, além de mim. — Bati com o punho na mesa do escritório.

— Então não a transforme em uma inimiga, você mesmo. Essa mulher não deve ser seu foco.

— Elizabeth.

— Para o inferno com o nome dela! Só quero que pare de pensar com seu desejo e foque no que realmente é importante, aqui.

— Estou focando. Por esse motivo, preciso lidar com tudo do meu jeito.

— Seu jeito! — debochou — Só não reclame quando causar uma guerra.

— Como pode dizer isso com tanta certeza?

— Há algo nos olhos dela que me lembra muito alguém.

— E um olhar é capaz de acusar uma pessoa? — indaguei.

Um calafrio de pavor correu por minha espinha.

— Nunca se sabe.”

Terminei de prender as abotoaduras de ouro, fitando o brasão da coroa. Meu terno e colete azul-

marinho perfeitamente cortado exalou um ar de imponência de que eu, definitivamente, não fiz muita questão.

Infelizmente, estávamos promovendo uma festa no palácio. Uma casualidade estúpida, em minha opinião, para que eu pudesse escolher uma noiva, como se as coisas funcionassem dessa forma.

Abri a porta e olhei para ambos os lados, absorvendo o silêncio no corredor. Pensei em ir até a área de hóspedes, em outra ala, um pouco distante dali. Dei alguns passos e estaquei no lugar. Eu deveria evitá-la. Para o bem de todos, principalmente para o dela.

Parado no meio do corredor, olhei para o teto e me perguntei o que, diabos, estava fazendo. Voltei e fui até a sala de música.

Admirei, assim que entrei, meu *Grand Piano*. Um *Steinway & Sons*³, que custou uma pequena fortuna e valeu cada precioso centavo. Passei meus dedos pela extensão, sentindo o toque suave e frio sob minha pele. Assim como os *Border Collie*, ele tinha um lugar importante na minha vida; um amor

que não respondia às minhas lamúrias, mas as representava em notas tão melodiosas que eu me sentia acarinhado.

Sentei-me na banquetta e respirei fundo.

Meu humor se tornou irreconhecível ao compasso de meus dedos. Agradei as paredes gélidas da sala, com *Prelude in C Sharp Minor* de *Rachmaninoff*. A atmosfera ficou tão pesada quanto minha vontade de ir até o salão.

Harmonioso? Muito.

Deprimente? Sem dúvida.

Mas eu amava tocar e geralmente, quando me sentava na banquetta, meu humor não estava nada ameno. Era uma válvula de escape, por assim dizer.

Meus dedos não erraram em momento algum. As teclas responderam aos meus comandos com uma graça singela e repleta de presteza. Ao atingir o ponto alto do prelúdio, minhas mãos se moveram depressa, com a ferocidade necessária, o ápice de raiva que emanava de mim.

Fechei meus olhos e deixei que a sensação de me

encontrar em alguma coisa corresse pelas minhas terminações nervosas. O som reverberou pela sala e causou uma sensação de calma interna; irresistível.

— Que deprimente.

Não deixei que aquela voz me interrompesse.

— Apenas uma forma de arte.

— Tem um belo piano aqui — comentou e se colocou ao meu lado, apoiando seus dedos longos e elegantes na cauda do meu lindo *Grand*.

Olhei com raiva para seus dedos, mas ela pouco se importou. Finalizei os últimos acordes, alçando minha cabeça para fitá-la.

— Já o viu muitas vezes... Felicity. E nada de tocar. Odeio marcas de dedos nele e sabe disso.

A filha do Primeiro-ministro. Maravilhosa. De uma beleza estrondosa, com cabelos longos e negros, em um tom que realçava o preto vívido dos seus olhos. Seu rosto era oval, deixando em evidência lábios rosados e carnudos, assim como a pele negra, que tirava qualquer homem dos trilhos.

No entanto, ela tinha alguma coisa que não me inspirava confiança. Nem o menor resquício dela.

— Tem razão. Tentei apenas manter uma conversação, meu estimado príncipe. — Fez uma medida, que eu ignorei.

Voltei a tocar alguma coisa qualquer, apenas por uma desculpa para não dar atenção a ela. Minha educação não me permitiu ignorá-la completamente, então, vi-me no dilema de levantar-me e descer ao salão, ou continuar ali, odiando cada segundo.

Teria que descer, em algum ponto da noite; isso era um fato. Que fosse agora, então. Quanto mais rápido eu conseguisse me livrar, maior seria minha paz.

— Quer descer? — Levantei e estendi meu braço.

Ela rapidamente o aceitou.

Seu vestido cintilou em um tom dourado, moldando-se às suas curvas, devido ao tecido fino e maleável. Odiava admitir, mas estava mesmo fascinante. Se havia mulheres, em Persóvia, mais

lindas do que Felicity, eu ainda não encontrei nenhuma.

Descemos a enorme escadaria central e todos os olhares se voltaram para nós.

Que o inferno me queimasse vivo!

Consegui visualizar a fumaça saindo de meus pés, de tanto caminhar na lava quente.

— Não se alegre — sibilei. — Se essa foi sua intenção ao me tirar da sala de música, considere-se...

— Vitoriosa? — indagou, presunçosa.

— *Je n'ai pas de chance*⁴ — resmunguei em francês.

Deus! Eu precisava de um conhaque. O quanto antes, melhor.

Forcei-me a aparentar tranquilidade, depois de sua provocação. Por mais que eu soubesse estar em uma disputa já perdida. Por ora.

As pessoas no centro do salão pararam de valsar e abriram caminho para que eu e ela tomássemos nosso lugar. Foi como engolir algo amargo e tentar

PERIGOSAS ACHERON

disfarçar a indisposição com o gosto.

Notei várias mulheres em vestidos elegantes a nossa volta, presumindo que aquelas eram as tais “candidatas”. Infelizmente, nenhuma me chamou a atenção.

Dancei com Felicity por muito mais tempo do que gostaria. Ensaiei pisar em seu pé em determinado momento.

Quando os músicos pausaram por instantes, todos os rostos ao meu redor viraram-se em direção à escadaria e os segui, por reflexo. Minha atenção flutuou completa e hipnoticamente até a mulher que desceu os degraus centrais, chamando para si todo o foco, desviando-o até mesmo dos detalhes em ouro e mármore da arquitetura do palácio.

Achei não ter visto nenhuma beleza equiparável a da filha do Primeiro-ministro. Acabei de descobrir que estive absolutamente errado.

Seus passos foram firmes, confiantes, destacando o vestido do tom mais puro de ouro rosê. A seda se moldou ao seu quadril e me deixou duro, como se me convidasse para o mais absoluto pecado.

Afrouxei a gravata, que prendeu meu pescoço. Senti-me incapaz de respirar. Puxei o ar do meu âmago, absorvendo a queimação que se alastrou pelos meus pulmões.

Merda, quando ali ficou tão quente?!

— Quem é ela? — indagou Felicity.

Não a respondi.

Movi-me apressado até a mulher, que agora alcançava os últimos degraus.

Seus olhos se encontraram com os meus e o castanho que tentei decifrar só me manteve mais hipnotizado.

Ergui minha palma, esperando que ela depositasse sua mão e aceitasse meu convite para dançar. Seus dedos tocaram minha pele e um arrepio agradável me tomou de sobressalto. Contornei-os, sentindo um sorriso satisfeito se abrir no meu rosto.

— Está linda.

— Vossa Alteza também não está nada mal.

— Obrigado. Preciso conquistar corações —

sussurrei.

Ela olhou em volta sutilmente.

— Percebi que os convidados são, em sua grande maioria, mulheres.

— Ossos do ofício.

Conduzi-a até o salão, onde a orquestra pausou momentaneamente a apresentação. Aguardaram que nos posicionássemos para reiniciar.

— Realmente, uma tristeza. — Abriu um sorriso devastador.

Quando a música se iniciou, girei e somente a ela dediquei minha atenção. Os rostos ao nosso redor se tornaram figuras indistinguíveis, tamanha a minha falta de interesse. Uma de suas mãos repousou em meu ombro, enquanto a outra apoiou-se à minha mão. Dois toques que me causaram sensações estranhas.

Embalei-a de acordo com os primeiros acordes.

— Dança muito bem — elogiei, aproximando-me do seu pescoço.

Seu cheiro de lírios me enfeitiçou. Foi como

PERIGOSAS ACHERON

estar em meio a milhares deles, que transmitiam uma paz inconfundível.

— Obrigada, Alteza. Com o meu histórico de desastres, deve ter pensado que sairia sem dedos nos pés, dessa dança, não é?

— Ninguém a está ouvindo, para falar comigo tão... formalmente. E me declaro culpado quanto a esse pensamento. Não pode me julgar. Já me atingiu com um vaso, engasgou-se com um filé de peixe e sinto até calafrios em pensar no que ainda pode vir a acontecer.

Gargalhei ao me recordar dos momentos.

— Pare de se divertir tanto comigo. Seu pai não para de nos encarar.

Assim que disse, desviei meu olhar até encontrar o do rei de Persóvia, parecendo disposto a pausar a dança a qualquer momento, incomodado com a situação.

— *Vous n'êtes pas candidat*⁵ — sussurrei.

— Precisa escolher alguém que se torne uma rainha perfeita — comentou, sorrindo.

E ao admirá-la, quase deixei passar que ela entendera meu francês sem nem ao menos titubear.

— *Si seulement je pouvais vraiment choisir quelqu'un.*⁶ — Reforcei, só para ver se minha desconfiança foi correta.

— *Trop de plaintes*⁷.

Se eu não estivesse preparado para todos os tipos de imprevistos, teria pausado a dança neste exato instante, ao notar que ela, não apenas entendeu o que eu disse, como também *me respondeu* no idioma.

Elizabeth percebeu o que fez e seu arrependimento foi claro.

— Francês? — indaguei.

— Sei um pouco. Bem pouco...

— Não me pareceu saber tão pouco, assim. — Aproximei, ainda mais, minha boca da curva suave do seu pescoço. — Quase não tem sotaque ou pensa para falar. Não. Definitivamente, minha cara, você não sabe pouco.

— É mais comum do que imagina.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Será? — Duvidei.

— Me dá mais crédito do que mereço.

— Na verdade, eu apenas estou te entregando mais corda. Quando se enforcar será por sua única e exclusiva responsabilidade.

— *Come astuzia, Altezza*⁸.

O arco no qual uma de minhas sobrancelhas transformou-se aumentou completamente ao ouvir o italiano impecável. Muito melhor que o meu, diga-se de passagem.

— *Mi piace pensare di essere intelligente*⁹.

— Italiano? Quais outras, fala?

— Não sou eu quem deve fazer essa pergunta?

— Não, e apreciarei a cortesia, se me responder.

— Francês, italiano, espanhol, russo e alemão. É uma exigência da coroa Persoviana que, até a sexta pessoa na linha de sucessão, tenha conhecimento de, no mínimo, quatro idiomas para apaziguar possíveis conflitos de interesse, tanto político como de cunho pessoal. Russo, eu pude escolher, porque

PERIGOSAS ACHERON

me irritava ver pessoas conversando nesse idioma e não entender muita coisa. E quanto a você, por que aprendeu essas duas línguas?

— Falo Estoniano, Árabe e Latim, também — comentou.

Fiquei impressionado. Estoniano era uma das línguas mais difíceis de se aprender e Latim, uma língua morta. Que eu tinha conhecimento, apenas a usavam no Vaticano, mas lógico que não seria a primeira vez que eu errava em alguma coisa.

— Estoniano é muito difícil. Por que quis aprendê-la? Não entrarei no mérito do Latim, porque realmente acho que esse assunto se estenderia muito e minha curiosidade só a impediria de se afastar de mim por um minuto, sequer, nessa noite.

— Minha mãe era estoniana e me ensinou, quando eu era pequena. — Consegui enxergar a tristeza por entre seus olhos ao falar da mãe.

— Quando a perdeu?

— Há muitos anos. Fui criada por meu pai, desde então. Eu e minha irmã.

Ela não se esqueceu de tudo porcaria nenhuma, como me disse. No entanto, estava falando, e eu não a cortaria antes que ela mesmo notasse isso.

— Deve ter sido difícil. — Fui sincero.

— Nem tanto, na verdade. Ao seu jeito, acho que ele tentou cuidar de nós.

— Tentou?

Meus dedos se prenderam ainda mais aos seus, ao início de uma nova valsa, e apenas afrouxaram-se quando dei espaço para que ela girasse graciosamente. Vários fios se desprenderam de seu penteado e me controlei para não os empurrar para trás de sua orelha. Meus dedos coçavam para tocá-la e nunca uma compulsão foi tão difícil de combater.

— Se cobrou demais, além de prometer algo sem ao menos conhecer a quem o fez.

— Ele deve estar preocupado com você.

— Talvez.

— Deveríamos encontrá-lo, para aplacar tudo isso. Poderia viver em paz, na sua casa, sem que

estivesse sendo vigiada ou algo assim.

Ela engoliu em seco.

Entendi esse gesto como medo, de sua parte.

— Não, não posso voltar para casa. Você não entende o que aconteceria se eu voltasse. Ninguém entenderia. Posso ter sido egoísta em fugir, mas, sinceramente, acho que estou sendo muito altruísta em me manter distante, sabendo do que sei.

— O que sabe? — pressionei-a. — E só para afirmar o que já tenho certeza: você não perdeu a memória. Nem uma mísera fração dela.

A cada vez que ela abria a boca, passava-me mais informações primordiais para que eu soubesse quem ela era de verdade.

— Nada que faça diferença à Persóvia e, agora que sabe, se quiser abrir a boca para todos, pouco me importo. Já estou em uma enrascada grande demais para sair incólume — enfatizou.

Afastou-se de mim com os últimos acordes, deixando um vazio e frio em seu lugar. Franzi o cenho a essa resposta perturbadora do meu corpo a

ela. Principalmente a minha constatação de que não entregaria sua mentira nem que me pagassem para isso.

Por quê?

Por que, infernos, eu não conseguia me imaginar fazendo isso?

Primeiro, eu perdi totalmente o senso e a beije como se pudéssemos nos esquecer de tudo e, depois, dançamos como se apenas nós existíssemos no mundo e se essa força inconstante pudesse ser apenas o expectador de uma dança.

Acompanhei-a com o olhar, quando se afastou de mim.

Mais ninguém percebeu o clima estranho que se apoderou do salão, mas ela sentiu. Claro que sim, assim como eu.

— Precisa dançar com outras mulheres, Vossa Alteza — cochichou meu assessor, ao se aproximar, atraindo minha atenção.

Rosnei em resposta a Deandre.

Quando voltei o olhar para onde Elizabeth

seguiu, atormentei-me ao perceber que já havia desaparecido.



— Alteza, é uma honra dançar com o senhor.

Dei um sorriso amarelo.

Essa era chata demais. Com conversas sem sentido algum e uma mania irritante de querer prender a minha atenção, falando mal de todas as outras pessoas presentes.

— Com certeza posso dizer o mesmo sobre você
— forcei cavalheirismo.

Soltei um suspiro, aliviado com o término da dança. Ela despediu-se com uma mesura e eu olhei para o meu assessor, fazendo um gesto com os dedos, indicando que eu não dançaria com mais ninguém, pelo menos por enquanto. Havia um limite de provação pela qual alguém consegue passar. Se eu tivesse que ser par de mais alguma mulher, tentando fisgar meu coração, com certeza, tiraria meu terno e sairia pelado do palácio, rumo ao desconhecido.

Ainda bem que estava de cueca. Algumas vezes passava o dia inteiro com o meu *instrumento* livre, leve e solto. Sorri, ao imaginar a feição de choque no rosto de todos, se eu realmente fizesse o que pensei. Nada me pareceu melhor, principalmente quando alguns empresários e o Primeiro-ministro colocaram-se ao meu lado, conversando sobre diferenças políticas, enquanto eu tentei só fingir não ouvir o que disseram.

— Não acredito que isso vai acontecer — meu pai falou, dessa vez.

Sua pompa foi digna de um rei.

— O quê? — Achei melhor participar da conversa.

O vinho branco que eu tomava estava divino. Pelo menos ele, para amortecer aquele inferno que era ter que dar atenção a todo mundo e ainda aguentar flertes inúteis.

Coloquei uma das mãos no bolso e alcei a taça, novamente, procurando com um olhar de trezentos e sessenta graus os olhos cor de chocolate.

Decepção foi o sentimento que me brindou ao

PERIGOSAS ACHERON

não os enxergar em parte alguma.

— O rei de Hironnelle prometeu a mão de sua filha mais velha ao príncipe de *Constance*, desde que ela tinha onze anos. Porém, a princesa não está em nenhum lugar. Simplesmente desapareceu do mapa.

— Aquele crápula deseja isso apenas para...

— Nos neutralizar — o Primeiro-ministro emendou as constatações de meu pai.

E eles conseguiram de maneira magistral prender a minha atenção com esse assunto.

— Precisamos agradecer a essa jovem, já que Hironnelle está em crise com o sumiço da sucessora de Louis II. A fortuna da princesa é lendária, devido à riqueza de sua mãe, filha de um empresário muito conhecido do setor de telecomunicações da Estônia. Após a sua morte e a de sua filha, as netas herdaram boa parte das ações.

Engasguei com o vinho, atraindo a atenção de todos. Morte de sua filha. Ou seja, mãe da mulher... da Estônia... Jesus! Controlei-me para não demonstrar a minha surpresa

— Dizem que o homem com o qual se casar terá uma das maiores fortunas da Europa. Talvez, por este motivo, seja outro príncipe, o alvo. *Constance* declarou deslealdade por parte do país, devido ao desaparecimento da herdeira. Os preparativos para a união estavam finalizados e a princesa fugiu, praticamente no altar.

Minha cabeça girou desenfreada com as informações. Era muita coincidência para ser um mero acaso. Eu encontrar Elizabeth na floresta que fazia divisa com Hironnelle, visto que Persóvia era o único lugar em que ninguém pensaria em procurá-la, além de seu conhecimento dos protocolos reais.

— Não acredito que precisamos nos preocupar com isso — afirmei.

— Não é sábio subestimar nossos inimigos — enfatizou o Primeiro-ministro — e pressinto que ela pode estar mais perto do que imaginamos. Seria excelente encontrá-la e usá-la como moeda de troca. Uma das minhas fontes, muito seguras, por sinal, afirmou que o rei se encontra em total desespero em busca de sua filha. Se a entregarmos

PERIGOSAS ACHERON

a ele, poderíamos proporcionar uma aliança política e uma garantia de que jamais ousaria tentar subjugar Persóvia novamente. Também poderíamos, se fosse de interesse de Vossa Majestade... — Olhou para meu pai. — Terminar logo com isso. — Ele não deixou claro o que quis dizer. No entanto, um arrepio varreu minha espinha ao imaginar.

— Não irei repetir a história, Barrett. Para reagir à altura, vamos casar Nicholas com uma mulher respeitável e que o povo conhece. Apenas assim, o reinado não estaria em risco, e não precisaríamos nos preocupar com Hironnelle. Não é necessário que seja alguma integrante da nobreza de outro país, mas do nosso próprio. Após isso, a coroação só firmaria os alicerces.

— Não cruzamos as fronteiras há décadas, assim como eles não a cruzam. Não vejo por que essa rivalidade deve permanecer tão enraizada em nossos costumes.

Todos se calaram diante da minha fala. Fitei meu pai e notei que ele a achou ainda mais absurda do que dançar com Elizabeth na frente de todos por

PERIGOSAS ACHERON

muito tempo, divertindo-me como se não houvesse outra mulher tão interessante quanto.

— Será? De onde vem essa jovem que encontraram em um momento oportuno? Peço que me perdoe pela audácia, Alteza, mas as circunstâncias nas quais ela apareceu me fazem desconfiar de que possa ser a herdeira.

Controlei meu nervosismo, diante da sua insinuação...

Se eu piscasse, Elizabeth e eu estaríamos ferrados.

Decidi, neste momento, que o mais longe possível que eu a conseguisse manter do palácio e de todos que pudessem descobrir sua identidade, melhor. Não cogitei ao menos arriscar. A segurança dela era uma prioridade.

— Só pode estar maluco — forcei a mentira. — Não faz qualquer sentido o que está falando. Persóvia seria o último lugar ao qual alguém como ela pensaria em vir.

— Tem razão, me desculpe.

Com um cumprimento, afastei-me de todos, subindo a escada lateral esquerda, em busca da varanda, local de admiração do jardim Grace. Precisava de ar puro; precisava parar de criar teorias a todos os instantes.

Elas estavam me corroendo.

— Alteza

Acenei.

— Alteza

Novamente, acenei.

— Alteza.

Perdi a contagem de quantas pessoas me cumprimentaram na minha busca desenfreada por solidão.

Quando finalmente alcancei meu objetivo e apoiei minhas mãos no umbral, admirando a vasta iluminação do jardim, meus olhos pousaram em uma figura pálida diante da luz da lua. O brilho prateado realçou os detalhes do seu vestido e seus cabelos castanhos brilharam com o reflexo.

Elizabeth não olhou para cima, apenas se perdeu

em meio às flores, aparentando conversar com cada uma em particular.

— Você está aqui! — Uma voz doce me causou arrepios.

Passei por ela, sem me despedir.

Felicity que lidasse com a solidão também, para entender que, por minha vontade, jamais me casaria com ela.

Segui pelo corredor até a escadaria que dava acesso ao andar de baixo, direto para o jardim, sem qualquer arrependimento.

A FUGA DA PRINCESA



ADELE

“Todos sentem sua falta, princesa, e aguardam ansiosos o seu retorno.” – *Hirondelle Daily*.



Afundi em meio ao jardim e acompanhei o caminho de lírios. Toquei em todos os que pude com muito amor, sabendo que, em breve, não poderia admirá-los mais.

Eu tinha que fugir de novo, e logo. As pessoas começavam a desconfiar de mim e não podia deixá-

los terem a confirmação. Precisava voltar para Hironnelle e garantir que ninguém tramaria contra minha família. Além do mais, eu morria de saudade de Arya. A saudade era tamanha que meu peito doía em imaginar minha irmã sozinha.

Coloquei a mão no lado esquerdo, em reflexo, como se sentisse, de fato, aquela dor excruciante. Torci para que ela estivesse bem, bem de verdade, ou não me perdoaria nunca por tê-la deixado sozinha.

— Ah, minha bonequinha, como você está? — indaguei e fechei meus olhos por instantes, querendo abraçá-la.

Senti os olhares sempre a me vigiarem, mesmo que à distância, e topei com eles logo que minhas pálpebras subiram. A essa altura, eu já era amiga de alguns dos seguranças, mas eles não perdiam as poses profissionais. Achava que nem mesmo eles viam tantos motivos, assim, para manter a vigilância tão acirrada em cima de mim. Eles ficavam ao longe, só observando meus passos. Não interferiam. Sequer falavam alguma coisa.

— Preciso fugir daqui. O quanto antes, melhor — sussurrei sozinha.

Uma brisa suave balançou algumas flores, que penderam sob seus caules. Suspirei profundamente, sentindo arrependimento e ódio por ter sido tão impulsiva. Eu poderia ter falado com papai, antes de dar uma de louca. Talvez ele me entendesse e eu não me veria tão perdida como agora.

Não adianta todo esse choro, Adele. O que está feito, está feito

— Hironnelle não está nada bem das pernas e eu tenho que voltar. Mas, e se Dwayne está aguardando apenas isso para prosseguir com seu plano? Se ele fizesse alguma coisa a papai, ainda teria a mim, visto que, com certeza, ele sabe que estou viva — murmurei, traçando ideias para entender o que aconteceria. — Certeza de que ele não seria tão burro em se arriscar dessa forma. Nem, ao menos, se casou comigo e não teria vantagem nenhuma em fazer algo ao rei sem seu direito garantido. Não, eu acho que ele tem algo muito maior em mente. O problema é... — Coloquei a mão no queixo. — O quê. E quem o PERIGOSAS ACHERON

está ajudando?

Lembrei-me que flagrei alguém conversando com ele, enquanto debatiam seus planos, mas quem era aquele maldito? Se eu, ao menos, tivesse visto o rosto, antes de fugir desesperada, poderia ter uma direção na qual seguir e investigar.

Passos ecoaram atrás de mim e, ao me virar, não enxerguei ninguém. Pensei que fosse apenas um delírio da minha cabeça.

— Tem alguém aí? — indaguei.

O silêncio me respondeu por instantes, antes que eu ouvisse novamente um estalar de galhos pelo caminho de cascalho.

— Elizabeth...

Não foi um delírio, afinal.

— Vossa Alteza não deveria estar aqui.

— Sei disso, mas não consegui evitar. Além do mais, você parecia muito concentrada discutindo consigo mesma. Posso saber o que atraiu tanto a sua atenção?

Sacudi a cabeça em negativa.

— Nem que eu te dê metade da minha fortuna?
— Brincou.

— Nem assim, Alteza. É deselegante ficar se intrometendo nos pensamentos das pessoas e, sinceramente, gosto de falar com pessoas inteligentes. Ou seja, estava fazendo isso, há pouco.

Ele gargalhou com vontade por segundos ininterruptos.

— Não quer mesmo compartilhar comigo?

— Se eu quisesse, pode ter certeza de que já estaria falando — resmunguei.

Manteve o sorriso, sem se importar com minha fala seca e direta.

— Certo. Acho que te entendo.

— Por quê?

Ergui a cabeça ligeiramente, para lidar com seu olhar intenso preso a mim. A nossa diferença de altura ficou em evidência e toda essa sensação foi muito excitante.

— Também não sei.

— Interessante.

— Com certeza.

— As mulheres devem ter ficado tristes com sua saída.

— Não estava com elas. Tem noção de que eu sou um frango assado com batatas e coroa, caminhando pelo palácio em meio a várias mulheres famintas? Não que eu me importe muito com isso, mas o maior problema é que eu não tenho nada em comum com nenhuma delas. — A escuridão ocultou metade de seu rosto, mas eu consegui enxergar o brilho sutil dos seus dentes, quando ele deu um sorriso. — Fui até uma das varandas, para me distrair do tédio, quando a vi aqui. Até onde sei, não é proibido te provocar.

— Já posso me sentir lisonjeada por saber que decidiu, por livre e espontânea vontade, acabar com minha paz? — ironizei — Acredito que eu deva agradecer, não é? Pela sua presença?

— Seu senso de humor é peculiar, Elizabeth que não é Elizabeth. — Pausou por instantes. — Não preciso mentir aqui, certo? E, como eu disse anteriormente, me senti entediado. Não leve todo o

crédito pela minha presença.

— E o que considera entediante? — indaguei.

— A fuga da herdeira da coroa de um país inimigo? — O sorriso brincalhão se manteve. — Ou a tentativa, desse mesmo país, de acabar com Persóvia, casando-a com um príncipe que poderia ser o mais influente da Europa por seu próprio título e pelo que viria a adquirir? Há muitas coisas que eu não sei e não é do meu feitio julgar algo pela opinião dos outros.

Engoli em seco, pela segunda vez na noite. Tudo tendia a seguir para o assunto do qual eu queria fugir. A noção de que estavam se aproximando cada vez mais da verdade me aterrorizava.

— É mesmo complicado. — Forcei serenidade.

— Acredita nisso?

— Em quê?

— Na tentativa de Hironnelle de subjugar Persóvia? Meu pai acredita que devo me casar para que isso não se torne uma preocupação.

— Não sei se estou apta a pensar algo.

— É uma pena. Há boatos de que Hironnelle caminha para o caos, sem a sucessora presente. Muitos pensam que seria um atentado à coroa, para atingir diretamente a família real. Essa princesa não imagina, mas acabou por iniciar a queda, deixando que o povo duvide de seu próprio governo. Inclusive, Constance declarou deslealdade por parte de Louis II, com o súbito desaparecimento de sua filha.

Cristo Deus!

Eu encaminhei a queda de meu próprio país?

Misericórdia, que eu precisava dar um jeito de fugir antes do que eu esperava!

Queda?

Queda?

Queda?!

Quanto mais a voz da Adele desesperada em minha cabeça repetia, pior tudo me soava. Merda! Eu pensava que estava ajudando ao invés de atrapalhando!

Coloquei a mão na boca, aterrorizada.

— Deslealdade? Mas isso é muito sério! —
Arregalei meus olhos, tentando inutilmente
controlar minha respiração acelerada.

Arrependida.

Sim, eu estava total e completamente arrependida
por ter fugido. Como papai estava reagindo a tudo?
Como Arya era tratada com isso? Jesus! Por que eu
tinha nascido com um parafuso a menos? Papai
vivia me dizendo que eu era tempestuosa como
mamãe, mas, sinceramente, se ela era tão
atrapalhada quanto eu, não fazia a menor ideia de
como os dois ainda ficaram juntos.

— Muito. Um contrato foi firmado há anos. Por
mais que a gente se esforce para não manter contato
algum com os Hironnelles, acabamos por nos
inteirar dos assuntos que afetam nosso país.

— Esses contratos... — indaguei, minha voz
desaparecendo no meio da sentença.

— Dão ao príncipe de Constance carta livre para
tomar a decisão que achar digna.

Fiquei quieta por segundos, absorvendo sua
declaração.

— E sobre ela? A princesa, quero dizer — tentei não soar muito interessada. — Vocês têm alguma foto nos registros? Ou alguma informação que indique como seja?

Nicholas caminhou devagar até uma parte do jardim parcamente iluminada. Segui-o. Quando ele parou, por instantes, o fiz também e, ao olhar no seu rosto quase por alguns segundos, cogitei que ele tivesse descoberto quem eu era.

— Não, não temos. Pesquisei diversas vezes na internet e nos registros reais e encontrei apenas algumas informações, que não são tão reveladoras assim. Fotos? Não... Infelizmente. Segundo fontes, depois da morte da esposa, o rei ficou muito protetor com as duas filhas e elas quase nunca saem do Palácio de Packard e, sinceramente, nós não precisamos registrar essas coisas. Agora, pelo visto, parece ser necessário.

Mamãe.

Eu não gostei de lembrar o que aconteceu com ela, mesmo depois de anos. A ferida da sua perda ainda não cicatrizou e talvez nunca cicatrizasse.

PERIGOSAS NACIONAIS

Nicholas notou meu pesar instantâneo e decidiu voltar a caminhar. Andamos lado a lado e, quando a escuridão nos envolveu totalmente, percebemos onde estávamos: no labirinto, do qual eu não fazia a menor ideia de como sair.

— Me diga, por favor, que sabe como sair daqui — implorei.

— Eu sempre me perco. Não espere se livrar tão cedo. Horas seriam mais precisas. A última vez que eu entrei nele, foi com uns 15 anos. Depois, nunca mais tentei. Senti pânico todas as vezes em que cogitei me embrenhar por entre os arbustos.

— Pânico?

— Uma história para outro dia.

— Não tenho pressa.

— Você, talvez não, mas, no momento, não vou mentir dizendo que consigo esperar mais.

— Como assim? — indaguei.

Nicholas não me respondeu e, ao invés de se afastar para me deixar respirar, se aproximou cada vez mais, fazendo-me recuar a passos temerosos.

PERIGOSAS ACHERON

Encostei no arbusto e senti a temperatura fria de seus galhos percorrerem a pele desnuda das minhas costas.

— Eu poderia até negar que em cada maldito dia depois que saímos de *Holloway* eu não a quis beijar de novo. Mas seria uma mentira e não gosto muito de mentiras. Então, para ser sincero, minha ideia de aproveitar está completamente associada a isso.

Disse e desceu seus lábios até os meus. O calor que emanou dele passou por mim e me fez agarrar a lapela do seu terno com uma necessidade absurda de aplacar meu desejo. Senti o material ceder sobre meu aperto e ele se aproximar de mim com o convite velado. Foi como em *Holloway*; como nos últimos sonhos que tive; foi espetacular.

Puxei seu corpo contra o meu, em uma tentativa frustrada de me fundir a ele.

Até quê...

Senti algo andando em minha panturrilha.

A princípio, pensei em ignorar. No entanto, quando notei que subiu ainda mais e que tinha várias pernas, meu coração começou a bater

PERIGOSAS ACHERON

acelerado e não, não foi pelo beijo. Veja bem, o beijo estava magnífico, mas...

TINHA ALGO SUBINDO NA MINHA PERNA!

NA MINHA PERNA!

Afastei Nicholas bruscamente para tentar enxergar alguma coisa e quando vi uma monstruosidade se mexendo debaixo da seda do vestido, não teria divindade que me faria ficar parada no lugar sem... surtar!

— AHHHHHHHHH! TEM ALGUMA COISA NA MINHA PERNA! TEM ALGUMA COISA NA MINHA PERNAAAAAAAA! — Gritei, a plenos pulmões. — TIRA! TIRA! TIRA DE MIM, PELO AMOR DE DEUS!

Sacudi meu corpo inteiro, convulsionando como uma louca, procurando aquela aberração que eu sentia caminhar pela minha pele. Puxei a barra do vestido, desesperada em um nível muito alto, muito alto de verdade. Passei-o pela cabeça rapidamente e ouvi um arquejo abafado a minha frente.

Alguns arrepios percorreram meu corpo ao ser
PERIGOSAS ACHERON

acometido pela brisa gelada.

— Coloca esse vestido de novo, Elizabeth. E se alguém te vir assim? Cristo! Eu sabia que você não aguentaria muito tempo sem um desastre!

Ele tinha razão, mas eu estava paranoica, extremamente surtada, para ver coerência em qualquer coisa.

— Foda-se alguém me ver assim! Tem alguma coisa andando em mim!

Bati com as mãos na minha perna e só respirei aliviada quando não senti mais nada.

Nicholas colocou seu paletó sobre meu ombro, cobrindo minha nudez parcial e pegou seu celular do bolso da calça. Iluminou a relva com a lanterna do aparelho, em busca do maldito inseto que me assustou. Ver o que se divertiu em mim não me deixou mais tranquila. Pelo contrário, fez-me entrar em desespero!

— É só uma aranha! — disse ele.

— Só... *U-u-uma a-a-ara-nha?* — gaguejei.

— Isso, uma aranha... Não faz mal a ninguém,

PERIGOSAS NACIONAIS

olha só. — Ele a pegou na mão e ergueu na altura dos meus olhos.

Uma aranha monstruosa, gigantesca, do tamanho da palma da sua mão!

Misericórdia!

O mundo começou a girar.

Eu não sabia se morrer por causa de um ataque cardíaco funcionava dessa forma, mas sinceramente, eu achava que estava tendo um. Meu peito doía e minha respiração estava travada, toda na minha traqueia. Não desejava essa sensação a ninguém. Era como entrar em desespero, um horror que se enraizava ao mais puro terror.

Deu para entender o frenesi e a profundidade da minha aracnofobia?

Se a aranha me comeria viva, pouco me importei. Tudo ficou negro e eu não enxerguei mais assassina nenhuma, quem dirá príncipe ou seu terno perfeitamente engomado. Eu apenas cedi à escuridão.



PERIGOSAS ACHERON

— Não acredito que você a trouxe para seu quarto — Ouvi vozes exaltadas.

Fingi dormir.

— Não havia o que fazer, papai. Ela desmaiou no jardim e achei melhor trazê-la para cá, para chamar um dos médicos de prontidão.

— Várias pessoas o viram carregá-la no colo, meu filho. Totalmente bagunçados! O que, raios, faziam juntos do lado de fora, quando o seu lugar era no salão para conhecer sua futura esposa? Cristo! Eu soube, desde o momento em que surgiu com ela embaixo das suas asas, que isso seria a pior coisa com a qual eu concordaria!

— Eu a vi lá e, então, achei melhor conversar com ela. Simples assim.

— Simples assim! NADA é simples assim, Nicholas! NADA! Não é dessa forma que um futuro rei deve agir; não é dessa forma que o príncipe herdeiro da coroa deve se portar!

— Se acha que seria mais nobre da minha parte deixá-la desmaiada em nosso jardim, me desculpe pelo erro, Vossa Majestade. — A ironia na sua voz
PERIGOSAS ACHERON

me deixou perplexa, enquanto eu tentava manter minha pose de Bela Adormecida. — Um príncipe, futuro rei, deveria mesmo deixar uma mulher desmaiada e fingir não a ter visto apenas para socializar, não concorda?

— Não deboche de mim! Eu estou tratando de um assunto sério, aqui!

— Eu também, ou acha que estou brincando com essa situação? O senhor me criou para ser um rei e te garanto que não o decepcionaria quanto a isso, porém mamãe me criou para ser um cavalheiro e eu jamais a desapontaria também.

— Ele tem razão, Charles. — Ouvi uma voz feminina, se infiltrando na discussão dos dois.

— Razão em arriscar os interesses de Persóvia?

— Razão em ajudar uma mulher que precisou de ajuda. Como ele cuidaria de um país, se recusasse socorro alguém? Sinto te dizer, querido, mas sua opinião quanto a esse assunto está afetada devido ao estresse da cerimônia de coroação que se aproxima.

— Cerimônia de coroação?

PERIGOSAS NACIONAIS

— Não conversou com ele, não é? — A voz foi calma, dessa vez, em compreensão.

— Não tive oportunidade. — O rei soltou em um suspiro.

— Vai abdicar do trono? Por isso essa sua constante em me dizer a todo momento que serei rei? Marcaram a cerimônia de coroação com o Conselho e o Parlamento, e não me avisaram? A parte mais importante foi simplesmente... ignorada, antes mesmo da ascensão? Como eu poderia me sentar no trono, se eu nem mesmo sabia que me sentaria tão em breve?

— Conversaria com você hoje, após a festa, mas, como pode ver, as intenções não foram certas.

Não abriria meus olhos nesse momento, nem que me entregassem todo o dinheiro da Europa.

— Engraçado como coloca a culpa em outra pessoa, sempre.

— Querido, podemos ir até os convidados e avisar que Nicholas não voltará para a festa? — a voz feminina tentou novamente apaziguar a situação.

PERIGOSAS ACHERON

— Não. Eu preciso conversar com meu filho.

— E eu preciso conversar com meu marido. Não o rei de Persóvia, mas o homem com o qual me casei.

O silêncio imperava no aposento e, mesmo que eu não enxergasse nada, tinha certeza de que todos os presentes estavam com o semblante pesado devido à má atmosfera.

Ouvi um som estridente de porta batendo e achei melhor aguardar por um momento seguro para abrir meus olhos. Lembrei que desmaiei sem colocar meu vestido de volta. Desesperei-me e abri meus olhos, levantando o corpo rapidamente para conferir e confirmar se não fui vista de lingerie pelo rei e rainha. Seria uma situação mil vezes mais constrangedora.

Porém, ao observar minhas pernas cobertas pela seda, franzi minhas sobrancelhas.

— Eu coloquei em você. E não deve fazer movimentos bruscos. Um dos médicos reais a examinou, mas eu não saí daqui em momento algum, pode ficar tranquila. Ele chegou à conclusão

de que foi apenas um momento de estresse psicológico.

Muito estresse psicológico!

Lembrei da criatura horrenda que caminhou em mim e, novamente, senti meu corpo amolecer com a recordação. Precisava tomar um banho, o quanto antes, mais longo possível, ou ficaria me coçando para sempre.

— Cristo! Aranhas... — Fiz uma careta.

— É aracnofóbica — constatou ele.

— Percebeu pelo desmaio? — ironizei.

— Na verdade, percebi quando seus olhos perderam a cor, logo que a viu na minha mão. Se eu não fosse rápido, você teria literalmente batido com a cabeça em alguma pedra e toda essa sua encenação sobre perda de memória acabaria se tornando verdadeira.

Ignorei a parte da “encenação”.

— Estraguei o vestido?

— Não. Eu consegui colocá-lo tranquilamente em você.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Não... — Seu olhar sustentou a minha dúvida por segundos.

— O que acha que eu sou? Claro que não fiz nada com você, sua maluca! Só coloquei seu vestido, antes de trazê-la para cá. Seria muito pior se a vissem naquele estado.

— Obrigada.

— Não tem motivo para agradecer. Teria feito isso por qualquer uma.

Sua frase me machucou, mesmo que eu não entendesse o porquê disso. Foi como se ele quisesse dizer quê... não significou nada. Como se ficasse se atracando com várias mulheres por entre os jardins e que a situação comigo não foi um caso isolado.

Adele, onde está com a cabeça? É claro que não deveria significar nada!

O problema é que eu me lembrava do que fazíamos enquanto a aranha subia pela minha perna. Eu me lembrava muito bem. E sentia falta daquela sensação de ser... venerada por alguém.

Ser adorada.

PERIGOSAS ACHERON

— Claro. É um príncipe.

Nicholas piscou para mim e depois abriu um sorriso provocante.

— Exatamente.

— Mesmo assim, muito obrigada!

— Já disse que não tem motivo para agradecer.

— Levantou-se da poltrona ao lado da cama e alinhou seu terno amassado em algumas partes — Agora, vou deixar que descanse um pouco e que remoa o que entendeu da discussão.

Eu me surpreendi com a sua perspicácia.

— Sim, Elizabeth. Eu percebi que você estava acordada e não precisa nem dizer nada. Sei que estou muito fodido e ninguém seria capaz de me ajudar a essa altura.

Eu consegui tocar seu temor, ansiando por livrá-lo disso. De toda a tensão que o acompanhava sempre.

— Sinto muito.

— Como se isso mudasse alguma coisa — resmungou.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Por que me trouxe para o seu quarto? — indaguei, praticamente um sussurro, desesperada por mudar de assunto.

— Porque foi o único lugar que eu senti que seria completamente seguro para você — respondeu e, antes que eu fizesse outra pergunta, abriu a porta e desapareceu.

Não voltou pelo restante da noite e eu me peguei pensando em aonde ele estaria dormindo e quem poderia estar lhe fazendo companhia.

Não consegui fechar os olhos e uma sensação desconfortável, de estar perdida, assolou-me.

PERIGOSAS ACHERON

A FUGA DA PRINCESA



NICHOLAS

“Como dissemos, não é nenhuma surpresa o que vários convidados da festa no palácio relataram. Um labirinto, uma escapada furtiva e absolutamente nenhuma esposa em vista!” – *Persóvia Journal*



Li o jornal do dia, resmungando sozinho, com a audácia dos jornalistas. Como podiam supor tantas coisas erradas ao mesmo tempo? Que bando de hipócritas havia ali, repercutindo mentiras, enquanto para suas vidas, sequer olhavam! Estava a PERIGOSAS ACHERON

ponto de perder a paciência com todo mundo, quando percebi o dia que era.

Sexta-feira.

Dia em que eu tinha um compromisso inadiável.

Levantei-me em um rompante, animado com a perspectiva, saí do meu escritório e fui até meu quarto, pegando a minha bolsa costumeira, com todos os itens dos quais precisava.

— Aonde vai, Alteza? — meu assessor indagou ao me ver saindo apressado.

Trazia consigo o celular, onde arquivava meus eventos e, provavelmente, não entendia nada, ao notar que minha agenda estava vazia.

Eu fazia sempre o possível e o impossível para ter esse dia vago. Era lei.

— Resolver alguns assuntos pessoais — falei rapidamente.

Mason havia me ligado, dizendo que precisava conversar comigo. Pelo seu tom de voz na ligação, presumi que deveria me apressar ao máximo. Sua pressa para falar comigo, assim como sua ausência

na última festa, deixou-me intrigado, no entanto, eu só poderia conversar com ele quando encerrasse meu compromisso.

Caminhei apressado pelo corredor central, ouvindo os passos de Deandre ecoarem. Ele precisava dizer algo, presumi. Sempre fazia o mesmo, quando se via na difícil tarefa de me impedir de alguma coisa. Eu era... um tanto tenaz quanto aos meus assuntos.

— Sei que soa impertinente, Alteza, mas preciso saber se sairá sozinho ou acompanhado daquela jovem.

— Tem razão, Deandre. Está mais impertinente do que o normal.

Elizabeth... ou seria Adele? Minhas desconfianças eram fortes e indicativas, porém, com o recente ataque à vinícola, preferia fingir que não sabia de nada. Se ela tivesse algo a ver com isso, ora ou outra acabaria por se enredar e se perder nas próprias mentiras. Ainda estava tentando encontrar a melhor solução, dizer para todos quem ela era ou guardar o segredo para mim e torná-lo

nosso.

Comprimi minhas pálpebras, ao pensar na primeira opção. Não gostei nada do que imaginei.

Também não gostei de notar que cogitei alta traição à coroa, só para salvá-la.

Parei por instantes, tentando chamar o bom senso casto em mim. Ele nem, ao menos, se manifestou. Continuei meu caminho, descendo a escadaria central, ouvindo o eco que meus sapatos italianos produzia em contato com o mármore que recobria os degraus.

Vários empregados pararam suas tarefas para fazer uma medida. Ergui a mão, para que não se importassem com isso. Os tempos eram modernos e, por mais que eu soubesse sobre os protocolos de tratamento reais, eles me incomodavam.

— Alteza! Alteza! — Ouvi os gritos afoitos do meu assessor tentando me acompanhar.

Dei um sorriso debochado.

Acessei a garagem real, passando direto pelos *Rolls Royce* enfileirados perfeitamente, aguardando

algum compromisso do rei, e continuei meu caminho até o Mercedes, um dos vários colírios da minha coleção. A cor prata reluziu com sua pintura tão impecável como na última vez em que eu o dirigi.

Ouvi motores zunindo à vida mais à frente, na garagem, e presumi que fossem os seguranças. Após a minha escapada para *Holloway*, sem que nenhum deles soubessem, meu pai reforçou o esquema de segurança e seria praticamente impossível que eu os despistasse. Infelizmente, esse foi o preço a se pagar.

Sempre, sem exceção, havia uma consequência.

— Alteza! Por favor, me aguarde! — Virei-me e deparei-me com um assessor esbaforido, com as mãos nos joelhos, tentando respirar.

Isso teria me divertido, se eu não estivesse com tanta pressa. Precisava cumprir esse compromisso. Aliás, era um dos únicos que eu me esforçava fielmente a não me atrasar. Nunca. Nem mesmo as reuniões com o Conselho eu levava tão a sério quanto isso.

— Como sei que meu pai irá perguntar, avise-o que estou indo sozinho. — Entrei no meu carro.

— Para aonde...

Não esperei que Deandre terminasse de falar, arranquei com o motor potente, rugindo a vida, como um animal enjaulado prestes a ser liberto. Senti a adrenalina se apoderar de todos os meus poros e o barulho das centenas de cavalos sob o capô me brindaram com uma alegria imensurável.

Eu me senti livre. E não houve explicação para isso. Lembrei-me de Elizabeth e a sensação triplicou, como se quisesse me confidenciar algo. Foi um dos únicos momentos, com os últimos acontecimentos, que me senti dessa forma.

Olhei pelo retrovisor, os Rolls Royce dos seguranças se esforçando para se aproximarem de mim. Decidi não ser tão cruel. Eles não faziam nada além do seu trabalho.

Diminuí a velocidade.

Assisti os ponteiros descerem com a pressão mínima do meu pé no acelerador. Mantive a velocidade constante ao enxergá-los bem próximos.

Valeu a pena. Se eu parasse e pensasse no beijo, definitivamente, valeu a pena revelar minhas técnicas para sair despercebido.



Parei o carro em uma das vagas do estacionamento do hospital e peguei minha cartola, na bolsa que repousava no banco ao meu lado, fechando a mão, também, em torno da máscara de teatro que compunha minha fantasia. Coloquei minhas luvas brancas e depois conferi no retrovisor. Bom. Muito bom. Ninguém conseguiria me reconhecer.

Alegrava o dia de crianças que sofriam tanto e isso era por mim, não por ser príncipe.

Pela minha visão periférica, assisti os dois carros pretos pararem, cada um em uma vaga disponível, ao meu lado. Os seguranças nem estranhavam mais esse processo. Já haviam me acompanhado dias o bastante para ligarem os pontos e decifrarem o que eu fazia.

Para finalizar, saí do Mercedes e comecei a abrir os botões da minha camisa social preta, deixando

que a camisa branca, que eu usava por baixo, tomasse a frente. Peguei um casaco vermelho, vesti-o e retirei meus sapatos italianos, calçando um par mais genérico. Não sairia assim do palácio, caso contrário, denunciaria o lugar em que estaria. Então, desde quando comecei a fazer isso, foi dessa forma que tudo seguiu.

Eu me esforçava ao máximo para manter o segredo.

Quando finalizei a produção e olhei para os seguranças, notei que eles tentaram conter o riso. Eu também tentaria, se não fizesse aquilo por vontade própria.

— Não se aproximem muito de mim, pra ninguém perceber — falei, sério. — E pelo amor de Deus, fiquem do lado de fora do estacionamento com esses carros! — pedi, olhando as bandeiras no capô. — Levem o meu também, como sempre.

Eles apenas balançaram a cabeça em concordância.

Entreguei a chave do Mercedes para o chefe deles e dei as costas, caminhando até a entrada do

hospital. A maioria dos funcionários dali já me conhecia, não como príncipe, claro, mas como um dos voluntários que adorava participar da manhã de algumas crianças diagnosticadas com câncer. Eu também garantia que recebessem doações volumosas a cada mês. Era uma das metas da minha vida, tornar a vida daqueles seres iluminados um pouco menos triste.

Sempre havia algo que fazíamos por satisfação pessoal e essa era uma das minhas coisas. Fazia-me bem saber que as fazia bem. Às vezes, eu olhava as cartas que recebia com desenhos e isso me trazia um sorriso, mesmo em meio à tempestade, o que só me trazia a noção de que o Natal se aproximava e que elas teriam um Natal do qual se lembrariam por muito tempo. Meu plano era levar todos para conhecer o palácio, mas ainda tinha muitas providências a tomar e não prometeria algo sem a certeza de que conseguiria cumprir.

Promessa era dívida; uma palavra de honra.

— Elas estavam perguntando por você — a recepcionista comentou logo que me viu.

Coloquei dois dedos na minha testa e os movimenteí, em um sinal de entendido.

Ela sorriu.

Não me prendi ali e caminhei pelo longo corredor. Ao final, havia uma porta que levava diretamente para a ala que eu procurava.

Cumprimenteí com uma piscadela as médicas e os médicos que passaram por mim e, também, as enfermeiras. Todos eles pareceram contentes em me ver, não desesperados e sem saber o que fazer, como ficariam diante do príncipe. Apenas tranquilos. E era disso que eu sentia falta. Das pessoas serem elas mesmas diante de mim, mesmo quando sabiam quem eu era.

Falsidade, um dos muitos defeitos com o qual me acostumeí a conviver.

— Olha quem chegou! — Abri os braços, olhando para as crianças brincando na imensa sala.

O rosto de todas se iluminou ao me ver e foi a melhor sensação da minha vida. Um frio dominou minha barriga e um sentimento de reconhecimento vibrou no meu peito, em felicidade. Todas as vezes

PERIGOSAS ACHERON

foram assim. Não mudava. Nunca mudava.

— Sentimos muito a sua falta! — Aurora se pronunciou.

Uma menina linda, com olhos amendoados enormes e com uma fé tão grande na sua cura, que fazia todo o restante acreditar também. Pena que, para o seu estágio, já não houvesse mais esperança. Metástase, que se iniciou nos pulmões e então se ramificou. Devido a descoberta tardia, não havia mais chances, o que me destruía sempre que eu pensava.

Nada era tão frágil quanto a vida.

— Eu também não via a hora de vir brincar com vocês! — Peguei-a no colo e abracei firmemente.

Revoltei-me e questionei a alguma força divina o motivo para algumas crianças sofrerem tanto.

Por quê?

Só... por quê?

Câncer era uma doença tão cruel, que eu não conseguia enxergar adultos suportando-a sem sucumbir. No entanto, as crianças eram as mais

fortes, nesse quesito. Elas sabiam que sua hora se aproximava e, ainda assim, sorriam como se não houvesse amanhã. Pequenos anjos que iluminavam as minhas manhãs de sexta.

— Quem quer ouvir histórias e brincar e ouvir histórias e brincar e ouvir histórias e brincar de novo? — Animei-me. — E depois, farei uma mágica que vai deixar todos com o queixo caído. — aponte para cada criança, minha voz adquirindo um tom de mistério.

Todas se levantaram, exaltadas.

— Trouxe presentes pra gente, hoje? — uma delas perguntou. — Pra quem participar das brincadeiras?

Eu aparentei desânimo, um ato exagerado, mas que combinou com meu personagem.

— Não trouxe, mas na próxima semana prometo trazer algo muito interessante e divertido... para cada uma! — aponte para cada rosto sorridente e a alegria irradiou por meu corpo.

— Ebaaaaa! — gritaram em uníssono.

— Por que você não teve tempo, dessa vez, senhor mágico? — indagou Aurora.

— Isso mesmo.

— Estava namorando? — Seus olhos se arregalaram. — Minha mãe me disse que as vezes os adultos namoram e que precisam ficar sozinhos, quando isso acontece. Nós, crianças, não entendemos ainda, foi o que ela disse.

Como eu responderia uma pergunta tão direta e inocente?

— Não, eu não estava.

Na verdade, eu me esqueci dos presentes justamente por não conseguir tirar Elizabeth da cabeça. Não em um sentido romântico, mas de curiosidade por tentar desvendar quem ela era, que consumiu boa parte do meu tempo.

Quem era aquela mulher?

E se ela fosse mesmo a herdeira desaparecida? Eu deixaria que o Primeiro-ministro a usasse para beneficiar Persóvia? Um rei deveria colocar o bem-estar do povo em primeiro lugar e, por mais difícil

que pudesse parecer, a certeza de que eu faria isso me deixava doente. Acabar com a vida de alguém para “beneficiar” milhares? Um gosto amargo incendiou a minha língua, ao pensar nessa possibilidade.

Procurei por fotos suas nos registros de Persóvia e não encontrei nada. Nem mesmo na internet, já que, pelo visto, ninguém tinha permissão de tirar foto perto dela. Como eu saberia se, de fato, ela era Adele Packard Rodwell? E como seria capaz de protegê-la, caso essa fosse a verdade?

Nem mesmo toda a sua fortuna lhe garantiria passe livre para fora de Baldrick, se alguém descobrisse.

Talvez eu nem quisesse ter certeza. Era loucura, mas a verdade. Se eu ignorasse o que crescia diante dos meus olhos, poderia postergar minha decisão.

— Ah, que bom! Porque nós queremos que você fique aqui com a gente para sempre! — Aurora me tirou do transe com o seu pedido.

— Eu iria embora, se namorasse?

— As pessoas, quando namoram, podem se

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

casar. E, então, elas têm seus filhos e ficam sem tempo para outras coisas. Minha mãe disse isso também. Falou que, quando as pessoas se amam, se casam e são felizes e... somem.

Franzi minhas sobancelhas.

— Nem todos somem — falei.

— Promete que não vai sumir, senhor mágico? Que não vai fazer alguma mágica e desaparecer das nossas vidas? Eu gosto muito de quando você vem aqui! Sexta é meu dia preferido, por causa disso! — ela falou e balançou a cabeça, animada.

Abriu um sorriso inocente e a sensação de ser importante para alguém me acometeu.

— Eu prometo, princesa. Prometo pelo que há de mais sagrado para mim.

Uma sensação estranha e uma vontade bem louca de chorar nasceu no meu peito. Controlei-a, para que não acabasse por estragar o dia das crianças.

— Que bom. Me dá o dedinho, pra prometer de verdade.

— Prometer de verdade?

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— É, não pode fazer figas!

— Certo, certo — Sorri por impulso com a sua inocência.

Estiquei meu dedo mindinho na sua frente e ela colocou o dela, olhando-me como se eu tivesse tomado a melhor atitude do mundo. Coisas sem significado para uns, poderiam ser indescritíveis para outros.

— Agora, pronto, a promessa está valendo! Não pode sumir!

Eu, de fato, jamais sumiria.

— Nunca — eu disse.

— Nunca, senhor mágico.

Triste foi ter a certeza de que, em breve, quem desapareceria dos meus braços seria ela e não havia nada que eu pudesse fazer para impedir essa verdade.

E isso me deixou mal.

Tão mal que eu saí do hospital sem rumo e incapaz de aceitar que havia coisas que eu não poderia mudar, sendo a morte, uma delas.

PERIGOSAS ACHERON



A conversa com Mason não foi nada boa. Ele ressaltou dezenas de desconfianças quanto à Elizabeth e ainda lançou a ideia de que eu sabia mais do que dizia. Não poderia estar mais certo, aliás. Mas, por que eu me enraiveci apenas ao imaginá-lo fazendo algo contra a mulher?

Eu não a conhecia, sequer sabia suas reais intenções.

Claro, desconfiava de que fosse Adele, a princesa fugitiva de Hironnelle, mas, qual era o verdadeiro propósito dela ali? E por que os atentados só começaram após a sua aparição? Havia algo que realmente não se encaixava em toda essa porcaria e eu precisava descobrir o que era, antes que fosse tarde demais.

Acessei uma das estradas até a entrada de funcionários do Palácio de Baldrick. Não queria ter que lidar com ninguém: nem repórteres, muito menos fotógrafos. Estacionei meu Mercedes, logo atrás do primeiro carro de seguranças. Contudo, um barulho de risos e latidos me tirou dos pensamentos

nada amistosos que tive em relação ao meu amigo.

Por que ele queria tanto provar que Elizabeth era a culpada?

Dei um sinal para que os seguranças se dispersassem, e todos obedeceram prontamente. Eu estava no palácio, não precisava de escolta a cada maldito segundo do dia.

Caminhei curioso até a origem do som e contornei devagar as paredes externas. Meu fôlego foi todo embora, assim que vi Elizabeth caída na grama, enquanto os cinco *Border Collie* a contornavam, babavam e lambiam seu rosto.

— Meu Deus, alguém me salve, estou sendo atacada por cães raivosos! — exclamou e eu teria corrido ajudá-la se, logo após sua fala, ela não tivesse soltado a gargalhada mais espontânea e graciosa que já ouvi na vida.

Pela primeira vez, senti medo. Um medo excruciante e aterrorizante de um sentimento novo. O bloco de gelo que Bonnie disse que eu tinha no lugar do coração ameaçou se derreter. Pouco a pouco, ele estava se tornando líquido.

— São mesmo as coisas mais lindas! — Elizabeth sussurrou sozinha. — Espertos e fofinhos! — Acariciou o pelo de Joana e se levantou para se colocar sobre os calcanhares. — E esses nomes? — indagou retoricamente. — Imponentes, fortes e muito interessantes. Quem lhes deu? Aposto que foi o príncipe, não é, Ana Karenina?

Como ela podia ter passado tão pouco tempo comigo e, ainda assim, conhecer-me tão bem? Apoiei-me em uma das pilastras e permaneci estático, admirando a sua interação com os animais.

— Ludwig, Wolfgang, Johann, Ana Karenina e Joana D’Arc. Nomes de compositores de músicas clássicas, de uma personagem de Tolstói e de alguém muito importante na história. Sim, só pode ter sido Nicholas quem fez isso. Nada dos costumeiros Bob, Palmer, Nessie, Marvin, Neil e afins, não é? — Desta vez foi Ludwig quem recebeu sua atenção e pareceu ganhar os melhores petiscos do mundo.

Esses cachorros me traíram sem o menor peso na consciência.

Elizabeth ainda olhava risonha para as placas de metal nas coleiras de todos e eu daria toda a minha fortuna, apenas para saber qual o pensamento que espiralava sua curiosidade.

Dei um passo, saindo da inércia, ansiando por me aproximar dela. Parei antes de dar o segundo. Porque, infernos, quanto mais tinha noção de que deveria me manter longe dela, mais impelia-me a aproximar?

Eu semicerrei meus olhos em sua direção e assisti hipnotizado, ela se deitar na grama novamente, com os cinco cachorros a rodeando. Sorria feliz, enquanto olhava para eles com o amor transbordando de seus olhos.

Sim, Mason estava completa e absolutamente errado ao afirmar que tinha sido ela por trás do ataque na vinícola. Eu confiava mais no julgamento de caráter dos meus cachorros do que nos de qualquer outra pessoa. Virei-me para voltar à entrada de funcionários e, quando pisei em um galho seco e ouvi o estalo dele ao se partir, notei que seria descoberto na minha observação velada.

Comprimi meus ombros e fiz uma careta, amaldiçoando até o sétimo céu pelo meu descuido.

— Nicholas? — indagou Elizabeth.

Eu me virei lentamente, absorvendo a confusão em seu semblante. Os cinco cachorros não me deram tempo para pensar, correndo na minha direção e pulando, todos ao mesmo tempo, em cima de mim. Por sorte, já estava acostumado com suas demonstrações de afeto e não caía como antes.

Não respondi Elizabeth e voltei a perseguir meu caminho até a entrada, sendo escoltado por cinco figuras felizes e babonas, mas senti seu olhar me acompanhar em cada segundo do trajeto.

Havia sido ela?

Não, eu estava cada vez mais convencido de que não.

A FUGA DA PRINCESA



ADELE

“Onde não procuramos? Qual o único lugar em que não pensaríamos que ela está? Talvez a verdade esteja embaixo dos nossos olhos esperando para ser decifrada.” – *Hirondelle Daily*



— Aonde está me levando?

Nicholas arrastou-me pelo palácio já escuro com a noite. Vários guardas acompanharam nossa estranha movimentação, mas não se intrometeram,

devido ao príncipe.

As batidas na porta do meu quarto não poderiam ter me assustado mais, seguidos pelo “oi, precisamos sair”, que só me fez questionar minha inteligência em me deixar ser levada.

Por sorte, eu não coloquei uma roupa de dormir. Caso contrário, teria demorado um bocado e todos teriam percebido a tentativa de Nicholas de me fazer sair furtivamente do palácio.

— Para um lugar — disse ele, entre fôlego.

— Se está pensando que eu ficarei com você toda noite só por causa dos beijos, nem cogite isso! — Parei e fiz com que ele tropeçasse bruscamente. — Não serei essa mulher!

Nicholas controlou sua gargalhada, logo que percebeu o que eu quis dizer.

— Amante? Ah, seria tão divertido! — ele me provocou, sorrindo vitorioso, para em seguida percorrer meu corpo com um olhar que irradiou faíscas.

Sua ironia não me deixou nada feliz.

— Se já entendeu a que eu me referia, só posso imaginar que essa era justamente a sua ideia!

— Ah, minha princesa, não poderia estar mais errada! Um homem como eu jamais imaginaria uma mulher como você nesse papel. E se te traz algum conforto, não terei amantes depois que me casar. Por isso, a consorte real tem que ser alguém com a qual eu me identifique, para, pelo menos, dar herdeiros à coroa.

Sua sinceridade me desarmou.

A palavra "princesa" me deixou em choque, que rapidamente dissipou-se ao notar que nem mesmo ele deu importância a esse tratamento. Além de outra coisa ter chamado minha atenção...

Ele não teria amantes?

Até mesmo meu pai manteve amantes, o que me deixou encafifada com as suas juras de amor à mamãe. Quem amava não traía, não era? Era uma das poucas lembranças que eu guardava dela: “Adele, amar alguém é ser leal a ele; é não ter aquele sentimento de posse, mas de respeito e admiração; é deixar que a pessoa fique porque ela

quer ficar e não apenas porque você deseja que ela permaneça.” Sua fala, quando eu perguntei sobre amor, nunca abandonou minha mente e coração.

— Isso é uma novidade — murmurei.

— Meu pai também não tem amantes e, acredite em mim, quando digo que, atrás daquela pose de rei inabalável, há um homem muito apaixonado pela mulher. Ele é sortudo por tê-la em sua vida, já que melhor rainha para Persóvia nunca existiria. Todo mundo o rodeia e faz suas vontades, quando, na verdade, ele se curva e faz todas as dela. Nunca, sequer, o ouvi levantar a voz para minha mãe, e é esse exemplo que quero seguir.

O carinho e admiração por sua mãe foram implícitos em sua fala, o que me comoveu.

— Tudo bem, me convenceu.

— Obrigado, pelo voto de confiança. — Piscou para mim e então voltou a me puxar.

Quando acessamos a garagem, várias sombras nos acompanharam. Olhei espantada para trás, tentando descobrir quem era. Odiava ser pega de surpresa; meu instinto de proteção fora aflorado

PERIGOSAS ACHERON

desde criança, devido ao meu pai paranoico com a possibilidade de um rapto da sucessora.

— São os seguranças, não se preocupe — aliviou minhas desconfianças.

— Não podemos sair sem eles, — falei bem baixo — como da outra vez?

Senti como se nossa privacidade estivesse sendo invadida. Em Hironnelle, eu quase não saía do palácio, para me sentir dessa forma. No entanto, depois que fugi, constantemente me sentia assim.

— Não. Da outra vez, eu quebrei o protocolo. Como herdeiro direto da coroa, não posso, em hipótese alguma, sair sem a escolta.

Entendi o que ele quis dizer. Seu tom de voz tornou-se sério de imediato e ele se transformou no príncipe que deveria ser.

— Entendo.

— Houve consequências, da última vez. — Abriu a porta do carro para mim, uma relíquia reformada. — Quem não deveria saber que há essas brechas na segurança, acabou por descobrir e

digamos que ninguém ficou contente com isso. — Entrei e ele ocupou seu lugar como motorista, logo em seguida.

— Sinto muito.

— Não sinta; foi uma escolha minha. Cada escolha tem sua consequência.

— É muito duro consigo mesmo — constatei. — E, só me tire uma dúvida: quem seria o próximo, caso acontecesse algo a você?

Nicholas arqueou uma sobrancelha

— Não gosto de pensar que eu posso sofrer um acidente, querida, mas, responderei sua pergunta, mesmo assim... Seria o irmão mais novo do meu pai.

— E onde ele está?

Não vi ninguém com o qual Nicholas se referisse como tio. Era quase como se o homem não existisse.

— Ninguém sabe, ao certo. Papai colocou os melhores investigadores do país atrás dele e nem rastros conseguiu.

— E não temem que ele esteja tramando um plano para conseguir a coroa?

Nicholas olhou para frente e mordeu o lábio inferior, como se contivesse as suas palavras, para não dizer algo sem comprovação.

— Estamos no escuro, nos preparando contra algo que pode não existir. Ele sumiu, há dez anos e, desde então, quase ninguém toca no nome dele. Segundo meu pai, se ele fosse, de fato, uma ameaça, já teria feito algo.

Fiquei pensando na sua fala durante todo o trajeto até o lugar ao qual ele me levaria, tentando inutilmente ligar pontos imaginários que deveriam fazer sentido. Em algum momento, eu sentia que todos eles se complementariam.



— Que lugar espetacular! — sussurrei maravilhada, quando ele estacionou o carro.

Paramos em frente ao teatro de Persóvia e minha boca se abriu com o deslumbramento. Ele erguia-se majestoso em estilo romano, com enormes pilastras na cor creme, permeado por desenhos intrincados

PERIGOSAS ACHERON

que sustentavam toda a sua fachada. O teto era abobadado em vidro e se sobressaía ao pórtico, em uma altura imponente que indicava sua presença. A escadaria central da entrada possuía degraus ornamentados que, por si só, já eram uma obra de arte a ser admirada. Ao topo da escadaria, havia uma estátua de um homem sobre um cavalo com sua espada orgulhosamente levantada. Olhava para o céu e dava para notar, na escultura, a feição desbravadora.

— Bem-vinda ao *Le théâtre de la Reine*.

"O Teatro da Rainha", traduzi automaticamente em minha cabeça.

— Que nome interessante — sussurrei.

— Ele foi construído em meados do século dezessete, pelo rei Arthur I, o homem representado pela estátua, como uma prova de amor para sua esposa, a rainha. Cada detalhe foi construído pensando em seu gosto e para seu uso particular. Era uma forma de aliviá-la do fardo de ter se casado contra a vontade. Ele a amou desde o primeiro segundo em que colocou os olhos nela, a

filha de Henry II, duque de Constance. —

Ouvir esse nome me causou arrepios, mas ignorei. — Todo o leste europeu mobilizou-se para a cerimônia, sendo a mais linda que já viram. Por mais que tentem, nenhum casamento real chegou aos pés do que ele fez para sua amada.

— Que história linda.

— Com um final não tão lindo. Ela nunca se apaixonou por ele. No fim, após ter dois filhos, exigiu que ele a libertasse do fardo de ser rainha porque havia se apaixonado por seu conselheiro. Uma tragédia. Um homem apaixonado ser traído embaixo de seus próprios olhos? Um rei orgulhoso ter a sua honra manchada? — Nicholas parecia ter decorado a história. — Ele manteve o teatro, para se lembrar do amor que teve, mas mandou que a executassem por alta traição à coroa.

Arregalei meus olhos.

Como ele tinha coragem de me contar uma história tão linda, a princípio, mas que culminou em uma tragédia tão grande como essa?

— Que horror! Tudo por que ela não o amava de

volta?

— Um amor não retribuído é pior do que não amar, minha querida. Homens fazem loucuras colocando a culpa no amor, desde sempre. Algumas terminam bem, outras... de maneira catastrófica.

— O que ele sentia não era amor; era obsessão. Se fosse amor, ele a teria deixado ser feliz e seguido com a própria vida. Pessoas que amam de verdade movem montanhas, não as colocam no caminho da pessoa com a qual se preocupam — indignei-me.

Nicholas me olhou por segundos, abrindo um sorriso torto.

— Também acredito nisso. Mas, quem pode dizer, de verdade, o que aconteceu? Só os três sabem os motivos para terem feito o que fizeram.

— E o conselheiro? Que fim teve? — indaguei.

— Foi esquartejado, aqui no teatro, no palco, diante de todos os súditos. Até hoje, dizem que a alma dele vaga por cada espetáculo, pedindo ajuda para se libertar e chamando pelo nome da rainha.

— Como o Fantasma da Ópera?

— Exatamente.

Um arrepio percorreu meu corpo.

— O teatro permaneceu assim, intocado, desde aquela época? — perguntei em dúvida.

— Não. Houve um incêndio, há algumas décadas, que destruiu a maior parte da tapeçaria original e várias obras de arte que compunham o museu que há em seu interior. Meu avô precisou reformar o local e despendeu alguns milhares de euros para isso. Por esse motivo, ele parece tão... atual, digamos assim.

Nicholas vislumbrou o pórtico por instantes e estendeu o braço para mim, finalizando o assunto, e eu o aceitei.

Entramos no enorme teatro e constatei estarmos sozinhos. O salão principal formou uma espécie de ferradura em torno do palco, com vários andares e sacadas, que priorizavam a visão do palco. As peças de tapeçaria em seda eram em suma vermelhas, com detalhes em dourado que eu sabia ser o brasão de Persóvia.

Um enorme lustre pendia no centro, com milhares de gotas de cristais em cascata, realçando o alto valor da decoração.

— Estilo francês, se estiver em dúvida.

— Eclético, se pararmos para pensar na decoração exterior, que claramente remete aos principais edifícios da Roma antiga — falei. — Inclusive, há uma transcrição em Latim, acima da entrada.

Senti um olhar queimar minha pele e, ao me virar, deparei-me com os olhos de Nicholas, avaliando-me profundamente.

Um sorriso de aprovação brotou em seus lábios.

— Eclético, na verdade, já que o arquiteto que restaurou o interior era francês e preferiu trazer várias referências à sua cultura ao interior do teatro. A parte exterior foi pouco afetada pelo incêndio e apenas sofreu algumas modernizações, mas nada tão grandioso quanto a restauração dos salões principais e dos camarins. E fiquei curioso, o que diz a frase? Nunca parei para me perguntar sobre o idioma.

— “Amor amore compensatur”. Amor, com amor se paga.

Eu prestei a atenção nela porque já a vi em outro lugar. Mas, seria possível? Ou não? Não conseguia entender, ao certo. Achei que fosse melhor ignorar esse sinal e tomá-lo como uma coincidência, se não encontrasse nada em Hironnelle que provasse o contrário. Porque eu voltaria e, então, pegaria aquele livro para tirar a prova. Alguma coisa nele me daria pistas, sem dúvida.

— Até na frase conseguimos enxergar o rancor. Não acho que ela tenha sido incluída na reforma; com certeza já estava lá.

— Eu gosto desses detalhes. Deixam a história mais vívida na construção — falei, sonhadora. — Contam o que os boatos não são capazes de afirmar.

Esse foi um dos motivos pelos quais me esforcei para aprender Latim. Amava decodificar mensagens antigas e ler livros que narravam uma época na qual eu não vivi. Papai me achava maluca; eu me achava curiosa demais. Passava

muito tempo procurando por relíquias e me sentia a verdadeira Indiana Jones feminina de Hironnelle. Odiava admitir minha maluquice, mas, às vezes, colocava a trilha sonora do filme para acompanhar minhas buscas. Era revigorante e animador.

— Me surpreende a cada segundo.

— Só estou admirando tudo.

Um lugar mágico e extremamente fascinante.

Quando as luzes foram acesas, assustei-me ao enxergar várias pessoas em seus perfeitos lugares, no palco. Uma orquestra exclusiva e bem colocada, para uma plateia de dois.

Meus olhos brilharam de empolgação.

Nicholas pegou em minha mão e me levou até um dos últimos andares, abrindo a pesada cortina de veludo para que eu passasse. Assim que me acomodei em uma poltrona enorme e confortável, colocou-se ao meu lado, em pé, apoiado no balaústre que contornava o camarote. Sua pose atraiu toda a minha atenção e admirei sua figura austera e marcante. Seu terno sobre o colete perfeitamente cortado, a forma com a qual ele se

moldava ao seu corpo e aquela sua confiança, que trouxe tanta sensualidade aos meus sentidos.

Respirei profundamente.

Estava cada vez mais difícil me controlar em sua presença.

Se Dwayne fosse como Nicholas, eu teria me casado em um piscar de olhos. Ou... talvez, não. Tudo dependeria do que ele diria e de como agiria, claro.

Nicholas virou-se rapidamente, fitando-me, e fui pega no flagra em minha admiração velada.

— Tocarão amanhã. Vivaldi. Mas, eu não poderei vir e, mesmo que eu não goste, o príncipe pode ter alguns privilégios, dentre os quais, uma apresentação particular. — Eu notei como sua atenção se fixou em mim.

Depois, ela desceu para minha boca e engoli em seco. Já aconteceu duas vezes e eu não estava tão certa de que não aconteceria uma terceira.

— *La quattro stagioni?* — indaguei.

— As quatro estações — ele respondeu, em tom

afirmativo.

O maestro olhou em nossa direção e, assim que Nicholas acenou em confirmação, o homem começou o espetáculo.

A cada acorde; a cada mudança de tom meus pelos se arrepiaram em apreciação.

Principalmente em Inverno, quando o ápice ficou tenso e consegui sentir as vibrações pesadas no meu peito. Foi como chegar em uma encruzilhada, tomar uma escolha errada e depois lamentar para o restante da vida.

— Foram compostos em 1723, e são a obra mais conhecida do compositor — entoei o que meu pai me falou certa vez.

Ele amava Inverno com um fervor desconhecido, até que ele explicou o motivo. Foi ouvindo o soneto que ele conheceu minha mãe. Fazia sentido que o amasse porque, nesse momento, eu estava tendendo a esquecer todo o restante pela linda lembrança que eu teria e que Nicholas havia me proporcionado.

Virei-me na sua direção e, novamente, sua atenção focou-se totalmente em mim, como se eu

PERIGOSAS ACHERON

fosse a única coisa que ele quisesse ver.

— Amante de músicas clássicas? Está em falta hoje em dia... — divagou ele. — Talvez tenha sido enviada para me atormentar.

— Alteza, eu... eu... — Minha voz travou, por mais que eu quisesse dizer a verdade para ele. — Eu...

— Você? — incentivou-me.

— Eu... — Pensei melhor. — Nada. Não é nada. É só que eu amo Vivaldi.

— Temos uma coisa em comum, afinal — Brincou ele.

Muito mais do que uma coisa, pensei amarga.

Conforme o arranjo da orquestra seguiu, a cada mudança de estação, eu me entreguei mais e mais à minha audição, o sentido mais aguçado da noite, enquanto o tato se enraizava em uma névoa de antecipação com o homem bem ao meu lado, apreciando tanto quanto eu a companhia.

Em determinado momento, Nicholas sentou-se na poltrona ao meu lado com aparente desconforto.

Forcei-me a parar de admirá-lo e voltei meu foco para os músicos no palco. Meu corpo movimentou-se levemente ao som e eu fechei meus olhos, apenas sentindo tudo o que a música despertava em mim.

— Fico feliz que esteja gostando.

Uma voz rouca e masculina quebrou minha névoa de concentração.

Abri meus olhos e fitei o verde opaco dos seus. Seus fios de cabelo reluziram em um tom claro de louro, de acordo com a luz fraca que nos incidiu vez ou outra.

— Acertou em cheio. Mas, ainda não aceito ser sua amante.

— Nem mesmo uma vez? Pra podermos nos livrar da tensão? — Sua brincadeira me chocou, não pelo teor em si, mas pela sua maneira direta de dizer.

— Quem sabe? — Dei de ombros.

Horrendo.

Diria minha professora de etiqueta: “Jamais dê

de ombros, Adele!”

Consegui até ouvir os gritos dela de repreensão e me empertiguei no lugar. Nicholas notou minha atitude.

— Sabia que não resistiria à minha beleza. Sou irresistível. Quando foi que decidiu dar uma chance para provar se sou tão bom quanto pareço? Foi com esse golpe baixo que acabei de dar, te trazendo aqui, não foi?

— Eu juro que não sei como esse ego todo cabe em você! — resmunguei.

— Estava brincando. Não precisa achar que quero esse tipo de recompensa. Afinal, não é esse o meu estilo. Não iludo as mulheres para obter o que quero. Só achei que gostaria disso tanto quanto eu. Música clássica me traz... calma.

— Basta dizer que é príncipe e tenho certeza de que elas caem aos milhares, no seu colo. Nem precisava ter se dado ao trabalho de me trazer — soltei em um rompante estranho, ao qual não entendia.

Por que eu agi dessa forma? Só em imaginar as
PERIGOSAS ACHERON

mulheres com ele senti uma náusea insuportável.

— Eu não preciso dizer meu título, posso te garantir.

Nicholas inclinou-se na minha direção e seus olhos se fixaram em meus lábios. Passei a língua entre eles, ávida e quente com o que o olhar prometia. Quando estávamos prestes a nos tocar, em busca de alívio, afastei-me.

— Não acho que isso dê certo.

— Por quê?

— Quando souber, me odiará.

— Tente. Acho difícil que algo assim aconteça.

Mordi o canto da boca, em dúvida.

— Desculpe, mas não posso...

Nicholas recuou e voltou a prestar a atenção na sinfonia.

A conversa morreu, antes mesmo de nascer e, então, o clima de tensão que se instalou entre nós, aguardando por mais um beijo, dissipou-se.



— Quer descer para cumprimentar o maestro?

Acenei em concordância.

— Nada mais digno, não é? Foi um espetáculo e tanto — sussurrei.

— Foi. Com certeza, foi.

Nicholas desceu à minha frente, sem olhar para trás, porém, quando tropecei no penúltimo degrau, segurou-me, como se soubesse exatamente o que aconteceria. Caí em seus braços e senti suas mãos rodearem minha cintura, quentes e acolhedoras. Se eu levantasse a cabeça para fitar seus olhos, tinha certeza de que eles estariam tão desconcertantes como segundos antes de me beijar, na última noite.

Tossi de maneira fraca, para quebrar o clima, e ele rapidamente retirou as mãos da minha cintura.

Um arrepio por sua falta cruzou meu corpo.

Saí apressada na frente, ouvindo seus passos surdos atrás de mim. Senti a sua presença, mas os barulhos foram mínimos devido ao carpete vermelho por todo o chão do teatro.

O maestro desceu do palco e nos aguardou.

— Alteza — O homem se curvou em um cumprimento.

— Querido Javier!

Nicholas adiantou-se na direção do homem comedido e o abraçou firmemente. Alguns tapas foram depositados nas costas do senhor e, quando ambos se olharam, um sorriso alegre brotou em seus lábios.

— Essa é Elizabeth, meu caro amigo. — O príncipe me indicou com a mão e eu rapidamente estendi a minha para que o maestro depositasse um beijo gentil.

— Elizabeth... — o maestro falou, em tom esperançoso, aguardando que eu dissesse meu sobrenome.

— Cartier — pensei em alguma coisa, rapidamente.

Percebi, tarde demais, que esse foi um erro.

— Cartier... Creio que conheço algumas famílias com esse sobrenome por aqui... — Pareceu pensar por instantes — qual o nome de seu pai, minha

querida? — indagou.

— É mesmo. Qual o nome do seu pai, Elizabeth?

— Nicholas me fitou de maneira desafiadora.

— Ahm... — Engoli um pouco de saliva. — Acho que eu não disse, Alteza... Creio que...

— Não precisa me chamar de Alteza na frente de Javi. Ele é um amigo.

— Claro.

— Tenho uma grande estima por um Cartier... Talvez seja filha dele. — Javier ainda esperava uma resposta.

Assim como o príncipe.

— É...

— Ah, me lembrei! — interrompeu-me — O nome do seu pai, por acaso, não seria Elijah? Sim. Com certeza é este, não é? Ele tem uma Elizabeth que hoje, em dia, deve ter a mesma idade que você! Peguei-a no colo, minha querida! Ah, aquele homem ficou tão feliz quando sua mulher engravidou da primogênita, que saiu espalhando para todos os conhecidos. Um orgulhoso de uma

figa!

Sorri amarelo.

— Isso mesmo, o senhor acertou em cheio! —
Nicholas exclamou, em falsa animação.

— Na próxima vez que eu o encontrar, direi que a vi! Está fabulosa, uma mulher que poderia, muito bem, ser uma princesa, não é, Nicholas? —
Questionou e, em um gesto nada sutil, cutucou o outro, ao seu lado, com o cotovelo.

— Não há mesmo como negar a beleza de Lizzie.

Nicholas me fuzilou com os olhos, porém, a forma carinhosa com a qual me chamou não passou despercebida para mim, muito menos para o maestro que nos olhou como se entendesse tudo.

— Formariam um excelente casal, meus jovens! Um excelente... casal — divagou.

— Talvez em outra vida — apressei-me em dizer.

— Outra... vida — concordou Nicholas.

— Já que não há essa possibilidade, que tal uma

PERIGOSAS NACIONAIS

dança? Para nos despedirmos da orquestra? — Olhou para o palco, na direção dos músicos. — O que acham?

Todos confirmaram com um aceno curto.

— Por que não? Elizabeth?

— Não sei... — Olhei para Nicholas em dúvida.

Ele me fitou com os olhos semicerrados, como se fosse uma águia faminta em busca de sua presa.

Deus misericordioso!

Nicholas rei seria um perigo para todos que ousassem cometer traição.

— Quer dançar?

Estiquei minha mão e ele a pegou, passando aquela corrente elétrica maluca e única. Nossos olhares voltaram a se encontrarem e, dessa vez, a desconfiança ficou bem lá no fundo, enquanto a vontade de aproveitar esses pequenos momentos sobressaiu-se.

*Vozes da Primavera*¹⁰ iniciou-se e nos prendemos em nossos movimentos.

PERIGOSAS ACHERON

A contagem involuntária de passos.

Foi como estar na mais bela Áustria, aproveitando todos os sons mais agradáveis do mundo. Rodopiei e fui acolhida novamente por seus braços, que não me deixaram cair e, ao contrário, conduziram-me com uma habilidade invejável.

Dançamos sozinhos, sentindo as ondas sonoras reverberarem pelo nosso corpo.

Por isso, por estarmos tão presos nessa atmosfera, de envolvimento e pura confiança, não percebemos quando o som encerrou, muito menos os olhares embasbacados em cima de nós, admirando nossa valsa tão envolvente. Não precisamos de música; precisamos de um ritmo: um ritmo que veio direto do coração.

Quando a orquestra parou de tocar?

Não fiz ideia; apenas dancei.

— Bravo! Bravo! — O maestro bateu palmas fervorosas.

Os ecos das suas mãos se encontrando foram os

PERIGOSAS NACIONAIS

únicos sons que retumbaram pelas paredes do teatro.

Nicholas virou-se para todos e fez uma mesura exagerada, agradecendo.

Fiz o mesmo, entrando na brincadeira.

Todos bateram palmas e, então, uma coisa muito estranha aconteceu... Uma comichão, que nasceu na ponta dos meus pés, mantendo os dedos de Nicholas aos meus, impedindo-me de soltá-los. Uma descarga elétrica, que chispou pequenas fagulhas pela minha pele.

Suspirei diversas vezes.

Forcei-me a soltar sua mão.

Quando o fiz...

A sensação de estar incompleta perdurou, em total...

Insatisfação.

PERIGOSAS ACHERON

A FUGA DA PRINCESA



NICHOLAS

“Os sangues nobres possuem, sim, suas regalias. Um concerto em particular para duas pessoas, foi uma dentre milhares delas” – *Persóvia Journal*.



— E agora, aonde vamos?

Sorri com sua impaciência. Elizabeth simplesmente não conseguiu entregar as rédeas da situação para que outra pessoa a comandasse, notei isso de primeira. Características de alguém criada, desde pequena, para ser rainha.

PERIGOSAS ACHERON

— Jantar?

Meu tom de deboche calou-a.

— Não podemos ser vistos juntos.

Relanceei meu olhar até ela por segundos, tentando entender a mensagem implícita. Pareceu haver muito mais do que não podermos por eu ser quem eu era. Aparentou por ser... ela.

— Por quê?

— Logo vai descobrir — falou, misteriosa.

— Juro que tenho até medo. Quando mulheres dizem coisas parecidas, é sinal de tempestade na certa.

Ela gargalhou e eu pensei novamente que foi o som mais doce que já ouvi. Essa sensação maluca nunca passaria?

— Muito sábio, de sua parte, ter essa noção.

Acessei a garagem subterrânea do prédio onde ficava minha cobertura e, quando ela percebeu o que faríamos, senti a tensão do seu corpo emanar em ondas até mim.

— Fica calma, é só para podermos jantar em paz.

Vamos pedir alguma coisa e aproveitar a vista. Ela é magnífica lá de cima. — Abri um sorriso de canto para aliviar o clima.

Os seguranças pararam nas suas respectivas vagas, assim que descemos do carro.

Enquanto caminhamos, eles nos seguiram como sombras dispersas na escuridão, furtivos e cadenciados, tentando, ao máximo, não nos deixar intimidados com as suas presenças.

— Então é aqui? — Indagou ela.

— Aqui...?

— Que traz as mulheres, como disse... *Holloway* é sua casa, mas aqui é seu apartamento na cidade, não é? Pelo menos, é o que parece.

Fiquei incomodado com sua colocação. Ela não pareceu me julgar, mas prestes a avaliar a minha resposta e essa noção me deixou em completo desespero sobre o que dizer.

— Mais ou menos.

— Não existe mais ou menos, nesse caso. — Ela gargalhou novamente. — E me espantaria, se não

tivesse nada parecido. Apenas liguei o que me disse ao que estou vendo agora. Só ainda insisto em avisar que...

— Não será minha amante. Eu entendi sua colocação; pode ficar tranquila.

Como controlar a vontade de rir com ela?

Era tão fácil; tão simples ser eu mesmo na sua presença.

— Que bom, fico feliz que estejamos alinhados.
— Seu tom foi tão enfático que, dessa vez, eu não consegui segurar.

Curvei meu corpo em uma sonora gargalhada.

— Não é pra rir de mim, Nicholas!

Eu ri ainda mais, sentindo os músculos da minha barriga se contraírem e doerem com a fadiga.

— Me desculpe, é só que... você fala algumas coisas tão tranquilamente, que eu não consigo evitar. — Enxuguei algumas lágrimas que escorreram pelo meu rosto com o divertimento.

— Fico feliz, meu príncipe, que eu tenha lhe proporcionado algo tão... fantástico — ironizou.

Olhei-a por entre a umidade lacrimal, sentindo que, no tempo em que ficássemos juntos, eu acabaria por gargalhar muitas vezes mais. Olhar para Elizabeth foi como vislumbrar um futuro tão fantástico que me fez querer, com uma vontade excruciante, não ser o herdeiro da coroa. Desejei ser um homem qualquer para poder escolher ficar com ela, aprender com ela e viver... ao seu lado.

— Sua delicadeza é comovente, minha cara!

— O que vamos pedir para comer?

— O que gosta? Do tipo *gosta mesmo*, entende? Que te faz fechar os olhos e focar apenas no paladar, enquanto a comida toca a sua língua com leveza e seu corpo anseia por sentir o sabor inenarrável.

Ela fechou os olhos com minha descrição e nunca pensei que descrever a sensação de comer algo prazeroso fosse soar tão erótico, mas meu Deus, soou sim.

— Crepe. Eu simplesmente amo crepe — confidenciou.

— Então, será crepe. De qual sabor?

— Amo de paixão a de Nutella. No entanto, acho que, para um jantar, seria a sobremesa, não é? Então fico com *galette*¹¹ de salmão e creme fresco, simplesmente divino! — Ela juntou as mãos na altura do peito e abriu um sorriso radiante, com uma felicidade genuína. — Mas posso pegar os dois? E uma cidra de maçã para acompanhar? — Sua felicidade foi contagiante. — Sim, o que acha de dois crepes de Nutella para mim, dois galettes e uma garrafa de cidra para nós dois? — Seus olhos imploraram por um "sim".

— Com certeza, você tem um buraco negro no lugar do estômago! — brinquei.

Ela não tomou meu comentário como ofensivo e, ao invés de me estender no assunto, preferi admirar seu semblante de deslumbramento, assim que a porta do elevador se abriu diretamente na cobertura.

Os espaços eram abertos, entre a cozinha e a sala de estar, com uma televisão gigantesca em uma das paredes. Os ambientes foram delimitados por um sofá de cor café em formato de U e o imenso tapete

felpudo com quase dez centímetros de altura, dois dos itens mais atraentes naquela decoração. Como eu amava detalhes requintados e antigos, fiz questão de espalhar peças que me lembrassem disso. Vasos pintados à mão por artistas consagrados, muitas obras de arte e alguns abajures com design inovadores, assim como outros que remetiam ao clássico.

A cozinha muito bem equipada, exalou autenticidade, mesmo que eu não a usasse muito. Os armários na cor de cedro nutriam detalhes em marrom, enquanto os eletrodomésticos eram dos mais atuais no mercado, reluzindo em inox.

Percebi que ela se impressionou com o bom gosto aplicado na cobertura.

— Aqui é mesmo lindo. Quem você contratou para cuidar de tudo?

— Trabalhei em conjunto com a decoradora. Ela tinha algumas ideias, eu outras e unimos o estilo ao meu gosto antigo. Não poderia abrir mão do que realmente gosto. Como ficaria feliz com o lugar, se o fizesse?

— Tem razão.

— No segundo andar, estão as áreas sociais, outra sala de estar e a piscina com borda infinita. Quando entra nela tem a impressão de que o prédio está caindo e que a única coisa que poderá te salvar será a vista. Nadar durante a noite é a coisa mais magnífica que já fiz. As luzes da cidade se agigantam diante de nós e é como se explorasse um universo de possibilidades sem sair do lugar. Sempre há muito para absorver; muito para desvendar. É fascinante.

Ela me olhou esperançosa e eu dei risada.

— Posso ver?

— Claro que pode. Depois que pedirmos o jantar e comermos — falei. — É o mínimo que posso fazer, depois de me acompanhar, mesmo sem saber para onde ia. Além do mais, se ver como é lindo, não tenho dúvidas de que vai querer aproveitar.

— Promete?

— Prometo.

Uma palavra com sete letras jamais conteve um

significado tão amplo. Fiz uma promessa e, mesmo que ela não soubesse, assegurei mais coisas do que seria capaz de cumprir.



— *Hmmm* — gemeu ela.

Não foi uma atitude que me deixou confortável. Eu me contive muito, em todas as situações possíveis, mas ao vê-la lambe os dedos, aproveitando o restante de sua sobremesa. Cada gota de Nutella que saboreou com a língua, provocou um arrepio que percorreu meu corpo.

Em determinado momento, engasguei com a minha própria saliva.

— Bom, não é?

Minha garganta foi arranhada por mil lixas.

Mil malditas lixas.

Tomei um pouco da cidra, para amenizar aquela sensação ruim e, menos de um minuto depois, lá estava novamente:

O calor.

A ardência em determinadas partes do meu corpo.

E o principal: a minha libido explodindo e se avolumando como algo indestrutível.

Fechei os olhos, tentando conter aquela sensação. Apoiei meu queixo sob as mãos e respirei profundamente.

— Tudo bem com você, Nicholas?

— Excelente — falei rápido demais. — Estou excelente.

— Vai comer o seu? — Ela apontou com o garfo para o meu prato e eu o empurrei na sua direção.

— Não. Fique à vontade. Perdi a fome, assim, de repente. — Minha voz tornou-se praticamente um silvo de desejo.

— Maravilha! Estava torcendo para que você não aguentasse comer tudo! — falou, sem qualquer traço de vergonha ou timidez.

O sorriso frequente no meu rosto escancarou-se.

— Você gosta de comer...

— Muito. Gosto muito de comer! Pena que,
PERIGOSAS ACHERON

quando meu pai terminava, todo mundo tivesse que parar. — Interrompeu sua fala e eu me inclinei para frente, sobre a mesa de mogno, tentando me aproximar dela para ouvir melhor o que diria.

Porém, ela pausou e não falou mais nada.

— Tinha que parar de comer, quando ele acabava? — indaguei, no entanto, ela ignorou totalmente a minha pergunta.

— Nossa, isso está uma delícia, mas uma delícia tão delícia, que eu seria capaz de te dar um beijo por ter me proporcionado algo tão bom!

A naturalidade da sua fala mandou para longe cada traço de coerência em mim.

“...seria capaz de te dar um beijo.”

“...capaz de te dar um beijo.”

“...de te dar um beijo.”

“...te dar um beijo.”

“...dar um beijo.”

“...um beijo.”

BEIJO.

Os ecos na minha cabeça retumbaram por entre as paredes dos meus pensamentos. Rodopiaram e rodopiaram, absorvendo o que ela exprimiu.

— Ah... Meu Deus! Desculpe-me por dizer isso, não foi exatamente o que eu quis dizer... e-e-e-eu só estava fa-fa-falando que amei mu-muito tudo!

Suas bochechas brancas adquiriram um tom irresistível de cor de rosa, escurecendo mais e mais, aproximando-se do vermelho com uma velocidade tentadora.

— Eu entendi. Não precisa começar a ga-ga-gaguejar de nervoso!

Ela lançou um dos guardanapos na minha direção, o que me fez gargalhar mais. Meus músculos abdominais mal se recuperaram do primeiro ataque de riso e caíram em outro.

— Acabei aqui. — Ela bateu com os talheres na mesa, furiosa e achei mais seguro parar de provocá-la. — Prometeu que me levaria para ver a piscina.

— Claro, vamos lá.

Levantei-me da cadeira e movi-me depressa até

ela, para puxar a sua.

— Depois podemos voltar para o palácio. Não me sinto bem, aqui. — Olhou em volta e eu tentei desvendar o que quis dizer com isso.

Imaginei ter a ver com o fato de várias mulheres já terem estado ali. Não mulheres nesse plural gigantesco. Houve poucas. Bem poucas, na verdade.

— Por causa das mulheres? — indaguei.

— Muitas, não é?

Franzi minha testa com sua fala.

— Não foram tantas assim. Falando dessa forma, até me faz acreditar que eu sou alguém horrível, procurando pessoas só pra descontar as frustrações.

— Não foram tantas, sei...

— Estou falando sério! — resmunguei.

Terminamos de subir a escada até a área da piscina e ouvi mais um suspiro seu, alumbrado. A sala de estar, nesse andar, era inteira em vidro, para que pudéssemos desfrutar da vista da cidade de todos os ângulos possíveis. A cor dos estofados era

a mesma da sala de estar do primeiro andar, com a diferença de que eles, dessa vez, estavam direcionados para as paredes, um convite à admiração velada das luzes que se estendiam sem fim.

— Como descobriu esse lugar? É... — Caminhou, passando a ponta de seus dedos finos e elegantes por todos os móveis. — Surreal. Nunca imaginei que existisse uma beleza como essa.

Aproximei-me sorrateiro.

— Era da minha mãe. Ela ganhou do meu pai, logo que construíram esse prédio. Decidiu me dar quando eu comecei a me irritar com facilidade por ter que arcar com responsabilidades desde muito novo. Comecei a fugir dos princípios que eles esperavam para um príncipe e ela presumiu que eu precisava de um lugar para ficar sozinho, quando quisesse. *Holloway* é muito... público. Principalmente quando abrimos para visitação no verão, nas alas sociais, claro. Então, aqui era o lugar que eu podia ficar com quem quisesse, sem que ninguém descobrisse.

— Onde poderia abraçar a sua puberdade? — Ela olhou para trás e um sorriso debochado enfeitou seu rosto.

— Se podemos dizer assim...

— Nunca tive uma vida normal. Eu era constantemente repreendida por ser eu mesma; não podia agir da maneira que eu gostaria; precisava sempre levar em conta o que as pessoas pensariam; uma sequência de regras, infinitos protocolos e, claro, a consequência de todas as minhas escolhas. Fiz a maior delas e não sei qual será a consequência, ainda... — Ficou pensativa. — Mas sinto que logo descobrirei.

Movi-me apressado até ela e peguei sua mão, esfregando meus dedos nas suas palmas, em sinal de conforto.

— Se não puder ser quem você é, quem será, então?

— Esse é o problema... — Mordeu seu lábio inferior, com seu olhar se perdendo — Eu já não sei quem sou. Eu era aquilo do que fugi, e agora? Quantas pessoas sofrerão com as consequências

dos meus atos?

Como ela conseguiu expressar os meus medos de maneira tão clara? Foi como me ouvir sem saber o que responder para os meus próprios temores.

— Não há como saber.

— É. Pelo visto, não. Assim como eu tenho a consciência de que preciso te dizer quem eu sou de verdade, antes que seja tarde demais, mas... — começou a falar e eu a interrompi, colocando o dedo indicador nos seus lábios.

Se era a verdade, não queria ouvi-la. Não agora, quando tudo avançou rápido demais, impedindo-me de controlar um sentimento que não deveria existir. Não foi nada voluntário; pelo contrário, aconteceu exatamente quando eu não prestei atenção o suficiente para impedir.

— Não, não precisa. Quando eu quiser ouvir, vou te perguntar.

Seus olhos ficaram subitamente maiores e um vislumbre de entendimento passou por eles.

— Desconfia, não é?

— Faz alguns dias.

— Desconfiar não é a mesma coisa que ter certeza.

— Por isso não quero tê-la agora.

Puxei-a para fora da sala, abrindo as enormes portas francesas que levaram até a piscina. Caminhei na borda, arrastando Elizabeth comigo para lhe mostrar qual era a sensação de se sentir no topo do mundo.

Uma das melhores sensações do mundo.

Parei, há poucos metros do final da piscina e admirei a vista.

— Tinha razão, quando disse que aqui é magnífico — ouvi sua voz atrás de mim.

— Sei disso.

Virei-me bruscamente, o que a assustou e fez dar um passo para trás, onde não houve mais chão e, sim, água.

Apressei-me a segurar uma das suas mãos, que se sacudiram no ar, e consegui agarrar quatro de seus dedos, mas isso não deu o apoio de que precisei.

Ao contrário, o meu peso, somado ao dela, só fez com que desabássemos os dois em direção ao azul transparente.

Meu terno absurdamente caro ensopou-se. Senti a água se infiltrar totalmente nos meus sapatos italianos de couro legítimo. Até mesmo meu relógio e meu anel de família ficaram folgados devido à água.

Elizabeth apareceu na superfície no mesmo instante em que eu sacudi a cabeça e passei as mãos nos olhos, para retirar o excesso de água, tentando enxergar alguma coisa.

— Você... — comecei a dizer e ela abriu a boca, preocupada.

— Eu não fiz nada, juro! Você quem se virou, de repente, e me assustou. — Deu um cutucão forte no meu peito, com o dedo indicador.

Dei um passo para trás, na água, olhando-a com irritação.

— Quando estou com você, é desastre atrás de desastre! Ninguém está seguro ao seu lado, ninguém! Pelo amor de Deus! Primeiro acertou PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

minha cabeça com um vaso, se afogou com um peixe e depois cai na piscina e encharca as minhas roupas. Se existe pessoa mais atrapalhada que você, está para nascer! Deus me livre dessa sina!

— Como teve coragem de falar assim comigo? E, sinceramente, pareceu um repetidor irritante. Já havia dito esses dois ocorridos antes, não precisava ficar pontuando a cada porcaria de dia!

— Eu só estou relembrando — falei, irritado — e me perguntando por que, inferno, eu decidi ajudar você!

— Desculpe, grande Alteza, por não corresponder às suas expectativas!

— Você é a mulher mais perigosa que eu já conheci!

— E você, a pessoa mais irritante com a qual eu tive o desprazer de cruzar.

— Estamos acertados, então, em pensar que, ao invés de te salvar, eu deveria ter te deixado lá? Só me trouxe problemas. Ou melhor... só me *traz* problemas, e eu ainda tento remediá-los!

PERIGOSAS ACHERON

Ergui os braços em um gesto exagerado.

Não entendi por que me senti tão furioso. Não foi em absoluto por causa do terno, muito menos por causa dos sapatos, talvez fosse por saber exatamente quem era ela e cogitar declarar a guerra entre dois países só para mantê-la ali, no exato alcance dos meus braços.

Eu me arrependi do que disse, quando o seu silêncio imperou. Olhei-a e enxerguei toda a tristeza por entre seus olhos castanhos.

— Deveria mesmo ter me deixado lá.

Puxei-a para mim e não dei tempo para que me afastasse, beijando-a vorazmente, pela terceira vez. Pela terceira maldita vez. Foi como se as outras não tivessem existido; como se eu nunca fosse me cansar de beijá-la, de tê-la em meus braços. Passei minhas mãos na sua cintura, apertando-a.

Os sinos da catedral começaram a tilintar, quebrando a noite e trazendo bons presságios.

Blem, blem! Blim, blem! Blem, Blom!

Bléeeimmmm!

A cada badalada, a cada ressoar, eu tentei fixar essa memória para a posteridade. Quando eu me casasse, eles fariam o mesmo som, mas seria de Elizabeth que eu gostaria de me lembrar.

O sino badalou pela quinta vez, quando o beijo foi quebrado atrozmente.

Senti uma ardência na bochecha direita e levei a mão ao local em que ela bateu.

Elizabeth me olhou chispando raiva, com seus lábios franzidos e, no seu semblante, vi uma determinação que me fez cambalear. Ouvi as próximas sete badaladas do sino que indicaram a meia noite, com uma sensação horrível de ter estragado tudo.

— Nunca mais faça isso! Como tem a coragem de me beijar, depois de dizer que me preferia morta? Que raio de homem, príncipe, ou qualquer merda que seja, é você?

Saiu da piscina e eu acabei por admirar sua bunda marcada pela calça bege molhada, transparente e irresistível. Seu corpo me fez salivar de desejo. Fechei os olhos e me repreendi por

pensar nisso, quando deveria ir atrás dela.

— Elizabeth — gritei antes que ela entrasse na sala de estar.

Virou-se para me fitar e as palavras desapareceram totalmente da minha linha de raciocínio.

Cacete, como conseguia ser tão linda assim?

— Não fala nada. Eu não quero escutar nada. Só me leva de volta para o palácio. Preciso ir embora. Mais do que nunca, eu preciso ir embora. Só consigo torcer para que tudo acabe rápido e que eu acorde desse maldito pesadelo! — a última parte foi um sussurro que abandonou seus lábios enquanto se distanciou.

A FUGA DA PRINCESA



ADELE

“As coisas não estão nada bem para os Hironnelles,
no entanto, são todos quem realmente dizem ser?” —
Hirondelle Daily.



— Imaginei que te encontraria aqui.

Tentei ignorá-lo e me concentrei no que estava lendo.

Na última noite tudo havia sido perfeito, até Nicholas abrir a boca e dizer algo tão... cruel.

PERIGOSAS ACHERON

Percebi, naquele instante, que, mesmo que eu me esforçasse a pensar o contrário, meu lugar não era ali, nunca seria. Por uma infelicidade do destino, nós cruzamos um com o outro, mas, também por ele, seríamos separados.

Éramos herdeiros de nações inimigas.

Supostamente, em hipótese alguma deveríamos nos conhecer e, mesmo que ele não tivesse certeza sobre isso, ainda, era meu dever garantir que doeria menos quando a verdade viesse à tona.

— Elizabeth? — Ele adentrou, fechando a porta.

Sacudi minha cabeça de leve, tentando me lembrar do que acabei de ler em uma enciclopédia de botânica. Por que, infernos, eu peguei aquilo? Ah, claro, lembrei-me: por não querer nada que remetesse a romance.

Sábio, da minha parte.

— Aconteceu alguma coisa? Vai me responder ou preciso continuar nesse monólogo? — Seus olhos sustentaram os meus por um longo período.

— Não aconteceu nada.

— Por que eu acho o contrário?

— Porque enxerga coisas onde não há nenhuma.

— Longe de mim. Não acredito nessa afirmação e, para não perder tempo, te procurei para avisar que meus pais querem que jantemos juntos, hoje, para poderem saber um pouco mais sobre você. — Ele aparentou estar tão feliz com isso quanto eu.

Ou seja, nada.

— Não quero.

— Sabe que não pode negar o pedido do rei, certo?

— Sei muito bem que não posso.

— Se possível, dê a menor quantidade de informações que conseguir. Ele é inteligente e tenho medo do que poderia acontecer a você, caso alguém descobrisse a verdade.

— Claro, mas você também não sabe quem sou.

— Com certeza, não, e prefiro não comprovar nada. — Sorriu. — Só posso parabenizar a pessoa que fugiu daquele desgraçado de Constance. Acredite em mim, quando eu digo que nada de bom

sairia de um casamento como aquele. Dwayne é muito... desleal.

— Há boatos de que ele é ganancioso e imprudente.

— Boatos verdadeiros. — Nicholas balançou a cabeça, pensativo — Mas acho que, se a pessoa o amasse, talvez não fizesse tanta diferença para ela. Todos nós temos defeitos e, com amor — segundo minha mãe, claro, já que eu não tenho a menor experiência com isso — é possível superar as diferenças e torná-las justamente o motivo para gostarmos de alguém. Um equilibra o outro e como um rei e rainha poderiam ser melhores? Há sempre o bem e o mal em todos nós. Como lidamos com eles é o que nos torna quem somos.

— Não há qualquer remota possibilidade de a pessoa em questão amar aquele homem.

— Isso é bom, muito bom — Tossiu incomodado, depois olhou para o teto, para nenhum ponto em particular.

— Amanhã terá uma festa, aqui no palácio, e...

— Eu não fui convidada — presumi.

— Estou te convidando, agora.

— Mas, se seu pai soubesse disso, com certeza, surtaria.

— Não posso discordar.

— Então, eu não vou. Simples assim. Além do mais, essa festa é para você escolher uma noiva e ambos sabemos que não estou apta para o cargo.

Sua boca tornou-se uma linha fina, enquanto seu rosto aparentou total desnorteamento.

— Não, não está. — Virou-se de costas sem, ao menos, despedir-se. — *Infelizmente* — sussurrou.

Não deveria ouvir a última palavra, no entanto, ouvi, e ela não me deixou melhor. Pelo contrário, fez-me querer desesperadamente ser uma das suas opções; ter a possibilidade de passar o restante da minha vida equilibrando nossas diferenças.

Travei os dentes ao notar como isso soou impossível.

Olhei para o teto da biblioteca e foi irônico enxergar o desenho intrincado, retratando duas coroas em conjunto: a de rei e a de rainha de

Persóvia.



— Vossa Majestade. — Fiz uma medida, sentindo-me analisada em cada passo.

A mãe de Nicholas, de uma beleza extraordinária, olhou-me amorosa, com um sorriso leve e encantador. E seu filho detinha muitos dos seus traços, inclusive o formato da boca e as covinhas, que se abriam nas bochechas quando sorria.

— Elizabeth — cumprimentou ela.

— Querida. — Notei o sarcasmo que o rei me dirigiu. — estamos em uma conversa engajada sobre você. Meu filho foi tão enfático defendendo-a diante de todos, inclusive do Conselho, hoje de manhã, que fiquei muito curioso. Segundo ele, é apenas uma moça pobre que se perdeu dos pais e ficou sem memória. Está correto?

— Sim, Majestade — pigarreei.

Senti um cutucão na minha costela e me contive para não gritar de susto. Nicholas ao meu lado

abafou um sorriso. Uma de suas mãos pousou na minha coxa e ele a apertou suavemente, como se para me lembrar de não dizer nada que pudesse me prejudicar.

O toque me desconcentrou um pouco.

Foi quente e familiar.

— Não se lembra, nem mesmo, do nome de seu pai? — O homem pareceu capaz de enxergar até minha alma.

E não de uma maneira boa.

— Não, Majestade.

— Eu acho que tem alguma ascendência monárquica, devido ao seu porte, elegância e boas maneiras quanto a protocolos não tão conhecidos assim. Tem alguma coisa a me dizer quanto a isso?

— Eu? — Bati com a mão em um dos talheres e ele caiu no chão de mármore, com um baque estrondoso.

A prata quicou, quicou e quicou, até que finalmente parou.

Olhei para o lugar dela, no chão, e fechei os

PERIGOSAS ACHERON

olhos momentaneamente, ralhando comigo mesma por ter aparentado tanto nervosismo. Quando voltei a fitar todos na mesa, dois pares de olhos me encararam semicerrados em desconfiança, enquanto um deles aparentou tranquilidade.

— Acontece até nas melhores famílias — falou Nicholas.

— Filho, você é mesmo inexorável em alguns assuntos. Uma infelicidade... — o rei falou com total desgosto, na direção do filho, e me irritei.

Como pôde falar assim com ele?

Como não enxergava o mesmo homem que eu? Um prestes a sacrificar a sua felicidade pelo país?

Pelo amor de Deus, que eu não tinha sangue de barata em ouvir algo assim e ficar quieta!

— Não pode falar assim com ele! — Exaltei-me. — Sua Alteza é leal, olha a todos em pé de igualdade e não se importa que o julguem por isso. Um homem maravilhoso e, com certeza, será um rei digno de ser lembrado por todo um milênio! — Chacoalhei minhas mãos no ar. — Tem bom coração, toma as melhores decisões e está ciente de

PERIGOSAS ACHERON

que cada uma acarretará uma consequência! É imparcial e ajuda a quem precisa, mesmo que não peçam por isso. Todos só sabem julgá-lo e julgá-lo e se esquecem de que não teve infância, porque foi criado para ser um rei; de que sua felicidade não está em primeiro lugar, porque em primeiro vem o povo. Então, considero a sua resiliência uma qualidade, Vossa Majestade, ao invés de um defeito! — Quando terminei, não soube distinguir se falei apenas dele ou coloquei um pouco de mim na narração.

O fato foi que eu fiz uma grande besteira!

Em meio ao meu espetáculo, levantei-me da cadeira e apoiei os dois punhos firmemente na madeira lustrosa da mesa de quarenta lugares, além de manter o semblante tão fechado que piada nenhuma no mundo seria capaz de dissolvê-lo.

O rei ostentou surpresa e horror.

Enquanto a rainha, admiração e um olhar tão amoroso que eu pensei ter acabado de ganhar seu voto, caso fosse necessário algum.

— Desculpe. Ai meu Deus, desculpe, Vossa

Majestade. Eu não deveria ter feito isso, jamais. — Fiz uma medida e calei a boca.

— Pode se sentar, menina. Admito que não gostei do seu tom de voz, muito menos da sua clara vontade de me enfrentar, no entanto, como foi para defender meu filho, não posso dizer que isso não me surpreendeu.

Arregalei meus olhos e abri a boca em espanto.

Nicholas fez o mesmo ao meu lado.

— Você foi excelente em cada constatação, querida. — A rainha olhou para o marido. — Mas é que, às vezes, certa pessoa precisa ser lembrada do filho que criou e seus princípios. A carga é muito grande e nem sempre ele a suporta da maneira correta.

Notei que ela agiu como a contrabalança das atitudes do monarca e não consegui imaginar uma pessoa que combinasse mais com sua figura.

Sentei-me, sentindo minhas bochechas arderem de vergonha pela exaltação.

— Obrigado — a voz máscula soou no meu

ouvido.

Um sussurro que apenas eu pude escutar.

— Foi mais forte que eu — falei entredentes.

— Imagino que sim.

O restante do jantar sucedeu tranquilo, sem maiores contratempos, sem perguntas mais comprometedoras ou situações estranhas, nas quais eu não soubesse o que falar. Na verdade, todos ficaram atônitos quando dei minha opinião sobre o comércio exterior e seus planos para fazerem com que ele fosse mais lucrativo. Acharam minha ideia muito singular, mas um indicativo de inovação e sucesso certos.

Terminei o último prato com uma sensação de ser capaz de algo.

Nicholas me olhando com extremo alumbramento não ajudou que as borboletas no meu estômago parassem de voar descontroladas.

Quando o rei depositou seu garfo na mesa, o jantar se encerrou oficialmente e tive que sair acompanhada por um dos guardas até meu quarto,

PERIGOSAS NACIONAIS

para dar mais liberdade e intimidade à família em sua conversa. A curiosidade para saber sobre o que falariam foi gigantesca, porém, caminhei até meu quarto de maneira contida e lá fiquei, desmembrando minhas escolhas e tentando fazer uma que colocaria em xeque meus sentimentos.

PERIGOSAS ACHERON

A FUGA DA PRINCESA



NICHOLAS

“Ofender quem está disposta a se casar e governar um país não é a atitude mais sábia de um homem. Há, ainda, a possibilidade de ocultação de alguns problemas no reinado, que estão tentando manter a todo custo, fora dos holofotes. Não sei o que é pior para o país: um príncipe playboy, ou um que não dá importância às coisas certas. De que adianta dar uma pausa em seus encontros íntimos, mas permanecer distante de tudo o que requer sua atenção?” – *Persóvia Journal*.



O palácio entrou em polvorosa com a festa que aconteceria à noite. Procurei Elizabeth pela ala de hóspedes, mas não a encontrei. Fui até a biblioteca, na vã esperança de encontrá-la e tampouco a vi por lá, também.

— Alteza, qual é a melhor decoração? — A governanta me parou no caminho e tentei não aparentar desgosto.

Ela me mostrou praticamente todas as cores do mundo. Olhei para as amostras com meus pensamentos muito longe dali.

— Talvez vermelho? — indaguei.

— Vermelho? Não ficaria um tom muito escuro para a noite, com a iluminação amena?

— Azul, então?

— Muito claro, Alteza.

— Pode ser esse tom de verde, Senhora Anders.

— Verde?

Cristo!

Por que ela me pediu para escolher, se não gostaria da minha opinião?

— Fale com a rainha — fui enfático.

Ela concordou com um aceno de cabeça, fez uma mesura se despedindo e partiu apressada pelo longo corredor. Permaneci estático por segundos, tentando entender o que aconteceu.

Balancei a cabeça, desgostoso.

O mordomo veio até mim, tão apressado quando a governanta.

— Alteza. Tenho aqui a lista de convidados para o senhor se familiarizar. — Estendeu o papel, aguardando ansiosamente que eu o pegasse.

Assim que olhei para os nomes, um muxoxo de descontento reverberou pelo meu corpo.

Condessa de Belrich.

Duquesa de Vermont.

Princesa de Santelisa.

Marquesa de Soutz.

Além de algumas empresárias e filhas de empresários respeitáveis de Persóvia, a maioria das mulheres era solteira ou viúva. Meu pai e seus planos diabólicos, como sempre.

— Ora, ora, o que temos aqui?

Como, infernos, ela conseguiu me encontrar tão rápido? Pelo amor de Deus, justo na ala leste! Nenhum dos convidados que se instalou na área social seguiu por essa parte, apenas ela.

— A lista de convidados para hoje, senhorita.

Felicity pareceu impressionada e retirou, sem o menor decoro, a lista das minhas mãos.

— Apenas mulheres que querem se casar?

— É a finalidade de tudo — falei.

— Realmente.

Ela devolveu o papel às minhas mãos, aparentando total insatisfação. Seus lábios se comprimiram e seu olhar foi um tanto quanto predatório. Se Felicity estivesse prestes a iniciar uma caçada, eu não me surpreenderia. Só rezei, pela graça divina, que seu alvo não fosse eu.

A quem queria enganar, não é?

Essa verdade ficou tão translúcida quanto as nuvens em um dia ensolarado.

— Preciso prosseguir com meus afazeres, senhor
PERIGOSAS ACHERON

— com esse cumprimento, o mordomo saiu também.

Não tardei a inventar uma desculpa.

— Felicity, eu preciso fazer... — Não me lembrei de nada, no momento. — Alguma coisa. Nos vemos à noite.

Não esperei que ela respondesse, apressei meu passo e saí do sufocante corredor.

Céus!

O ar se tornou rarefeito, como em todas as vezes em que ela esteve por perto. E não daquela maneira boa, por antecipação a um beijo, ou a uma noite quente, mas de uma forma estranha e incômoda.

Sacudi minha cabeça, tentando mandar esses pensamentos para longe.

Uma das empregadas passou por mim e a reconheci como sendo uma das que arrumava as coisas na ala de hóspedes.

— Oi, tudo bem? — cumprimentei e ela arregalou os olhos, por eu falar assim, tão informalmente. — Sabe onde está Elizabeth?

— Creio que ela tenha ido para a estufa, Alteza.

— Muito obrigado... — Olhei para seu crachá.
— Aleah.

Deixei-a em um estado catatônico, surpresa com o que aconteceu, enquanto peguei um dos muitos atalhos do palácio. Por sorte, eu não toparia com ninguém, nesse trajeto. Apenas quem já usou a saída que eu usaria sabia de sua existência.

Parei em frente a um enorme espelho no corredor e dei uma checada em minhas roupas.

Estava boa. Sim, muito boa.

Abri a porta camuflada atrás dele e descí os degraus, que se iluminaram aos poucos, graças às luzes com sensores de movimento. Era como descobrir o que havia em frente apenas quando já se estava muito ao longe no caminho para retornar.

Meus passos ecoaram conforme me embrenhei mais e mais, em busca do meu objetivo.

A estufa ficava bem afastada do palácio e era possível ir até ela através das estradas que havia por entre os jardins. Mamãe a criou, para tornar o ar do

lugar algo mágico e perfeito para que as flores dessem o ar de sua graça. Até mesmo ela se surpreendeu com o resultado e como todo o colorido fez com que a magia fosse palpável. No entanto, poucas pessoas souberam que era possível acessar o local de outra forma, sendo o elevador visível, lá dentro, o término do caminho. Havia um corredor subterrâneo, usado pelos primeiros reis para fuga, caso o palácio sofresse um cerco. Ele se estendia por cerca de três quilômetros e já tinha passado por muitas reformas até adquirir o ar moderno que então ostentava. O piso em mármore perfeitamente polido, as paredes revestidas por pinturas feitas à mão e um teto abobadado que nem aparentava a idade que tinha. Alguns lustres pendiam a cada curto espaço e iluminavam o ambiente. Não parecia, nem de longe, o lugar mórbido que antes causava calafrios em mamãe, e terminava justamente na estufa.

Ela pensou em tudo, com os engenheiros e arquitetos que trabalharam no projeto.

Cheguei até o elevador, digitei o código e apertei o botão para ir até o mundo das flores. Quando ele

subiu com uma rapidez excepcional, meu coração começou a bater furioso, no peito.

As portas se abriram e não consegui enxergar Elizabeth, a princípio.

Vi alguns dos jardineiros trabalhando em seus vasos e, mais à frente, uma mulher com um vestido solto, ostentando vários pontos sujos com torrões de terra e uma bota completamente poluída. O jardineiro chefe se manteve próximo, lhe ensinando algumas coisas, e, quando ela derrubou a pá com um pouco de terra, sujando ainda mais o vestido, gargalhou de maneira doce e me fez entreabrir os lábios em deslumbramento.

— Está indo bem. Você tem uma excelente mão para jardinagem — ele falou, ignorando totalmente o caos e desastre que era aquela mulher.

— Está sendo condescendente. Sabe tão bem quanto eu, que sou tão desastrada que seria capaz de esbarrar em um vaso e formar uma pilha de cacos, conforme uns fossem quebrando os outros. Tenho certeza de que todas as flores suspiram resignadas quando eu venho até aqui!

— Tem razão. — O homem sorriu e eu raramente o via sorrindo.

Elizabeth parecia ter um efeito calmante aos ânimos de todos no palácio.

— Alteza! — Ele tomou um susto assim que me notou.

Apressou-se em desculpar-se e eu fiz um sinal com a mão, expressando não ser necessário. Meus olhos não abandonaram a mulher com cor de terra e uma beleza tão extraordinária que me manteria cativo, mesmo que eu fechasse as pálpebras.

— Alteza. — Fez uma mesura.

Acompanhei cada sutil movimento do seu gesto, sorrindo ao notar como a terra se espalhou por suas bochechas.

— Vejo que achou mais interessante rolar pela terra do que se preparar para a festa mais tarde — comentei.

Fui em sua direção e notei que as pessoas na estufa se dispersaram para nos dar privacidade. Anotei mentalmente, para depois agradecê-los por

isso. Nem todos teriam essa sutileza.

— Eu... — começou a falar, mas trocou o peso de perna, desconfortável.

Não pareceu muito à vontade e eu, sequer, entendi o motivo.

— Você?

— Não vou. Prefiro comer com os empregados do palácio, na cozinha. Sinto muito, mas não me sinto à vontade entre tantas pessoas que me julgam simplesmente pelo fato de não me conhecerem, entende? Analisam-nos a todo instante, falam de coisas fúteis, enquanto eu consigo me entreter e me divertir muito mais ficando à sombra. Além do mais, odeio que menosprezem os outros apenas por não possuírem um título ou riqueza, sendo que quem mais ajuda aos demais é justamente quem não possui muito.

Eu a entendia melhor do que ela imaginava.

— Claro. Mas, depois poderíamos conversar. O que acha?

— Sem problemas. Agora, se puder me dar

licença, preciso aprender a cuidar... — O canto esquerdo dos seus lábios repuxou-se. — Sabe como é, dessas lindas flores.

Uma ideia surgiu na minha cabeça.

— Gosta de flores?

— Gosto delas livres, nos campos, em jardins imensos. Não sei se gosto de vê-las presas em uma estufa, mas, como me disse o senhor mais gentil que já conheci, elas precisam nascer em algum lugar, não é?

Como podia ser tão espetacular?

E por que eu não parava de sorrir?

— Com certeza. E caso queira, em Holloway, há um lavandário magnífico, onde eu a levaria com o maior prazer. Podemos até fazer algumas fotos para que leve, quando for embora.

Demonstrou curiosidade.

— Ainda tenho a possibilidade de ir embora, por livre e espontânea vontade, sem que ninguém me acompanhe, vigiando cada passo?

— Eu te prometo que sim.

Uma promessa de honra, que eu cumpriria mesmo que precisasse ajudá-la a fugir.

— Certo, então podemos visitar o lavandário.

Pisquei para ela, confirmando.

Senti meu celular vibrar, no bolso, e, quando o peguei, desejei ter ignorado firmemente a vibração. Uma mensagem de papai requisitando minha presença não poderia ser boa coisa.

— Preciso ir. Mais tarde eu te procuro.

— Não procure muito. Pode se cansar — ela falou em tom de brincadeira, limpando as mãos totalmente sujas em um avental imundo.

Qualquer resquício de vontade de atender à ordem real, no meu corpo, evaporou-se.

— Eu vou te encontrar, não importa onde esteja — falei e me virei, voltando para o elevador.

Antes que as portas se fechassem completamente, nossos olhares se prenderam e a troca de palavras silenciosas foi tão intensa que, quando sua figura saiu do meu campo de visão, apoiei a mão na caixa metálica, respirando com

dificuldade.

Dessa vez, o ar rarefeito proveio de uma sensação maravilhosa.



— Olá, senhoritas — cumprimentei algumas mulheres paradas perto da mesa de petiscos.

Um dos meus deveres, como anfitrião, era dar atenção ao número máximo de pessoas que eu conseguisse. Peguei as mãos de cada uma e depusitei um beijo respeitoso, evitando revirar os olhos, quando algumas demonstraram tanta afetação que me deixaram sem graça.

E, para que eu ficasse sem graça, era necessário muito.

— A que devemos o prazer de uma presença tão ilustre, Alteza?

— Cortesia? — Pisquei, em tom de gozação.

— Claro... — uma delas concordou, infeliz.

Não dei tanta atenção a ela, devido ao seu comentário sem nexo.

— Vejo que não há ninguém aqui que não *deva* estar entre nós.

Tive que comprimir meus lábios, para evitar dizer algo ofensivo em um momento de raiva. Como ela se atreveu a menosprezar alguém bem diante de seu príncipe?

Essa saiu da lista, antes mesmo de entrar nela. Nem mesmo que meu pai se ajoelhasse — o que nunca aconteceria, visto que um monarca jamais se ajoelharia senão em sua coroação —, eu a escolheria como esposa. Carta fora do baralho e queimada com louvor, para nunca mais ser usada.

— A Duquesa tem uma opinião forte — fui dissoluto.

— Só enfatizei o que ficou claro, da última vez. Pessoas que não têm a mesma ascendência que nós, não deveriam se relacionar no mesmo ambiente. A linhagem está aí para isso: provar os mais dignos.

— Ou os mais ignorantes — falei.

A taça de vinho branco em minha mão sofreu com a fúria que lhe direcionei. As outras mulheres perceberam minha incapacidade de lidar com isso

de maneira imparcial e, realmente, não disfarcei esse ponto. Nunca gostei que pessoas como ela tratassem os outros por inferiores devido a um simples título que ela não fez nada para merecer, além de nascer.

— O que quis dizer com isso? — Sustentou meu olhar.

A moça retesou seu maxilar e eu assisti uma sombra de raiva passar por seus olhos azuis límpidos. Não era feia em aparência, mas em índole? Que Deus me perdoasse, mas a situação não estava nada boa para ela.

— Exatamente o que entendeu, minha cara. — Elevei a taça, sorvendo um pouco do líquido.

Ele acariciou minha língua e foi a única coisa, na noite, que me provocou uma sensação boa.

— Como ousa?! — exclamou furiosa.

Não respondi.

Meu cavalheirismo havia dado adeus, quando ela escolheu destilar veneno.

— Com licença. Preciso socializar pelo salão —

despedi-me de todas e apressei meu passo para o mais longe que conseguisse delas.

— Nem acredito que esteja fugindo! — minha mãe sussurrou, assim que me alcançou.

Inclinei-me em sua direção, diminuindo nossa diferença de altura para que ela escutasse o que eu murmuraria.

— Se ouvisse o que ouvi, você também teria a desculpa mais inescrupulosa do mundo para se afastar daquelas pessoas. — Disfarcei e olhei para o círculo de cinco mulheres. — Juro, mamãe. Prefiro que atirem na minha mão a me obrigar a falar com elas novamente.

— Não são nem opções?

Arregalei meus olhos em pavor.

— Nem em sonho! Nenhuma delas será a futura rainha de Persóvia, escreva isso. Seriam a ruína de tudo o que construímos, até então. Se o objetivo é avançar, não regredir, acredite em mim, quando digo que nenhuma, ali, pode ser a rainha. Desconfio, inclusive, de que não haja consorte real melhor do que a senhora, mamãe. Papai é um

homem de sorte.

Seu semblante aliviou-se e o olhar que me lançou foi de total carinho, misturado a uma alta dose de orgulho.

— Eu te amo, meu querido. E é por te amar que aviso que a pessoa que está procurando se encontra na cozinha. Uma menina de ouro, aquela. Em outra vida, eu não teria escolhido alguém melhor para você.

— Obrigado.

Foi a primeira vez na noite que senti esperança de ter uma conversa realmente interessante com alguém.

Desviei de várias pessoas e acessei a cozinha por uma das entradas de serviço, esforçando-me para passar despercebido. Encontrei Elizabeth sentada em uma das cadeiras, com várias mulheres ao seu redor prestando atenção ao que ela dizia, sorrindo acanhadas, em alguns momentos, e, em outros, se aproximando ainda mais, na tentativa de assimilar cada palavra.

— Foi quando o príncipe a salvou e descobriu

PERIGOSAS ACHERON

que a mãe dela foi uma pessoa perversa e que a envenenou através da comida. Era bem verdade que essa princesa era muito comilona e que bastava comida entrar como assunto de conversa, que ela perdia toda a inteligência imediata.

Todas produziram um som de espanto.

Uma delas olhou na minha direção e assustou-se. Coloquei o indicador na boca, pedindo que ela guardasse segredo sobre minha presença intrusa na pequena reunião.

— Não é mesmo interessante ver o príncipe de Persóvia admirando uma mulher em segredo? — Mason colocou-se sorrateiro ao meu lado e eu abri um sorriso cúmplice.

Se conversássemos baixo, ninguém nos notaria ali.

— Melhor do que conversar com as que se encontram no salão.

— Não posso discordar de você! — Mason fez uma careta, e contive minha gargalhada. — Teve uma que pisou no meu pé em todas as danças e ainda teimou em dizer que é uma exímia dançarina.

Insinuou... na verdade, “insinuou” não seria exatamente a palavra; ela afirmou que vou me casar com ela e que, então, dominaremos o mundo. Quem ela pensa que somos, afinal? Pinky e Cérebro?

Crispei meus lábios, tentando com tudo de mim evitar a gargalhada estrondosa com a sua fala.

— Para com isso. Não posso rir — murmurei.

— Para não chamar atenção? E se eu te dissesse que tentei evitar que a taça da senhora Belrich caísse em seu vestido e o manchasse e acabei pegando nos seios da viúva?

A gargalhada saiu sem que eu conseguisse conter, dessa vez, imaginando a cena extremamente constrangedora. Por sorte, Elizabeth contou algo muito divertido no mesmo instante e todas riram, encobertando o barulho que produzi.

— Essa foi pra te colocar ao pé do altar.

— Não ri, não, porra! O pior veio depois, com ela me arrastando para a biblioteca, querendo que eu continuasse minha avaliação. Não me importo, você sabe, de ficar com mulheres nobres, mas essa

PERIGOSAS NACIONAIS

é uma pedra no sapato! Isso porque eu não sou o solteiro mais cobiçado dessa festa. Deus me livre estar no seu lugar.

— Agora percebe o que eu passo quase todos os dias.

— Eu já teria fugido dessa confusão há muito tempo. — Bebeu um gole de vinho branco, desgostoso. — Ah, é... — Pensou um pouco. — Eu já faço isso.

Sorri.

— Nem mora mais aqui.

— Foi a melhor decisão que tomei na vida, ficar cada momento em um canto. Quando preciso, estou aqui; quando necessário, bem longe. Perfeito pra mim. Quando meu pai teima em me arrumar uma esposa, sumo mais rápido do que carros de Fórmula Um, meu querido. Quando ele simplesmente pensa em falar comigo, eu já estou em Mônaco!

— Não me importo em me casar. O que eu não quero é casar com uma mulher totalmente fútil.

— Tem uma paciência gigantesca só por aturar

PERIGOSAS ACHERON

esse monte de pretendentes no seu pé, doidas para te físgarem. E sabe qual a sua sorte?

— Não. Tem alguma sorte nisso? — brinquei.

— Claro que tem! Sua sorte é que eu não estou no páreo, porque gosto de mulher. Caso contrário, você não resistiria aos meus encantos.

Gargalhei mais uma vez e, com isso, chamei a atenção de todas as pessoas na cozinha. Elizabeth me olhou de boca aberta, enquanto as outras reagiram da mesma forma.

— Podem continuar. Não queria atrapalhar. A culpa é do Mason. — Indiquei meu amigo.

— Covarde de merda — blasfemou, sem que ninguém ouvisse. — Garotas, continuem com a história. Ou melhor: Lizzie, continue. Nós estamos apreciando sua voz.

Travei meus dentes com sua provocação clara.

As bochechas de Elizabeth ficaram rubras e, então, ela deu uma pausa bem longa, antes de continuar narrando uma história que eu, ao menos, prestei atenção, desde que Mason se infiltrou na

minha admiração silenciosa.

— E então? Ele deu um beijo nela para acordá-la? Um beijo de amor verdadeiro?

Elizabeth endireitou o corpo, balançando a cabeça negativamente, olhando para a jovem que fez a pergunta.

— Ela não precisava de um beijo do príncipe. Ela era a própria princesa e sabia que, para sair dessa torre, onde todos mandavam nela, precisava apenas de si mesma, de sua determinação e, principalmente, da sua coragem. O conceito anda muito deturpado, ultimamente, e devemos contar conosco para sermos felizes, não depender de alguém! Desde quando não somos completas sozinhas? Desde quando não somos capazes de nos salvar?

— Uau — Mason murmurou. — Fez todo o sentido para mim.

— Cala a boca.

— Claro que sim. Quero ouvir onde tudo isso vai terminar.

PERIGOSAS NACIONAIS

Peguei a taça da sua mão e tomei um gole, sentindo o sabor peculiar e irresistível.

— Não me julgue! Desci até a adega e abri uma garrafa de uma safra excelente. As do salão estão ótimas, mas meu gosto é muito mais refinado.

— Se abriu uma das minhas, eu corto sua cabeça.

— Como se eu acreditasse nas suas ameaças vazias.

Voltamos a prestar atenção nas mulheres em torno da mesa.

— Então, o que fez? — Outra se empolgou.

Apoiei no batente e cruzei meus braços, sorrindo com a facilidade de Elizabeth em se relacionar com todas as pessoas. Absolutamente todas. Meu pai disfarçou, em alguns momentos, mas a verdade foi que nem mesmo ele resistiu à inteligência dela.

— Ela fugiu!

— Ohhhhhh! — Assustaram-se.

— Sim, ela fugiu, amarrando lençóis para passar pela janela, que ficava a dezenas de metros do chão.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Mas ficou com o príncipe? Com o que tentou salvá-la da mãe dela?

— Ninguém nunca soube, porque essa história ainda não tem um fim. A princesa pode estar caminhando entre nós, depois de fugir da torre mais alta, do reino mais distante, da província mais escondida da qual se tem notícia. Há rumores de que, até hoje, os moradores a procuram por entre os rostos, ansiosos por terem de volta a princesa mais gentil que já existiu.

— Ahhh!

Bati palmas. Mason me acompanhou.

— Há quanto tempo está aí? — indagou Elizabeth, após terminar sua narração.

— Desde que a princesa não precisou do príncipe — brinquei.

— Então pegou a parte educacional da coisa... Que bom! Pode usar isso para diminuir seu ego e parar de se achar irresistível.

Todos os funcionários disfarçaram o assombro com sua fala. Eu apenas sorri. Foram tantas trocas

PERIGOSAS ACHERON

de “carinhos” entre nós, que nem levei essa para o lado pessoal.

— Se podemos dizer assim...

Caminhei até ela, arrastando a cadeira ao seu lado, para me sentar e cortar aquela distância que não me agradou em nada.

— Como está a festa? — Sua pergunta foi genuína.

— A verdade?

— Mais absoluta verdade.

— Horrível! Acho que tudo só piorou, desde que anunciamos que eu procuraria uma noiva. Prefiro levar um tiro a ter que ficar avaliando todo mundo.

— Ninguém é perfeito.

Olhei fixamente para ela, com um batom em um tom claro de rosa, uma camisa de linho e uma calça jeans. Linda, assim como nas outras vezes. Aliás, nem mesmo quando a encontrei, pela primeira vez, a achei sem graça.

Elizabeth tinha algo em sua postura, sua forma de ver o mundo, que só me fazia sentir atraído por

ela.

— Não. Ninguém é. — Demorei a concordar.

Ela estreitou os olhos para descobrir o motivo, no entanto, não conseguiu. Eu era uma muralha para conter sentimentos quando queria.

— Aqui, na cozinha, é divertido. As pessoas são muito melhores do que as que... — Aproximou-se de mim. — Estão lá fora. — Fez uma careta e, então, abriu um sorriso sincero.

— Você tem toda razão — anuí.

— Tem alguma em vista? Que combine mais com você?

Relaxe, na sua presença. Foi como estar com alguém totalmente confiável e com o qual eu não precisasse medir a cada palavra que diria.

— Não. Não sei se terá, de qualquer forma. No fim, irei escolher a que mais combina com minha personalidade, para não haver divergências claras nas decisões da coroa, porém, mais do que isso? — Sorri sarcástico. — Não, não tenho essa sorte.

— Que triste.

— Demais — concordei.

— Não precisa voltar para lá? A festa ainda não acabou. E, aliás, cadê Mason? — indagou, o que fez com que eu me virasse.

Não vi nenhum sinal do meu amigo, que, até minutos antes, provocava-me bem ao meu lado.

— Não faço a menor ideia de onde esteja aquele sorrateiro de uma figa. E sobre o salão, preciso voltar, mas, sinceramente, não sei se quero. Prefiro conversar com você.

— Algo importante?

A dúvida no seu rosto formou um vinco entre suas sobrancelhas e controlei-me para não passar o dedo ali e silenciar todas as suas dúvidas.

— Alguém importante.

Ela não soube o que falar com isso. As engrenagens giraram em sua cabeça, tentando entender o sentido que dei a essas meras duas palavras. Elizabeth não conseguiu compreender. Não tudo, não a necessidade que gritou em mim, que eu deveria abraçá-la e não a deixar escapar

jamais.

Virei-me e fui até o salão, antes que cogitasse, de verdade, abandonar a tudo para ficar em sua presença pelo restante da noite.

A FUGA DA PRINCESA



ADELE

“O Conselho e o Parlamento estão em polvorosa, tentando, a todo custo, reprimir o grito revoltado da população.” – *Hirondelle Daily*.



Fechei a porta do quarto e respirei pausadamente.

“*Alguém importante*”, as últimas palavras de Nicholas ecoaram em minha confusão.

Por que ele fazia essas coisas?

Eu não ficaria ali; eu, sequer, pertencia a
PERIGOSAS ACHERON

Persóvia e, mais cedo ou mais tarde, teria que voltar para Hironnelle.

“Mas ele não sabe disso, Adele!”, minha consciência gritou e o esforço para ignorá-la não surtiu muito efeito.

Olhei para a pequena bolsa que trouxe comigo quando fugi, para as poucas coisas que separei com todo o cuidado para não entregar minha identidade, sentindo que o momento de usá-la e desaparecer surgia novamente.

Não contei com a possibilidade de encontrar alguém como Nicholas do outro lado da minha barreira, muito menos que me interessaria por ele. Não poderia magoá-lo e forçá-lo a se decidir entre mim e seu reinado. Se continuasse ali, isso aconteceria sem que eu pudesse impedir. Apressei-me até a poltrona com meus pertences e os afundei na bolsa, notando o espaço para guardar até mesmo o que eu não possuía. Não poderia levar as roupas que gentilmente me cederam, seria como levar comigo uma prova de minha deslealdade.

Guardei tudo, o que não foi muito. Meu vestido

em frangalhos, de quando fui encontrada; algumas peças íntimas, produtos de higiene pessoal e trocas de roupas. Desabei na poltrona, colocando minha cabeça entre as mãos, perdida em meio às minhas próprias decisões.

Onde estive com a cabeça?

Como pensei que tudo isso terminaria?

Sacudi meu corpo incontavelmente, sentindo espasmos de arrependimento me trazerem vertigem. Foi como girar em torno de uma órbita imaginária das consequências dos meus atos.

Alcei a cabeça para olhar o quarto impecavelmente arrumado. Os móveis eram renascentistas; a cama com dossel cobria grande parte do quarto, sendo enorme e podendo abrigar até mesmo a um elefante, se fosse necessário. Enfim, tudo remetia à minha realidade: eu estava em terreno inimigo, não apenas convivendo com eles, mas também comendo da comida deles e me divertindo em sua companhia.

Cristo!

Por qualquer ponto de vista que eu olhasse, tudo

PERIGOSAS ACHERON

parecia ainda pior!

Papai me mataria e depois me lançaria para os crocodilos do alto de algum lugar ou, talvez, trancasse-me em um dos calabouços com aquelas assombrações que eu sempre soube circular por lá. Passei as mãos pelos meus braços, sentindo o frio daquele local.

Assombrações deixavam o ambiente gelado, não é? Pelo menos, foi o que todas as séries e filmes que eu assisti me ensinaram.

Batidas na porta me tiraram do transe e de minha loucura pelo que nem tinha acontecido ainda. Meu problema era exatamente esse: querer prever uma situação catastrófica, tornando meu presente um verdadeiro pesadelo.

Levantei-me e abri a porta, deparando-me com uma figura que não esperava ver tão cedo.

— Eu disse que te encontraria.

Nicholas parou à minha frente e seu cabelo castanho acobreado pendeu bagunçado, alguns fios desceram de maneira erótica sob sua testa. Quando eu não disse nada, ele abriu um sorriso, as covinhas

evidenciando-se e, sinceramente, essa foi minha queda. Não teve qualquer remota possibilidade de eu impedi-lo de entrar, depois desses malditos buracos nas bochechas. Quem em sã consciência conseguiria manter a imparcialidade diante desse charme?

Dei um passo para o lado e ele entrou no meu quarto. Coloquei a cabeça para fora, tentando ver se alguém viu o acontecido. Fechei a porta, logo que me dei por satisfeita com nosso sigilo.

— O que quer?

— Ficar com você? Depois de aguentar todas aquelas pessoas insuportáveis, o mínimo que mereço é um frescor para meu coração.

— Para com isso! E se alguém te vir entrando aqui? — ralhei. — E aí? O que vão pensar?

— Vai soar horrível se eu disser que, no momento, pouco me importa? Provavelmente seria um escândalo, o príncipe de Persóvia ignorando uma festa para escolher uma noiva, enquanto foge escondido para o quarto de alguém que ninguém conhece de verdade. — Ele sorriu, como se

soubesse meu segredo.

A sensação de ser decifrada aumentou exponencialmente e eu não gostei nada dela.

— Muito horrível.

Nicholas andou em volta do quarto, olhou a bolsa em cima da poltrona e franziu o cenho, mas optou por ignorar. Moveu-se até a cama e sentou-se, fitando-me com uma profundidade que me fez querer sair correndo para evitar o que diria.

— Eu falei sério, quando disse sobre o lavandário...

Pensei que ele já houvesse se esquecido dessa promessa.

— Imaginei que fosse apenas um convite para quebrar o silêncio.

— Nunca preciso quebrar o silêncio quando estou com você porque, até mesmo ele, é repleto de significados.

Tropecei nos meus próprios pés com sua fala.

Nicholas gargalhou, deitando-se no colchão e dando-me uma visão nada inocente do caminho de

pelos ralos e castanhos do seu abdômen, que se perdeu calça adentro.

Suas mãos foram para trás da cabeça e a posição relaxada me impeliu ao desejo de querer apoiar a minha no seu peitoral e me aconchegar no calor do seu corpo, enquanto ele passearia os dedos suavemente pelas minhas costas.

Sacudi a cabeça bruscamente.

Que raios de pensamentos eram esses?

Se houvesse a definição de amor impossível no dicionário, com certeza o meu nome e o dele estariam em negrito, devidamente destacados.

— Elizabeth! — Alguém bateu na porta e eu me assustei.

Nicholas, muito pelo contrário, ficou ainda mais tranquilo. Cobriu os olhos com o antebraço e manteve-se nessa posição.

— Não vai se esconder? — murmurei entredentes — Pelo amor de Deus, esconda-se!

— Por que eu o faria?

— Não acredito que me fez essa pergunta, seu

dissimulado! — Puxei a barra de sua calça, sacudindo sua perna esquerda. — Vamos, levanta! Vá para trás da cortina, Nicholas, já! Corra, se apresse ou eu juro que te arrasto a força, seu... seu... — As palavras fugiram da minha cabeça. — Seu sonso!

Ele se controlou para não gargalhar, dessa vez, mas levantou-se e foi até a pesada cortina, mais devagar do que eu gostaria.

Novas batidas soaram na porta e dei um pulo, assustada.

— Sério? Sonso? Não se lembrou de nada melhor? E saiba que só vou fazer isso porque sua cara de terror foi impagável!

Amaldiçoei-o mil vezes por ser tão irônico, até mesmo em um momento de extrema preocupação. Abriu a cortina e enfiou-se atrás dela. Por sorte, o tecido era tão pesado, que a brisa quase não o movimentava.

Corri até a porta e a abri.

A governanta me olhou com uma feição nada amigável.

— Pensei ter ouvido uma voz masculina vinda daqui — Ela me fuzilou com os olhos, a boca crispada e com uma careta de desconfiança tão feia que me arrepiei.

— Não tinha ninguém. Era eu mesma falando loucuras comigo. Tenho o costume de falar sozinha. A senhora não? Deveria tentar. É divertido e muito terapêutico.

— Não acho que estava falando sozinha. — Empurrou-me para o lado e foi olhar no meu banheiro.

Desesperei-me e, quando fitei a cortina, notei a ponta dos sapatos aparecendo. Apressei-me até lá e dei um *pisão* em um deles. Um muxoxo partiu da cortina, baixo e ondulante; uma reclamação de dor. Nicholas puxou seus pés para trás e eu rapidamente fingi admirar a vista da janela, quando a mulher saiu do banheiro e me fitou imperativa.

— O que faz aí?

— Apreciando a vista — falei.

— Tem alguma coisa em você, menina, que não me inspira nenhum resquício de confiança —

resmungou. — Vou garantir que mais seguranças a vigiem.

— Como viu, não tem ninguém no meu quarto e não, eu não sou uma espiã. Seria até interessante ser uma, conhecer segredos e tudo o mais, mas, infelizmente, não tive essa sorte.

Ouvi um riso baixo da cortina e meu coração galopou furioso.

Maldito Nicholas e sua incapacidade de ficar sério quando era preciso!

— O que foi isso?

— Eu dando risada da visão que tive na minha cabeça! Imagina? Eu subindo até esse andar depois de escapadas furtivas durante a noite, com uma pistola que lança... — Fiz uma pausa. — Como é o nome daquelas coisas, mesmo? — Coloquei a mão no queixo. — Ganchos, não é? Acho que podemos chamar assim. Então, voltando ao assunto, uma pistola que lança ganchos e que poderia me alçar até essa janela. — Olhei para baixo, fazendo uma careta com a altura. — Que fica muito alto, por sinal.

A mulher irritou-se com meus levantamentos, ao notar o quanto suas desconfianças pareceram estúpidas diante da minha fala. Eu era o verdadeiro deboche em pessoa, quando queria.

— Não me engana! — Vociferou. — Nem sequer acredito nessa sua história de perda de memória. Sinto que quando todos descobrirem quem realmente é, trará sérias consequências à Persóvia.

— Quando descobrir, me avise. Vou adorar saber quem sou. — Fui cínica. — E, sobre a sua visita ao meu *silencioso* — enfatizei a palavra — quarto, a que devo a honra? Gostaria de algo?

— O príncipe não se encontra no salão. Pensei que ele poderia ter... te procurado.

Ela ainda teimou em olhar mais uma vez à sua volta, para verificar a presença de mais alguém ali.

— Como pode ver, ele não está aqui — Abri meus braços teatralmente. — Somos apenas eu, minha solidão e meus monólogos, a não ser que nosso digníssimo príncipe tenha encontrado uma forma de se tornar invisível. — Coloquei o dedo

indicador no queixo. — Se ele conseguiu essa façanha, mal posso esperar para tirar dele a fórmula. Seria incrível, não?

A mulher ainda estava desconfiada, quando saiu do meu quarto fechando a porta atrás de si.

Coloquei a mão no peito, respirando fundo, sabendo que tinha sido salva por muito pouco. O som da cortina movimentando-se me tirou desse agradecimento silencioso.

— Ela é muito determinada. Pensei que nunca mais fosse sair — falou Nicholas, indo até a porta e girando a chave no trinco. — Só para o caso de alguém decidir entrar sem bater. E adorei o seu cinismo, acho que preciso ter aulas com você.

— Seu maluco, o que está fazendo? — indaguei.

— Perdendo um tempo com você. — Caminhou na minha direção e comecei a sentir uma sensação gelada revirar meu estômago.

— Tem que sair! Não viu que estão te procurando?

— Estou onde deveria estar. Eles que procurem.

— Por favor, ninguém pode te ver aqui!

Ao notar meu desespero, a determinação que permeava seu semblante aos poucos foi se dissipando.

— Então, diga. — Deu um passo em minha direção. — Diga-me para ir embora. Peça com sinceridade, que o farei.

Mordi meu lábio inferior. Se eu tentasse, falharia.

— Não consegue, não é? Você não consegue me pedir para ir embora porque quer que eu fique tanto quanto eu. Quer minha companhia, assim como eu gosto da sua e conversar comigo é tão interessante para você, como é irresistível para mim. Estou duvidando de tudo à minha volta por causa de você; por sua opinião forte e por ter a noção de que tudo pode acabar mal, caso não o faça. Estou confuso. Confuso demais. E a culpa é sua.

Tão próximo.

Tão convidativo.

Nicholas se aproximou tanto, que estiquei a mão

e a apoiei no seu peito, sentindo as batidas do seu coração pulsarem e espalharem calor pela minha palma.

— Por que faz isso comigo? — sussurrei.

— Também não sei...

Sua boca se aproximou da minha e esse beijo foi totalmente diferente dos anteriores. Nicholas colou-me ao seu corpo com as mãos na minha cintura, enquanto os lábios se moviam vagarosos sob os meus. Nossas línguas se tocaram e um gemido ecoou entre a gente, a doçura do seu toque me provocando êxtase.

Minhas pernas travaram no colchão atrás de mim e, logo em seguida, senti a maciez se aveludar em minhas costas. O beijo continuou, ondulou, cresceu e vagou por uma parte que gostaria muito de se entregar ao toque do homem comigo. Minhas mãos migraram até sua camisa e tirei vários botões das suas casas, sentindo os pelos que admirei mais cedo acariciarem minhas palmas.

Firmei-as em contato com sua pele e o calor irradiou-se por todo meu corpo e pairou em um

ponto do qual não houve volta.

Nossos toques tornaram-se mais necessários, urgentes e possessivos. Nicholas pressionou seu corpo, ainda mais, ao meu e levantou a camisa que escolhi para essa noite, saboreando minha pele conforme a desnudava.

— Ah meu Deus — sussurrou, quando sua mão tocou diretamente meus seios, devido à ausência do sutiã.

Seu olhar desceu pelo meu colo e seus dentes prenderam o lábio inferior em um gesto lascivo. Nunca fiquei com homem nenhum de uma forma tão íntima, mas simplesmente soube que apenas ele faria meu corpo responder dessa forma. Queria tanto me entregar, que essa vontade me causou um desconforto inesperado e impossível de conter.

Vi-me perdida.

Totalmente perdida.

E não liguei para isso.

Sua boca desceu...

E desceu...

PERIGOSAS NACIONAIS

Até encontrar um dos meus mamilos expostos, o qual ele torturou com a língua, chupando e mordendo enquanto eu me descontrolava embaixo dele. Foi a sensação mais indescritível que já vivenciei. Sua outra mão abandonou minha cintura e abriu o botão de minha calça, os dedos traçando um caminho de apertos lentos e tortuosos pela minha pele e, a cada centímetro que se aproximavam da minha fonte de prazer, os gemidos que escapavam da minha garganta diminuía seus intervalos.

A renda da minha calcinha foi suavemente deslocada e...

Batidas na porta.

De novo.

Malditas batidas!

Nós dois congelamos.

— Quem será que é? — indaguei em um sussurro.

— Não sei — Dessa vez, seus olhos transpareceram preocupação.

PERIGOSAS ACHERON

Nicholas se levantou, fechou o botão da minha calça, abaixando minha camisa depressa e, em seguida me deixou fechar os botões da sua. Minhas mãos tremiam, tanto pelo medo de que alguém descobrisse, como pelo desejo reprimido.

— Esconda-se no banheiro — implorei. — Não acho que seja a governanta de novo.

— Também não — anuiu.

Nossos olhares se encontraram e as esperanças frustradas se multiplicaram.

— Vá logo! — apressei-o.

— Já vou — Deu um beijo rápido na minha boca e entrou no banheiro, fechando a porta em um baque surdo.

Olhei por segundos o espelho à minha frente, em busca de sinais que evidenciassem o que aconteceu no quarto.

Dei-me por satisfeita.

— Demorou para abrir, minha querida. Está tudo bem?

Olhei atônita para a rainha. Meu assombro foi

PERIGOSAS ACHERON

tamanho, que não tive, nem mesmo, a atitude rápida de reverenciá-la como pediam os protocolos.

— Desculpe. Estava apenas pensando na vida. Jamais seria minha intenção deixar Vossa Majestade esperando.

— Imagina. Não precisa me tratar formalmente. Acredito que ainda teremos muita convivência. Ainda mais... — As palavras a seguir foram proferidas em um tom mais baixo: — Se acontecer o que eu imagino que acontecerá.

— E o que seria?

Ela pegou minhas mãos entre as suas e seu toque lembrou-me o da minha mãe. Amoroso e incondicional.

— Na hora certa vai descobrir.

Ofereceu-me um sorriso amável e alguma coisa dentro de mim permitiu-se respirar na sua presença.

— Certo.

— Eu só queria que avisasse ao meu filho que a presença dele é necessária no salão, tudo bem? — Mais um sorriso amoroso.

Ela nem, ao menos, olhou para o interior do meu quarto.

— Ele não está comigo — menti.

Tive a certeza de que percebeu minha mentira, principalmente pelo tom carmim que se apoderou das minhas bochechas com essa transgressão.

— Claro que não. Se encontrá-lo, avise, de qualquer forma.

Ela sabia.

— Se cruzar com ele, avisarei, sim.

— Agradeço por isso e... — Aproximou-se em tom confidente. — Você está cheirando ao perfume predileto dele. Diga, que me livrarei dos seguranças no corredor por alguns minutos, mas ele tem de se apressar.

Se eu conseguisse ficar ainda mais vermelha, seria impossível. Fiquei tão sem graça que não consegui nem, ao menos, despedir-me como deveria. Ao olhar para o corredor, ela já havia partido.

— O que minha mãe queria? — Nicholas me fez

dar um pulo de susto.

— Cristo! Seus passos são muito silenciosos! — reclamei. — Ela disse que precisam de você no salão, que se livrou dos seguranças por alguns minutos e... que sentiu seu cheiro em mim.

Ele abriu um sorriso debochado e eu quis muito tirar a satisfação estampada em seu rosto na base da agressão, mesmo que não me orgulhasse de tal pensamento.

— Sentiu, não é? — Deu uma fungada no meu pescoço e eu tremi inteira. — Está mesmo cheirando ao meu perfume.

Empurrei-o porta afora, antes que decidisse ignorar suas responsabilidades.

— Vá logo. Estão precisando de você.

Ele pareceu relutante em partir.

— Me espere.

— Não posso. Preciso dormir!

— Mentirosa..., mas amanhã precisarei ficar com você e nada que me diga tirará essa ideia da minha cabeça — falou e me puxou para um beijo, que eu

PERIGOSAS NACIONAIS

tratei de interromper o mais rápido que consegui.

— Você é maluco! Nós estamos no corredor! —
exaltei-me.

— Me sinto o homem mais maluco da Terra.
Tem razão.

Roubou mais um beijo.

— O que ainda está fazendo aqui?

— Nada! Nada!

Piscou para mim e sumiu em meio ao breu
parcial que consumia o corredor.

PERIGOSAS ACHERON

A FUGA DA PRINCESA



NICHOLAS

“Sua Alteza Real viajou em missão diplomática, para inaugurar lugares, cortar fitas e ganhar presentes caros, como sempre. Segundo Sua Majestade, a escolha de sua noiva se aproxima e não nos decepcionaremos novamente.” – *Persóvia Journal*.



Quando bati na porta de Elizabeth, nessa manhã, a sensação de não querer estar em qualquer outro lugar foi imperativa. Usei como desculpa uma das muitas missões diplomáticas. Não que essa missão

PERIGOSAS ACHERON

não existisse, eu apenas “me enganei” quanto aos dias.

Os seguranças nos seguiram à distância e perceberam para onde eu me dirigia. Não para um país onde conheceria uma mulher com a qual casar, mas para outro local, puramente pelo desejo de passar um tempo com a mulher que queria ao meu lado, antes que minhas obrigações me obrigassem a deixá-la.

— Nossa, como é lindo esse caminho! — sussurrou ela.

Vislumbrei seus cabelos esvoaçando ao vento, formando uma nuvem de perfume floral que inflou meus pulmões. Nós não poderíamos sair juntos. A possibilidade de alguém nos ver já seria ruim o bastante, no entanto, ali estava eu, com ela, sem querer estar em nenhum outro lugar.

A vontade de renunciar a coroa era uma constante.

Por ela?

Talvez.

PERIGOSAS NACIONAIS

Ou poderiam muito bem ser várias coisas somadas, que culminaram nesse limite.

— Eu te encontrei bem ali. — Indiquei a área onde a floresta terminou.

Lembrei-me claramente da cena, de vislumbrar algo que não deveria estar no meio da paisagem e de pegar nos braços a mulher mais linda que já vi na vida. Foi como sentir novamente o ar escapando dos meus pulmões, como aconteceu naquele momento.

— Não sabia.

— Agora sabe.

— O homem me disse que, se eu seguisse para o Sul... ou ele falou Norte? Não me lembro ao certo, mas, enfim, me falou que sairia em outra es... — Ela parou de falar e eu dei risada.

Teimosa. Teimosa demais em ainda tentar manter o mistério.

— Tem mesmo uma estrada bem menos movimentada. Mas... fica um pouco longe e é contrária a essa. Você deve ter se perdido um

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

pouco no caminho entre Hironnelle e Persóvia.

— Só pode ter sido isso!

Olhei para ela, por segundos, arqueando uma das sobancelhas.

— Hironnelle, *huh?*

— Oh, oh — foi só o que ela disse.

— Eu já sabia. Não precisa ficar assim. Sei quem é também. Não precisa esconder.

— Não sei do que está falando...

Ela insistiu em uma mentira e eu só levantei um pouco os dedos do volante, em um sinal para que ela parasse um pouco de falar.

— Sabe. Sabe muito bem. E deixemos que, pelo menos nesses dias, essa verdade não esteja entre nós. Vamos só aproveitar nosso tempo juntos, certo? — indaguei.

Ao olhar novamente, de relance, para ela, notei como seu semblante tornou-se pesado e carregado de responsabilidades.

— Nós nunca ficaremos juntos — falou.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Por quê?

— Nossos títulos.

— Sou príncipe de Persóvia e você...

— Princesa de Hironnelle.

Uma realidade imutável jamais doeu tanto.

— Eu sei — fui sincero.

Minhas mãos apertaram a direção novamente e mordi o lábio inferior por me sentir impotente diante de uma obrigação. Soquei o emblema no volante com uma fúria repentina, que me pegou desprevenido.

— E qual é o motivo para não ter contado?

Encostei o carro no meio fio e olhei para ela, a intensidade transparecendo o real motivo para eu não ter falado; o real motivo para não ter aberto a porcaria da minha boca.

— Eu sabia o que aconteceria com você e isso me aprisionou na mentira, enquanto eu torcia para que ela fosse só uma loucura.

— É traição.

PERIGOSAS ACHERON

Olhei para longe; para fora da janela, perdendo-me no meio das árvores, suas copas altas e iluminadas pela luz do dia. Não nutri arrependimentos. Não quanto a ela, ao menos.

— Eu sei.

— Seu dever é para com seu povo, Nicholas.

— E você acha que não sei disso? — Minha têmpora pulsou e mantive o maxilar completamente cerrado. — Eu sei que preciso me casar o mais rápido possível; que preciso colocar todos os anos de aprendizado em prática, mas também sinto que não serei feliz. Isso é suficiente para você entender por que não contei a verdade para ninguém? Quanto mais a coroação se aproxima, mais minhas dúvidas aumentam, e eu não sei lidar com elas, sinceramente. Não sei.

Elizabeth, ou melhor, Adele, cobriu uma das minhas mãos com a sua, em um gesto terno.

— Sei como se sente.

Melhor do que ninguém.

— Você fez certo em fugir daquele idiota. Ele

está tramando contra o pai e só o homem não percebe isso. Queria se casar com você para assumir toda sua herança e se tornar um dos homens mais abastados da Europa. Ao se casar com a futura rainha de Hironnelle, adquiriria o que mais precisa: poder e reputação. Se seu pai pensou que conseguiria subjugar Persóvia com isso, esteve redondamente enganado, Dwayne não vê o momento de se casar com você, para poder ter tudo apenas para si. E, acredite em mim, no ano passado, ele procurou a mim e meu pai, para solicitar aliança política. Não acho que alguém com a intenção de ajudar a um país, pensaria em se unir ao inimigo.

Eu pesquisei muito, depois que as primeiras desconfianças surgiram, e bastou ligar os pontos sobre as tentativas de acordos econômicos para diminuir a dívida externa de Constance, para eu chegar àquela conclusão.

— Ele iria matar o pai, depois que se casasse comigo, e não duvido de que mataria o meu também. Ouvi, quando ele disse que me trancaria, se fosse necessário. Por isso eu fugi. Pra proteger o povo. Não foi por egoísmo. Não total egoísmo; foi

para defender quem eu amo.

Seus olhos se encheram de lágrimas e a raiva que eu senti por forçarem-na a isso triplicou. Estiquei uma das mãos e passei os dedos carinhosamente por sua bochecha.

— Eu sei disso. Fica calma. A verdade vai aparecer e você será a rainha mais perfeita que Hironnelle já teve.

Ela fungou e acompanhei seu peito subindo e descendo.

— Como pode saber?

— Sei lá. Eu só sei.

Voltei o carro para a estrada e dirigi por um bom tempo, olhando para ela algumas vezes, tentando entender toda sua tristeza.

Adele...

Seu nome ecoou na minha cabeça e soou como o nome mais lindo que já escutei.

Rainha Adele.

Ela seria perfeita, eu tive a certeza.



A garagem da enorme casa abriu-se e a acessei, conferindo pelo retrovisor se os seguranças me acompanharam. Quando parei, não dei tempo para que estacionassem e abri a porta para Adele, seguindo para a entrada sem olhar para trás.

— A casa é linda. — Ela olhou em volta, deslumbrada.

Diferente do Palácio de Holloway, aquela era minha residência oficial de verão e possuía hectares e mais hectares de terras disponíveis para qualquer atividade que eu quisesse praticar. Era como ter muito sem ninguém para aproveitar, já que eu quase não passava tempo ali. Soava como desperdício, mesmo que estivesse a pouco tempo de distância da outra.

— É, sim.

À nossa volta, os detalhes em madeira de demolição, ardósia e pedras esculpidas, deixaram o ambiente rústico, enquanto a decoração em prata trazia o requinte necessário. A lareira central da sala erguia-se por metros até o pé direito duplo,

onde a estrutura do telhado era visível.

Olhando para tudo com um olhar crítico, dessa vez, consegui me imaginar em uma caverna moderna, enquanto a neve caía impetuosa do lado de fora.

— Esse não era o seu recanto de...

— De novo esse assunto?

— Claro que não! É só que aqui parece intocado.

Ela caminhou até um dos sofás em couro preto e passou o dedo por ele, sorrindo sozinha quando a textura acariciou sua pele.

— Faz um tempo que não venho para cá. Os dois caseiros que tomam conta de tudo moram em uma casa descendo a encosta, perto do lavandário. Se não fosse por eles, provavelmente tudo estaria enterrado em poeira aqui dentro, o que me dói o coração porque é um lugar lindo e, não; sinceramente, eu não trago ninguém para cá. Quando venho, só o faço sozinho.

— E me trouxe?

— Você não conta como “ninguém”, Adele.

Sua boca se abriu, ligeiramente, e eu desejei com tudo de mim estar mais próximo, para fechar essa separação com meus lábios.

— Me ilude demais, falando assim.

— Não estou te iludindo. Estou dizendo a verdade. Nunca conversei com ninguém como converso com você. Nunca, sequer, pude admitir que tenho medo de ser rei, como admiti com você. Me vê como homem, Adele, não como príncipe, e essa é a mudança de que eu tanto precisava.

— O que quer dizer com isso?

Coloquei as mãos nos meus bolsos e fui até uma das enormes janelas da sala, olhando para longe, para as montanhas que se estendiam distantes de chegar a um fim. O vento frio começava a castigar as copas das árvores e elas se revolviam com uma fúria impetuosa.

— Eu fiquei com muitas mulheres. Mais do que me orgulho. Não sou aquele cara que foge do casamento para poder aproveitar a vida de solteiro. Na verdade, se eu tivesse encontrado alguém que despertasse meu interesse e certeza de que seria

feliz ao seu lado, pode ter certeza de que eu já teria me casado. O problema, Adele, é que todas me veem como um degrau a subir para alcançarem o que querem e isso está me cansando. Não sei mais quem sou, ao certo, por ter que ser o que os outros esperam de mim.

— Nós fomos criados para isso.

Expeli ar de meus pulmões, com indignação.

— Eu sei que fomos. Todos me lembram disso o dia inteiro. A única pessoa que não o fez, até agora, foi você.

— Desculpe.

— Não se desculpe. Não por ser quem é. Sinceramente, acho que tenho que te agradecer por ter me mostrado o que quero, mesmo que eu não possa ter.

— Nicholas...

— Não, não me interrompa. Não dessa vez. Nem faça nada remotamente desastrado, como sempre faz. Ou sei lá... A quem eu quero enganar? — Dei de ombros. — Gosto quando você faz coisas que

me despertam a vontade mais sincera de gargalhar. — Mordi o canto do lábio, enquanto pensei no que dizer. — Só queria deixar claro que, se eu pudesse escolher de verdade; se toda essa história de festas e mais festas não fosse meramente uma desculpa para me empurrar alguém por quem não sinto a menor afeição, eu escolheria...

Seus dedos se prenderam no meu braço, interrompendo-me. Virei-me para fitá-la e seus olhos cor de chocolate derreteram minha determinação.

— Não precisa dizer. Existem coisas que não precisamos falar para que elas sejam verdade. Basta você... — Apoiou a mão no meu peito, no lado esquerdo. — Sentir.

Cobri sua mão com a minha e senti o toque frio. Levantei-a e esfreguei entre as minhas, assoprando para esquentá-la.

— Você não existe. Só pode ser um sonho.

— Existo sim! Sou totalmente real e prova disso é que eu estou doida para que me mostre essa casa. Eu quero ver tudo o que ela tem a oferecer, até os

mínimos detalhes.

Sorri.

— Sou apenas seu guia, madame. — Fiz uma reverência.

— Pare de ser tonto e me diz: Essa propriedade maravilhosa, de arrancar suspiros, faz parte do ducado?

Caminhei pela cozinha, sentindo sua presença me acompanhar, e balancei a cabeça, respondendo à sua pergunta. O enorme espaço entre a sala e a cozinha permitiu ao lugar ser tão aberto, sustentado por uma gigante viga de madeira exposta em sua totalidade, que atraía olhares mais aguçados.

— Sim. Não é tão apreciada porque é para veraneio, mas gosto muito dela.

— Imaginei. Tenho algumas propriedades também, espalhadas por Hironnelle, mas nenhuma se compara a essa, que tem um clima acolhedor. Nem mesmo Rodwell é tão linda. Tem aquele ar de nobreza, muita coisa cara por todos os lugares, legados de pessoas que eu sequer conheci e que acabei por herdar apenas por ter nascido princesa. É

tão estranho, não é? Ser detentor de tanto dinheiro sem ter trabalhado para isso... não sou muito ligada à minha fortuna, mas sei que é imensa. É tanto dinheiro, que muitas pessoas jamais verão essa quantia na vida e, não sei... Sinto-me tão sortuda sem merecer. Minha mãe disse para eu seguir meu coração, que deixaria a herança do meu avô para mim e Arya, mas a escolha sobre o que fazer com o dinheiro caberia apenas a nós duas e poderíamos fazer o que quiséssemos; no momento certo eu sentiria a necessidade de usá-lo. Esse momento parece que nunca vai chegar e que nunca terei um propósito para tudo.

— Eu sei do que fala, Adele.

Nunca o nome de um inimigo declarado pareceu tão doce quanto açúcar ao ser pronunciado.

— Acredito que saiba mesmo.

— Por qual motivo não saía do palácio?

— Meu pai é traumatizado, por causa da minha mãe. Ela foi sequestrada, quando estava grávida da minha irmã mais nova, Arya. Mesmo com todos os seguranças e todo o cuidado que meu pai tinha com

ela. Ele acredita, até hoje, que todo o nervoso que ela passou desencadeou sua fraqueza. Quando entrou em trabalho de parto, nem mesmo os melhores médicos de Hironnelle foram capazes de salvá-la. Então, tentou, a todo custo, não me expor, muito menos à minha irmã. Não consigo nem imaginar o que está sentindo, com meu sumiço, mas precisava desse choque de realidade. Se tiver tanto medo do amanhã, jamais viverá o hoje.

— Uma princesa precisa se relacionar com seu povo.

— Eu sei. Acredite em mim, quando digo que sei. Por isso me esforcei para participar de cada causa benéfica anonimamente, mesmo sabendo que isso não era o suficiente.

Será?

Ela fez muito mais do que os outros, anonimamente, sem querer qualquer reconhecimento por isso. O que poderia ser mais nobre ou mais sincero? Ela se preocupar de verdade com as pessoas ou com o que pensariam dela, se não fizesse nada?

— Ato totalmente nobre. Alguém que faz o bem, sem querer nada em troca, é raro, hoje em dia.

Ela virou-se em um sobressalto e sua boca entreabriu-se, inalando o ar com uma lentidão que me atingiu em cheio. Uma distância de alguns passos nos separava, mas não foi uma ilusão minha, ouvir as batidas do seu coração.

Ou escutei as minhas, fortes e ritmadas, ecoando em meus ouvidos?

— Obrigada. — Passou os braços em torno de si e tirei meu casaco, colocando-o sobre seus ombros, para que não sentisse mais frio.

Adele agradeceu com um sorriso.

— Se me permite perguntar, por que Dwayne? Não havia ninguém melhor, nem mesmo um duque, em Hironnelle, que pudesse tornar seu reinado mais respeitado?

— Papai firmou o acordo com o príncipe de Constance quando eu tinha onze anos de idade. Naquela época, eu não sabia ao que fui destinada. No entanto, agora, é como se eu fosse uma mercadoria. Sei que é meu dever pensar em todos,

PERIGOSAS ACHERON

mas não consigo evitar a ponta de amargor por ser vendida a troco de aliança, dessa forma. Só me arrependo de ter fugido, por causa da minha irmã. Sinto uma saudade gigantesca dela e será a primeira pessoa que verei, quando voltar.

Algo protestou em mim, ao ouvi-la dizendo claramente que voltaria. Puro egoísmo, porque eu sabia que Persóvia não era seu lugar e que nunca seria.

— Logo vai abraçá-la.

— Espero que sim e, sabe? Eu queria ser homem, assim como você. Ninguém fez nada disso, não é? Quando ainda era uma criança. Vocês, príncipes, ainda têm suas vontades limitadas, mas podem escolher com quem querem se casar, dentre várias, assim como estava fazendo, nas últimas festas. Eu não tive essa opção. A única coisa que me disseram foi “Se casará, Adele, e será rainha.”. Para uma menina, essas palavras não tiveram muito sentido. Fui perceber a enrascada na qual meu pai me colocou com o pé praticamente no altar.

— Disse que ouviu a conversa do seu *futuro*

marido? — Que gosto amargo surgiu na minha boca apenas em pensar...

Sacudi minha cabeça sutilmente, tentando tirar a imagem dela com Dwayne, em um quarto, da minha mente.

— Conheço túneis secretos no palácio. — Ela interrompeu meus pensamentos. — E foi através deles que ouvi, assim como foi através deles que fugi. Sempre fui uma garota muito ativa, como dizia a governanta. Adorava nadar no lago de Rodwell... — Deu uma pausa. — Sem roupa e, Deus! — Abriu um sorriso enorme. — Meu pai ficou maluco, quando soube! Eu tinha acabado de completar dezoito anos e tive que ouvi-lo gritar comigo por uma hora inteira!

Arqueei minha sobrancelha com a revelação, tendo pensamentos totalmente pervertidos e nem um pouco principescos, ao imaginá-la nadando nua.

— Obrigado por me deixar com essa imagem na cabeça, Adele. Obrigado, de verdade. — Encostei na parede, cruzando meus braços na frente do corpo.

Olhei para baixo rapidamente, notando o volume que esticou minha cueca e me deixou desconfortável com a costura da calça.

Inferno!

Para minha sorte, Adele pareceu alheia aos seus efeitos no meu corpo depois de despertar minha curiosidade.

— Desculpe, foi mais forte do que eu. Seria um flerte? — Um sorriso formou-se no canto dos seus lábios.

— Totalmente. É boa nisso.

— Enfim, descobri esses túneis ainda criança e, desde então, faço muito uso deles para escapar das repreensões de papai. Às vezes, consigo me camuflar e passear na cidade, caminhando sem que ninguém me reconheça, com nenhuma segurança no meu encalço. Claro que trato de voltar o quanto antes ou seria repreendida até o próximo século.

— Se não me falasse, nem imaginaria que fosse esse tipo de mulher desafiadora. Jamais! — ironizei. — E, não sei se já te disse, mas foi muito corajosa, fugindo do casamento. Poucas pessoas, no

PERIGOSAS ACHERON

seu lugar, teriam esse ímpeto.

O sorriso que se abriu no seu rosto foi inefável.

— Obrigada — Fez uma mesura brincalhona.

— Não me agradeça.

Adele continuou se afundando na cozinha e um murmúrio abandonou sua boca, quando se deparou com o janelão, que se estendeu acima de todos os balcões e ressaltou a vista direta do lavandário.

A cor lilás se perdeu até a linha que separou o horizonte do céu.

— Nem parece de verdade.

— Não.

Coloquei-me ao seu lado e apoiei as mãos no balcão de granito, admirando as flores juntamente com ela.

— Eu poderia, muito bem, viver para sempre num lugar assim — sussurrou.

Uma visão dela correndo com os cabelos soltos e gargalhando, no meio de todos os perfumes, deixou-me atônito. Foi como vislumbrar algo que eu quis com toda força do meu ser, mas que se

PERIGOSAS ACHERON

afastava a cada dia, impossível de alcançar.

— Adele...

— Sim?

— Você fugiria, se descobrisse que seu futuro noivo era eu?

Minha pergunta a deixou sem fala e demorou alguns segundos para que finalmente me desse uma resposta.

— Isso nunca aconteceria.

— É verdade. Tem razão.

— Podemos ir até lá?

Virou-se de frente para mim, com um sorriso de canto a canto e as mãos em forma de prece. Sua animação foi contagiante, porque me vi sorrindo, mesmo sem querer.

— Claro.

— Ahhhhhh! — Deu um grito e...

Saiu correndo!

Ela simplesmente saiu correndo!

Retirou os sapatos e se mandou.

Demorei alguns segundos para eu perceber que aquilo significava um convite para que eu fizesse o mesmo e, quando dei por mim, estávamos os dois correndo e esbarrando em tantos caules de lavandas quanto possível.

A sua gargalhada foi estrondosa e me fez acompanhá-la pelo som.

Quando a alcancei e passei as mãos na sua cintura, desabamos no meio da relva repleta de flores. Os perfumes nos rodearam e, sempre que eu voltasse ali, com certeza, lembraria-me desta tarde. Sabe quando ligamos um cheiro a uma determinada pessoa? Lavanda, definitivamente, teria cheiro de Adele, de hoje em diante.

Meu corpo em cima do seu; nossos rostos bem próximos; olhares travados, como se estivéssemos hipnotizados.

Um segundo carregou tudo o que eu queria para o resto da vida.

— Você é lindo.

— Se comparado a você... — ironizei — sou horrível.

Desci minha boca para a sua e nossos lábios moveram-se necessitados, enquanto cariciava sua língua com a minha, sentindo o corpo ficar tão quente quanto um vulcão prestes a entrar em erupção.

— Isso é loucura, Nicholas.

Admirei-a, notando a confusão se apoderar do seu semblante delicado e autêntico.

— Só se você acreditar que é.

— Nunca fiquei com ninguém. Sabe? — Remexeu-se embaixo de mim. — assim, como estamos agora. Sinto como se fosse errado.

A ficha do que eu faria caiu em mim. Não poderia colocá-la em uma situação ainda pior. Um arrependimento pelo que nem aconteceu tomou conta de mim.

No que eu pensava?

Onde, infernos, eu estava com a porcaria da minha cabeça?

Não no bem dela, sem dúvida.

Afastei-me, como se estivesse sendo queimado.

— Aonde vai?

— A lugar nenhum.

Notei seu receio, quando me movi para o lado. Foi como se a rejeitasse e, bem... foi exatamente isso o que dei a entender, mas para que ela não se machucasse depois.

— Por que decidiu parar?

— Você tinha razão, quando disse que isso não daria certo.

— Você concordando comigo? É um milagre?

— Deve ir embora, Adele.

— Não sei se é o momento certo.

— Nunca será o momento certo, se não for.

— Como pode dizer isso? Por acaso sabe como estão as coisas em Hironnelle?

Movi a cabeça em um gesto negativo.

— Nem sei se quero saber.

Adele ficou momentaneamente quieta e, ao fitá-la, desejei poder guardar a imagem de sua calma em meio às flores lilases para sempre em minha

memória.

— Acho que não vou esquecer nunca daqui — falou ela.

Eu pensava da mesma forma.

Ergui meu pulso e retirei uma pulseira de família. Seu maior valor era sentimental. Foi passada de geração em geração pela família da minha mãe e, segundo ela, deveria ser entregue para quem nosso coração decidisse. Após os momentos com Adele, aquele órgão estúpido no meu peito pediu — pediu! Ele praticamente mandou — que eu entregasse a relíquia para ela.

Soltei o fecho e olhei as pedrarias por alguns instantes.

Havia um coração com um rubi no centro; um leão, o símbolo da família da minha mãe. Tudo em ouro envelhecido e tão sutil que somente se olhassem muito de perto notariam os detalhes.

— É pra você.

Ela olhou para mim com o cenho franzido, como se não entendesse o gesto.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Por que pra mim?

— Não sei. Só... leve com você.

— Não posso. É seu.

— Pode me devolver, se nos encontrarmos algum dia.

— E se não nos encontrarmos nunca?

— Ela vai ficar para sempre com você.

Suspirei agradecido, quando decidi aceitar meu presente. Só abandonamos o campo depois de algumas horas, com o sol descendo e trazendo a escuridão consigo. Um peso instaurou-se no meu peito e uma sensação de abandono tomou posse.

Ela iria embora.

E logo.

Adele precisava ir, antes que descobrissem quem era, ou eu seria capaz de coisas absurdas para mantê-la em segurança e desencadearia consequências impensáveis para Persóvia. Que Deus me ajudasse e eu não tivesse que escolher entre a segurança dela e o país. Que Deus realmente me ajudasse.

PERIGOSAS ACHERON

Porque nesse momento, eu sabia: a escolha seria ela.

A FUGA DA PRINCESA



ADELE

“As esperanças se esvaem conforme os dias passam. Sua Alteza Real, Arya Packard, Duquesa de Kessler, sofre com a ausência da irmã e foi recentemente vista em uma coletiva com Sua Majestade e diversos membros do Conselho. Uma situação como essa requer maior atenção por parte do monarca que, mesmo com o sofrimento, ainda se dispõe a pedir perdão a toda uma nação pela fuga de sua filha, graças a um acordo firmado quando ela não sabia com o que concordava.” – *Hirondelle Daily*.



PERIGOSAS NACIONAIS

O jantar foi estranho. Nicholas ficou em silêncio e me lançou olhares repletos de mistérios.

No momento em que ele se afastou, foi como ser rejeitada, e demorei um tempo para perceber que só optou por ser cavalheiro e cortês demais. Não queria cortesia, muito menos que pensasse no meu futuro; eu o queria comigo, em volta de mim e dentro de mim.

Era tão difícil notar isso? Eu acreditava que não!

Terminei de comer e não me despedi, quando subi até o quarto. Não precisei dar ainda mais indicativos de que fiquei furiosa com o que ele fez. Um dos seguranças me seguiu e, quando entrei, percebi que ele poderia ficar ali a madrugada inteira.

Olhei pelo pequeno vão da porta e notei sua sombra.

Sim. Pelo visto, eu teria que ficar presa.

Sair de um castelo para uma casa e ficar no mesmo regime de vigilância constante não era o meu sonho de princesa; não mesmo.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Avistei a sacada que se avultou ante as portas francesas escancaradas. Caminhei até ela com uma esperança bem doida que se interligasse ao outro quarto. Soube que Nicholas escolheu ficar ao lado e me pareceu uma excelente oportunidade.

Para quem fugiu de um castelo no dia do seu próprio casamento, pular para o quarto ao lado soou fácil!

Fácil, fácil. Moleza!

Coloquei as mãos no parapeito com o brasão de Persóvia trabalhado em gesso e xinguei baixo. A outra sacada ficava há uns bons metros de distância da minha.

Inferno!

Chutei o chão, senti uma dor se alastrar e mordi a língua para não gritar. Comecei a pular em apenas um pé, segurando o outro, que me corroeu em dor. Eu fui muito idiota. Por que, raios, chutei o chão?

Cristo!

Trombei com a proteção da sacada e, se não tivesse me equilibrado rapidamente, despencaria

PERIGOSAS ACHERON

uns bons metros até a grama verde que rodeava a casa de veraneio. Dei uma bisbilhotada no que me aconteceria e quando notei os arbustos de espinhos logo abaixo, fiz uma careta, ao imaginar a dor que eu sentiria. Fora os ossos fraturados porque, daquela altura, eu tive a certeza de que fraturaria algum pela primeira vez na vida.

Não. Homem nenhum valia isso.

Nem mesmo um príncipe.

Balancei a cabeça em negativa, conversando comigo mesma.

— O que faz aí?

Sobressaltei-me com a voz.

— Mas que inferno! Seu passatempo é me assustar? — blasfemei.

Nicholas ergueu as mãos em sinal de rendição, olhando-me divertido da sua sacada. Apoiou as costas contra o umbral, tão relaxado quanto um rei pousando para seu retrato.

Assustei-me com sua beleza e me espantei com quão sedosos seus fios castanhos pareceram; com o

quão irresistível sua boca, de traços bem desenhados, era, fazendo-me perder o ar, e a maneira com a qual minhas mãos coçaram por querer tocar as covinhas que se abriram em ambas as suas bochechas, quando se divertiu.

— É divertido. Você faz uma cara muito engraçada.

Crispei meus lábios.

— Não faço, não! — reclamei.

— Faz, sim. Está fazendo agora!

Ele desencostou do gesso e moveu-se até a parte lateral da sacada, se aproximando de mim. Apoiou seus cotovelos e inclinou o corpo na minha direção, com o olhar correndo por minha pele como uma lupa, ressaltando e revelando todos os detalhes que tentei esconder.

— Não sei do que está falando.

— Sabe, Adele. Claro que sabe — Inclinou-se ainda mais. — Assim como eu sei o motivo pelo qual está furiosa e tentando deixar isso claro pra mim. Minha mãe me criou para ser um cavalheiro,

para respeitar as mulheres acima de qualquer coisa. No entanto, quanto mais você dificulta essa minha tarefa, mais eu tenho vontade de sair deste quarto e ir até o seu, para te dar o que tanto deseja. O problema, princesa, é no que isso acarretaria e, como pessoa consciente, sei que não conseguiria lidar com a consequência dos meus atos. Não suporto nem imaginar algo ruim acontecendo com você e é por esse motivo que abro mão, sem qualquer arrependimento, de um momento mais íntimo e inesquecível para nós dois.

Terminou de falar e virou-se, entrando na própria suíte e me deixando com aquela cara de perdida.

Olhei para todos os lados com a boca aberta, tentando encontrar argumentos válidos para poder discutir e debatê-los comigo mesma, já que o homem sumiu para dentro do quarto.

Foi falta de educação, da parte dele, fazer isso comigo; me deixar falando sozinha diante de uma provocação sem me dar, ao menos, direito de defesa.

— Você é um idiota! — gritei.

Ele não ouviu e eu não me importei.

Voltei para o quarto e fiquei bolando planos para tirar o sossego de Nicholas, assim como ele tinha feito comigo. Pensou que seria fácil; que bastou soltar algumas palavras provocativas e pronto, eu ficaria bem?

Ah, meu querido, você não conhece a determinação de Adele!

Eu dei voltas e mais voltas, meus sapatos ecoando batidas pelo piso. Olhei para a cama de dossel, depois para os lençóis. Não, muito clichê fazer corda de lençóis. Além do mais, eu não precisava descer; precisava ir para o quarto ao lado.

Pense, Adele. Pense!

Sim, só podia fazer isso!

Voltei para a varanda e olhei para um pequeno detalhe em gesso do lado de fora da construção. Serviria como uma passarela bem pequena entre minha sacada e a dele. Se eu não tomasse cuidado, despencaria? Despencaria, sim, mas o que seria da vida sem riscos, certo?

Você está TOTALMENTE MALUCA!

Claro que sim, mas eu era uma maluca muito do bem! Não fazia mal a ninguém, só queria seduzir um príncipe. Simples assim. Fácil. Moleza, como já havia dito antes.

Certo. Se eu parasse para pensar, era loucura, mas eu sempre fui louca, logo, combinaria com minha personalidade, arriscar-me dessa forma.

Perpassei o parapeito, tirei meus sapatos e os joguei de volta no meu quarto. Assim que meu pé tocou o detalhe e se firmou, notei que aquilo aguentaria meu peso. Respirei fundo. Bem fundo, para criar coragem. Coloquei o outro pé e me levantei, totalmente apoiada ali. Por sorte, encontrei uns detalhes em ferro fundido para colocar lâmpadas, pouco acima da minha cabeça, que serviram de apoio para as minhas mãos.

Nunca existiu mesmo pessoa mais corajosa que eu. Parabéns para mim!

Dei passos vacilantes para o lado, avançando centímetros por vez, acreditando sabiamente que ali valia a minha cautela, ao invés da minha pressa. “A

pressa é inimiga da perfeição”, foi o que sempre disseram e confiei nessas palavras, sem precisar, de maneira alguma, testá-las.

Pelo amor de Deus, por que testar, quando se tratava da minha vida?!

Adele, Adele, Adele... — minha mente me alertou.

Sacudi a cabeça, mandando minha voz interior para bem longe.

Tropecei em alguma coisa, segurei em uma gárgula de gesso e senti meu coração querer escapar do meu peito, de tão rápidas que suas batidas ecoaram.

Tum-tum-tum-tum. — E lá vai! Esse é o coração da Adele, senhores! Quem dá mais? Quem aposta que esse órgão ganhará a corrida, hoje, desbancando nosso amigo fígado, que Deus o tenha; um dos rins, que acabou de parar, no meio do caminho, e o estômago, que ainda nem abandonou sua baia?! Essa corrida promete!

Comecei a gargalhar da loucura. Mas a história que inventei, no momento de desespero, nem foi

PERIGOSAS ACHERON

assim tão ruim.

Consegui voltar ao lugar seguro — talvez não tão seguro, assim — e respirei profundamente.

Príncipe...

Ele nem valia tanto assim!

Pensei em desistir. Pensei de verdade.

Posso voltar para o meu quarto e fingir que nada aconteceu, não posso?

Olhei para o lado, e, de repente, a distância que percorri pareceu simplesmente demais para eu voltar me arriscando. E se eu caísse? E se eu morresse em Persóvia e fosse enterrada como indigente? Céus, o que Arya faria sozinha, contra aqueles abutres nas cadeiras do Conselho? Ou com aquelas pessoas intransigentes do Parlamento? Não, eu não podia deixar minha irmã sozinha. Eles a manipulariam com uma facilidade absurda.

Uma imagem desenrolou-se na minha mente: o meu funeral sem ninguém, apenas as folhas arrastadas pelo vento, enquanto meu corpo descia em um saco preto até minha cova.

— Pelo amor de Deus, Adele. Que absurdo!

Minha calcinha começou a me incomodar, entrando bem naquele lugar que assava a gente. Olhei minhas mãos apoiadas, remexi-me um pouco, e a calcinha só se infiltrou mais.

— Ah, meu Jesus. Uma calcinha assassina compensa minha morte? — O local que ela apertou tornou-se subitamente mais presente. Trinquei meus dentes. — Ah, compensa sim! Não vou ficar com essa calcinha assando minha bunda. Não vou mesmo! — falei afetada.

Tirei uma das mãos por instantes e, quando puxei o pedaço de pano, soltei uma exclamação de alívio.

Com certeza, se minha professora de etiqueta me pegasse fazendo algo similarmente parecido, teria uma síncope, do tipo colocar a mão no coração, similar um desmaio e tudo o mais.

Voltei a me concentrar na tarefa de perder a virgindade e, quando consegui chegar na sacada ao lado da minha, nem acreditei. Um verdadeiro sonho se tornou realidade.

Apoiei meus pés no chão de ardósia e coloquei

PERIGOSAS ACHERON

minha mão no peito, tentando conter aquele galope de um cavalo participando de uma corrida de hipismo.

Deus!

Respirei diversas e diversas vezes.

Empertiguei meu corpo e passei pelas portas francesas abertas. O quarto de Nicholas era totalmente diferente do meu. Com uma atmosfera máscula e austera, era repleto de brasões com o símbolo da sua família e um cheiro amadeirado do seu perfume predileto pairando e ricocheteando entre todas as paredes. Da cama — gigantesca — pendiam lençóis transparentes na cor vermelha, formando arcos que ocultavam parcialmente a visão de quem quer que se deitasse nela. Nos quatro cantos daquela monstruosidade subiam pilares de madeira que se agigantavam até o teto; tudo muito imponente e com a cara dele.

— Observando muito? Do que gostou mais? — Sua voz pairou a milímetros da minha orelha.

Controlei-me para não me assustar de novo.

— Acho que de tudo... do dossel, das cortinas

PERIGOSAS ACHERON

vermelhas, da cama *enooooorme* — exagerei na palavra, de propósito. — Tudo traz um ar de fantasia, de criaturas sanguinárias, de vampiros sedentos por uma gota de sangue ou mistérios sobre assassinatos... sei lá... Na verdade, eu só gosto.

— Não pensou em nada sexual?

Seu sussurro arrepiou todos os pelos do meu corpo.

Entreabri meus lábios, tentando respirar.

Uma das suas mãos firmou-se na minha cintura e, então, senti seu corpo bem próximo ao meu. Tão próximo que seu peitoral incendiou minhas costas e a fivela do seu cinto provocou sensações malucas na pele sensível da minha lombar.

— Não.

— Duvido, Adele. Não pensou em minhas mãos correndo pelo seu corpo, enquanto seus suspiros abandonam os lábios, como um silvo necessitado? Ou na minha pele tocando a sua, criando um calor gostoso e inexplicável? Então, imagine, *magnifique*, meus lábios saboreando seu gosto, meus dedos inflamando seu desejo e nossos corpos

tão suados e envolvidos que os pensamentos se evaporariam da sua cabeça.

Senti um beijo casto na minha nuca e gemi bem baixo, de forma incoerente.

— Fale, Adele. O que veio fazer aqui? O que quer eu te faça sentir?

— Eu vim pra ficar com você — assumi.

— Corajosa. Minha pequena princesa corajosa. E se tivesse caído ou se sua calcinha assassina a tivesse matado? Admito que me segurei para não gargalhar, diante do seu dilema de tirar ou não a calcinha da... — Ele deu uma pausa e o senti sorrindo na minha nuca. — Onde quer que ela estivesse, não é?

— Se divertiu às minhas custas, seu cafajeste! — Virei-me e dei um soco de leve no seu peito — Tirar a calcinha da bunda deveria parar de ser essa palhaçada que todos julgam! Já usou alguma calcinha que se enfiasse bem no meio da sua bunda e te deixasse assado por uma semana? Inferno! Tirei mesmo e, se quer saber, tiraria de novo. Resgates de calcinha deveriam deixar de ser tabu

no mundo todo. Que coisa chata!

— Não sei se deveria me ofender, por você achar que eu uso calcinha, ou gargalhar da ideia. — Ele sorriu e eu quase derreti. Aquelas covinhas. Aquelas malditas covinhas... — E, colocando de lado esse assunto, achou mesmo que eu te deixaria sozinha? Se eu tivesse visto que não seria capaz de atravessar, garantiria, no mínimo, que não caísse. Eu presumi o que você faria, Adele, e quando a provoquei, imaginei que não deixaria que eu saísse ganhando. Não pensei errado, afinal. Só acredito que, como é o desastre em pessoa, não seria nada seguro te deixar nessa tarefa sozinha. — O que ele disse a seguir foi quase um sussurro acariciando as batidas do meu coração: — como se eu fosse conseguir te deixar sozinha em qualquer coisa, entretanto.

— Brincou comigo. — Apontei o dedo para ele, recriminadora.

— Com a sua determinação, querida. Eu brinquei com a sua determinação.

— Que diferença faz?

— Muita. Uma enorme diferença. Eu não seria capaz de brincar com você nem nos meus maiores pesadelos. Além do mais, sua coragem e força de opinião me deixam extasiado.

Sua mão subiu da minha cintura até meu ombro e se infiltrou por entre a alça fina do meu vestido. Seu toque alastrou centenas de faíscas pela minha pele, que migraram por todos os poros do meu corpo e morreram na boca do meu estômago, postergando aquele gelo, um arrepio na espinha que tirou meu fôlego.

— Queria ter certeza disso.

— Por que não tem?

Alcei minha cabeça, para olhá-lo diretamente nos olhos.

— Porque as pessoas que eu amo têm o poder de me ferir.

A raiva por ele ter visto tudo desapareceu, como se nem, ao menos, tivesse existido.

— Eu jamais feriria você. Eu seria capaz de qualquer coisa pra te manter a salvo de tudo e

todos.

Eu não sei por que eu não entendi o motivo para confiar tanto nele, mas eu soube, ali, diante de seus olhos claros e profundos, que ele disse a verdade. Uma verdade aterrorizante, que deixou a nós dois sem ação.

— Se tudo fosse diferente... — sussurrei e Nicholas interrompeu.

— Você seria minha rainha.

— A palavra mais verdadeira dessa sentença é o “seria”, porque nós dois sabemos que esse futuro é impossível.

— Não é porque é impossível, que não posso vislumbrá-lo.

— Agora, ainda mais do que antes, eu preciso ir embora — falei.

Precisar era muito diferente de realmente conseguir ou de querer.

— Eu sei que sim. Mas, se veio até aqui é porque minha negativa de mais cedo não te deixou contente e, por mais que eu saiba o quanto isso é

errado, posso ser sincero e dizer que é tudo o que eu mais quero?

— Acabou de dizer.

— Sim.

Ele traçou uma linha de beijos dos meus ombros até o meu pescoço e me causou calafrios, aos quais eu senti com toda aquela sensação de primeira vez. Pela primeira vez, eu senti um homem me tocar dessa forma e foi tão inexplicável, íntimo e aterrorizante!

O que viria depois?

Como seria?

Eu me machucaria?

Senti uma pontada de medo, ao mesmo tempo em que o desejo se sobressaiu.

— Eu quero você — admiti.

— Então, nós temos um problema. Um problema enorme, porque eu também quero você, princesa, mais do que eu deveria querer; mais do que eu *poderia* querer.

Meu coração saíria do peito, se continuasse
PERIGOSAS ACHERON

falando essas coisas. Com certeza, ele sairia e, quer saber? Esse príncipe valeu meu esforço, sim! Daria o que ele quisesse, desde que não parasse nunca de me olhar como se eu fosse o motivo para o seu mundo continuar girando.

— Quando eu for embora, irá se arrepender pelo que fez ou pelo que não fez? —eu disse, fitando-o fixamente.

Nicholas não me respondeu e seus gestos funcionaram melhor do que palavras, quando passou seus braços atrás dos meus joelhos e me levantou, carregando até a enorme cama de dossel.

Não sabia o que esperar da minha primeira vez.

Não sabia o que esperar diante do toque de um homem, de forma tão inesperada.

Senti seus beijos suaves na curva da minha panturrilha, enquanto uma de suas mãos subiu pela extensão da minha perna, acarinhando e despertando sensações que eletrizaram todo o meu corpo, nascendo no seu toque e morrendo na boca do meu estômago. Seu calor transpassou, até mesmo, a meia calça fina que coloquei devido à

brisa fria.

Seus dedos queimaram toda a extensão de pele que tocaram.

Ao acompanhar o gesto, arfando, deparei-me com os olhos verdes e profundos totalmente nublados pelo desejo.

Nicholas mordeu suavemente seu lábio inferior, afoito por desbravar o castanho dos meus. O gesto repercutiu diretamente no meio das minhas pernas. Friccionei-as, tentando conter aquela onda de espasmos desejosos. Isso arrancou uma gargalhada sua, baixa, rouca e lasciva.

— Vou tratá-la com a devoção que merece — sua voz atingiu meu ouvido, abrasadora, seus dedos se prenderam na minha cintura e seu corpo pressionou o meu, enquanto se inclinou para sussurrar: — Aqui, nessa cama, você será tratada como a mulher que se tornou e nenhum título estará entre nós. Ninguém estará entre nós. Sou eu, Nicholas, sendo devoto a você, e mais ninguém. Essa primeira vez será inesquecível para nós dois, princesa. Só posso torcer para que valha tanto a

pena que não queira me abandonar.

Inclinei meu corpo na cama com a maciez reverberando pela minha lombar.

— Eu...

— Adele. Minha Adele. — Apertou ainda mais minha cintura.

O calor das suas mãos massacrou o tecido do vestido.

Nicholas inspirou a pele do meu pescoço e rosnou sedutoramente. Foi selvagem, primitivo e muito, absurdamente erótico. Tão erótico que eu abri minhas pernas e me esfreguei nas suas, ansiando por algo que eu nem, ao menos, sabia do que se tratava.

Nicholas ultrapassou a barreira do vestido e infiltrou sua mão por entre minhas pernas, despertando fagulhas conforme seus avanços. Comprimi meus olhos juntamente com meus lábios, extasiada com a descoberta de que era possível, sim, ansiar por alguém tanto quanto ansiamos por água.

Não encontrei qualquer parte minha que não o quisesse.

— Você será meu? — indaguei.

— Para sempre, princesa.

Nada era para sempre. Não para nós dois. Nada nunca seria.

Senti seu dedo levantar meu queixo e abri meus olhos, quando seu hálito quente causou cócegas nos meus lábios. Deparei-me com ele muito próximo e o verde tremeluziu, se perdendo em meio aos riscos negros que se amontoaram nas suas íris.

Ele passou mais com um olhar do que poderia com palavras. Tornou tudo profundo, sem emitir qualquer jura extensa e sem sentido.

— Não fica assim — pedi.

Eu suspirei, sabendo que seria impossível conter o medo que se apoderou de mim.

— Não consigo evitar.

— Consegue. Nós vamos conseguir... juntos. — Seu rosto encontrou o meu e nossos lábios se prenderam em uma partida impiedosa, travando

uma batalha contra minha razão.

Sua língua dançou com a minha e eu segurei em sua camisa, com força, sentindo os nós dos meus dedos protestarem. Puxei-a com força e todos os botões começaram a ceder. Uma chuva deles pairou pelo quarto, sem que eu notasse sequer o barulho deles caindo no chão. Nicholas rapidamente passou as mangas pelos braços, sem abandonar nosso beijo mordendo minha boca atrozmente.

Suguei sua língua e ele gemeu, um som que reverberou impiedoso e dilacerante no meu baixo ventre.

— *Adele... Adele... Adele...* — ficou repetindo meu nome e isso me excitou mais do que imaginei ser possível.

Tinha algo realmente muito poderoso em fazer um homem ficar louco a ponto de não conseguir falar nada além de sussurros do seu nome.

Fitei-o, quando se livrou totalmente da camisa e passei a mão no seu abdômen, acompanhando a extensão rala de pelos que eu quis tanto acariciar em meu quarto, no dia em que me surpreendeu.

Tocar foi inumano, de tão delicioso. *Nicholas era sobrenatural*. Seus músculos firmes e irresistíveis alisaram a ponta dos meus dedos, convidando-me a explorar mais e mais. Quando voltei a passear perto de seu quadril, ele mordeu meu ombro, para conter o som, o que me fez fechar minhas pernas em torno da sua cintura e tentar respirar pausadamente.

Senti como se fosse capaz de explodir diante da tensão.

Eu o queria.

Muito.

Tanto que eu não conseguia respirar.

— Se quiser que eu pare, é só falar. É o certo, Adele.

— Odeio o que é certo demais.

— Juro por Deus; meu Deus, pelo que de mais sagrado tenho na vida, que eu vou te fazer soluçar de tanto prazer.

Passei a língua no seu pescoço, sentindo seus músculos se retesarem sob mim.

— Mal posso esperar, Alteza.

— Como conseguiu deixar esse tratamento tão sexy na sua voz? Acho que nunca mais vou conseguir ouvi-lo sem lembrar dessa noite.

Gargalhei.

Uma gargalhada repleta de expectativa.

— O que está esperando para tirar esse vestido de mim? — indaguei.

Ele se levantou devagar, sem acreditar no que estava prestes a acontecer. Apoiou-se sob seus calcanhares e eu fiz o mesmo, para admirá-lo.

Estendeu a mão.

Eu a aceitei.

Nicholas puxou-me bruscamente para mais perto e passou os braços pelo meu corpo, desprendendo o primeiro botão na minha nuca e, depois, descendo tentadoramente o zíper nas costas do vestido. Seus dedos resvalaram em minha pele e me contorci involuntariamente, repleta de arrepios.

Quando o zíper completou seu trajeto, uma antecipação gostosa e irrefreável tomou conta de mim. Nicholas fechou os braços nas minhas costas,

imprensou seu peito contra o meu e beijou meu pescoço, afastando meu cabelo suavemente para continuar aquela sequência de pequenas torturas indescritíveis.

— Você é incrível.

— Você também.

— Eu sei — disse ele, convencido.

Abri um sorriso que ele não conseguiu ver.

— Deveríamos ser inimigos, Adele. Mas eu só consigo pensar que jamais seria capaz de te odiar.

Seus braços me abandonaram e o tecido leve do vestido escorreu pela minha cintura, parando no meu quadril. Seus olhos pousaram em meus seios e sua língua percorreu o lábio inferior, umedecendo-o e mostrando o que permeou seus pensamentos.

Inclinei meu tronco na sua direção, convidando-o para o pecado.

— Quer isso tanto quanto eu.

— Você não tem a menor porcaria de noção do quanto eu te quero. Nem a menor fração.

Suas mãos se fecharam em torno de um dos meus

PERIGOSAS ACHERON

seios e a sua boca prendeu o mamilo no calor úmido. Nicholas circulou-o com a língua, sugando e mordendo, fazendo meus olhos revirarem em suas órbitas, perdidos em meio ao prazer. Ele provocou um com a boca e acariciou o outro com os dedos, causando algo muito mais intenso do que eu imaginei que seria.

Minha pele incendiou-se completamente. Chamas tão altas que se existissem de verdade tocariam o teto do quarto.

A cada pincelada da sua língua no meu mamilo, eu girei e rodopiei em minha própria órbita.

Só quis que ele me amasse mais, mais e muito mais. Não precisaria de outros para comparar porque, no fundo, eu sempre me lembraria dele, deste momento e sempre o desejaria. Seria como esperar por algo, mesmo que nunca mais o tivesse, até o fim dos tempos.

— Nick... — sussurrei.

— Adele... — Ele se afastou, o verde tremeluzindo na luz fraca da lua que infiltrou o quarto através das portas francesas. — Eu sou

capaz de qualquer coisa por você. Eu... sinto que posso não ter outra oportunidade. Eu...

Coloquei o dedo na sua boca, impedindo-o de continuar.

— Eu também, Nick. Eu também — admiti.

— Promete que tudo vai dar certo? — pediu, uma súplica.

— Sabe tão bem quanto eu que não posso prometer isso.

Ele suspirou, pegou uma das minhas mãos e a levou à boca, beijando-a de olhos fechados. Quando os abriu, consegui tocar cada um dos seus medos.

— Não vou te deixar casar com ninguém além de mim. É horrível dizer isso agora, mas não vou conseguir.

Meu peito protestou dolorido.

— Não pense nisso.

— Como?

— Assim — falei e me inclinei, prendendo minhas mãos ao redor do seu rosto.

Nicholas rapidamente me virou e me posicionou em cima de si, enquanto suas mãos subiam e desciam pelas minhas pernas, acariciando toda ela. Não demorou muito para que o restante das peças que nos impedia saísse e nossos corpos cedessem às chamadas que consumiam o quarto inteiro.

O ritmo de nossos beijos se tornou mais afoito.

Suas mãos deixariam marcas na minha pele alva, tamanha a sua urgência e vontade de se imprensar em mim. Estávamos necessitados por mais contato e mais pressão, de uma maneira única e espetacular.

Nossas línguas pertenciam uma à outra, como a nossa ânsia por nos fundirmos no outro. Nada chegaria perto da beleza que vislumbrei nesse instante. Nenhum momento sequer ameaçaria tornar-se o mais feliz da minha vida, como esse.

Ele interrompeu o contato e me olhou fixamente. Consegui enxergar a pergunta que Nicholas não proferiu e acenei afirmativamente.

Claro que sim.

Ele não esperou muito para descer, beijando todo

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

o meu corpo, até parar entre as minhas pernas, fazendo-me perder toda a noção de tempo e espaço com o que ele fez. Nos primeiros toques, nas primeiras carícias, eu não consegui conter aquela loucura que rodopiou em torno de mim. Foi como alcançar o inferno em meio ao gelo; como caminhar em brasa tendo gelo nos pés.

Como eu descreveria essa sensação?

Não tinha como.

Nicholas sugou e eu apertei o lençol entre meus dedos, arqueando as costas, tentando conter a sensação de pegar fogo em toda parte.

Seus dedos na minha cintura me puxaram em direção à sua língua e eu me deixei ser guiada. Foi como um bálsamo. Quando me senti perdida o suficiente, seu corpo me cobriu mais uma vez e seus olhos se fixaram nos meus.

— Vai doer, Adele.

Mordi meu lábio inferior, ansiosa. Suas mãos se fecharam nas minhas, acima das nossas cabeças, no travesseiro felpudo.

PERIGOSAS ACHERON

— Eu aguento.

Ele sorriu fraco, como se imaginasse que eu fosse dizer isso.

— Não pense muito.

— Como se eu conseguisse pensar em alguma coisa que não você e seu ego.

Mais um sorriso.

Meu corpo relaxou desejoso e entendi completamente que isso foi por causa dele; por ser tão calmo, carinhoso e, ao mesmo tempo, selvagem.

Quando Nicholas investiu em uma única vez, a pontada aguda me fez inclinar o corpo para trás, tentando contê-la. Ele permaneceu inerte, deixando que eu me acostumasse e, quando a dor finalmente cedeu a algo muito inexplicável, seu corpo voltou a se mover de maneira tão lenta e cadenciada, que eu pensei estar tocando uma parte do céu.

Ele me amou.

Eu o amei.

Não sabia onde eu terminava e ele começava, só

sabia que nos completávamos; que finalmente encontramos o que tanto procuramos.

— Adele... — Ele investiu várias e várias vezes, arrancando-me gemidos. — Obrigado por fugir.

Eu sorri, em meio àquilo que se construiu mais uma vez em mim.

— Obrigada por me encontrar.

Ele ofegou e eu puxei o ar para os meus pulmões, cedendo ao ritmo afetado do meu coração. Nicholas manteve todo o meu orgasmo, em investidas lentas, enquanto sua língua se prendeu à minha e nosso beijo se tornou eterno.

Um sorriso estampou meu rosto, quando se deitou ao meu lado.

Nossos peitos subiam e desciam ofegantes.

Ele fechou os olhos e, então, eu elucidei algo que se perdeu entre nossos gemidos, mas não desapareceu do meu coração.

— Vai doer mais, quando eu te deixar.

Ao fechar meus olhos, perguntei-me se eu seria capaz de sentir aquilo por outra pessoa. Odiei-me

por ter certeza de que não. Nunca mais sentiria algo assim novamente, porque nós dois jamais voltaríamos a ficar juntos.

A FUGA DA PRINCESA



NICHOLAS

“Houve um ataque (se terrorista ou não, ainda não sabemos) na casa de veraneio de Sua Alteza Real. Conforme informações, o príncipe encontrava-se em missão diplomática (em país não informado). Não sabemos se a informação é verdadeira, mas sabemos, sem dúvidas, que ele não esteve em Ward, no momento da explosão. Não houve feridos, para sorte de uma nação já tão descrente dos seus governantes.”

– *Persóvia Journal*.



PERIGOSAS NACIONAIS

— Por que me trouxe para Holloway? — Adele proferiu, enquanto eu a puxava apressado pelos corredores do castelo.

Com a notícia de que meu pai descobrira sobre minha farsa, percebi que não seria o melhor ficar em um lugar ao qual ele sabia que eu amava. Jamais desconfiaria de Holloway, por que qual a minha inteligência em desaparecer justamente ali? Não fazia qualquer sentido.

— Ele não vai me procurar aqui.

— Quem? — Ela abriu a boca quando se deu conta. — Seu pai? Meu Deus, seu pai? O rei?

— Eu tenho outro pai, além dele?

— Não, não é isso. É só que ele já desconfia demais de mim e com certeza vai notar que eu também não estou em Baldrick! Meu Deus! — Levou as mãos ao rosto, em desespero — Nós não deveríamos ter feito isso!

Desprendeuse dos meus dedos e eu mantive o olhar travado no seu, enquanto Adele ponderou sobre suas opções.

PERIGOSAS ACHERON

Até mesmo preocupada, continuava linda.

— Tudo começou quando você veio parar aqui em Persóvia, justamente por ser o único lugar no qual seu pai não te procuraria. Sinto cheiro de hipocrisia, Adele.

Ela piscou, afetada, e eu respirei fundo.

— Tem razão. Me desculpe... É que eu...

— Está com medo.

— Um sábio me disse, uma vez, que devemos temer aquilo que não conhecemos.

— Na verdade, foi a mãe do sábio. Ele apenas repassou o ensinamento! Mas esse sábio também concorda que o resgate da calcinha deveria deixar de ser tabu. Homens fazem coisas bem piores, quando pensam que ninguém está vendo ou, na verdade, sequer nos importamos com quem veja.

— Nojento! — Ela falou, com uma sombra de sorriso.

— Me perdoa por te fazer sair correndo e por te colocar em uma situação complicada? Acredite em mim quando digo que seria capaz de qualquer coisa

para te ajudar.

— Não devemos pedir perdão. Deve saber disso. Só é permitido pedir desculpas, nada de perdão.

Abaixei a cabeça, desolado que neste momento ela estivesse preocupada justamente com isso: protocolos para os quais não dou a mínima. Ela estava muito acima deles, assim como minha mãe sempre os ignorava quando estava sozinha com meu pai.

Passamos do estágio de ser príncipe e princesa. Éramos simplesmente duas pessoas que precisavam, com uma necessidade crua, uma da outra.

Alcei a cabeça novamente e fitei Adele.

— Que se danem os protocolos e regras reais! Estou falando como homem com você, e adoraria se esquecesse, mesmo por alguns segundos, quem somos de verdade.

— Gostei dessa sua fala.

— Você me influencia.

— Eu deveria ficar feliz com isso, mas tenho

certeza de que não é uma boa coisa.

— Com certeza, não. — Alarguei o sorriso.

Voltamos a caminhar depressa e, quando estaquei na frente de uma porta antiga de madeira com vários símbolos e olhei para Adele, enxerguei tantas coisas que não consegui, sequer, respirar.

— Adega? Por que me trouxe aqui?

— Vou dividir algo com você, muito especial. Aprecie sem moderação.

— O quê?

— Você vai ver, *mon coeur*¹².



— Meu Deus, que uísque maravilhoso! — Exaltou Adele.

Degustei o sabor na minha boca, sentado na mesa em madeira maciça, olhando para ela na poltrona, com os olhos fechados e o paladar aguçado. Adele com certeza valia a pena, Mason não. Pressenti que guardei aquela garrafa até esse momento, esperando que alguém realmente especial saboreasse o magnânimo comigo.

Apenas eu entendi o quanto esse gesto representou.

Adele não percebeu, mas conseguiu alcançar um lugar na minha vida ao qual raríssimas pessoas tinham acesso.

— Perfeito.

Tirei meus sapatos e fiquei apenas com as meias, apoiando os pés no encosto na poltrona em que ela estava.

— Tem um sabor tão diferente. Nem mesmo os uísques de papai tinham esse gosto peculiar e irresistível. — Adele bebeu mais um gole, sem gelo, segurando o copo com uma perícia que me deixou de boca aberta. — Esse que foi feito a partir da colheita de vários maltes diferentes? Lembro-me dele dizendo algo assim para mim. Muito bom, realmente merece o valor exorbitante que vale.

Arqueei minha sobrancelha, espantado.

Essa mulher pegou meu coração e o pisoteou com tanta vontade que me fez arfar!

Deus!

Ela entendia de uísque?

Que me desculpassem todas as mulheres do planeta, mas essa nasceu para mim.

— Adele, você nasceu para me deixar louco. Tenho certeza.

— Ah não fui eu e, sim, esse *Dalmore*! Papai daria um rim para poder provar. Apenas três garrafas no mundo. Três garrafas! E estamos zerando uma delas! — Ela gargalhou.

Eu também.

Tudo ficou tão engraçado que eu não consegui mais parar de rir. O que ela fez que a tornou tão divertida assim?

— Por um bom motivo — falei.

Cambaleei um pouco, ops!

— Por que decidiu dividir ele comigo e por que não me deixa ficar no palácio? Sinto que tenta me tirar de lá toda vez que pode e não sei o que pensar sobre... — Soluçou. — Isso.

— Sei lá, só pareceu o certo abrir ele com você. E sobre lhe tirar do palácio, você tem absoluta

razão, *princesaaa...* — Arrastei seu título, sentindo-o pinicar minha língua, como se a queimasse sutilmente. — É que sempre deixa escapar alguma coisa sobre seu passado, e as pessoas começaram a desconfiar de que não perdeu porcaria de memória nenhuma. O que... — Pausei, procurando palavras com a minha mente confusa. — Não seria nada bom para mim, muito menos para você. Se a pressionassem, e eu sei bem, porque já fiz isso, você cantaria como um passarinho! Seria presa e então só Deus sabe o que lhe aconteceria.

— De novo, eu te pergunto: no que isso que te afetaria?

— Eu seria capaz de fazer qualquer coisa para garantir sua segurança e morro de medo dessa verdade. Isso que me afeta; nada mais, nada menos. Você me afeta, totalmente. E não posso deixar que ninguém chegue perto de você, que ninguém te ameace, porque sei que isso me transformaria e, então, nem mesmo o rei seria capaz de me parar.

— Nick...

— Não precisa dizer nada... Não tem noção, não

é? Do quanto eu deixei Deandre maluco, obrigando-o a mudar a maioria dos compromissos da minha agenda, só para poder estar ali por você, se acontecesse alguma coisa. Eu te encontrei; eu te levei para o palácio, então é minha obrigação garantir que ninguém lhe faça mal. Ninguém. — Suspirei. — Fiz com que meu assessor remarcasse várias reuniões e compromissos importantes, ou que os remanejasse para o quanto antes, só para... — Fechei meus olhos por instantes. — Ficar a maior quantidade de tempo possível por perto.

Ela soluçou. Depois de todo o meu discurso de admissão, a infeliz soltou apenas um soluço.

— Tomara que tenha valido a pena. — Fez um gesto de descaso.

Meu corpo cedeu para o lado e eu apoiei minha perna no chão, antes que meu rosto encontrasse a superfície dura. Gargalhei de novo. Olhei para a garrafa, com apenas alguns dedos do líquido âmbar.

— Adele, você bebeu todo meu uísque?

— Euuuu? — Sua voz arrastou-se. — Foi você! Ao menos, grande parte dele!

Eu?

Meu corpo tombou para frente e ela me segurou, com as mãos no meu peitoral, enquanto cambaleamos juntos. Tropecei em um dos pisos rústicos do chão e caímos os dois, rindo diante de tudo rodando. Os móveis ganharam vida em torno de nós e eu não consegui pensar direito. Sequer consegui falar. A única coisa que me manteve preso à realidade, por um fio bem fino, foi seu corpo junto ao meu e suas mãos em mim.

— Deixa... — Suspirei. — Eu te dizer.

— Pode falar. Estou ouvindo, Nick.

— Gosto de *Nick* na sua boca.

— Eu amo quando fala Adele, também.

Mais uma gargalhada. Se minha ou dela, tanto faz.

— Fico feliz em saber quem é de verdade e, sinceramente, não me importo.

— O que você diria? — Ela passou um de seus braços pelo meu abdômen e apoiou a cabeça no meu peito, fitando-me com os olhos grandes e

esperançosos.

Consegui distinguir os raios pretos nas suas íris castanhas, abrindo e fechando a boca, sem saber o que dizer, momentaneamente.

— Que Mason vai cuspir fogo quando descobrir que eu bebi a garrafa inteira e não deixei nem um pouco para ele!

Adele jogou a cabeça para trás, rindo descontrolada do que acabei de dizer. Quando se recuperou da crise de riso, disse em meio aos sorrisos mais lindos que eu já vi:

— O que podemos fazer? Aconteceu... Precisamos esquecer um pouco o preço que teremos que pagar.

— Nunca ouvi tanta verdade na vida.

— Ah, você tinha toda a razão, quando disse que eu cuspiria fogo ao descobrir que me negou essa belezinha para apreciá-la justo com ela — Ouvi a voz do meu amigo e coloquei a mão na boca, abafando um riso.

Adele fez o mesmo, com a diferença de que

apontou para um ponto atrás de nós e ficou vermelha de tanto conter a gargalhada.

— Vocês são uns miseráveis! Juro pelo que de mais sagrado há em minha vida.

Aproximei-me de Adele, para sussurrar no seu ouvido: — É um uísque de quase um milhão, que ele mantém em algum esconderijo. Nem me deixa saber onde fica.

— Eu ouvi, Nicholas. E vocês dois, sinceramente, deveriam ter vergonha por se embebedarem com uma relíquia e ainda esquecerem totalmente os problemas que os cercam. Como fica o ataque em Ward?

A residência de veraneio?

Coloquei as mãos nos ombros de Adele e a levantei gentilmente, para que pudesse levantar também. A bebedeira pareceu se curar milagrosamente apenas com as palavras que meu amigo falou. Aquilo foi o suficiente para me trazer à coerência mais rápido do que um banho gelado.

— Ward? Ataque?

— Não viu as notícias, porra?!

Mason pegou o controle da televisão em um dos balcões e a ligou. No momento em que fez isso, um compartimento no chão abriu-se, enquanto a imensa TV de tela plana subiu rapidamente até a altura dos olhos. Ouvi o murmúrio de Adele e, com o pânico iminente pelo ataque, não dei muita importância.

“A residência de veraneio do príncipe de Persóvia acaba de sofrer um ataque terrorista (ainda não sabemos ao certo). Parte da construção foi afetada e as estimativas indicam que não há como salvar a estrutura. Um lugar conhecido por sua beleza e pelo interesse de Sua Alteza, foi destruído. Não há qualquer tentativa de contato por parte dos culpados. Por sorte, não havia ninguém na residência no momento da explosão. Segundo o rei, seu filho encontra-se em missão diplomática. A assessoria da coroa ainda não divulgou maiores informações. Enquanto isso, as equipes de investigação estão à procura de alguma pista que indique os culpados. Voltamos, em breve,

com mais notícias.”

Desabei na poltrona, sentindo minhas pernas falharem, dessa vez sem ter nada a ver com a alta dose de bebida alcoólica que ingeri. O lavandário pegou fogo, conforme a imagem na televisão ressaltou. Uma raiva descomunal se apossou de mim e apertei firmemente o braço da poltrona.

— O lavandário... — sussurrou Adele.

— Sinto muito, Nick — proferiu Mason.

Coloquei a mão na cabeça e fechei os olhos, tentando entender o motivo para Persóvia ser alvo desses ataques repentinos. Não ofendemos a nenhum país ou, sequer fizemos inimigos, além dos aliados comuns que possuíamos. Hironnelle não contava... Ou seria isso? O rei descobriu para onde sua filha fugiu e tentou, a todo custo, fazê-la voltar, ameaçando a segurança do meu país? Não, pensei melhor. Se ele soube que estamos juntos, como seria capaz de arriscar a vida dela para acabar com a minha?

Não, não foi ele. Não, nesse caso, ao menos.

— Eu e Elizabeth estávamos lá... — falei e o tremor assolou meu corpo ao imaginar o que aconteceria se não tivesse acordado e a trazido para Holloway — Alguém se machucou? Um dos seguranças?

— Não. Pelo que noticiaram, eles não estavam lá, para sua sorte. Se viesse à tona, além de perder várias pessoas, sua escapada teria sido notícia em rede nacional, indo contra as informações que seu pai passou. Seria um inferno, acredite em mim.

Quando comecei a ser tão irresponsável assim?

Merda!

— Não acredito... A culpa é minha. Totalmente minha.

— Não se martirize tanto. A culpa é de quem está fazendo esses atos criminosos... Aliás, acredito que acabou de cometer um ao beber dessa garrafa. — Pegou o vidro, agora vazio, entre as mãos e olhou-o com pesar. — Interessante, não? Justo esse, que enfatizou e me proibiu de tocar por todos esses anos. Como foi que me disse, Nick? Ah, sim, claro que me lembro. “Existem apenas três garrafas

no mundo, Mason. Não abriria nem pelo maior amor no mundo”? Algo assim.

— Eu não falei isso! — me irritei.

Mason abriu um sorriso de quem me pegou na encenação.

— Não com essas palavras, talvez. Mas, claro que eu não sou tão importante para desperdiçar um uísque tão bom. Elizabeth, por outro lado... — Entortou um pouco a cabeça em cumprimento. — Não vou te julgar; faria o mesmo. — Deu as costas e caminhou até a saída da adega, não antes de pegar uma garrafa de vinho, sem ao menos disfarçar. — Vou confiscar esse *Conti da Borgonha* só porque acabou com a minha graça. Acredito que ela seja a pessoa especial que você esperava para degustar a raridade e espero que tenha valido a pena.

— Perdeu, Mason. Eu senti o sabor de uma, das três garrafas. Você nem ao menos o cheiro!

— É o demônio, mulher! — meu amigo murmurou, contrariado. — e só por sua provocação, vou levar esse outro aqui também! — Pegou outra garrafa. — Passar bem, vocês dois. Os

guardo na sala, antes que eu seja obrigado a sentar e me embebedar com vocês. O que seria patético, dado que claramente me tratariam como intruso.

— Deixe as garrafas onde as encontrou! — gritei.

— Você me deve, seu merda, por ter tomado todo o meu sonho e não ter deixado nem, ao menos, um copo!

Não falei nada. Deixei que meu amigo desaparecesse em meio à escadaria de pedra que levava até o primeiro andar. Senti braços massagearem meus ombros e permaneci estático, pensando em tudo o que aconteceu. Levantei-me bruscamente e segui os passos de Mason, pegando meu celular jogado em um dos sofás logo que o avistei.

Adele não me acompanhou e eu não me importei.

Precisava mantê-la longe de tudo. Precisava salvá-la da bagunça que eu era.

— Pai...

— Não consigo nem dizer o tamanho da minha

fúria ao ter que mentir por você, seu moleque. Como pôde me enganar dessa forma? Eu acreditava seriamente que estava em missão diplomática, não na porcaria daquela casa! Tem noção do perigo no qual se colocou? Tem a maldita noção? Sua mãe desmaiou, quando soube que não estava onde deveria. E se algo tivesse acontecido com ela, Nicholas? E então, o arrependimento e um pedido de desculpa a fariam voltar?

— Pai... Eu...

— Não fale nada. Venha para Baldrick imediatamente e traga essa maldita menina junto com você. Não quero nem ouvir o nome dela ou alguma mentira qualquer sua. Tem quase trinta anos, Nicholas. Na sua idade, eu estava casado, há muito tempo, e já tinha você. Quando vai crescer? Cansei de ser condescendente e espero que aprenda logo a sua missão para com seu país.

Ele encerrou a ligação e eu lancei meu celular com fúria no chão.

— Quer que eu te leve até Baldrick? — indagou Mason.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Vou dar um tempo.

— Sem problemas. E Elizabeth?

Olhei para meu amigo, repleto de dúvidas.

— Liguei para um dos seguranças vir até aqui buscá-la.

Ele acenou em concordância e ficamos em silêncio por um tempo excruciante, enquanto as ideias e milhares de desconfianças fervilharam em minha mente.

Adele desapareceu, depois que a ignorei na adega. Devia estar em um dos quartos, se recuperando da bebedeira. Troquei um olhar com Mason e soube que ele entendeu todos os meus dilemas internos, assim como a minha ignorância em lidar com eles.

Persóvia tinha que vir antes. Antes de qualquer coisa; de qualquer pessoa.

Mas não vinha.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

A FUGA DA PRINCESA



NICHOLAS

“Claro que, para a monarquia, tudo se resolve com festa!” – *Persóvia Journal*.



Quando voltamos para Baldrick, Adele foi escoltada sem qualquer cerimônia até o quarto. Eu não interferi. Não dessa vez. Papai deu ordens expressas para que a vigiassem, visto que todos os ataques começaram após sua aparição. Se ele soubesse, então, quem ela era de verdade... Justo

ela, que fugiu de um casamento, tentando se salvar, decidiu vir para um lugar do qual era inimiga declarada. Adele foi corajosa na mesma proporção em que não pensou em porcaria nenhuma.

Participei de uma reunião do Conselho; depois, com o Parlamento e, ao fim, só pensei em desabar na cama e torcer para que tudo não passasse de um pesadelo.

Não a vi pelo restante da tarde, até que avistei Felicity conversando com ela em um canto, parecendo extremamente alterada, enquanto a outra a enfrentava de igual para igual, sem se abalar nem um pouco. Escondi-me atrás de um dos pilares, observando as duas à distância, tentando fazer leitura labial do que conversavam.

— Não — entendi Adele dizer.

Tentei prestar atenção em Felicity, mas ela não estava no meu campo de visão, como a outra. As duas debateram fervorosamente por ainda mais algum tempo e Adele deu às costas, caminhando apressada para longe. Não esperei que Felicity fizesse o mesmo, aproximando-me efusivo dela.

Meus punhos estavam fechados ao lado do corpo, com a tensão evidente.

— Venha comigo até o escritório — falei, sem espaço para negativas.

Felicity não protestou, mas seguiu-me em silêncio.

— O que você queria com ela? — indaguei, assim que entramos no cômodo.

— Nada, meu caro príncipe.

— Por que não consigo acreditar no que diz?

— Por que está cego e apaixonado por ela? Ora, meu lindo, ainda pensa que isso terminará bem? Quando todos descobrirem quem ela é, não terão qualquer possibilidade de engatar esse romance!

— Como assim “quem ela é”? — Semicerrei os olhos.

Felicity caminhou como uma felina e sentou-se na cadeira em frente à minha mesa. Cruzou as pernas de forma provocativa, parecendo tão bem com seu próprio plano, que eu entendi que acabaria entre a cruz e a espada.

— Não banque o idiota pra cima de mim, Nicholas. Elizabeth (ou eu deveria dizer Adele?) é a princesa fugitiva de Hironnelle... Só não sei, ao certo, como ela veio parar justamente em território inimigo. De qualquer maneira, pouco me importa. Eu só quero que ela vá embora para eu conseguir o que desejo; o que é meu por direito. — Foi tão dissimulada que, ao final, passou a língua no lábio inferior, tentando me seduzir.

— O trono.

— Exatamente. Fui criada para ser a rainha e serei rainha.

Andei até minha cadeira e desabei, desgastado; sentindo que não teria como lutar contra a verdade.

— Não será necessário nada disso. Não vou me casar com Adele e, sinceramente, essa possibilidade nem me passou pela cabeça.

Blefei com toda minha força e empenho.

Se eu dissesse a verdade, Adele teria que voltar para seu país, o que não seria bom, ou viajar para outro lugar, o que também não me deixou bem. Mais cedo, eu pedi para uma pessoa infiltrada no

reino de Hironnelle me dizer quão grande estava a repercussão da busca por ela e, para meu pesar, sua foto estava sendo veiculada em todos os países que nutriam alguma forma de comércio ou aliança com Hironnelle.

Pelo visto, o rei não se importava mais em preservar sua imagem.

E se ela fosse embora e a encontrassem?

Um arrepio de medo perpassou meu corpo ao imaginar que, dessa vez, eu não conseguiria protegê-la. Nem sequer conseguia imaginá-la se casando com outra pessoa. Meu egoísmo e ciúme falaram mais alto e meu sangue ferveu ao imaginar outro homem, que não fosse eu, tocando-a.

— Está mentindo. Tem ficado bastante tempo com ela. — Felicity me olhou, tentando encontrar algum traço de mentira.

— Não, não estou. Eu fiquei com ela, não vou mentir para você. Elizabeth ou, como você sabe, Adele — falei o nome em tom de sussurro — fez valer muito, mas muito a pena. Não me decepcionou em momento algum, mas tanto faz,

para mim. Posso mantê-la como amante real, aí dependerá de você, permitir ou não. — Dei de ombros.

Uma dor lancinante me corroeu.

Imaginar Adele reduzida a algo tão humilhante quanto ser considerada apenas a mulher com a qual o rei dormia, por puro capricho, não me fazia sentir bem. A bile, pela maneira com a qual tive que agir, ardeu-me e minha vontade foi de pegá-la e fugir para um lugar onde nem mesmo Deus seria capaz de nos encontrar.

— Parece bom, mas não a quero perto de mim e, em hipótese alguma... — Fuzilou-me com o olhar. — Aceitarei que esse caso venha a público, nem mesmo que ela tenha bastardos seus ou qualquer coisa do tipo. De resto, acho que seria excelente que ela aprendesse, definitivamente, qual é seu verdadeiro lugar: na cama, não no trono.

A dor aumentou.

Abri a boca para respirar, sentindo que o oxigênio se esvair.

Bastardos, filhos meus e dela.

Não, eu não deixaria que isso acontecesse. Só precisava fazer Felicity acreditar nessa ideia absurda, até que eu tivesse tempo para pensar em uma reversão. Ela já tinha todos os seus planos traçados. Era esperta. Eu que me deixei cegar por um sentimento novo e acabei deixando que as coisas acontecessem embaixo dos meus olhos.

Primeiro os ataques. Agora, a chantagem da filha do primeiro-ministro.

Arqueei uma das sobrancelhas com a ligação. Será? Ela seria capaz de algo do tipo? De arriscar a vida de tantas pessoas?

Não, não fora ela. Por que tentaria me matar, se precisava casar comigo para ser rainha?

Deus! Eu estava mesmo ficando maluco!

Muitas desconfianças para poucas pistas.

— Tudo bem, por mim.

— Então anuncie hoje à noite nosso noivado. Nem um dia a mais. Foi esse o prazo que dei a ela, para que todos ficassem sabendo da sua real identidade. Não acho que seja sábio, os dois

permanecerem mais tempo juntos. As pessoas estão notando e isso seria um escândalo noticiado por todo o mundo; não posso arriscar.

— Hoje... à noite? — Repeti.

— Exatamente, querido!

— Não faz o menor sentido. Sabe que as coisas não funcionam assim — proferi.

— Toda a palhaçada de mulheres vindo até o palácio com a desculpa de uma visita, sabendo que o príncipe está em busca de uma esposa, tem que acabar. Quanto mais rápido, melhor. E seus sumiços esporádicos com aquela estúpida *não podem* mais acontecer.

— Não fale assim dela, Felicity — rosnei.

— Ou o quê, meu anjo? O que vai fazer para me impedir? Acredito que a pessoa que detém os trunfos, neste momento... — Baticou com as unhas pintadas em vermelho no tampo da minha mesa, fazendo um barulho irritante. — Sou eu.

Engoli em seco e forcei um sorriso.

— Por enquanto.

— Esse “por enquanto” se estenderá até o altar.

Suspirei e abaixei a cabeça. Não havia o que fazer no momento, precisava ceder às suas chantagens ou a maior prejudicada seria justamente Adele.

— Falarei com meu pai e minha mãe. Não posso anunciar um casamento sem a devida autorização de Sua Majestade. Sabe tão bem quanto eu.

— Confio no seu potencial para conseguir isso ainda hoje, ou todos saberão quem é... — Juntou as mãos no peito em falsa condolência. — Elizabeth, ou Adele para os Hironnelles, a terrível princesinha fujona.

Entendi não haver espaço para objeções. Não importava a desculpa que eu apresentasse, ela exporia Adele e, então, tudo estaria arruinado, desde o reinado de Persóvia até Hironnelle, com o escândalo da princesa inimiga vivendo sob o teto da residência oficial, sem que ninguém descobrisse.

O serviço de inteligência não possuía, em seu banco de dados, as fotos dos Hironnelles, por ser uma das cláusulas do tratado. O mesmo se estendia

PERIGOSAS NACIONAIS

a nós. Eles não tinham nada que nos incriminasse; agíamos um como se o outro não existisse e foi assim desde muito tempo, mas Adele atrapalhou tudo e eu jamais gostei de tanta confusão, como me vi apreciando nesse momento. Se ela não tivesse tomado as atitudes que tomou, nunca a teria conhecido e cogitar isso machucou o bastante para não querer mais focar no assunto.

— Claro — resmunguei, entredentes.

— Lembre-se de que a vida dela depende disso.
— Levantou e me fitou por segundos, sustentando meu olhar pesaroso com um totalmente decidido.

Sua arrogância me deixou atônito.

— A vida dela é o que menos me preocupa.

— Veremos.

Deu as costas e saiu, como se tivesse ganhado o prêmio mais valioso do mundo e, de certa forma, estava mesmo prestes a ganhar: o reinado com o qual sempre sonhou.

Por que, infernos, eu me meti nessa confusão?

Consequências.

PERIGOSAS ACHERON

Eu precisava lidar com as consequências das minhas escolhas.

E, mal sabia eu, elas estavam apenas começando a cobrar seu preço.



— O príncipe Nicholas deseja falar com o senhor, Vossa Majestade.

Ouvi o mordomo me anunciar batendo meus pés no chão, impaciente com o assunto que teria de abordar.

— Querido, sobre o que gostaria de conversar?

Assustei-me com a presença de minha mãe em uma das poltronas, fitando-me com amor e zelo.

Respirei fundo. Isso seria mais difícil do que pensei.

— Meu casamento.

Dois pares de olhos fitaram-me assombrados.

— Como assim “casamento”? Até ontem você não tinha nenhuma mulher em vista.

— Até ontem, mamãe. Hoje, já sei o que quero.

Ao olhar para meu pai, notei que seu semblante se fechou, sisudo, ao imaginar qual seria minha escolha. De acordo com o último jantar, só havia uma possibilidade, porém, nem tudo seguia da maneira que eu gostaria e, infelizmente, contra Felicity, eu estava de mãos atadas.

— Sabe tão bem quanto eu, filho, que não posso autorizar essa união.

Ele me olhou, com arrependimento escorrendo por cada palavra. Movi-me até a cadeira à sua frente, sem deixar que meu semblante demonstrasse toda a aflição que eu estava sentindo.

— Se fala de Elizabeth, pode respirar tranquilo, papai. Eu estou solicitando permissão para me casar com Felicity e, de acordo com a possibilidade, anunciar nosso noivado oficialmente na festa que daremos hoje.

Foi a primeira vez que vi meu pai verdadeiramente surpreso. Quando a verdade se infiltrou nos seus pensamentos, um sorriso orgulhoso me foi direcionado.

— Nicholas, podemos conversar a sós por alguns

minutos? — Minha mãe pediu e pensei seriamente em recusar.

Ela veria minha infelicidade do outro lado do planeta, quem dirá a centímetros de distância.

— Por que deseja conversar com ele, querida?

— Motivos de mãe e filho. Não quero contar minhas dúvidas na sua frente, Majestade.

Um clima tenso instaurou-se no escritório, logo que minha mãe pronunciou o tratamento formal que nunca usara para se referir ao rei.

— Posso ver — foram as únicas palavras que ele disse.

Mamãe levantou-se e, ao passar por mim, pegou no meu braço. Parecia que eu era uma criança novamente, levando sermões da mãe, quando não se comportava com total educação. Segui-a contrariado, sentindo sua avaliação de toda a situação me atingir como uma onda gigante.

— Não caio nessa, Nicholas Henry!

Fiquei atônito ao notar a sua raiva.

— Não sei do que a senhora está falando.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Não sabe, é? Antes de ser rainha, eu sou sua mãe! Como tem a capacidade de jogar sua felicidade no lixo dessa forma? Isso me deixa tão, mas tão, mas tão... irritada!

— Eu não tenho escolha — desabafei.

Antes que eu sequer pudesse pensar em algo, ela me puxou e me abraçou forte. Seu abraço foi tão aconchegante, que apoiei meu queixo no seu ombro e me permiti ser embalado, como se nunca tivesse crescido; como se nunca soubesse todas as responsabilidades que teria.

— Sempre há uma escolha, meu querido

Afastou-se a centímetros de mim e me olhou nos olhos com os seus marejados e tive de me controlar para ser o homem forte que criou, porque, no fundo, senti-me prestes a desabar, soterrado por cobranças e deveres sem fim.

— E eu tenho que lidar com as consequências dela — completei sua fala.

— Exatamente.

— Já tomei minha decisão.

PERIGOSAS ACHERON

— Sei que sim. Só queria ter certeza do que eu já desconfiava: Nunca amou Felicity e jamais vai amar. Enquanto essa moça (e seja lá qual for o motivo para desistir dela) conseguiu libertar a parte mais humilde em você. Há anos eu não o via gargalhando; há anos eu não o via olhando para alguém da forma como olha para ela. Na verdade...

— Ela colocou a mão no queixo, em uma pose pensativa. — Acho que nunca o fez. E acredito que só está cedendo porque sabe que é o que todos esperam de você, devido aos acontecimentos no país. Uma festa não é o que eu recomendaria. Falei diretamente com seu pai, mas os membros do Conselho e do Parlamento acreditam ser o certo a se fazer. Com a sua revelação sobre Felicity, reafirmo minha certeza sobre os motivos para o Primeiro-ministro afirmar que seria necessário apaziguar o ânimo de todos. Ele não dá ponto sem nó.

— Mãe...

— Eu quero te ver bem e fique quieto — ralhou — ouça o que estou te dizendo... Se quiser arriscar, eu estarei aqui para te ajudar. Não me importa o

que seu pai pensa, não me importa que eu seja a rainha. Eu sou sua mãe, em primeiro lugar, e o amo como meu filho mais do que como futuro rei. Só tenho orgulho do homem honrado que se tornou e sinto te dizer isso, mas não há honra em assumir a arrogância de outras pessoas e deixar que uma nação inteira pague as consequências. Sabe tão bem quanto eu o que vai desencadear se aceitar se casar com ela.

Claro que sim.

Mas, como eu poderia evitar?

— Eu não sei o que fazer — assumi.

— Me dê um tempo para pensar. Prometo te ajudar, mas não tome nenhuma atitude estúpida antes disso. E sobre aquela mulher, Elizabeth: eu sinto que você sabe a verdade e não tenho como ignorá-la. Ela é a cara da mãe e tem os olhos da tia.

Abri a boca em choque.

— Do que está falando?

— Eu sei a verdade, querido. Não precisa me dizer. Só te garanto que não vejo mal nenhum

nisso. Para mim, toda essa desavença tem que acabar. Quando conheci Leena, estava sendo tragada por esse mundo de festas e mais festas com pessoas da realeza. Lembro-me muito bem dela, do seu sorriso amável e da sua forma delicada de ver o mundo. A menina parece ela.

— Vocês se conheceram?

— Claro que sim. Antes que ela decidisse se casar com o príncipe de Hironnelle. Era esfuziante. E não me admirou tantos homens terem travado uma verdadeira disputa para conquistá-la. Até mesmo... — Interrompeu sua fala abruptamente. — Enfim, não vem ao caso. Não agora.

— Quem também se interessou pela mãe dela?

— Ninguém que você precise saber, Nicholas — minha mãe falou séria e optei por me calar.

Quando adquiria essa feição determinada, ninguém era capaz de dissolvê-la, nem mesmo meu pai.

— Tudo bem, descobrirei. Mais cedo ou mais tarde, a verdade sempre vem à tona, como a senhora tem me dito por todos esses anos. — Fitei-
PERIGOSAS ACHERON

a, mas mamãe não alterou o semblante firme. — Sobre a ajuda com Felicity, só tenho até hoje à noite, senão ela vai usar seu trunfo e não terei qualquer opção, que não ceder.

— E ele envolve Elizabeth?

— Sim.

— Seus sentimentos por essa menina são mesmo fortes, apenas vocês dois não enxergam. Quando um amor nasce dessa forma, tão inesperado, chega a ser uma ofensa tentar ir contra.

— Não é amor.

— Claro que não — falou — Para não despertar suspeitas, conversarei com seu pai, depois da autorização. Felicity não pode desconfiar que estamos tramando algo, assim como ele não pode desconfiar do que sabemos. — Mamãe revirou os olhos. — O que não fazemos por nossos filhos?

— Obrigado. Muito, muito, obrigado, mãe. Não sei o que faria sem a senhora.

— Não teria nascido, para começo de conversa. — Abriu um sorriso amoroso. — Melhor voltarmos

lá para dentro e solicitar a presença daquela odiosa, para poder firmar os detalhes para mais tarde.

Sorri com o seu posicionamento.

— Voltaram! — Meu pai exclamou, logo que abrimos a porta.

— Sim e mamãe achou uma excelente ideia que eu me case com Felicity. Conseguiremos manter Persóvia unida.

Meu pai balançou a cabeça, concordando totalmente com o meu ponto.

— Sábia decisão para um príncipe. Pois bem, então. — Apontou para o mordomo a apenas alguns metros dele. — Requisite a presença de Felicity no escritório real, por favor, James. Teremos uma ótima reunião — falou resolutivo.

Olhei para a minha mãe e ela abriu um sorriso, como quem soubesse que tudo aquilo seria inútil. Agradei com o olhar e ela não respondeu. Porém, enquanto nós aguardávamos, agradei silenciosamente por ter uma mãe tão gentil e preocupada como ela.

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

A FUGA DA PRINCESA



ADELE

“A chegada de Sua Alteza Real, Dwayne de Constance, ao Palácio de Packard não passou despercebida aos milhares de jornalistas e fotógrafos espalhados pela estrada real. Acreditamos que ele já esteja planejando seus próximos movimentos se a princesa não retornar ao lar.” – *Hirondelle Daily*.



— O que faz aqui?

A mesma mulher com a qual Nicholas dançou, na última festa, fitou-me, parecendo tão avessa a

PERIGOSAS ACHERON

mim quanto eu me senti a ela.

“Felicity”, lembrei-me do nome.

— Só vim pegar um livro para ler. — Levantei o livro que retirei da biblioteca.

O segurança do lado de fora do meu quarto deixou que eu o fizesse, com a condição de que voltaria o mais breve possível até lá. Eu não queria complicar, ainda mais, as coisas para ele, que já estava sendo bom demais comigo.

— O que faz aqui em Persóvia, eu digo. Sei quem é; sei que fugiu do príncipe de Constance. A única coisa que não consigo entender são os seus motivos para ter vindo aqui. Deseja uma guerra, conquistando um homem que não pode ter?

Minhas mãos amoleceram.

— Como...? — “descobriu”, completei em pensamento.

Se ela jogou sem ter certeza, eu a acabei de estender na sua direção.

— Tenho minhas fontes. — Deu de ombros e um sorriso vitorioso abriu-se em seu rosto. — Meu pai

é o Primeiro-ministro e precisamos agir juntos para manter Persóvia em segurança. Então, eis o que vamos fazer: Você vai embora daqui para sempre, esquece o príncipe e também aceita se casar com seu pretendente desde o início... Dwayne.

— E se eu não fizer?

Ela entortou um pouco a cabeça, como se pensasse em algo engraçado.

— A escolha é sua. Posso ir direto à sala do trono para dizer ao rei a sua real identidade. Não acho que ele será benevolente com uma mulher da família rival há tanto tempo. Com certeza você vai ser acusada de ser espiã e não preciso elucidar o que aconteceria a seguir, não é? É tão claro pra mim quanto é pra você.

— O que ganharia com isso? — Franzi minhas sobrelancelhas.

— Eu seria rainha e Nicholas meu marido, isso não está em discussão. E você seria rainha do seu país. Simples assim. Só consigo ver pessoas ganhando, nessa equação.

— Não posso voltar para Hironnelle ainda.

— Não só pode, como deve. Constance declarou deslealdade ao seu país por causa da sua fuga. Você fez com que seu pai ficasse em maus lençóis, quando se recusou a cumprir um tratado firmado há muitos anos. Ninguém está contente e, quando ninguém está contente, a economia do país tende a... — Fez um barulho de queda. — Despencar, minha querida. Logo, se você não retornar e não for a princesinha que o papai deseja, afetará a todos e, então, será a ruína de muita, mas muita gente.

Meus olhos se encheram de lágrimas pela culpa, mas as engoli tão rápido consegui. Eu fui criada para ser monarca, não uma mulher fraca. Não me lembrei, ao menos, de ser uma criança normal, um dia, e não, eu não chorava. Uma rainha não chorava, a não ser que o fizesse em seu quarto. Mas nunca, jamais, podia chorar em público. Não seria uma mulher como ela que me faria derramar lágrimas.

— Quão ruim você é por não aguentar as consequências dos seus atos? — Inclinou-se na minha direção e soltou a cartada final.

— Somos iguais, neste ponto. Seu desespero em

PERIGOSAS ACHERON

casar com alguém para se dar bem sem medir as repercussões de um casamento infeliz foram as mesmas que eu ignorei para evitar um. Dois pesos, duas medidas. Sendo que a maior diferença aqui é que eu fugi para salvar meu pai, enquanto você procura a infelicidade por pura e cruel ganância. Tenho dó de você, quando finalmente atingir seu objetivo.

Acertei em cheio nas suas motivações, já que Felicity endireitou o corpo de maneira ativa e me fitou como se já fosse a consorte de Persóvia.

— Melhor uma mulher com motivações nada puras, do que uma que foge das responsabilidades. O que acha que isso a torna? — foi sarcástica. — Tem até a noite de hoje para se decidir. Partir por livre vontade ou ser usada como moeda de troca. Não posso garantir que nada te aconteça nesse caso, já que o rei odeia profundamente o seu povo.

Um arrepio de pavor deixou um gosto amargo na minha língua.

— Não seria capaz...

— Ah, minha querida, você não sabe do que eu

sou capaz de fazer pela coroa. Simplesmente não sabe.

Decidi não dar mais ouvidos a ela, caminhando na direção contrária, devagar, ainda afetada pelas suas palavras. No entanto, ouvi, quando virei na primeira curva do corredor, Nicholas chamá-la e, meu Deus, odiei-me por seguir o impulso de me apressar para ouvi-los.

— Não, não estou. Eu fiquei com ela, não vou mentir para você. Elizabeth ou, como você sabe, Adele — meu nome foi praticamente um sussurro — fez valer muito, mas muito a pena. Não me decepcionou em momento algum. Mas tanto faz, para mim. Posso mantê-la como amante real, aí dependerá de você, permitir ou não.

Soltei um soluço dolorido ao ouvir isso.

— Parece bom, mas eu não a quero perto de mim e, em hipótese alguma aceitarei que esse caso venha a público. Nem mesmo que ela tenha bastardos seus ou qualquer coisa do tipo. De resto, acho que seria excelente que ela aprendesse definitivamente qual é seu verdadeiro lugar: na

cama, não no trono.

Felicity era uma mulher cruel. Totalmente inescrupulosa e, talvez, eles fossem feitos um para o outro, afinal.

Por que eu?

Por que me conquistar e depois descartar dessa forma?

Preferia um futuro negro ao lado do príncipe de Constance a entregar meu coração para alguém que não o merecia.

Voltar para Hironnelle antes que Dwayne desistisse nunca me pareceu a melhor solução, mas, ficar em Persóvia já não era mais uma hipótese também. Jamais voltaria a ser. Os pensamentos que passaram pela minha cabeça sobre possíveis soluções para nosso caso dissolveram-se em uma névoa de ódio, por ter sido enganada desde o primeiro momento.

Ele não quis me proteger; ele quis me usar. E essa verdade ficou tão clara quanto a fonte de água mais cristalina em Hironnelle.

Virei-me e andei apressada pelo longo corredor, torcendo para desaparecer antes que eles terminassem a conversa. Cheguei ao meu quarto e, quando fechei a porta, desabei com as mãos na cabeça, despencando no chão, massacrada por uma possibilidade que jamais se concretizaria.

Como pôde acreditar, Adele?

Seu pai tinha razão, quando disse que as pessoas em Persóvia eram cruéis e que por esse motivo a briga antiga se estendia. O orgulho não é de apenas um dos lados, minha querida; é dos dois.

Arregalei meus olhos ao lembrar disso...

E se...

E se Nicholas só tivesse ficado comigo para fazer algo contra meu país, deixando claro que tirou a honra da princesa a troco de nada? Ele seria capaz de arruinar tudo. Levantei-me rapidamente e peguei minha mochila gasta em uma das poltronas, colocando todos os meus pertences nela, até que meus olhos pousaram em algo que não deveria estar ali.

A edição autografada de Ana Karenina. Embaixo
PERIGOSAS ACHERON

dela, enxerguei um bilhete dele. Após muito pensar, guardei-o na minha bolsa, no meio do livro, para ler quando pudesse.

Eu precisava ser rápida. Precisava ser muito rápida. Olhei para a pulseira, com aquele pingente brilhando, e cogitei deixá-la em cima da minha cama para que ele encontrasse, juntamente com o livro, mas optei pelo errado e decidi levar comigo os símbolos de algo em que acreditei, mas que se provou a mais terrível mentira. Seria o lembrete para que a princesa nunca mais fosse idiota e se deixasse levar por sentimentos irrefreáveis e traiçoeiros.

Olhei pela janela e notei, ao longe, alguns carros estacionando na entrada principal do palácio.

Sim, a festa! Uma das malditas festas para que ele escolhesse alguém como futura rainha.

Ninguém sentiria minha falta, se eu desaparecesse agora. Seria como um alívio; eu tinha certeza.

Olhei os lençóis na cama e até pensei que seria muito clichê, mas eles serviriam. Amarrei-os com o

máximo de agilidade que consegui e puxei com força, para testar sua resistência. Teria que funcionar. Teria, de verdade. Fiz um nó no pé de uma cômoda robusta, muito mais pesada que eu, e, antes de lançar minha forma de fuga pela janela, olhei para fora, para ver se algum segurança estava rondando o lugar.

Contei três guardas, caminhando armados a cada quinze minutos. Se eles passavam, nesse tempo, pela minha janela, eu teria uma pequena folga entre um e outro. Quando o primeiro deles passou uma segunda vez, olhando para tudo, atento, eu não perdi tempo e, logo que ele sumiu de vista, lancei os lençóis amarrados, olhando pelo parapeito até que estivessem quase na altura do chão.

Me apoiei àqueles pedaços de tecido, torcendo para que fossem tão fortes quanto pareciam. Se eu chegar a uns dois metros do chão, já ficarei contente.

Deus realmente me amava. Tive essa certeza. Primeiro, um dos seguranças quebrou o padrão, antecipando sua ronda. No entanto, ele optou por começar a falar com alguém que não consegui ver,

PERIGOSAS ACHERON

dando as costas para mim com uma das mãos nos bolsos, gargalhando do que lhe disseram. Respirei fundo, ouvindo as batidas do meu coração ecoarem nos tímpanos, com medo de ser pega. Nem mesmo Nicholas seria capaz de me salvar, se me pegassem no flagra, principalmente após o último ataque. Segundo, o nó na cômoda soltou-se quando me aproximei do chão. Quase fiz xixi na roupa de medo, mas meus pés se firmaram antes que eu me desesperasse totalmente.

Pulei e escondi minha corda improvisada no meio de um arbusto, esperando que as pessoas só notassem que eu fugi quando já estivesse muito longe, em Hironnelle. Volvi o olhar mais uma vez para o segurança feliz e percebi que ele não se viraria tão cedo.

Olhei para a extensão das terras do palácio, mordendo o lábio inferior em dúvida.

Como, raios, eu voltaria para Hironnelle?

Não sabia sequer a direção para a qual deveria seguir e obviamente não poderia parar alguém para perguntar, assim como não poderia pesquisar no

meu celular, visto que... eu deixara o aparelho para trás, quando fugi. Seria apenas um meio que meu pai usaria para me rastrear. Eu não era burra, precisava de discrição e comprar um daqueles descartáveis chamaria atenção.

Caminhei sem rumo, em direção às árvores por onde não vi ninguém rondando. O terreno em torno do palácio era tão grande e estavam todos tão focados com a festa e seus convidados importantes, que não vigiavam aquela parte.

E as câmeras? Não havia câmeras por ali?

O castelo de Hironnelle tinha câmeras em todas as áreas comuns e também nas mais incomuns.

Apressei meu passo, correndo em certo ponto.

Afundi-me em meio à floresta, seguindo em linha reta, ou o que eu imaginei ser uma linha reta. Andei, andei, senti bolhas se formarem nos meus pés, animais se aproximarem, barulhos estranhos me rodearem. A noite alcançou seu auge, quando finalmente consegui chegar a um descampado. Um pouco mais a frente, encontrei uma clareira com uma construção em madeira, singela, porém

robusta, que se sobressaiu à paisagem. Estava arrumada e havia roupas secando em um varal do lado de fora.

Deus!

Eu estava salva!

Ou não.

Corri e, quando subi os degraus gastos de madeira, eles rangeram e a porta foi aberta em um rompante. Para minha total surpresa, o mesmo rapaz que encontrei em Hironnelle e que me disse o caminho, fitava-me com os olhos arregalados e a boca aberta de espanto.

Suspirei aliviada.

Ele poderia me ajudar a voltar.

Eu precisava contar a papai o erro que havia cometido, para que se preparasse para o escândalo que atingiria a todos. Era minha culpa, minha total falta de responsabilidade, e eu arcaria com as consequências.

— Você precisa me ajudar! — Me agarrei à manga da sua camisa.

O rapaz ainda me olhou estranho por vários minutos, antes de entender o que eu dizia.

— Entre logo aqui — Puxou-me para dentro de sua casa, simples e bem cuidada, olhando-me como se eu fosse um monstro que não queria ver nem coberto de ouro.

— O que aconteceu?

— “O que aconteceu” digo eu! Você é a princesa de Hironnelle, não é? Quando Irina me contou tudo, eu não acreditei. Mas, depois de pensar um tempo, percebi que você querendo desesperadamente vir para Persóvia, só podia significar problema. Não contei para ela que ajudei a maldita princesa a vir para cá. Irina teria me cortado em mil pedaços! Tem noção do perigo no qual a colocou por ajudar alguém da realeza a fugir, mesmo que ela não soubesse disso? Como foi capaz de ser tão irresponsável? Só... Puta merda, eu deveria te entregar agora para todos e deixar que se ferrasse!

Ele aparentava estar furioso. Não, mentira. Ele *estava* furioso. Eu, no seu lugar também estaria,

mas é que ele não entendia o motivo pelo qual eu havia virado as costas para tudo. Ninguém entenderia.

— Eu... — Não soube o que dizer, então me calei.

— Se eu soubesse quem era, jamais teria dito para você que há meios de se passar de um país para o outro sem ser pego. Jamais! Você será a rainha e, então, vai reforçar a vigilância nas barreiras e sabe o que acontecerá? Nunca mais vou ver Irina.

Respirei profundamente.

Ele achava mesmo que eu preferiria me preocupar com as poucas pessoas que atravessavam a fronteira a levar em conta a educação, a fome e as doenças de toda uma nação? Eu nem concordava com essa porcaria de proibição, para começo de conversa!

A vontade que eu tive foi de ser grossa com ele e dizer um curto e sonoro: CAGUEI PRA ISSO! Tenho mais com o que me preocupar, rapaz!

Mas, eu o faria? Não, jamais! Eu nem deveria

PERIGOSAS ACHERON

falar essa palavra, por ser da realeza, o que era uma baita injustiça, na minha opinião. Todo mundo fazia necessidades. Era a mesma questão da calcinha na bunda, devia deixar de ser tabu.

Mas, principalmente, eu não poderia ser grossa porque ele seria meu passe para fora de Persóvia e não arriscaria isso jamais.

— Acha que, no momento, estou preocupada com isso? Tem a minha palavra de que jamais faria algo sequer parecido. Minha preocupação é principalmente voltada às pessoas que passam necessidades, como educação ou serem privadas de seus direitos básicos. Posso, inclusive, escrever de próprio punho, quando me tornar rainha, um decreto real para que viva em Hironnelle e se case com Irina.

— Por que faria isso por mim? — Ele semicerrou os olhos, desconfiado.

— Por qual motivo eu não faria? Poderia ter me matado, aqui e agora, e matou? Não matou, não é? Então, pelo amor de Deus, me ajude a chegar em Hironnelle, que eu prometo não te importunar

nunca mais.

Ponderou por um bom tempo sobre minha fala, fitando-me da sua cadeira, enquanto analisava a situação. Quase consegui ouvir todas as engrenagens girando e girando em sua cabeça, tentando olhar por todos os pontos de vista possíveis.

— Você está fugindo de Baldrick, não é? Me falaram, na cidade, que haviam encontrado uma moça que se tornou amante do príncipe.

Fiz uma careta com essa definição.

Por que falar algo tão ruim de uma pessoa que nem conheciam?

— Não foi bem isso o que aconteceu — falei.

Na verdade, quis gritar que fui enganada e que agora Hironnelle estava prestes a sofrer um golpe com a revelação de que a herdeira se envolveu sexualmente com o inimigo. Mas eu gritei? Claro que não!

Droga!

Por nenhum ponto de vista pareceu bom.

Ainda dava tempo de fugir para o mais longe dos dois países que eu conseguisse, mas e aí? Como ficaria minha consciência?

— O que aconteceu?

— Nada. Quer saber? Não precisa me ajudar! Ficar aqui conversando não resolve os meus problemas!

— Não sou tão ruim como imagina. Você pode voltar com a Irina, quando ela vier aqui mais tarde. Ela conhece essa floresta ainda melhor do que eu. Mas...

Sempre existia um “mas”. Era a lei da vida.

— Mas...?

— Ela ficou muito empolgada quando te reconheceu nas notícias e, bem, você vai ver por si mesma.

— Sem problemas. Posso lidar com isso — falei confiante. — E qual seu nome? — Percebi que estava sendo muito mal-educada com o homem.

Na verdade, ele me ajudou desde o princípio.

— Archie.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Muito feliz por conhecer você, Archie — proferi, honestamente.

— O prazer é meu... Alteza. — Fez uma medida desajeitada e eu o liberei com um gesto de mão.

— Eu sempre fico sem graça quando fazem medidas para mim.

— Irina me disse que é uma princesa extremamente bondosa. Quase não a veem por causa dos receios do rei, mas as poucas pessoas que têm contato com a senhorita afirmam que é a melhor pessoa que poderia herdar o trono de Hironnelle.

Falaram isso de mim?

Eu não consegui pensar em nada que fiz para merecer essa boa fama.

— Não entendo... Não faço nada demais...

— Trata as pessoas que trabalham para a senhora como iguais; jamais menosprezou um empregado do palácio; fez uma doação enorme para o hospital, para ajudar a filha de um dos seguranças porque o ouviu dizer que ela estava doente e não conseguia

PERIGOSAS ACHERON

pagar o tratamento. Além de ajudar a todos em Rodwell. Todos os seus empregados no ducado a veneram por ser tão amável e não os tratar como pessoas descartáveis, mesmo com o tamanho da sua riqueza. Também mantém várias instituições de caridade para crianças carentes e moradores de rua, não é? Onde eles podem ir para almoçar, jantar, dormir e, pelos boatos, isso não sai dos cofres reais, mas, sim, de... — Apontou na minha direção. — Assim como o projeto de lei que beneficia toda pessoa que não ganha tão bem, com um salário mínimo para se sustentar; motivo pelo qual todos exaltam a sua inteligência, visto que esse projeto foi apresentado ao Conselho quando tinha apenas quatorze anos.

Ele enunciou cada boa ação que eu fiz, mas, para mim, foram uma parcela bem ínfima diante do que eu poderia fazer.

— Não acho que eu mereça toda essa admiração por fazer coisas boas ao meu povo.

— Aí é que está, princesa. Nenhuma pessoa da realeza teria essa consideração com quem não lhe trouxesse nenhuma garantia. Faz por se preocupar

PERIGOSAS ACHERON

ao invés de fingir preocupação. É por esse motivo que, se todos precisassem escolher, a rainha mais nova da história seria a senhora. Não precisa se casar para conseguir o amor e dedicação das pessoas, pois já os tem. No que disser, pode ter certeza de que vão segui-la e desejar “*Vida longa à rainha*”. Por esse motivo é a sucessora e por esse motivo respeitam tanto o exílio que seu pai lhe impôs, após o acontecido com a sua mãe.

Suas palavras me causaram uma infinidade de pensamentos.

Eu conseguiria mudar toda uma tradição?

— Eu fugi, eles devem me odiar.

— Nunca. O país só está em crise porque todos sabem que nada voltará a ser o mesmo sem a senhora por lá.

— Pelo amor de Deus, Archie! Esse seu “senhora” está me fazendo coçar!

— Ah... — Ele abriu e fechou a boca. — me desculpe.

— Tem água aqui? Eu posso pegar um pouco?

Nossa, estou morrendo de sede! — falei, sentindo minha garganta protestar.

— Claro, claro! E eu pego para você; não se preocupe!

— Muito obrigada!

Quando ele voltou, com o copo na mão, tomei o líquido com tanta ânsia, que Archie achou melhor deixar a jarra na mesa à nossa frente, para eu tomar o tanto quanto quisesse.

Foi muito inteligente da parte dele. Em apenas dez minutos, a água se extinguiu da jarra de vidro.

— Enfim, voltando ao assunto... A maior parte da revolta está no povo carente, que não enxerga um futuro melhor para Hironnelle se não estiver no trono. Eles sabem que a sua volta é necessária, assim como a senhora... desculpe — notou sua fala —você... deveria saber.

— E se eu não conseguir ser uma boa rainha?

— Já é uma excelente princesa. Para rainha, a única coisa que falta é sua coroação porque o coração de uma governante, você já tem. Seu pai

não estaria disposto a lhe entregar a responsabilidade se não tivesse certeza disso.

Apoiei-me no encosto da cadeira e fitei os olhos claros de alguém que eu nem conheceria se não fugisse. Mais do que uma fuga, esses dias em que eu fiquei distante, em que ninguém soube quem eu era, funcionou como uma jornada de aprendizado, uma forma de me colocar na pele de quem não teve a mesma sorte que eu. Se já estava disposta a tornar a vida dos Hironnelles melhor, nesse momento, essa se tornou uma missão de vida.

— Obrigada pela conversa.

— Não precisa agradecer.

Batidas na porta nos interromperam e, logo que ele a abriu, a tempestuosa moça com cabelos ruivos apressou-se em minha direção.

Comi alguns fios vermelhos quando ela me abraçou apertado.

— NÃO ACREDITO QUE VOCÊ É A PRINCESA DE VERDADE!

— Alteza, Irina — resmungou Archie.

— Ah meu Deus! — Ela me soltou do abraço de urso e colocou a mão na boca, assustando-se com a informalidade. — Desculpe-me, Alteza. — Improvisou uma medida. — Eu não sabia que precisava agir assim quando... ah você sabe, não tem ninguém por perto!

— E não precisa. Pode me chamar de Adele! — sorri, calorosa.

— Ela é mesmo como todos dizem! — A jovem deu pulinhos que, sinceramente, assustaram-me com seu fervor. — Eu já imaginava, depois de me lembrar da nossa conversa na estação, mas, não sei, ainda imaginei que fosse tudo uma ilusão.

Archie balançou a cabeça concordando com ela.

Eu fiquei sem saber como agir.

— Ela precisa que a leve de volta, Irina.

A ruiva colocou um dos dedos na boca, pensativa.

— Imagino que sim... e — animou-se — você pode me dar um autógrafo, alguma coisa que eu possa guardar para sempre, como uma memória por

ter encontrado a futura rainha de Hironnelle em pessoa? — Caminhou apressada até um aparador e retirou um bloco de notas e uma caneta, estendendo-os afoita na minha direção.

Neguei gentilmente seu pedido.

— Desculpe, Irina, mas eu não posso dar autógrafos. É um dos protocolos reais.

Ela nem ao menos aparentou desânimo. Comecei a desconfiar de que Irina fosse hiperativa.

— Sem problemas, então, Adele.

Sua fala perdeu-se no ar, logo que ela depositou sua atenção no namorado. Uma sensação de estar sobrando no ambiente se apoderou de mim e decidi ir na ponta dos pés em direção à porta. Como presumi, nenhum dos dois notou minha saída furtiva. Senti a brisa fria acariciar meus cabelos, quando desci o primeiro degrau e sentei-me em um dos bancos em forma de tronco do lado de fora. Aguardei um bom tempo, com o sol descendo cada vez mais no céu, até que Irina voltasse para me ajudar a ir para casa.

Tivemos um caminho longo, mas minha

PERIGOSAS ACHERON

determinação em voltar foi ainda maior que a de quando fugi. Um coração quebrado me impulsionou e me ensinou uma lição de que eu nunca esqueceria: Sempre pensar com a razão, jamais com a emoção.

A FUGA DA PRINCESA



FELICITY

— Como imaginei que ela faria — exultei.

— Deixou que a mulher ouvisse sua conversa com o príncipe porque ela fugiria?

Encarei o homem me ajudando com as fitas de segurança com um sorriso convencido enfeitando meu rosto. Orgulhava-me de diversas coisas em mim, dentre as quais minha inteligência fora do comum, principalmente quando usada para conseguir algo que eu quisesse.

E eu seria rainha. Custasse o que custasse, eu seria rainha de Persóvia.

— Sim. Agora, faça seu trabalho e substitua as imagens em que ela aparece para alguma outra qualquer. Por sorte, parou para conversar e chamou a atenção de uma das cozinheiras, que decidiu sair bem no instante. Receberá uma compensação por isso. — A malícia escorreu de cada palavra em minha frase.

Ele sabia de que compensação eu falava.

— Excelente. Eu mereço. Tive que flertar com aquela mulher, só para que não impedisse a fuga.

— E o rolo de lençóis que ela usou? Você pegou? Apenas por via das dúvidas — indaguei.

— Sim. Ela desapareceu da mesma forma que surgiu.

— Sem ninguém a conhecer, ao certo — murmurei, completando sua fala.

— Exato.

— Meu pai depositará mais dinheiro na sua conta.

Inclinei-me em sua direção, com o decote do meu vestido deixando à mostra grande parte dos

meus seios. A atenção do homem desviou-se totalmente e o monstro sensual que havia em mim rugiu à vida, com meu poder de sedução elevado à potência máxima.

Ele engoliu em seco e eu passei a língua no lábio inferior. Quando se aproximou para me beijar, afastei-me rapidamente.

— Assim, borrará meu batom, querido — inventei uma desculpa.

Alisei meu vestido e olhei para o visor em que apareceram as câmeras de vigilância, do lado de fora da sala de segurança do palácio.

— O que dei para os outros seguranças saírem daqui não fará mal a eles, não é? — a voz do homem me atingiu, logo que abri a porta.

— Claro que não. Jamais faríamos mal a alguém, acredite em mim.

Eu dizia mentiras com tanta facilidade que, muitas vezes, assustava-me com elas.

— Certo. Agora vá, antes que um deles volte.

Acenei com a cabeça em despedida e saí em

direção ao corredor. Enquanto caminhava até o salão principal, uma sensação de que a vitória estava cada vez mais próxima me preencheu e dei pulos eufóricos, por sentir que finalmente meu objetivo se aproximava mais e mais. Papai ficaria orgulhoso ao notar a minha frieza em mentir, assim como ficaria quando eu estivesse caminhando até o altar, prestes a me casar com o futuro rei de Persóvia.

Se houvesse baixas na nossa equipe, o que poderia fazer?

Alguns sacrifícios precisavam ser feitos para que tudo valesse a pena, no final.

A FUGA DA PRINCESA



NICHOLAS

“Uma revelação, uma inimiga declarada em Persóvia e um compromisso não cumprido são as notícias que permeiam nosso dia. É claro que Sua Alteza tinha conhecimento da verdade, ou não a teria defendido com tanto fervor e, por mais que a assessoria real ainda não tenha se pronunciado sobre o caso, só podemos especular e tentar deduzir a verdade. Desejamos, também, que o rei retome sua saúde, após sofrer um golpe de alguém tão inesperado.” –

Persóvia Journal



Eu teria que me casar.

Com Felicity.

Ou Adele correria risco de vida.

Apoiei-me na cornija da lareira no meu quarto e olhei para a cama. Não estava em *Ward*, mas era como se minha mente estivesse. A última noite que passei com ela em meus braços foi capaz de derrubar todas as minhas convicções, todo o meu senso de honra quanto ao que eu deveria ou não fazer.

De que adiantaria ser rei, se não teria ao meu lado quem eu queria para me ajudar a governar?

Adele me fez abrir a garrafa do meu melhor uísque e nem ao menos notou o quanto isso foi um sinal incandescente do quanto eu me envolvi por ela. Quando vi que ela saiu rapidamente de seu quarto, cumprimentei o segurança à sua porta, entrei e deixei o livro de Ana Karenina na poltrona. Escrevi um bilhete apressado, para que ela entendesse o que tudo significava.

Outra coisa da qual abri mão por ela.

Desisti de me afundar em autopiedade e terminei de me arrumar para a festa.

Controlei-me ao máximo para não ir atrás dela e me trancar no seu quarto, esperando apenas que o tempo passasse devagar. Era loucura, eu sabia. Estava ficando insano, mas, se eu a tivesse mais uma vez, poderia renunciar sem voltar atrás.

Eu seria capaz de tantas coisas por ela, que a verdade dessa constatação me amedrontava.

— Senhor? — Meu assessor abriu a porta do quarto, após algumas batidas suaves.

Eu o havia dispensado enquanto vestia meu traje oficial para os eventos. Ele continha todas as minhas glórias de quando eu possuía uma alta patente no exército de Persóvia. Todos os membros da realeza precisavam se dedicar a uma causa que beneficiasse o reino e, geralmente, empenhar-se no exército e se sobressair era o que sempre acontecia, mesmo que chegasse um dia em que os serviços tivessem que ser pausados devido ao compromisso com a coroa.

— Desço em breve, obrigado. — Acenei e ele

fechou a porta.

Olhei de relance para o espelho e fechei um dos botões que se desprendeu de sua casa.

A cor vermelha e a dourada se emendavam com o brasão de Persóvia, no lado esquerdo do peito, ressaltando que o amor ao reino deveria vir em primeiro lugar. Minha verdadeira obrigação, desde que nasci.

Fechei os olhos por segundos e fui até a porta.

A encenação estava prestes a começar.



Notei uma movimentação suspeita no meio da festa. Franzi o cenho e voltei a prestar atenção no que uma empresária do ramo agrícola dizia.

— A colheita está rendendo mais do que o esperado, mesmo com as baixas temperaturas que se aproximam. Presumo que ainda consiga... — E as palavras dela foram sumindo na minha cabeça conforme a crescente agitação de papai.

Nem mesmo a algazarra que diversas pessoas faziam foi capaz de me distrair da tensão eminente

PERIGOSAS NACIONAIS

no rosto do rei.

— Com licença, por favor — pedi educadamente.

Não aguardei por uma liberação para caminhar para longe dos convidados, indo até minha mãe e meu pai.

— Aconteceu alguma coisa? — indaguei.

— Nicholas! — exaltou-se mamãe.

— Não, meu filho. Aproveite sua festa e anuncie seu noivado. Não precisa se preocupar com nada, além disso. — Papai se esforçou para aparentar serenidade.

— Por que acho que estão mentindo? — indaguei.

O silêncio pairou entre nós três. Meu pai não me olhou nos olhos, minha mãe preferiu fitar o arranjo de flores que ela nem tinha escolhido, o qual ficou a encargo de Felicity, e ela odiava aquelas flores. Era seu ódio mortal. A única que não quis que plantassem no seu jardim, justamente as margaridas.

PERIGOSAS ACHERON

— Vai aprender hoje que nem sempre o que queremos é o sensato.

— O que quis dizer com isso?

Minha mãe olhou inquiridora para meu pai, que não se importou.

— Querido, você está aqui! — Arrepiei-me ao escutar essa voz.

Felicity estava me rondando, como se eu fosse sua caça, durante a maldita noite inteira. Nem consegui sair por poucos minutos da festa para conversar com Adele. Concluí que seria impossível escapar das garras dessa mulher, se ela não quisesse.

— Infelizmente — murmurei.

Minha mãe ouviu e colocou uma das mãos na boca para conter o riso, enquanto, dessa vez, meu pai me olhou recriminador. Senti um olhar em mim, queimando minha pele e, ao me virar, deparei-me com a fúria de Bonnie. Ela ficara muito quieta, de verdade, para quem não estava tramando alguma coisa. O que me causava calafrios era não ter a mínima ideia do quê.

“Uma mulher rancorosa é uma fera que caminha” — Mason, Mason. Nunca uma fala teve tanto sentido para mim.

Talvez até dividissem a caça.

Procurei meu amigo pelo salão e, assim que o encontrei, olhei-o fixamente até que ele notasse. Mason virou-se, no instante em que pensei em desistir. Indiquei com a cabeça onde Bonnie estava. Levantou um dedo na minha direção e consegui sentir sua ameaça.

Se ela direcionasse a raiva para ele, eu teria que me desfazer de várias garrafas peculiares da minha adega, como se não bastasse eu e Adele termos tomado a mais especial de todas.

— Nicholas? O que disse, querido? — Felicity chamou minha atenção.

Sacudi a cabeça sutilmente, deixando claro que elas foram sem importância.

— A festa está do seu agrado? — Mamãe indagou a ela.

Senti suas mãos contornarem meu antebraço e

me controlei para não expressar a indiferença que senti. Se precisava anunciar o noivado ainda essa noite, não seria nada bom evitar minha noiva.

— Com certeza, Majestade.

— Bom. — Meu pai endireitou a postura, em toda a sua pompa. — Magnífico!

Minha mãe não se deu ao trabalho de dizer nada, mas avaliou Felicity e notei o exato momento em que não chegou à conclusão de que gostaria, porque empinou o queixo e pediu desculpas, afastando-se para conversar com outra pessoa. Meu pai não demorou a fazer o mesmo e eu fiquei ali, torcendo para Deandre ou, talvez, até mesmo, Jesus aparecer, só para não manter uma conversa com a minha futura mulher.

— Ela fugiu — a fala foi direta.

Virei-me bruscamente para olhá-la.

— Do que está falando?

— Sua preciosa Adele, Nicholas. Ela fugiu. Por isso seu pai e sua mãe estão tão agitados. Eles temem o que todos dirão, quando souberem que

alguém, de quem não sabem a identidade, sumiu. Principalmente depois do atentado horrível a uma de suas propriedades.

Uma sensação gigantesca de perda correu por todo o meu corpo. Uma dor aguda me fez arfar.

Adele... fugiu?

Por quê?

Claro, havia milhares de motivos para ela fugir. Desaparecer do mapa e de Persóvia, mas sem se despedir? Ou sem dar indícios de que faria isso? Eu a subestimara. Ela era implacável quando queria, e tomaria a decisão que achasse melhor para todos, mesmo que sofresse com isso.

Casar com Felicity me pareceu simplesmente o pior caminho, ao saber que quem eu deveria proteger nem estava mais ali. Por que eu continuaria com essa porcaria de farsa?

Afastei-me dela e senti suas mãos tentarem me deter.

Olhei para o lugar onde seus dedos firmaram-se sobre minha pele com um desprezo que manteria a

mais alegre das pessoas calada. Ela estava me chantageando para dar vazão aos seus sonhos mais egoístas e, sinceramente, ao ouvir que seu trunfo já não estava mais no castelo, foi como um alívio, mas também um balde de água fria na minha paz.

Onde estava Adele, aquela maluca?!

Tinha conhecimento, por experiência própria, de que seu senso de direção não era dos melhores.

— O que você vai fazer? Ficou louco? Precisa anunciar nosso noivado! Eu falei para todos os amigos da família que você pediria minha mão hoje. Não me decepcione, Nicholas — blasfemou entredentes e eu fiz o meu melhor para não responder à altura.

Felicity era uma dama. Por mais deturpada que fossem suas noções, ainda assim, uma dama, e eu jamais maltrataria a uma.

— Esqueceu-se de que eu estava fazendo isso por ela? Se não está aqui, por qual motivo eu continuaria com essa farsa? — Aproximei-me para que apenas ela pudesse ouvir. — Sabe tão bem quanto eu que suas motivações para um casamento

são apenas em benefício próprio. Quem seria eu, se a ajudasse a realizar seus desejos mais egoístas?

— Você vai pagar por isso, Nicholas! — ameaçou.

— Tanto faz. Casar com você também seria uma forma de castigo.

Ela soltou meu braço e eu andei a passos largos e afoitos até a escadaria central. Notei, tarde demais, que várias pessoas acompanharam meu debate fervoroso com Felicity, inclusive seu pai, e o olhar que o homem me lançou, como se estivesse me amaldiçoando, não me alterou de forma alguma.

Subi todos os degraus rapidamente, caminhando em direção à sala de segurança. Havia centenas de câmeras nesse maldito castelo e era impossível que nenhuma delas tivesse pego Adele fugindo. Simplesmente impossível.

Como, raios, ela conseguiu desaparecer dessa forma, sem que se formasse um tumulto na segurança?

Essa falha era grave, não apenas por ela ter conseguido desaparecer, mas por alguém poder

PERIGOSAS ACHERON

entrar sem ser visto também.

Abri a porta em um rompante, assustando a única pessoa presente no lugar e fuzilei-o com o olhar.

— Onde estão os outros? — Olhei para os lugares vagos, diante das enormes telas.

— Eles passaram mal — O homem engoliu em seco e estranhei seu gesto.

Todos passaram mal?

— E você?

— Fui o único que não, Alteza — Levantou-se e fez uma medida exagerada.

Não precisei exercitar minha inteligência para ouvir as palavras que não foram ditas. Por que apenas ele não?

— Mostre-me as filmagens das últimas duas horas — ordenei.

Era a primeira vez que eu falava com alguém de maneira tão superior, mas não era por ser quem eu era e, sim, por ter a noção de que aquele segurança em questão era totalmente culpado. Ele trabalhava diretamente comigo, quando encontrei Adele na

estrada, e foi ele quem contou ao rei a verdade. Irritei-me profundamente, quando descobri, e optei por movê-lo de lugar, mantendo comigo apenas os homens nos quais eu confiaria a minha vida, se preciso fosse.

Ele não era um deles.

Pelo visto, eu estava certo em minha desconfiança.

Sentei-me na cadeira vaga ao seu lado e comecei a observar as imagens nas telas à minha frente.

— Acelera essa — pedi e apontei para uma que filmava exatamente a janela do quarto em que Adele esteve.

Tudo pareceu normal demais e não houve qualquer sinal dela. No entanto, tinha algo muito errado... Estava tudo calmo; calmo demais.

— Mostre-me as imagens dessa mesma câmera, algumas horas antes.

Aconteceu uma coisa, na imagem, que chamou minha atenção.

O jardineiro chefe foi falar comigo quanto aos

lírios, o pedido que eu fiz a ele. Consegui vê-lo caminhando em direção à entrada de funcionários do palácio, mas eu sabia que, depois de falar comigo, foi embora, no mesmo momento. Eu mesmo o dispensei, como agradecimento, e aquela imagem só podia ter acontecido neste horário, o que se passou horas antes do que o indicado na gravação.

Eu o vi indo embora por outra saída, inclusive.

Senti a hesitação do homem ao meu lado.

— Por quê, Alteza? — indagou.

Olhei para ele e seu medo foi tão palpável que uma gota de suor desceu pelo seu rosto, mesmo com a baixa temperatura na sala.

— Não questione meus motivos. Apenas me mostre — rosnei.

Com muita relutância, ele fez o que pedi e, quando enxerguei a mesma imagem que acompanhei em outra tela, indicando o horário que Adele fugiu, notei a fraude que fizeram no esquema de câmeras do palácio.

Não poderia acusá-lo sem provas, mas eu as encontraria.

Peguei meu celular e pedi para que Deandre enviasse seguranças.

— Por favor, levante-se — ordenei e fiz o mesmo, olhando fixamente em seus olhos com uma fúria incontrollável — pensou mesmo que ninguém notaria essa merda! — Soquei a mesa com força, amassando o metal. — Essa alteração de principiante que fizeram? Quais as chances de quatro homens passarem mal ao mesmo tempo? — rosnei.

Ele notou que eu não estava nada calmo porque seu terror foi tão evidente quanto sua covardia.

— Senhor? — Deandre adentrou a sala, relanceando os olhos entre mim e o segurança.

— Leve-o para a prisão, Deandre. Esse homem fraudou a segurança do palácio.

— Co-co-co mo?

Fitei meu assessor com cara de poucos amigos.

— Como, infernos, você acha? Foi ele que bolou

PERIGOSAS NACIONAIS

um plano para que Elizabeth conseguisse fugir sem que ninguém visse! — Chacoalhei minhas mãos, irritado. Estavam todos na porcaria do palácio testando minha paciência. — Alterou as filmagens da hora em que ela fugiu e ainda fez com que os colegas passassem mal. — Indiquei as cadeiras vazias em torno de nós. — Do contrário, como acha que quatro pessoas passariam mal ao mesmo tempo, em uma hora tão propícia, *menos ele?* — Falei essa última parte fuzilando o infeliz.

Dois dos seguranças entraram ainda zonzos, passando por mim e Deandre tão desnorteados que nem me cumprimentaram.

Ergui as mãos e fiz um gesto de obviedade para meu assessor.

— O que aconteceu aqui? — indaguei a eles.

Ambos ergueram o olhar e me encararam assustados, fazendo uma mesura apressada e pedindo desculpas.

— Nós... passamos mal, Alteza.

— Todos? — perguntei.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Sim, menos Joseph.

— Comeram alguma coisa, hoje, que pode ter causado isso? — voltei a indagar para ambos.

— Não, senhor... Apenas tomamos o café que ele trouxe, assim que chegou.

— E ele tomou?

— Não. Ele não toma café. Diz que faz mal — um deles respondeu.

Arqueei uma das sobrancelhas com a feição ameaçadora. Olhei para o homem e não contive a minha fúria, depositando um soco atroz em seu rosto. Senti as minhas juntas protestarem, mas reprimi a dor, travando minha mandíbula.

— Filho de uma...

— Senhor! — me impediu Deandre.

Respirei profundamente para, logo em seguida, expirar todo o ar dos meus pulmões.

Por que, infernos, eu estava tão irritado?

Pelo desgraçado ser um traidor de merda ou por Adele ter fugido sem pensar na própria segurança?

PERIGOSAS ACHERON

Eu seria o primeiro a ajudá-la, se me dissesse que encontrou uma brecha! Esse não tinha sido a porcaria do meu objetivo nos últimos dias? Garantir a segurança daquela filha da...

Merda!

Que desgraça de mulher maluca!

Totalmente irresponsável!

Ela me enlouquecia; me deixava completamente fora de mim!

— Leve-o. Tire-o da minha frente, Deandre. Não sei o que posso fazer, se esse infeliz não sumir da minha frente.

Ele fez o que falei e, quando desapareceram pelo longo corredor, soquei a parede com toda força que consegui. O sangue começou a gotejar da minha mão direto no chão.

Adele fugindo sozinha...

Senti a asfixia me dominar. Uma falta de ar e pânico, por imaginar pelo que ela poderia estar passando, naquele momento.

— Conseguem recuperar as imagens de

segurança deletadas? — vociferei para os dois que, agora sentados, não entenderam nada do que aconteceu.

— Não, Alteza. Nem sabíamos que as imagens foram deletadas. Nunca fazemos isso.

— Claro que vocês não; foi Joseph. Por isso todos passaram mal no mesmo instante. Ele deletou as gravações de quando Elizabeth fugiu e as substituiu por outras gravadas anteriormente.

Ambos adquiriram expressões assombradas.

— Por isso ninguém a viu desaparecer. Mas, Alteza, não se importe com isso. Todos a estão procurando e, com certeza, ela será encontrada.

Sacudi a cabeça em uma negativa.

— Não tenho tanta certeza disso — falei e fui em direção ao corredor, saindo da sala em busca de ar.

O ambiente estava me deixando claustrofóbico.

Parei e encostei em uma das paredes, olhando para as enormes janelas à minha frente.

Droga, Adele, por que não pediu minha ajuda?
— indaguei a mim mesmo.

— Como pôde ser tão inconsequente?

Virei-me para notar meu pai com o semblante pesado, prestes a me repreender.

— Ela sumiu, papai. Era isso que não queriam me dizer, não era?

— Temos o direito de defender o futuro do país, Nicholas! Não ouse julgar seus pais por causa de uma mulher que nem sabemos quem é! Por uma mulher que, em hipótese alguma, poderia ser a futura rainha de Persóvia. Exijo que volte e se retrate com Felicity, para anunciar o noivado, ou toda a gama de mordomias à qual tem acesso será retirada imediatamente. Isso é simplesmente inaceitável: um homem que não cumpre com seus compromissos.

Respirei profundamente.

O que eu diria faria meu pai ferver de ódio.

— Essa mulher que não pode se casar comigo, um assunto no qual você tem absoluta razão, aliás, é ninguém menos do que uma das mulheres mais ricas da Europa. Extremamente gentil, amorosa e atrapalhada de uma forma que a deixa ainda mais

PERIGOSAS NACIONAIS

charmosa. Persóvia só teria uma rainha à altura de mamãe e essa mulher seria a que fugiu, pela segunda vez, por notar que sua segurança já não era mais garantida.

— Não entendi o que quis dizer.

— Adele Packard Rodwell. Esse nome te lembra algo, papai?

O assombro no seu rosto foi palpável. Senti o tapa, antes que pudesse desviar dele. A ardência espalhou-se pela minha pele e eu travei meu maxilar, ao notar que ele teve mesmo coragem de fazer o que disse que jamais faria. Segundo ele, dar um tapa na face de um monarca, retirava-lhe toda a honra.

Nossos olhares se prenderam e o arrependimento corroeu os seus, enquanto nos meus uma determinação abrasadora se fortaleceu.

— Como ousa esconder isso de todos?

— Não podia contar. A usariam como moeda de troca, no melhor dos casos. Não podia deixar que fizessem isso com alguém inocente.

PERIGOSAS ACHERON

— ELA NÃO É INOCENTE! — gritou — ELA É FILHA DO NOSSO MAIOR INIMIGO!

— Mas ela não tentou te matar, tentou? O que essa garota fez além de tratar todos bem, mesmo quando desconfiam dela, papai? Ela não fez nada que comprovasse a maldade que você afirma que os Hirondelles nutrem. Pelo contrário, foi muito mais honrada que a maioria das pessoas que conheço em Persóvia! Com um conhecimento avassalador e uma preocupação genuína com todos, ela merecia ser rainha mais do que qualquer mulher na porcaria daquele salão! — Ergui meu braço, indicando a direção. — Não tenho dúvidas de que Hirondelle se tornará uma verdadeira potência, admirada por muitos países, quando ela se sentar no trono, porque, sinceramente, tudo na personalidade dela remete ao que é preciso para se admirar.

— Por que a defende? Olha o que ela fez conosco! — Meu pai tremia e seu rosto estava vermelho de raiva.

— ELA NÃO FEZ NADA! — dessa vez, quem se alterou fui eu.

— COMO NÃO, NICHOLAS? ELA TE MANIPULOU CONTRA NÓS, FILHO!

— Por que esse ódio de uma pessoa que você nem se deu ao trabalho de conhecer? — indaguei — Pergunte a qualquer um, qualquer empregado desse palácio, o que eles acham dela e só vai ouvir elogios, isso eu posso te garantir. Faça o mesmo, indagando sobre Felicity, e então nós voltaremos a conversar, para você expressar sua tão velada verdade. Como acha que conhece a verdadeira face de um monarca, papai? Basta perguntar as pessoas que trabalham para ele e ouvir como elas respondem.

— Não está falando coisa com coisa e eu exijo que volte ao salão e anuncie seu noivado, ouviu bem? Isso é uma ordem!

— Papai... — Fiz uma pausa. — Adele desapareceu e pode estar carregando um filho meu. Eu não vou permitir que nada de ruim aconteça com ela. E se alguém tentar me impedir, eu vou, com toda a profunda certeza que há em mim, renunciar ao trono de Persóvia.

Ouvi um soluço e meus olhos cruzaram com as da minha mãe, para atrás dele. Estava com as mãos no peito, atônita com a minha revelação. Meu pai; esse nutria o mais profundo tom de branco, congelado, sem qualquer fala ou argumento para defender. Levou a mão ao peito e desabou sobre os joelhos.

Cheguei até ele, antes que caísse bruscamente no chão sem qualquer amortecimento.

— O médico. Chamem o médico real! — minha mãe gritou e, então, o castelo se tornou a mais caótica confusão.

A FUGA DA PRINCESA



ADELE

“A princesa à casa torna! Não seríamos capazes de expressar nosso alívio, nem que quiséssemos. O Conselho e o Parlamento certamente se reunirão para decidir o que será feito agora. Aguardamos por um pronunciamento de Sua Alteza Real, torcendo para que a verdade finalmente apareça.” – *Hirondelle Daily*.



Irina foi até a estação de trem comigo. Uma que levava direto para Packard. Depois, eu me apresentaria em um dos postos que meu pai montou para me procurar e pronto estaria no palácio.

— Ainda não acredito que esteja de volta! Todos os jornais e revistas ficaram supondo coisas, tentando desvendar planos que nem ao menos existiam, acreditando que estavam ajudando de alguma forma. Na minha opinião, foi um total desserviço, até mesmo vovó revirava os olhos quando o plantão começava e alguma notícia sensacionalista sobre você aparecia.

Sorri amável para ela. No entanto, dentro de mim, uma névoa de desencanto se alastrou.

— Só espero que minha irmã me perdoe por deixá-la sozinha — sussurrei.

— Ela vai perdoar, princesa. Tenho certeza.

Suspirei e olhei para meus pés, desanimada.

— Tomara que tenha razão.

Ouvimos o barulho do trem despontando ao longe, sabendo que chegava o momento de se

despedir.

— Fique à vontade para me visitar. Sei que não sou nenhuma pessoa nobre, mas... — Não esperei que ela terminasse de falar, puxando-a para um abraço apertado e caloroso.

— Nunca mais diga isso. Lógico que virei aqui te ver! Não imagina o quanto me ajudou. — Soltei-a do meu aperto e a fitei, sorrindo.

Archie era mesmo um rapaz de sorte.

— Encontrará a felicidade. — Ela pegou minhas mãos entre as suas e as sacudiu, em afirmativa.

— Queria ter essa mesma positividade.

— É só acreditar em si mesma.

Eu ainda estava acenando em despedida para a minha mais recente amiga, quando embarquei e o trem começou a se afastar da estação.

Eu estava voltando, finalmente... voltando para casa.



— Arya! — gritei, quando a vi sentada em sua

cama chacoalhando os pés, sem alcançar o chão.

Minha irmãzinha correu em direção a mim, pulando eufórica no meu colo. Eu a rodopiei e passei as mãos em seus fios dourados, apertando-a e tentando sanar a saudade. Ela estava diferente e eu sabia o motivo disso. Papai era implacável quando queria e apenas ao imaginar o que ele falava para Arya, com meu sumiço, um pavor me percorria.

Eu o amava, mas quando o assunto era Hironnelle, ele não poupava ninguém.

— Eu estava com tanta saudade, pequena. Tanta, tanta saudade!

— Achei que você iria embora para sempre, como a mamãe. — Ela começou a chorar e eu me desesperei.

— Nunca, irmãzinha. Eu nunca vou embora da sua vida. Só precisei me distanciar um pouco, mas foi por um bom motivo, e te prometo que quando for maior, te explicarei tudo.

— E nossa caça ao tesouro? Você a abandonou e eu sou muito ruim em achar sozinha! Elize e Jordyn

tentaram me ajudar, mas ninguém lê latim como você! — resmungou.

Soltei-a no chão e abri um sorriso, com as lágrimas, que formavam uma represa nos meus olhos, expressando a falta que as reclamações da minha irmã mais nova faziam.

— Aposto que vamos achar logo! — Apertei uma de suas bochechas.

Arya livrou-se do meu aperto e emburrou ainda mais a feição.

— Todos ficaram me fazendo milhares de perguntas e aquele príncipe chato não saía daqui, gritando com os seguranças e perturbando a Jordyn! Eu não gostei disso. Ele é muito zangado e infeliz. Parece com os vilões daqueles filmes de princesas que víamos juntas todo sábado. Aliás, eu vi alguns sozinha; papai deixou. Disse que quando você voltasse, veria de novo comigo.

Começou a bater os pés no chão, impaciente.

A ficha de que eu estava de novo no palácio de Packard ainda caía. Parecia surreal viver tanto em tão pouco tempo.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Me dá um abraço de novo, bonequinha, só pra compensar por todos esses dias que fiquei fora. — Puxei-a de novo e a apertei bem junto ao meu corpo.

Eu nunca mais sairia sem minha irmã. Nunca.

— Amo você, Adele. Por favor, quando for sair de novo, me leva junto com você? — Ela pediu, tão sincera que um soluço irrompeu do meu peito.

— Prometo que nunca mais vou te abandonar, meu amor. Nunca mais.

— Eu gosto das suas promessas. Você sempre as cumpre.

— Claro que sim.

— E sobre Jordyn, nunca mais me deixe sozinha com ela. Ficou me dizendo tudo o que eu deveria fazer como se fosse você. Só você pode mandar em mim, mais ninguém. Nem mesmo papai! Ele nunca está por aqui, de qualquer forma, então não muda muita coisa, enquanto você sempre tirava um tempo para mim.

Soltei-a e passei as mãos pelos fios rebeldes de

PERIGOSAS ACHERON

seu cabelo.

— Prometo que ela não vai mais te perturbar.

— Bom. — Cruzou os braços no peito. — Muito bom!

— Não se engane com essa pestinha! — Jordyn entrou no quarto com uma feição sisuda.

Olhei-a recriminadora pela forma com a qual se dirigiu à minha irmã.

— Aconteceu algo de que eu deva saber? — indaguei.

Eu relanceei o olhar entre as duas e não gostei dos segredos que li entre elas.

— Conte para ela, Arya. Conte o que fez comigo.

— Eu... — Minha irmã começou a passar o pé na frente do seu corpo, em um vaivém, e colocou as mãos para trás — Só coloquei um pedaço de filé embaixo do travesseiro dela, pro Feroz pegar.

— Não acredito que fez isso! — ralhei, tentando conter o riso.

Não podia incentivar suas traquinagens, mas era complicado, quando tinha uma criatividade absurda

PERIGOSAS ACHERON

para pregar peças.

— Aquele cachorro imundo me derrubou da cama e por pouco, muito pouco, não mordeu minha cabeça!

Controlei ainda mais o riso.

— É que você... Eu... — Arya começou a falar, mas se calou com o olhar que Jordyn lançou para ela.

Senti algo muito estranho ali. Definitivamente, precisava descobrir, quando estivesse sozinha com minha irmã. A forma como nossa professora de etiqueta apareceu e nos interrompeu, muito estranha, afinal. O que ela teria a dizer, que não podia esperar?

Semicerrei meus olhos na sua direção, notando como ela não parou de fitar Arya, como se a ameaçasse em silêncio.

Sim, havia algo ali e eu não tardaria em descobrir o que era.

— Pode deixar, bonequinha — falei. — E você guardou o livro? Aquele com capa vermelha?

Ela chacoalhou a cabeça, animada, olhando-me com esperança.

— Deixei-o aqui, olha! — Correu até seu closet, puxando-me pela mão e abriu uma das gavetas; a que continha suas meias, erguendo-as e me mostrando o livro embaixo delas. — Achei que seria bom escondê-lo. Nós nunca sabemos quem está atrás do tesouro — conspirou.

— Isso mesmo! — brinquei.

Parecia ter ganhado um prêmio, tamanha era sua felicidade com a minha concordância.

Peguei a capa entre as mãos e fiquei olhando a inscrição. A mesma que vi no teatro de Persóvia e novamente aquela sensação de interligar o que eu nem sabia, ainda, correu nas minhas veias. Não era algo tão impossível assim e, agora que eu sabia pelo menos outro lugar com as mesmas palavras, poderia decifrar alguma mensagem escondida. Não custava nada tentar.

— Posso ficar com ele? — perguntei.

Ela acenou em concordância, seus olhos brilhantes de expectativa.

— Promete que vai encontrar logo o tesouro?

— Claro que sim!

Voltamos para o quarto e eu tentei decifrar a feição fechada de Jordyn, atormentando-me por não conseguir.

— Alteza! — Elize entrou atrapalhada no recinto e fez uma medida rápida e desajeitada. — Seu pai e o Conselho a aguardam na sala do trono.

— Não os deixe serem cruéis com você! — Arya puxou a barra da minha calça e murmurou.

— Jamais, bonequinha. Jamais.

Abaixei-me e deposei um beijo carinhoso em sua testa, deixando-a com Elize, enquanto arrastava Jordyn para fora do quarto. Se minha irmã não queria ficar sozinha com ela, era porque havia algum problema sério ali. Arya era uma criança muito amorosa e totalmente compreensiva.

Caminhei perdida nos meus pensamentos. Precisava descobrir. Precisava de verdade.

Como se para concordar com minha afirmação, uma sensação agonizante no meu peito me fez

estacar sobre meus pés e respirar profundamente.

Merda. Será que conseguiria arrancar de Jordyn com o sorriso? Esperava firmemente que sim.

A FUGA DA PRINCESA



ADELE

“Se existe princesa mais amada e considerada por seu povo, desconhecemos.” – *Hirondelle Daily*.



Fitei meu pai e foi como sentir várias agulhas de fúria sendo lançadas na minha direção. Quando elas entraram em contato com minha pele, esparramaram seu veneno e me mantiveram travada de medo.

O salão estava da mesma maneira que eu

lembrava, com o piso rústico cobrindo o imenso lugar e seus detalhes feitos à mão reluzindo com a iluminação. No centro, ficava o trono de papai, tecido em um veludo caro e bordado em fios de ouro. As outras cadeiras dispostas ao seu lado eram mais simples, no entanto, representavam toda a sua importância, ou melhor, a importância de cada pessoa que sentava em uma delas. Havia quinze, no total, tendo como ocupantes os duques que cuidavam dos estados de Hironnelle.

— COMO PÔDE, ADELE? — bradou.

ADELE

ADELE

ADELE

Os ecos repercutiram pelas paredes antigas da construção, reverberando por todo o ambiente e morrendo em alguma parte distante. Arrepiei-me e me encolhi diante da sua ínfima parcela de paciência. Se é que existia uma ínfima nessa constatação.

Olhei para o teto, desejando estar em outro lugar. Os anjos com seus arcos e flechas representados na

PERIGOSAS ACHERON

pintura, pareceram zombar de mim e da repreensão monumental que eu sofreria.

— Não... sei? — falei, mas meu tom saiu como indagação.

Fiz uma careta e fechei meus olhos, encolhendo-me, aguardando pelo novo grito que viria. Eu merecia, sabia que sim. Tinha sido totalmente insolente e imatura, porém, por um bom motivo. Jamais tomaria uma atitude drástica dessas, se não soubesse que, no fim, seria o melhor para todos.

— Não sei o que fiz para ter uma filha tão indolente aos deveres reais dessa forma. Realmente não sei o que fiz! — Levou as mãos aos olhos em desgosto e as poucas pessoas presentes no salão principal disfarçaram ao máximo suas opiniões. — Não tem noção, não é, do que tivemos que passar por causa da sua estupidez? Deixou Rodwell com uma carga imensa de obrigações e, se não fosse um mordomo leal e totalmente devoto ao seu emprego, tudo teria desandado. Não pode, Adele. Simplesmente não pode fugir sem pensar que haverá consequências para isso! É uma princesa e duquesa. Herdará a coroa e, com ela, milhares de

PERIGOSAS ACHERON

pessoas dependerão das suas decisões! Entende a seriedade da sua rebeldia?

Ajoelhei-me em sinal de respeito e torci para que minha fala o convencesse.

— Vossa Majestade, — achei melhor adquirir o tom formal — eu fugi. — Um rosnado nada real escapou da sua boca, mas ignorei — Porque Dwayne tramava a morte do próprio pai, o meu aprisionamento e a sua morte também, papai. Desculpe por pensar em todo o país e fugir de um casamento firmado em um contrato de quando eu tinha apenas onze anos. Eu me casaria se, de fato, isso fosse o melhor para Hironnelle, só que não era e não acredito que será em breve. Decidi fugir, no dia, porque ouvi os planos sórdidos dele e não soube o que fazer, a princípio. Peço desculpas, meu pai, por ter desonrado nosso país, abandonando-o daquela forma. Porém, foi a única solução que encontrei. — Abaixei minha cabeça, enquanto o silêncio de todos deformou minha coragem. — Fiz única e exclusivamente para o bem de todos.

— Isso não pode ser verdade — Kent tomou a palavra.

Alcei minha cabeça para olhá-lo.

— Por que eu mentiria? Estava conformada com o casamento, mesmo não amando aquele homem. Não conhecia o amor e, por mim, estava bem assim, assumindo o compromisso por responsabilidade ao bem do meu povo e de toda essa nação. Infelizmente, acredito que a maior motivação tenha sido minha riqueza, que se torna um atrativo a pessoas com nem um pouco de bondade no coração. Não gosto nem de imaginar o que ele seria capaz de fazer com tanto dinheiro.

— Adele... — papai começou a falar, mas calou-se subitamente.

Meu olhar percorreu cada rosto presente na sala do trono. Todos me fitaram como se me compreendessem e apoiassem-me pelos motivos levantados. Inclusive o duque de um dos ducados mais antigos, que acreditava que uma mulher não devia ascender ao trono. Os membros do Conselho, chefes de estado e de famílias reais de Hironnelle mantinham suas bocas em linhas finas, prestando atenção em tudo.

— O que ela diz pode ser investigado, Vossa Majestade, embora eu já tenha dito que as convicções do príncipe de Constance eram totalmente arcaicas. — O duque de um estado bem próximo a Rodwell disse e, quando me olhou, não foi imaginação da minha cabeça a sua piscadela.

Killian, um amigo de infância que herdou o ducado quando o pai faleceu. Sua casa ficava bem próxima à Rodwell e ele constantemente me visitava.

Se fosse ele o meu noivo, eu jamais teria fugido. Além da sua personalidade maravilhosa, não podia mentir dizendo que não era lindo, com seus cabelos negros, olhos azuis como a lagoa cristalina que percorria nossas propriedades e tão másculo que os outros pareciam senhoras delicadas se comparados.

— Ele quer guerra — proferi.

— Hironnelle não busca guerra! — disse papai.

— Claro que não. O dever do monarca para com todos é de prosperar e garantir a paz. Já estamos em paz, não necessitamos de qualquer tipo de guerra — complementou Killian.

— Nem mesmo com Persóvia? — indaguei.

Todas as pessoas me olharam com o cenho franzido. Era um assunto delicado para se trazer à tona.

— Não estamos discutindo isso, Adele.

— Realmente — o Primeiro-ministro concordou.

— Chame Dwayne para uma reunião. Adele não participará dela. Não confio naquele estúpido a esse ponto. Precisamos buscar uma trégua entre os dois países e você, Kent, me ajudará nisso.

O Primeiro-ministro abriu a boca em consternação.

— Eu, Vossa Majestade?

Semicerrei meus olhos, fitando-o em busca de respostas. Por qual motivo pareceu tão escuso? Lembrei-me de não conseguir enxergar a pessoa para a qual Dwayne contou seu plano, no dia do meu casamento, e vasculhei motivos que Kent poderia ter para se aliar em uma conspiração, sabendo qual seria a punição para tal.

Mantive minhas dúvidas para mim.

“Adele, um governante tem que se manter atento a todos os tipos de detalhes, minha querida”.

Essa foi a lição mais importante que papai me dera e espantei-me por ele não seguir seu próprio conselho. Mas a voz não era de Kent; era de outra pessoa, que eu jamais ouvi. Estranho. Estranho demais.

— Sim!

A sala do trono caiu em um silêncio mortal. Ninguém arriscou nem sussurrar. Se uma agulha caísse no chão, definitivamente a escutaríamos, com as respirações travadas e os corpos tensos.

— Se me permite dizer, papai, não acredito que seja uma boa opção. Pode se tornar uma admissão de culpa da nossa parte, o que claramente não é.

Fui interrompida.

— Por causa de suas atitudes, Alteza — Kent falou, com um desprezo claro na sua voz.

— Cale-se, Kent! Adele já explicou seus motivos! Os averiguaremos e, se forem constatados os planos contra o reinado, não haverá qualquer

sombra de piedade.

— Eu acredito em minha princesa — Killian afirmou.

— Persóvia foi atacada diversas vezes, nesses últimos dias. Temos algo a ver com isso? — questionei, antes de perder a coragem.

Poderia ser uma retaliação, talvez?

Se eu achei o silêncio anterior aterrorizante, não encontrei palavras para descrever o deste momento.

— Como tem conhecimento dessas informações?

— Eu... — Não soube o que dizer.

— Ora, Kent, a duquesa, pelo que me foi dito, encontrava-se em *Fast River*, próxima à Persóvia. Quem garante que não há contato com aquela parte dos dois países? — Killian me olhou, compenetrado, antes de dirigir sua atenção ao Primeiro-ministro.

— Se isso for verdade, precisamos aumentar a vigilância, reduzir o espaço de tempo no qual os drones rondam a região e aumentar a quantidade de guardas patrulhando a entrada da floresta desde seu

início até o fim. Não podemos arriscar. Qual o contingente atual? Cerca de cinquenta homens para toda a extensão? É muito pouco, por mais que a maioria dos moradores saibam quão perigoso é se aventurar em meio aos Bordos.

Como ele sabia disso, se nem mesmo eu sabia?

Nicholas me disse por ser uma lenda propagada de boca em boca pelo povo Persoviano. Olhei para Kent, ainda mais desconfiada. Ele devolveu meu olhar, crispando os lábios. Parecia possesso com o rumo que a conversa tomava.

— Podemos providenciar isso — afirmou papai.

— Ainda acho que seria apropriado, para mostrar ao povo que não perdoamos pessoas sem honra, que Adele pague pelo que fez em praça pública, diante de todos. Pelo menos com um discurso de admissão de culpa.

Vários sussurros abafados irromperam.

Forcei-me a manter meu lugar. O que tivesse que ser feito, seria.

A feição de Killian era totalmente dura, fitando

Kent com uma raiva descomunal. Podia dizer o mesmo de algumas duquesas presentes e do restante dos nobres que formavam o Conselho. Ninguém parecia feliz com a solução que o homem deu.

— Com todo o respeito, Vossa Majestade. — Um dos conselheiros tomou a frente. — A princesa é amada por todos e tratá-la com tamanha falta de senso apenas traria uma maior revolta por parte do povo. Não estamos na idade da pedra e não precisamos de atitudes impensadas e totalmente imorais para restaurar uma honra que, com certeza, está intacta. Ressalto, ainda, que Sua Alteza foi de extremo altruísmo ao pensar em todos, antes de em si mesma. Ela sabia que sua fuga traria consequências horríveis para si e ainda escolheu alçar Hironnelle em suas prioridades, nos poupando de um tirano. — Respirou profundamente e me olhou. — Só posso dizer o meu mais sincero “obrigado”.

Kent estava prestes a soltar fumaça pelos ouvidos, furioso por ser contrariado por uma pessoa de cargo alto diante de seu rei.

— Quem pode comprovar com certeza?

— Ninguém, senhor Ministro, mas não acredito que arriscar seja a melhor decisão no momento. Algumas pessoas já se recusam a pagar impostos, devido à ausência de Sua Alteza. Logo, não seria apropriado expô-la desta forma perante pessoas que a veneram. Não estou, de maneira alguma, querendo desrespeitar o senhor, Vossa Majestade.

— O homem dessa vez fitou meu pai. — No entanto, a revolta poderia se estender até mesmo ao monarca atual, visto que a sucessora do trono é a duquesa de Rodwell. Adianto-me, ainda, em expressar que a administração do estado de Rodwell é impecável por parte dela e que toda a população do estado a adora e respeita. Seria uma afronta para com a maioria tratar a pessoa que admiram com tanta hipocrisia.

Todos arregalaram os olhos com a fala de um dos duques mais respeitados de Hironnelle, até mesmo eu.

As palavras de Archie voltaram à minha mente e eu ainda não entendia tamanha consideração dedicada a mim, contudo, não poderia dizer que

PERIGOSAS ACHERON

não agradecia, no momento.

— Isso é inadmissível! — bradou Kent.

— Concordo. A preocupação com o povo deveria ser algo inerente a todos os governantes, senhor Primeiro-ministro, não uma exceção que atraia atenção. Se todos estendessem essa consideração, eu não seria tão amada. O que era para ser comum, se tornou obrigação e raras são as pessoas que o fazem.

Fitei Kent enquanto falei e, quando meus olhos relancearam na direção do meu pai, ele ostentou um orgulho gigantesco, impedindo que o sorriso despontasse no seu rosto a todo custo. Acenou com a cabeça, um gesto sutil que apenas eu percebi.

— Este assunto está encerrado... por ora. Averiguarei todas as informações que Adele passou com alguém de confiança e reunirei o Conselho, quando tiver todas as provas.

— Que alguém, Vossa Majestade, se me permite perguntar? — indagou Kent.

— Não lhe permito perguntar. — Levantou-se.

Todos no salão levantaram-se, inclusive eu.

— Mas eu, como Primeiro-ministro preciso estar ciente de todas as ações.

— Quando for necessário, irei até você, meu caro — papai respondeu.

— Certo, Majestade — Kent fez uma medida frígida.

Acompanhei cada gesto seu, em busca de sinais.

— Querida, podemos conversar no escritório? Preciso de alguns detalhes — papai falou, direcionando-se a mim, e concordei com um “sim” murmurado. — Você também, Killian. Preciso que os dois escutem o que tenho a dizer.

O duque me olhou em dúvida e eu movi sutilmente meus ombros, enfatizando que também não sabia de nada.

Quando papai saiu do salão, sendo escoltado por alguns seguranças, nós o acompanhamos. Não trocamos nenhuma palavra enquanto caminhamos em direção ao escritório. Ele era o rei de toda uma nação, com milhares de pendências e obrigações

sob suas costas, no entanto, antes de tudo, era meu pai, e eu estava apreensiva por tê-lo decepcionado com minha atitude.

— Não sei o que ele quer. — Killian inclinou-se na minha direção para sussurrar.

— Se não sabe, imagina eu. Acabei de aparecer com pó de *pirlimpimpim*!

Uma risada baixa ecoou no seu peito.

— Senti falta do seu bom humor, Adele.

— Sinto-me lisonjeada.

Killian pegou minha mão na sua e a alçou, depositando um beijo suave e carinhoso no dorso.

Assim que as portas duplas de madeira foram abertas e nós adentramos o recinto, senti braços firmes se apossarem de mim. Meu pai me apertou contra si, como se estivesse vendo alguém que não via há anos.

— Filha! Eu fiquei tão preocupado! Se algo acontecesse a você, jamais me perdoaria!

— Não aconteceu nada, papai.

“*Nada do que deva saber agora, ao menos*” —
PERIGOSAS ACHERON

completei em pensamento.

— Adele é destemida. Aposto que, se alguém tentasse lhe fazer mal, ela teria uma ou duas estátuas às mãos, para acertar a cabeça da pessoa.

Eu gargalhei.

Meu pai olhou curioso entre mim e o duque.

— Não é nada, papai! — Dei com uma mão, para que ele esquecesse o assunto. — é que, na última vez em que Killian apareceu em Rodwell, já estava tarde e ele bateu na porta do meu quarto, me assustando. Não me disse que era ele e, por via das dúvidas, achei melhor me armar de uma estátua ou duas de ferro fundido.

— Imagino que tenha sido engraçado.

— E foi — eu e Killian dissemos em uníssono.

— Certo. — Pigarreou. — Minha alma de pai precisa lhe perguntar, filha. Você está bem?

Balancei a cabeça em um aceno.

Se eu dissesse como realmente me sentia, não mudaria nada. Era como se uma parte de mim tivesse se quebrado e ficado para trás, junto com

Nicholas e sua falta de caráter. A noção de que ele me enganou ainda era difícil de engolir. Travei meus punhos na altura da cintura e trinquei os dentes com ódio, ao me lembrar.

Ele queria me manter como amante.

Amante...

Fácil para ele dizer algo do tipo, enquanto quem se rebaixaria seria eu. Que Nicholas comesse aquela merda de coroa e se entalasse quando a dita cuja precisasse sair! Que inferno!

Mas então, eu me lembrava da pulseira e do livro, que representavam totalmente o contrário. Em qual de suas ações eu deveria acreditar?

— Certeza? — Afastou-se, sem tirar os olhos dos meus.

— Sim.

— Sinto que não está me contando tudo, Adele.

Meu pai devia ter poderes psíquicos, sem dúvida.

— Quando for a hora, o senhor vai saber.

— Tudo bem, eu confio em você.

Deveria confiar? O que eu contaria seria um escândalo. Caso conseguíssemos abafar tudo antes que Nicholas obtivesse o resultado que queria, as consequências seriam mínimas e eu só perderia, então — se é que “só” era uma palavra que deveria ser usada —, a admiração do meu pai.

Isso doeu profundamente, causando uma onda de pessimismo até nos meus melhores pensamentos.

— Obrigada — sussurrei.

Ele não notou o semblante dolorido que tomou meu rosto. Estava de costas, indo até sua mesa. Sentou-se em sua cadeira de encosto alto com um tecido negro em detalhes dourados com o brasão de Hironnelle.

— Agora, filha, sente-se. Nós temos que conversar. Se quiser, sirva-se de um pouco daquele Bourbon que sempre quis experimentar, pois acho que vai precisar. Digo o mesmo para você, Killian.

Nos entreolhamos novamente, começando a sentir medo do que escutaríamos.

— Então, o assunto é muito ruim — exclamei.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Apenas sentem-se e escutem.

PERIGOSAS ACHERON

A FUGA DA PRINCESA



NICHOLAS

“Nem mesmo o clima de Natal e a neve que cai romântica em toda a capital foram capazes de acalmar os ânimos de todos. Como de costume, a família real se manterá longe dos holofotes, neste dia, para aproveitar entre si essa época tão especial.” – *Persóvia Journal*.



Seis dias depois

— Meus caros amigos, a que devo a honra dessa reunião espetacular, diante das primeiras horas do
PERIGOSAS ACHERON

dia, em plena manhã de Natal? — falei após abrir a porta teatralmente.

Segui até um dos janelões e vislumbrei os flocos de neve que caíam e se amontoavam pelo jardim, deixando a paisagem branca, em um manto que se estendia até onde os olhos conseguiam ver.

Cada planta e arbusto que ali havia estavam não mais coloridos e, sim, sentindo os tremores de um rigoroso inverno que se avolumava diante de nós.

Virei-me e todos me olharam espantados, devido à minha irritação clara, humor ácido e ironia, antes mesmo de ouvir o que presumi ser ruim. Papai ainda estava em repouso, por causa do princípio de infarto, e voltaria à sua rotina, talvez, em algumas semanas, mas aos poucos, sem passar por situações estressantes e que colocassem sua vida em risco. Havia tantos médicos cuidando dele a todo tempo, que, se conseguisse sequer caminhar pelo corredor sem ser acompanhado por, no mínimo, uns cinco homens, seria um milagre. A ala médica do palácio era imensa, com tecnologia de ponta e o mais recente que se tinha notícia em medicina.

PERIGOSAS NACIONAIS

Ele ficaria bem.

Tinha que ficar ou eu nunca me perdoaria.

Passei os últimos dias me martirizando por ter sido tão inconsequente, mas os pensamentos em Adele continuaram por todos os minutos, horas e dias desde que ela foi embora, e não davam sinais de que parariam.

A neve só me fazia lembrar mais dela.

Sorriria quando o primeiro floco tocasse a palma de sua mão?

Rodaria em meio ao branco que acumulava camadas espessas no chão?

Ou se deitaria e decidiria fazer um anjo como ela?

Perguntas que eu sabia não conseguir a resposta. Não mais.

Toda vez que deitava a cabeça no meu travesseiro, era sua lembrança e da nossa noite em Ward que tomava conta dos meus pensamentos, com uma dúvida me deixando em ainda mais estado de insônia... E se?

PERIGOSAS ACHERON

— Por que o silêncio? Não vão dizer nada? — indaguei, depois da quietude abismal.

Eles olharam uns para os outros, de forma temerosa.

— Hironnelle anunciou publicamente o casamento da princesa com o duque de Greenwold — Barrett, o Primeiro-ministro, disse alto e claro. — Eles liberaram a notícia até mesmo para nós, deixando que o serviço de inteligência compartilhasse da informação sem maiores problemas ou quebrarmos o tratado firmado há muito tempo. Não acredito que a inimizade deva ser ignorada diante desta provocação, visto que claramente eles estão debochando da nossa incapacidade.

Engoli em seco, com minha saliva carregando dezenas de pregos, maltratando minha garganta.

Adele se casaria...

Deus, ela se casaria mesmo. Sem fugir, dessa vez.

Tentei ao máximo lembrar-me dos ensinamentos do meu pai e evitar expressar qualquer tipo de

PERIGOSAS ACHERON

emoção, isso apenas me prejudicaria.

— E qual a relevância dessa informação? —
Pensei como um rei pensaria.

Meus sentimentos não podiam vir em primeiro lugar nessa equação. Não diante de todas aquelas pessoas; não diante do bem-estar do povo de Persóvia.

— Isso acarretaria numa crise gigantesca, Alteza, e, se me permite dizer... — Tive uma súbita sensação de que eu não deveria permitir nada. — Creio que a culpa seja da princesa, que parece nutrir uma intensa antipatia por nós. Vossa Alteza sem nenhum casamento à vista, somado à situação de Vossa Majestade, são complicações para a estabilidade da economia.

Firmei minhas mãos na mesa de mogno e olhei para todos, compenetrado.

— Não quero que citem essa mulher em nossas reuniões e também não preciso que me recordem de nada. Sei muito bem o que aconteceu. — Fechei os olhos por segundos. — Não pretendo facilitar as coisas para que ela destrua Persóvia.

A essa altura todos sabiam que Elizabeth era, na verdade, a princesa herdeira de Hironnelle, devido ao surto de ciúmes e raiva de Felicity, quando a rejeitei publicamente, não de uma forma desonrosa, apenas impedindo que ela atingisse seu objetivo e isso foi pior do que humilhação, para ela. Nem mesmo seu pai estava contente comigo.

Excelente, porque eu não simpatizava nem um pouco com ele.

— Tudo começou quando permitiu a entrada dessa mulher desconhecida nos nossos círculos. — Um dos membros presentes levantou-se, exaltado. — Acredito que ela recolheu todas as informações das quais precisou e está, neste momento, planejando a queda do trono de Persóvia, o que é um absurdo! O que o povo fará, então? Tudo por causa de uma porcaria de tratado!

O tratado era intransigente e deixava claro que nenhum dos dois países teria informações privilegiadas do outro. Ou seja, nada de vigiar a vida de Hirondelles, muito menos acessar as suas fotos ou se comunicar com eles. Era tudo muito fechado, mantido intransponível pelo serviço de PERIGOSAS ACHERON

inteligência dos dois países.

Um dos dois devia nutrir uma enorme culpa. Qual outro motivo justificaria essa separação?

— O povo ou nós?

A sensação de que estavam todos preocupados apenas com si mesmos me corroía. Não acreditava, nem por um segundo, que toda essa preocupação se destinava aos mais humildes. De forma alguma. Havia mais ali do que eu estava sendo capaz de enxergar.

Semicerrei minhas pálpebras, relanceando o olhar e tentando encontrar o mínimo sinal de que um segredo corria por aquelas paredes seculares.

— Mais alguma informação útil que eu precise saber?

Todos engoliram em seco.

— O povo está cobrando seu casamento, Alteza — um gaguejou. — Estão especulando, devido ao estado de Vossa Majestade, o rei e, como é o próximo na linha de sucessão, sobre sua coroação sem ainda ter se casado. Como sabe, não é proibido

um rei solteiro, no entanto, não é de bom tom, para respeito e responsabilidade, um homem sem uma rainha sagaz ao seu lado. Além do mais, são necessários herdeiros para a continuidade da linhagem. Filhos bastardos não são tolerados.

Crispei meus lábios.

Se eu já era pressionado para casar antes do meu pai ter severas complicações de saúde, depois do que houve, todos me lançavam para a parede e tentavam obter respostas que fossem mais do que meras esquivas.

— Estou ciente disso. Na hora certa, vou anunciar minha futura noiva. Preocupem-se com assuntos mais importantes do que este.

— Com certeza, um casamento real é de extrema relevância. Precisamos começar os preparativos, caso Vossa Alteza já tenha uma data para a cerimônia. Seria excelente para afastar os pensamentos de todos sobre os últimos atentados.

— Não, eu ainda não tenho e, referente aos atentados, já estão sendo investigados. Eu mesmo lidarei com várias coisas que notei ultimamente e,

se não perceberam, é Natal, pelo amor de Deus. Podem dar uma pausa em todo esse ninho de cobras e irem passar um momento com suas famílias? — indaguei.

— Então...

— Então nada, preciso que todos se preocupem com a situação discutida anteriormente e que esse assunto seja encerrado, por ora. Nada de especulações. Quem for pego propagando fofocas... — Olhei para todos, de maneira firme. — Deverá ser trazido até mim para que diga na minha frente. Fui claro?

Sacudiram a cabeça em concordância e, antes que me movesse para a porta, despediram-se educadamente.

Odiava ser imperativo, mas foi totalmente necessário.

Um dos funcionários da equipe da coroa abriu a porta para mim e a fechou, logo que passei. Caminhei pelo longo corredor até chegar à escadaria central. Mamãe estava no topo dela, olhando-me pesarosa.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Querido, as coisas não serão fáceis.

— Não. Eu preciso me casar.

— Mas você a ama.

— Um amor por um reinado. Estou fazendo minha escolha, mamãe.

— Não consigo acreditar que isso seja o certo.

— Adele está com raiva. Pelo que, eu não faço ideia e, se não resolver logo a situação, Persóvia inteira pagará pelo erro de uma única pessoa. Não posso deixar isso acontecer.

— Ela pode pensar que a tenha enganado — mamãe falou.

Semicerrei minhas pálpebras, notando que essa era mesmo uma possibilidade.

— Mas eu não o fiz.

— E se, em algum momento, ela ouviu o que não devia?

Mamãe não deixava de ter razão, como sempre.

— É uma possibilidade.

— Encontraremos um jeito, querido. Tudo se

PERIGOSAS ACHERON

resolverá, mais cedo ou mais tarde. Agora, vamos nos preparar para o almoço de Natal?

— Claro, desço em instantes.

Afastei-me dela, antes que notasse o quanto a escolha estava me custando.



Mais tarde, no meu quarto, eu ainda me amaldiçoava por não ter conseguido trazer as crianças para o almoço de Natal no palácio, mas, havia coisas distantes até mesmo dos poderes de um príncipe. Pelo menos, eu ainda consegui levar um pouco de alegria para elas, quando as visitei durante a tarde, com presentes e ficando um bom tempo por lá, apenas as ouvindo conversarem.

A súbita vontade de saber como Adele estava foi mais forte do que eu e, quando deitei em minha cama, pesquisei todas as notícias que tivessem a ver com ela. Enxergá-la representando seu papel despertou em mim a saudade da mulher que eu conheci. Nas fotos recentes, Adele parecia totalmente perdida, ao contrário da pessoa que sorria sempre, mesmo quando todo mundo

estivesse olhando, sem motivo algum. Notei que só consegui acessar as notícias por terem liberado com o anúncio de seu casamento. O motivo para tudo ser estendido à Persóvia, longe de meu conhecimento.

Talvez eles quisessem descobrir coisas, tanto quanto nós.

Não sabia como seria tudo, dali para a frente. Só tinha a certeza de que não chegariam nem perto de me fazer feliz.

Com quem quer que me casasse, o amor não seria uma possibilidade.

Ela estaria ao lado de um homem qualquer e eu ainda não tinha reação quanto a isso. Não conseguia odiá-la por ter fugido. Não, esse não era o sentimento que me massacrava. No momento, o que me deixava sem ar de verdade era a falta que fazia.

Como eu ficaria no dia, sabendo que ela estaria caminhando até o altar? Até outro homem.

Merda!

Doía apenas imaginar.

Seu ódio também me fazia sentir extremamente mal. A única notícia que me consolava era a de que ela havia chegado bem em seu país e que agora estava em total segurança.

Adele sentia saudade de mim como eu sentia dela?

Deitei-me na cama permitindo-me um momento de sensações, das piores até as melhores. Agora, a cada vez que eu caminhava pelo palácio era como ouvir sua voz, a cada segundo de sussurro do vento a sua risada e a cada passo que eu dava, parecia que sentia a sua presença me seguindo.

Jesus, eu estava ficando louco!

Coloquei as mãos na boca, aterrorizado.

Só podia demonstrar fraqueza longe de olhares mais atentos e, ali, no meu quarto, ao menos isso eu tinha a chance de fazer. Sofrer sozinho, por mais que parecesse horrível, era uma das minhas possibilidades.

— Nicholas, você está aí? — A voz de Felicity

me deixou agoniado.

Ignorar ou não ignorar?

Nem era para ela ter acesso ao corredor onde ficavam os aposentos reais. No entanto, ela sempre dava um jeito de se livrar dessas convenções.

Levantei-me a contragosto e abri a porta.

Meu semblante impassível se manteve, mesmo quando ela me fitou fixamente nos olhos e tentou entender meu humor.

— O que quer? — Fui seco.

— Preciso falar com você.

Ela me empurrou sutilmente e entrou no meu quarto. Devia ter impedido sua entrada, mas sentia-me fraco para qualquer tomada de decisão.

— Não temos nada para conversar.

Encostei a porta e olhei-a, estranhando seu sobretudo pesado e grosso. Nas dependências do castelo, com o tempo frio, o aquecedor ficava geralmente no máximo e a temperatura era extremamente agradável.

— Temos, sim. Temos muito para conversar.

Minha boca se abriu em surpresa.

Felicity retirou os botões das suas casas e uma lingerie branca totalmente indecente me brindou. Ela era maravilhosa; eu tinha plena noção disso e a reação involuntária do meu corpo respondeu ao estímulo visual. Não havia muito o que fazer quanto a isso. Reformulei frases na minha cabeça e pensei em palavras que pudessem me ajudar.

— Você... — comecei a gaguejar — V-v-ocê...

— Sim, meu querido. Eu vim para te consolar com sexo quente e suado, como nos velhos tempos... — Ela passou a língua no lábio inferior, me fazendo engolir em seco. — E, quem sabe, te convencer de que nós dois juntos seria uma mistura perfeita. Eu te daria herdeiros e garantiria que suas noites fossem todas quentes.

Fechei meus olhos e respirei fundo.

— Felicity...

Ela caminhou até mim e senti seu toque nos botões da minha camisa, travando o maxilar de nervoso por me ver nessa situação.

— Pode falar.

— Nós...

Suas mãos se prenderam na minha cintura e eu pensei muito no que diria e faria a seguir. Pensei de verdade.

Quem se importaria?

Não Adele. Definitivamente, não Adele.



Abandonei meu quarto passando as mãos nas dobras da camisa. Minha roupa se encontrava um pouco amarrotada, mas nada que o paletó não pudesse esconder. Olhei para os corredores e não havia ninguém para relatar o ocorrido.

Melhor.

Apenas minha consciência.

Dei passos firmes para me afastar do quarto, indo em direção à biblioteca. Ao menos, lá, eu conseguia me recordar de Adele sem ninguém para me interromper. Abri as imensas portas duplas de madeira, ouvindo-as rangerem baixo ao se moverem em suas dobradiças. Para mim, era um

charme da construção tradicional e não me importava nem um pouco com os barulhos sutis.

Senti cheiro de livro e o calor da lareira.

Movi-me até o último livro que a vi lendo e puxei-o, segurando os demais para não causar um efeito dominó. Apoiei-os no encosto mais próximo e caminhei até uma das poltronas, estrategicamente posicionada para receber o calor da lareira elétrica que enfeitava e aquecia o ambiente nos dias mais frios.

— Por que fugiu e voltou para se casar, Adele? Por quê? — murmurei sozinho.

Não distingui nenhum tipo de mensagem nas páginas amareladas. Não notei que estive esperançoso para que isso acontecesse, até o momento em que o desânimo por não haver nada me pegou desprevenido. Nem uma mísera marcação ou mensagem decodificada. Mensagem decodificada? A loucura estava mesmo correndo em mim.

— Precisamos conversar, Nicholas — Felicity...

De novo.

Fechei o livro com um baque agudo que ecoou entre a gente.

— Não, não precisamos. Eu te disse que não nos casaremos.

— Nós poderíamos ser bons juntos, você só está preocupado demais. Sei que disse que não, que não vai mais ficar comigo, mas podemos dar certo, sei que sim.

Olhei-a atentamente.

— Felicity... Você ir até meu quarto, ficar seminua na minha frente esperando que eu cedesse nem me insulta, afinal, nós já ficamos juntos, nesse sentido, no passado. O que me insulta é a sua mania de achar que eu sou burro o bastante para cair em um golpe. Você queria me pegar desprevenido e me forçar a casar com isso... com sexo, mas eu não contribuí, não é? Entendo, entendo de verdade, mas pode ter certeza de que, se havia qualquer remota chance de que eu a pedisse em casamento quando estivesse desesperado, essa chance pegou fogo, como uma folha de papel em meio às chamas. — Levantei-me e me aproximei dela. — Jamais vá até

PERIGOSAS NACIONAIS

meu quarto novamente e nunca, em hipótese alguma, tente me seduzir achando que vai conseguir me enganar. — Comecei a me afastar, mas ela segurou meu braço.

Suas unhas afundaram no tecido e eu olhei para o ponto fixamente, tentado a deixá-la falando sozinha.

— Nunca vou esquecer a humilhação de ser rejeitada daquela forma. Nenhum homem jamais resistiu a mim — grasnou.

— Sempre há a primeira vez e, se estivesse, de fato, preocupada com a humilhação, não teria se ajoelhado e implorado, não é? Como foi que disse, minha linda? — ironizei — “E se eu te chupar, vai continuar resistindo? Ou vai me comer como nós dois sabemos que você quer?” — Fuzilei-a com o olhar. — Você queria um trunfo, mas acabou sem nenhum.

— Ela vai se casar e você acha que ela não vai transar? Dar pro maldito cara que casar com ela? Enquanto se mantém nessa sua pose de bondoso, ela pode estar sendo fodida pelo duque.

PERIGOSAS ACHERON

Minha têmpora pulsou e meu maxilar tremulou em puro ódio ao visualizar o que Felicity disse.

Odiei cada segundo.

— Cuidado para não se afogar em meio ao seu rancor — falei — e quanto a ser rainha, você nunca será. Não de Persóvia.

Suas mãos largaram minha pele e eu me afastei, antes que ela decidisse perder a compostura. Não me sentia preparado para lidar com mais um surto psicótico seu. Se na biblioteca eu também não tinha paz, decidi ir até um lugar que, ao menos, eu teria lembranças *dela*. Muitas lembranças.

Pedi a chave para a governanta, logo que a encontrei em meio aos corredores. Depois de voltas intermináveis e de alcançar finalmente a ala dos hóspedes, pude abrir e fantasiar que senti seu cheiro viciante e floral. O quarto no qual Adele ficou permaneceu intocado, sem que eu permitisse nem mesmo que o limpassem. Seria como um santuário para a minha dor, sendo que a cada segundo eu agradecia por ainda ter ao menos isso.

Um afago ao meu sentimento de perda.

Passei a mão na poltrona e depois fui até a varanda, apoiando-me no umbral gelado e recoberto com cristais de gelo. Olhei ao longe, admirando o branco. Ainda não sabia o que faria. Não conseguia me enxergar sendo um excelente rei, como minha mãe afirmava, mas tinha consciência de que teria que fazer isso dar certo.

Lembrei-me das várias mulheres que conheci nas últimas festas e optei por seguir minha intuição, com uma que não seria, de todo, egoísta.

Em meio ao cheiro de lírios que me massacrava, não encontrei outra saída. Perdido em nossas lembranças, cheguei à conclusão de que esse amor nasceu com um fim estipulado.

— O que faz agora, Adele? Está bem? Sente tanta falta das nossas conversas como eu? — murmurei e abaixei minha cabeça.

Um vento forte soprou por entre o vão da varanda. Controlei-me para não pesquisar mais nada sobre Adele Packard Rodwell. A desintoxicação deveria começar agora ou eu jamais seria capaz de deixá-la ir embora e seguir em frente

com a minha vida.

— Fique bem. Só... fique bem.

Meu sussurro foi abafado pelos sons da nevasca que se aproximava.

Afastei-me do quarto e, assim que encontrei a governanta, devolvi a chave para ela.

— Fique à vontade para limpá-lo.

Eu apagaria os dias em que estive com ela da memória. Era o certo a ser feito; era o melhor para que eu voltasse a ser eu mesmo. Pena que antes eu cedi à vontade de pesquisar sobre ela mais uma vez e salvei uma foto sua no meu celular.

Duque de Greenwold...

Como eu consegui odiar tanto uma pessoa sem ao menos conhecê-la?

O casamento aconteceria em menos de duas semanas. Tão rápido; tão desesperado. Com certeza havia um motivo para toda essa pressa, não havia? Pena que eu não conseguisse, ao menos, imaginar qual e só pensasse em quantos dias faltavam para eu perder Adele de vez. Agora, oficialmente.

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

A FUGA DA PRINCESA



NICHOLAS

“Um noivado anunciado. Uma duquesa respeitável.
Ataques sem solução.” – *Persóvia Journal*.



Quatro dias depois

— Explodiram uma das igrejas na capital, Vossa Alteza.

Deandre abriu a porta do meu escritório, já me lançando essa notícia.

— Houve vítimas? — Foi a minha primeira preocupação.

Levantei-me da cadeira e apoiei minhas mãos em punho no mogno, sentindo-o tremular com a força implacável.

— Felizmente, não houve nenhum ferido ou vítima fatal. — Deandre diminuiu o tom de sua voz com essa fala. — A construção estava em reforma.

Suspirei, aliviado.

— Menos mal. Não diga a papai e não deixe que fique sabendo. Ele ainda não está cem por cento para receber uma notícia como essa.

Meu assessor acenou confirmando.

Olhei para a madeira, fitando-a com uma atenção agonizante. Tentava encontrar uma solução para tudo, no entanto, minha cabeça se recusava a unir os pontos, vagueando por caminhos tortuosos enquanto eu deveria me manter focado.

Quando alguém próximo a mim se apaixonava e comentava que ficava excepcionalmente difícil se concentrar sem que estivesse com a pessoa, eu

achava a mais profunda baboseira. Mal sabia o quanto estava errado. Agora, entendia completamente.

Não tive nem tempo para absorver a notícia que me foi dada, antes que Mason também entrasse, desesperado, com o terno em desalinho e o rosto totalmente sujo de fuligem.

— Já sabem? — falou ele, arfante.

Acenei em concordância.

— Cristo! — Meu amigo levou as mãos à cabeça, fora de si.

Pela sua bagunça, apostei que esteve bem no meio da confusão quando tudo aconteceu.

— Será que foi ela? — Deandre expressou sua dúvida.

Trinquei meus dentes, sentindo-os protestarem com a força do meu maxilar.

Procurei por motivos para Adele fazer algo assim e não encontrei nenhum. Além do fato de que ela não seria capaz de machucar ninguém. Essa verdade era tão clara quanto um céu sem nuvens.

— Não, não foi. Coloco minha mão no fogo por Adele.

— E o pai dela?

— Por que acha isso? — indaguei, tentando colocar a razão ante a emoção.

— Ele pode ter descoberto que você tirou a inocência da filha e ficou furioso! Imagina como seria para ele descobrir que ela dormiu com o inimigo e, não somente isso, mas se apaixonou por ele?

Meu semblante fechado aliviou-se por instantes.

— Não, não acho que tenha sido isso. Se ele estivesse furioso por descobrir algo assim, tenho certeza de que o ataque seria direcionado a mim e não para chamar atenção das pessoas comuns. Porque não tenho dúvidas de que seja isso. Estão tentando abalar as crenças, provando que podem fazer o que quiserem sem serem descobertos — comentei.

Muitas possibilidades giravam na minha cabeça.

— E ele ainda a protege — falou Mason.

Não me dei ao trabalho de olhá-lo com recriminação.

— Não é questão de protegê-la, Mason, é a certeza que eu tenho de que não foi ela. Adele tem um coração enorme e acredite em mim quando digo que ela não seria capaz de arriscar a vida de ninguém por uma vingança. A ideia de vê-la tramando algo por rancor já é absurda!

— Eu acho amor uma excelente motivação para vingança — resmungou Deandre.

Inferno!

Não adiantava o quanto eu a defendesse, eles nunca confiariam nela, porque não a conheciam como eu. Adele era simplesmente... Adele. Não havia qualquer partícula em mim que desconfiasse dela.

— Ela não é o assunto, aqui. Temos algo muito mais sério para lidar. E como já disse, não trabalharei com o pressuposto de que a culpada seja ela porque *sei* que não é. — enfatizei a palavra sei.

— Certo, ela pode ser inocente. — Mason apontou o dedo indicador para mim — Mas e o pai

PERIGOSAS ACHERON

dela? Eu estava por perto, resolvendo algumas coisas no banco, quando senti o chão todo tremer e várias pessoas correndo afoitas pela rua. Algumas derrubaram outras e, se eu não tivesse ajudado uma garotinha, ela sem dúvida teria sido pisoteada pelos demais. — Olhou para um ponto distante atrás de mim. — Foi a cena mais horrível que já vi, Nick. A confusão foi imensa e pode ter certeza que os respaldos disso afetarão a tudo, daqui para frente. Mesmo que não haja nenhum ferido de verdade, sempre haverá os boatos de que o país está vulnerável.

— Ele tem razão, Vossa Alteza.

Como se eu não sou soubesse.

— Pensei que já tivéssemos pegado os culpados do ataque à vinícola, Deandre — rosnei — e que essa porcaria não fosse se repetir.

— Não, senhor. O serviço de inteligência conseguiu rastrear os responsáveis pelo ataque em Ward, mas eles apenas seguiam ordens e não disseram, sob método algum, quem os contratou.

— Merda! — Coloquei as mãos na cabeça, pela

primeira vez, sem saber o que fazer.

Para que lado seguir.

O que pensar.

— Posso falar uma ideia que tive? — proferiu Mason.

— Estamos fodidos, de qualquer forma. Diga logo — falei.

— E se formos até Hironnelle e confrontá-los? Tem alguns pontos aqui que não estão sendo totalmente explicados!

Olhei para meu amigo e, em seguida, para meu assessor, que ostentou a boca aberta em espanto pela ideia que Mason teve.

— Vocês só podem estar loucos! — murmurou.

— Tão louco quanto Adele, que fez o que precisava ser feito, mesmo sabendo que seria julgada por todos? Sabendo que poderia morrer? Não acredito que isso seja loucura — sussurrei.

— Como assim? Está sabendo de algo que eu não? — perguntou Mason, ainda tentando normalizar a respiração.

— Deveria ir até as instalações médicas. Parece mal. E sobre o que eu sei: Adele me contou, logo que descobri sua identidade, que Dwayne estava tramando contra Hironnelle, afirmando que seriam aliados pelo casamento, quando, na verdade, planejava matar seu pai, o pai de Adele e prender a própria. Ela fugiu sem olhar para trás. Acredito que não haja ninguém, aqui nessa sala, capaz de julgá-la, não é? — Olhei para os dois, petrificados.

— Ela fugiu por isso? — questionou Deandre com a voz baixa.

Acenei em confirmação.

— E eu pensando que aquela mulher não tinha nada na cabeça, além de vento!

Fitei raivoso Mason, que deu de ombros.

— Desculpe, cara, mas foi o que pensei. E sobre meu estado de saúde: melhor impossível. Neste instante nosso foco deve ser lidar com o caos em Baldrick.

— Podemos fazer funcionar a ideia de ir até lá e descobrir o que realmente está acontecendo — mencionou Deandre.

Apenas ao pensar em reencontrar Adele, senti o gelo se apoderar do meu estômago. Somado à consciência de que a confrontaria para obter verdades, senti-me doente e inescrupuloso.

Não importava o que ela dissesse, eu não seria capaz de lhe causar mal.

Eu sabia.

Todos na sala comigo deviam ter essa noção também.

— Como vocês pensam em fazer isso, meus lindos? Pegando a merda do passaporte Persoviano, indo até a fronteira mais próxima e pedindo com educação para acessar um país proibido para vocês? Façam-me o favor! Nem Adele seria tão louca! — ironizou Deandre.

— Qual o seu plano?

— Como sabe que eu tenho um plano? — Meu amigo me fitou surpreso.

— Quando fala com essa confiança, sempre tem um plano. E, se eu estiver certo, como sei que estou, comece a falar logo, porque não temos tanto

tempo assim, até que a confusão estampe oficialmente todos os noticiários.

— Certo. — Mason se aproximou da mesa, com Deandre no seu encalço. — Eu não sou persoviano; sou escocês, então, posso acessar Hironnelle sem maiores problemas. Meu status de empresário pode ajudar. Minha ideia é a seguinte: pousar em um dos países que fazem fronteira com Hironnelle e entrar por uma delas. Iremos no meu avião particular e, então, essa que é a parte engraçada: você, Alteza, terá que ser posto no porta-malas. Sinto muito por isso, mas não vejo outra opção.

Olhei para meu amigo e ele sustentou um sorriso de escárnio.

Filho da mãe!

— Que loucura é essa, Mason? O príncipe não pode entrar em um porta-malas, muito menos sair sem seus seguranças pessoais. E se o encontrarem? Como vai ficar a linha de sucessão da coroa?

— Cala a boca, Deandre, você quer ou não resolver tudo? Que inferno!

Meu assessor ficou quieto e eu soltei uma risada

PERIGOSAS ACHERON

baixa de nervosismo, ao notar como correria um risco genuíno. Deixei que Mason terminasse de explicar tudo, para finalmente me expressar. Ele me olhou com interesse, ansiando para que eu concordasse, ou não, logo.

Para ver Adele?

Deus!

Eu era capaz de concordar com coisas muito piores!

E foi neste ponto que percebi o quanto estava fodido... Porque só conseguia me preocupar com ela e mais nada.

Coroa?

Sucessão?

Trono?

Meu casamento, dali uma semana, com uma duquesa qualquer apenas para abafar tudo?

Detalhes.

Obrigações das quais eu correria em uma simples oportunidade. Nada daquilo faria sentido se eu não tivesse Adele. Prova disso foi que quando papai PERIGOSAS ACHERON

exigiu que eu anunciasse meu noivado com a duquesa de um dos ducados mais antigos de Persóvia, nem relutei. Não senti muita coisa, depois de tudo. Foi como viver em meio a uma névoa, observando os dias passarem.

— É nossa melhor chance — admiti.

Ouvimos um burburinho de muita conversa do lado de fora do palácio e respirei profundamente ao imaginar o que estava acontecendo. Caminhei até a janela e, quando notei a entrada de Baldrick abarrotada de jornalistas, percebi que talvez não fosse tão fácil escapar.

— A situação está muito feia? — Perguntou Mason, se aproximando de mim.

Soltou um assobio baixo, quando teve a mesma visão que eu.

— Preciso atualizar todos sobre nossa posição quanto ao que ocorreu — falei e me apressei em direção à saída do escritório.

Caminhei pelos corredores do palácio, sendo brindado por olhares temerosos dos membros da equipe real. Não me preocupei em sanar as dúvidas

PERIGOSAS ACHERON

de cada um. Em breve, todas elas seriam respondidas de uma vez por todas. O barulho do solado dos meus sapatos ecoou pela enorme escadaria coberta com ardósia. O silêncio em todos os ambientes foi magistral e só ampliou aquela sensação ruim no meu corpo. Ouvi alguém correndo atrás de mim e parei, imaginando que fosse Deandre.

Senti um baque violento contra as minhas costas e virei-me, para enxergar meu assessor esbaforido, respirando com sofreguidão ao tentar me alcançar a tempo.

— Senhor, não pode dar declarações, por enquanto!

— Não só posso, como irei. Fique ao meu lado e assista.

Voltei a caminhar e, quando apareci na entrada principal do Palácio de Baldrick, todos os olhares ansiosos voltaram-se para mim e o barulho excruciante triplicou de volume.

— Vossa Alteza, Vossa Alteza!

— Poderia nos dar uma declaração sobre o que

PERIGOSAS ACHERON

acabou de acontecer, Vossa Alteza?

— Há rumores de que a mulher misteriosa que foi vista diversas vezes com Vossa Alteza não seja ninguém menos que a princesa de Hironnelle. O que tem a dizer sobre isso?

— O que dirá para o povo de Persóvia, Vossa Alteza?

Meus olhos correram por todas as pessoas presentes, assim que os seguranças se postaram ao meu lado e garantiram que nenhuma delas ultrapassasse os limites impostos.

— Quanto a isso, não posso revelar nenhuma informação, pois estamos em processo de investigação. Posso garantir que nada do que aconteceu a nosso povo ficará impune. Os verdadeiros culpados pagarão por seus crimes e, tão breve os tenhamos em nossa responsabilidade, todos os Persovianos serão informados.

— Sobre a princesa, Vossa Alteza? Seriam esses, ataques de Hironnelle para se vingarem do seu relacionamento com a mulher?

— Não tenho nada a dizer quanto essa questão.

PERIGOSAS NACIONAIS

— É uma confirmação? — a pessoa que perguntou rebateu.

Após anos de prática, testando meus pontos fracos e combatendo-os, nada era capaz de me alterar frente a uma câmera, enquanto eu dava alguma declaração ou algum discurso. Aparentava frieza, sendo que, na verdade, isso era apenas questão de aprendizado.

— Alguma outra pergunta referente aos últimos acontecimentos?

Um coro explodiu, de várias pessoas falando ao mesmo tempo, sem me permitir qualquer entendimento. Olhei para os seguranças e dei o sinal para que entrássemos novamente, enquanto alguns deles conteriam a massa de jornalistas.

Dei as costas com um Deandre mudo caminhando ao meu lado.

— Não sei se isso foi bom ou ruim. Acredito que os comentários sobre ela aumentarão em questão de horas.

— Não me importo — murmurei.

PERIGOSAS ACHERON

— Mas, deveria. Seu casamento com outra pessoa foi anunciado apenas ontem. Se tudo continuar como está, nem mesmo ele será capaz de fazer sua imagem melhorar diante de todos.

— Deandre... Sinceramente? — Pausei por instantes, e fitei-o. — Tudo me parece mais um fardo do que uma honra.

Ele ficou mudo.

Segui meu caminho até Mason, pensando em quantas verdades eu expressei em apenas uma única frase.



Novamente, no escritório, olhei para a multidão do lado de fora e percebi que seria impossível sair por aquele portão sem ser notado.

— Só nos resta arriscar a saída dos fundos. — Virei-me para meu assessor. — Deandre, você pode nos emprestar seu carro para conseguirmos passar por todos? Sair com o meu ou de Mason será o mesmo que assinalar minha presença no veículo e eles seguirão ferrenhos, fazendo especulações quando pararmos no aeroporto.

— Claro, Alteza. Aqui está a chave. —
Entregou-me a chave do seu carro e eu a dei para
Mason.

— Você dirige.

— É uma ordem? — Arqueou uma das
sobrancelhas.

— Um pedido.

— Certo. — Olhou para meu assessor. —
Deandre, teria como despistar os seguranças do
príncipe, antes que eles percebam a nossa
movimentação?

— Claro — disse e desapareceu pelas entranhas
do palácio.

— Que Deus nos ajude — proferi, antes de sair.

— Que Adele nos ajude. Porque sinto que entrar
pode até ser fácil, mas sair, depois de falar com
ela? Esse, sim, será o maior problema.

— Torça para que ela não esteja com raiva, então
— sussurrei.

Mason arregalou os olhos.

— Fera que caminha! PORRA! ESTAMOS
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

MUITO FODIDOS!

PERIGOSAS ACHERON

A FUGA DA PRINCESA



ADELE

“Qual o propósito de tamanha reviravolta? Acreditamos que no ano que se inicia muitos segredos serão revelados e muitas verdades, há tanto deturpadas, serão esclarecidas. Talvez o inimigo seja outro país ou o reflexo de um espelho para o qual olhamos.” – *Hirondelle Daily*.



Decidi passar os dias anteriores ao casamento — que não aconteceria, devo ressaltar — em Rodwell. Caso contrário, todos notariam que estávamos

escondendo algo. Por questão de segurança, apenas os mais confiáveis sabiam sobre o plano e Kent não era um deles.

— Princesa... — Uma das empregadas bateu na porta e entrou, trazendo uma bandeja com chá e biscoitos amanteigados, que eu simplesmente amava.

— Ah, muito obrigada! Eu estava com tanta saudade desses biscoitos, meu Deus, como são maravilhosos e, sabe, só essa fábrica em Hironnelle consegue fazê-los tão diferentes e gostosos ao mesmo tempo! — exaltei e assim que coloquei um deles na boca, gemi satisfeita.

Eram os meus prediletos.

— Por sua culpa, estou viciado neles — resmungou Killian.

Sorri.

— Ninguém mandou ser tão curioso!

Ele revirou os olhos, sem responder ao meu comentário.

Papai achou melhor irmos juntos para Rodwell,

após o anúncio do casamento. Segundo ele, ninguém acreditaria, se não vissem o duque em minha companhia.

— Estávamos todos preocupados com a senhora
— Rosie Admitiu encabulada.

Minha relação com as pessoas que trabalhavam em Rodwell era totalmente diferente da maneira obrigatória com a qual deveria agir na capital. Por sorte porque, Deus, eu odiava aquele ambiente em que todos pareciam me avaliar a todo instante.

O Conselho Real era totalmente entediante e engessado! Os costumes? Eu revirava meus olhos diante da maioria deles. Ali, no meu próprio lugar, eu podia ser eu mesma e que se ferrassem os protocolos.

— Podem ficar tranquilos, agora. Estou de volta
— sussurrei e peguei uma de suas mãos em um gesto de conforto.

Ela olhou assustada para o contato, sem acreditar.

— A...

— Não se preocupe com isso. São convenções às quais odeio — confidenciei.

— A senhora tem certeza?

Concordei com um aceno.

Ela abriu a boca e depois a fechou. Era nova entre os empregados; os demais sabiam como eu costumava agir. Repetiu o mesmo gesto duas vezes, até que eu ficasse curiosa com o que tanto Rosie se preocupava em dizer, mas não dizia.

— Quer falar algo? Alguma pergunta ou pedido?
— incentivei-a.

— Há boatos de que ficou em Persóvia... —
Aproximou-se, sussurrando.

— Sim? — forcei-me a dizer.

— Como é lá, Alteza? Queria conhecer, mas as regras são claras...

Regras...

Essa palavra já me deixava infeliz.

Meu intuito, quando me tornasse rainha, seria acabar de uma vez por todas com elas. Precisamos nos unir, não rivalizar uns com os outros. Segundo

papai, quando eu ascendesse ao trono, os segredos seriam compartilhados e todos os temores da coroa também e eu esperava profundamente entender essa desavença entre os Persovianos e os Hirondelles.

Nada me parecia tão sério, ao ponto de ser forte até os dias atuais. Na minha humilde opinião, de quem só podia supor alguma coisa, tudo não passava de uma informação, que se estendia de rei para rei, com cada um aumentando os fatos e inserindo suas versões da história.

O resultado? Uma enorme confusão, sem dúvida!

— É tranquilo... mais pacífico do que imaginei, Rosie. — Recostei-me no encosto e cruzei os braços à minha frente, na mesa, recordando-me de todas as paisagens, pessoas amorosas que conheci e detalhes surreais, que ficariam para sempre na minha memória, inclusive o lavandário. — E ninguém sabia quem eu era, então eu vivi... como uma pessoa normal. Aprendi muito e agradeço por ter tido essa oportunidade.

Ela diria algo. No entanto, fomos interrompidas quando um dos seguranças chamou nossa atenção,

dando batidas na porta já aberta, para pedir permissão.

Acenei positivamente.

Killian nem se moveu ou demonstrou algo, com minha admissão. Ele já sabia; eu já havia contado para ele no caminho de Packard até Rodwell.

— Alteza; Sua graça. — Olhou para o duque e depois voltou a me fitar. — Desculpe interromper, mas é que tem uma pessoa no portão dizendo conhecê-la e que precisa falar com a senhora urgentemente.

Franzi minhas sobrancelhas.

Alguém que *me* conhecia?

Fazia dois dias que eu estava ali, só aguardando o começo do plano. Poucas pessoas sabiam, de fato, meu paradeiro e assustei-me ao notar que poderia haver problemas por vazarem essa informação.

Precisava saber como essa pessoa descobriu.

— Qual o nome?

— Mason McLaughlin.

Meu corpo arrepiou-se.

— Ele está sozinho?

— Sim, senhora — falou o segurança.

— Permita que acesse a garagem; vou até lá. Vigie as saídas e não deixe que ninguém nos interrompa. — Olhei para a empregada, que me fitou assustada com o rompante, e me direcionei a ela.

— Rosie, pode ir, querida. Killian me acompanhará.

Ela aquiesceu e saiu acanhada pelas imensas portas do escritório.

Olhei para meu amigo e acenei para que me seguisse. Ele nada disse, apenas ecoou meus passos. Quando ouvi o de outra pessoa atrás de nós, virei-me.

— Não precisa vir conosco, Ronny — falei para o segurança.

— Mas Alteza...

Levantei a mão, interrompendo-o.

— Ninguém vai dizer que não cumpriu com seus deveres. É meu funcionário; pode respirar aliviado,

que nada acontecerá comigo e, mesmo que aconteça, não será despedido de forma alguma. Killian está de prova, para se certificar de minha ordem. — Apontei para o homem comigo, que se apressou em confirmar.

— Tudo bem. Mas, por questão de consciência, posso deixar um dos *Walkie-talkies* com Sua Graça?

— Claro, me dê aqui — Greenwold abriu a mão e o aparelho foi depositado nela.

Após se afastar, virou-se para mim e piscou.

Ignorei.

Estava nervosa com a possibilidade de conversar com alguém tão próximo à Nicholas, depois da minha fuga. Acessei o elevador até a garagem e somente as nossas respirações foram audíveis no ambiente fechado.

As portas se abriram e ouvi meu próprio arquejo ao enxergar Mason. Seus olhos prenderam-se nos meus e logo depois viajaram até Killian, curiosos.

— Killian, esse é o Mason e, Mason, esse é

Killian, um... — Não soube como defini-lo.

— Um amigo — O homem me ajudou na tarefa.
— É um prazer, Mason.

— Ainda não sei se direi o mesmo — respondeu o visitante. No entanto, seus olhos se fixaram em mim, indecifráveis.

Ouvimos batidas ocas, apaziguadas por alguma coisa e, quando ele se moveu até o porta-malas de seu carro, meu coração acelerou repentinamente, premeditando quem sairia de lá. Um Nicholas aparentando tontura e total cansaço emergiu.

Arregalei meus olhos, incapaz de acreditar no que vi.

— Esse, quem seria? — o deboche na voz de Killian foi notável.

Dei uma cotovelada nele, para que calasse a boca e não complicasse tudo ainda mais. Ouvi o seu “Aiii” resmungado, e não me afetei.

— Nicholas.

— O príncipe, aquele que me disse? — O susto contido na sua voz me atingiu em ondas.

Apenas acenei em confirmação.

Senti-me extremamente fraca, quando meus olhos encontraram o verde oliva e, se ainda não estivesse tão irritada; se não estivesse tão plena de ódio, correria em sua direção para abraçá-lo. Quem me dera não estivesse movida pela força da raiva, naquele momento, porque a verdade era que a falta também me esmagava em todos os segundos do dia.

— O que faz aqui? — vociferei — como tem coragem de me procurar, depois de tudo?

Crispei meus lábios, muito irritada.

Nicholas ainda me fitava com um semblante estranho de adoração. Parecia guardar cada detalhe meu e procurar por diferenças sutis que pudessem ser evidenciadas pela nossa distância.

Deu passos largos na minha direção e me puxou pela cintura, unindo seus lábios aos meus selvagememente. Pensei em empurrá-lo, mas Nicholas fixou-se ainda mais a mim e entreabriu a minha boca com a sua língua sedosa e com gosto de chocolate, passando para mim o desejo avassalador

de estar novamente com ele. Quando se desprende, seus olhos se prenderam nos meus e pareceram brilhar.

— Adele... — Puxou-me para um abraço e eu não o retribuí, sendo quase esmagada pelo aperto. — Senti tanta saudade de você. Não sei por que fugiu, mas sinceramente, acho que não me importo.

Queria dizer o mesmo; queria retribuir a sua afeição, mas o que de verdade falei foi — Não posso dizer o mesmo. Dei graças a Deus por estar distante do seu ego. Massageou ele, por esses dias? — indaguei irritada por imaginá-lo com outra mulher.

Como se eu tivesse direito de me sentir assim!

Olhar para seu sorriso debochado e as covinhas que deram o ar da graça me desconcertou.

Por que ele era absurdamente lindo, de uma forma que me deixava de pernas bambas?

Nicholas alargou o sorriso e me amaldiçoei por sentir meu coração bater acelerado diante da sua presença.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Nós dois sabemos que está mentindo, princesa. Sempre que mente sua voz sai um pouco mais alta e totalmente fina.

Ouvimos um ruído ao longe e, ao olharmos notamos Mason afastando Killian com muita dificuldade. Olhei para meu amigo e acenei para que fosse. Ele compreendeu e, mesmo relutante, partiu.

— Quem é ele? — perguntou Nicholas.

— Não te interessa.

— É o duque, não é? Aquele com o qual vai se casar? — Seu olhar na direção em que os dois sumiram foi totalmente raivoso. — Por quê? Por que vai se casar?

— Já disse que não te interessa.

— Claro que não — resmungou e colocou as mãos nos bolsos, incomodado.

— Ainda não me respondeu. O que faz aqui?

— Precisava te ver e pedir para não se casar... Não merece essa infelicidade, Adele. Merece mais do que isso.

PERIGOSAS ACHERON

Revoltei-me.

— E o que eu mereço, então, Nicholas? Ser sua amante, enquanto se casa com Felicity? Esquentar sua cama durante a noite, sem que ninguém saiba, enquanto ela posa de rainha para todos? É isso o que mereço? Mereço metade de você, para que tenha tudo de mim?

O brilho nos seus olhos congelou-se. Nicholas abriu e fechou a boca diversas vezes, assustado com o que eu disse, notando que eu soube a verdade e por isso fugi.

— Você escutou minha conversa com ela. — Sua voz quase não pôde ser ouvida. — E por isso... — Não conseguiu terminar sua frase.

— Ouvi e te garanto que ela me fez desejar voltar ao passado e apagar tudo o que senti — Virei-me, seguindo até o elevador, mas um toque me parou com seus dedos rodeando meu braço.

— Não acredite em tudo o que ouve, Adele. Eu disse aquilo porque Felicity descobriu sobre você e ameaçou contar a verdade para todos. Tem noção do que seriam capazes de te fazer, apenas para

atingir Hironnelle? Eu não suportaria. Sinto muito que tenha ouvido o que ouviu, mas, naquele momento, foi preciso. Estava correndo risco de vida...

— É MENTIRA! — Sacudi-me, desvencilhando-me do seu toque.

— Sabe tão bem quanto eu que não é. Eu disse muito mais através de gestos do que por palavras. A cada momento em que te admirei; cada momento em que compartilhei uma parte importante da minha vida, não foram provas o suficiente? Como pôde ser tão inocente de acreditar em palavras tão vazias, quando tudo o que fiz foi mais profundo do que qualquer frase que eu pudesse dizer?

Suas palavras me baquearam. Dei um passo para trás tentando conter a enxurrada de sentimentos.

— Não sei por que se deu ao trabalho de vir até aqui — murmurei, num esforço para fazer o certo.

— Não suportava a ideia de que pensasse que eu a desprezava. E... preciso pedir que pare de mandar pessoas para interferir nos assuntos de Persóvia.

Franzi minhas sobrelanceiras em confusão.

Interferir nos assuntos de Persóvia? O que ele queria dizer com isso?

— Interferir nos assuntos de Persóvia?

Fiquei confusa.

De que porcaria ele falava?

— Sim, eu imagino que tenha sido alguém de Hironnelle, infiltrado na capital, que instigou todos contra os segredos da coroa. Além do ataque na vinícola e em Ward, houve um ataque recente na capital.

— Não, eu não fiz isso.

Nicholas pareceu calmo diante da minha negativa, como se já soubesse a verdade.

— Seu pai?

— Não. Com certeza, meu pai também não. — Sacudi a cabeça veementemente. — Ele está cuidando de um plano sobre meu casamento com o duque de Greenwold. Não há qualquer tempo dedicado a atacar Persóvia; nós estamos apenas tentando fazer com que a máscara de Dwayne caia quanto à sua real índole. Até parece que teríamos

PERIGOSAS NACIONAIS

tempo para alimentar uma rixa que já está mais do que consolidada — debochei.

— Então, quem será?

Não havia nenhum traço do homem, neste instante, apenas do príncipe preocupado com seu povo.

— Não tenho ideia, Nicholas — falei, sincera — mas, posso garantir que não fomos nós. Já temos problemas suficientes, para causar mais um.

— Estranho... — Ficou pensativo.

— Odeio atrapalhar o momento reunião de amantes, mas temos que voltar para a capital. O Conselho convocou uma reunião de emergência e ninguém está conseguindo encontrá-lo — Mason falou, caminhando confiante até nós. — Tenho certeza de que Deandre inventou alguma baboseira qualquer, mas não vai conseguir mantê-la, se não voltarmos logo.

Nicholas olhou para o amigo, assim como eu, mas logo depois voltou a me fitar.

— Foge comigo?

PERIGOSAS ACHERON

De repente, tornou-se subitamente difícil respirar.

Fugir com ele?

Como eu poderia abandonar a todos para viver um amor? Esse propósito, sim, soou-me egoísta. Totalmente diferente do anterior.

— Não posso. Eu... não posso — falei devagar.

O tom da minha voz saiu baixo e pesaroso, expressando toda minha dor em negar seu pedido.

— Por quê? — A súplica na sua frase me fez arfar.

— Ela não vai abandonar as pessoas que precisam dela, Nick. Deveria entender, já que também não faria o mesmo — foi Mason quem respondeu.

Acenei em confirmação, parcamente.

— Deve existir uma forma de ficarmos juntos, Adele. Deve existir. — Puxou minhas mãos e as aninhou junto às suas.

O calor se alastrou pelo meu corpo e me impedi de sentir qualquer esperança com sua promessa.

Seu desespero foi latente. Nicholas tentava me fazer acreditar em algo que nem mesmo ele conseguia.

— Não tem como isso acontecer e ainda honrarmos as nossas responsabilidades. Dois pesos, duas medidas. Só... vá embora e não olhe para trás. Não vou sentir a sua falta e você não deveria sentir a minha.

Terminei de falar e seus olhos pousaram no meu pulso, direto na pulseira. Para minha sorte, ele não entraria no meu quarto, onde também encontraria o livro de Ana Karenina em um dos criados mudos, como uma relíquia. Se tornou meu livro de cabeceira, um que guardava mais significado do que tudo o que eu possuía.

Ainda não havia tido coragem de ler seu bilhete, muito menos de abrir o livro, mas sentia que, quando o fizesse, aquela parte de mim que se esforçava para fazer o certo cederia tão rápido quanto a neve em uma avalanche.

— Não parece querer isso. Nem devolveu a pulseira, Adele. — Traçou círculos suaves com os

dedos no meu pulso, enquanto sorria fraco. — É uma péssima mentirosa, princesa.

Fechei os olhos e deixei que minha cabeça desabasse, desanimada.

— Eu não tenho direito de querer alguma coisa. Meu único dever é agir da forma mais correta possível, para fazer o que o povo precisa.

— Eu lamento, de verdade, ter que falar de novo, mas precisamos ir. AGORA — disse Mason.

Eu e Nicholas o ignoramos com perícia.

— Acredita em milagres? — indagou a mim.

— Sim.

— Então acredite em um para nós dois. Pode demorar, mas ele vai acontecer.

— Não. Não teremos nenhum milagre aqui.

A minha fala o balançou. Consegui perceber, quando ele deu um passo para trás, incapaz de acreditar.

— Adele...

— Vai embora. Não quero você. Eu nunca vou

querer você e simplesmente... não posso te escolher. Não quando não vale tanto a pena assim. — Dei a facada final.

Seria melhor machucar agora, do que dar esperanças e machucá-lo, ainda mais, no futuro. Meu peito doeu, minhas pernas tremeram e minha voz praticamente desapareceu. Fui incapaz de falar mais alguma coisa, sentindo minhas cordas vocais congeladas de dor.

Por que amar tornou tudo tão difícil? Antes não ter conhecido nada parecido e não saber o que eu perdia ao casar com alguém que não amava.

Nicholas me fitou desamparado, quando seu amigo o arrastou pelo braço. Seus olhos mantiveram-se presos aos meus, até que ele entrasse novamente no porta-malas e o carro saísse acelerado da garagem. Não ouvi nada dele, nem sequer um adeus.

Logo que o veículo desapareceu na estrada, desabei sob meus joelhos e senti a dor que evitei demonstrar na sua frente. Rodeei-me com meus braços, balançando para a frente e para trás, com

PERIGOSAS NACIONAIS

nossos momentos passando como flashes na minha mente. Momentos que jamais se repetiriam.

Senti que não havia qualquer esperança para algo entre nós. Nunca. Porque, por mais que eu me esforçasse para trazer paz entre os dois países, sempre teriam os extremistas, que jamais aceitariam um envolvimento de seu rei com a rainha de um povo outrora inimigo.

Maldito inferno!

Por qual motivo tudo tinha que ser tão complicado assim?

PERIGOSAS ACHERON

A FUGA DA PRINCESA



NICHOLAS

“Enquanto um país inteiro se preocupa com ataques, Sua Alteza Real está mais interessado em dormir com mulheres, sendo um homem já comprometido, do que encontrar os culpados. O que não nos surpreende de forma alguma. Estranho seria se ele se mantivesse focado em alguma causa.

É esse o rei que vocês desejam para Persóvia?” —
Persóvia Journal.



— Passou em buracos de propósito! — bradei.

— Ah, meu príncipe — ironizou — me desculpe por ter descontado a porra do tempo que ficou enrolando lá, cheio de amor para cima da Elizabeth, Adele ou sei lá como devo chamá-la, e me fez ter que gaguejar no telefone ao mentir para o Primeiro-ministro. Que homem desgraçado; quase me fez engasgar com a saliva.

— O que ele queria? — Saí do porta-malas, aprumando minha roupa.

Só Adele para me fazer entrar em Hironnelle furtivamente, sendo massacrado em um porta-malas.

Nunca fiz loucura por mulher nenhuma, antes, e, depois que ela entrou na minha vida, loucura se tornou pouco para definir o que eu seria capaz de fazer.

Até me ajoelhar.

E um príncipe, herdeiro direto do trono, não se ajoelha diante de ninguém, a não ser seu rei.

— O que aquele maldito queria? Saber o seu paradeiro, lógico. Ainda mais com seu celular desligado e obrigado por isso, viu, donzela? Teve

que me fazer explicar que o quebrou sem querer.

Tirei meu celular do bolso e ele o pegou da minha mão, mais rápido do que eu, atirando-o no chão com força. A tela espatifou-se e pedaços voaram para todos os lados.

— Por quê, merda, fez isso?

— De nada, seu idiota. Agora, temos uma prova. Pega logo os pedaços e vamos nessa. Pressinto que muita merda ainda vai cair em você, só nos certificaremos de que tudo passe logo. E sinceramente, deveria me agradecer. Peguei o número da princesa fugitiva.

Mason bateu com força a porta ao retornar para o carro. Sentei-me no banco do passageiro e não aguardei muito para fuzilá-lo.

— Como, raios, conseguiu? E por que ainda não me passou?

— Forcei aquele duque de merda a me dizer. Sou bastante convincente, quando necessário, e quem disse que você merece? Só me coloca em enrascada, nessa vida! Não consigo nem vir para Persóvia e aproveitar meu tempo livre! Tenho que

PERIGOSAS ACHERON

me desviar de bombas, Deus... de bombas! Sério, você é um amigo muito ruim, Nick. Estou desfazendo nossa amizade oficialmente, agora. Não me ligue nunca mais, principalmente depois de acabar com seu trunfo.

— Qual era meu trunfo? — indaguei.

— Aquele *Dalmore* que você tomou inteirinho com Adele — resmungou.

— O que nos traz de volta ao assunto. Me dê o telefone dela, estou ordenando.

— Ordena porra nenhuma! Seu idiota de merda! Quem pensa que eu sou, um empregado seu? Se continuar falando dessa forma, sabe quando vou te passar? Nunca! Vou comer a porra do papel e adeus, querida.

— Mason...

— Que merda! Pega logo e para de olhar assim pra mim, como se fosse capaz de me matar. Me causa arrepios!

Meu amigo passou o papel e o guardei no bolso interno do paletó. Um com zíper, com todo o

cuidado do mundo, como se eu estivesse mantendo em segurança a joia mais importante da coroa.

Ele revirou os olhos com meu gesto.

— Não sei como pode gostar tanto do inimigo.

— Não foram eles.

Ele sabia do que eu estava falando, não precisava de uma explicação mais elaborada.

— Quem foi, então?

— Isso que preciso descobrir — falei, pensativo.

— Acredito que não vá demorar muito.

Ele ligou o carro e abandonou o acostamento, voltando à via principal da cidade em que havíamos pousado.

— Desconfio de tantas pessoas

— Não mais de Adele?

— Nunca desconfiei dela. Como eu te disse, ela não mentiria dessa forma e, pelo seu ódio, caso fosse a mandante, teria assumido no mesmo momento. É mais do que isso, Mason. O foda é que eu não consigo enxergar.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Acontece de vez em quando, principalmente quando se está preocupado com o amor.

— Não estou preocupado com o amor!

— Se engane, porque a mim não engana. Seu maior medo é perdê-la e sabe que, se não descobrir logo quem está por trás da conspiração, todas as suspeitas recairão sobre ela e, então, seu pai não poupará esforços para eliminar a ameaça.

A fala do meu amigo pairou pelo carro, mórbida e grotesca, deixando-me revoltado apenas em imaginar o que aconteceria.

Ele tinha toda a razão.

Não importava o quanto eu tentasse negar, a verdade é que era tudo por ela.

Ninguém tocaria em um mísero fio de cabelo de Adele.

Ninguém.



— Os dois homens mais interessantes de toda a Europa acabam de chegar. — Felicity moveu-se vagarosa até nós.

PERIGOSAS ACHERON

— Fico lisonjeado, mas preciso verificar... — Mason engoliu a frase, tentando encontrar uma desculpa convincente. — Se as garrafas daquela reserva maravilhosa ainda estão na adega.

Apressou-se em desaparecer.

Prossegui meu caminho a passos nada amistosos, ouvindo a presença da mulher me acompanhar como uma maré de azar. Deveria ter sido esperto como meu amigo e me afastado com uma desculpa, antes que o demônio me acompanhasse.

— Meu pai acha que ela foi a mandante do atentado que está suscitando a revolta.

Estaquei no lugar.

Volvi parcialmente meu corpo, com as chamas saltando de meus olhos.

— Ele está errado.

— Como pode ter tanta certeza, Alteza?

Eu não poderia dizer que acabei de chegar de uma viagem consideravelmente longa, após ter conversado com Adele. Ninguém seria capaz de entender. Na verdade, ninguém seria capaz de,

sequer, tentar fazê-lo.

— Apenas tenho. A princesa veio parar aqui por uma falta de sorte e, quando fugiu de volta para seu país, garantiu que se casaria o mais breve possível, temendo qualquer retaliação de nossa parte.

— Ela é ambiciosa e audaz. Tenho certeza de que não parou aqui por acaso.

— Está falando dela ou de si mesma? E quando vai parar de tentar conseguir o que quer com base em ameaças?

— Quando eu conseguir, meu querido.

— JAMAIS. Deveria manter em mente essa palavra.

— Uma mulher determinada como eu desconhece tal barreira.

Afastou-se movendo os quadris e me deixou em dúvida se aquilo foi uma ameaça ou chantagem na sua mais pura forma. Concluí que possivelmente os dois e continuei, até parar no salão de reuniões. Um assunto sério precisava ser resolvido.



PERIGOSAS NACIONAIS

— Coroação?

Maldição dos infernos!

Coroação em meio a atentados imprevisíveis?

— Sim, é um pedido de seu pai. A sua coroação já havia sido informada ao Conselho. Ocorreria em poucos meses e nós queríamos garantir apenas que se casasse antes.

— Posso concluir, com essa fala, que não preciso mais me casar?

— Pelo contrário. *Deverá* se casar, dando, assim, uma margem de dez dias para sua ascensão ao trono.

Bati com as mãos na mesa de pinho.

De que merda eles estavam falando?

— Só podem estar de brincadeira comigo!
Margem de dez malditos dias?

— Seu pai lhe deu um prazo maior, que você optou por ignorar.

Soltei uma risada irônica.

— Precisam avisar a duquesa.

PERIGOSAS ACHERON

— Iremos.

Um brilho de triunfo passou pelos olhos de Barrett. Não o entendi, afinal, sua filha não era a noiva. Eu garanti que não fosse.

— Com certeza. Pergunte a todos nesta mesa e eles concordarão com a decisão. Ninguém se casa por amor, Alteza. Isso é uma convenção estúpida e, com base em tudo o que sofremos nos últimos dias, um evento como esse seria magnífico.

— De fato.

Um eco de concordâncias ecoou pela mesa oval.

Trinqueei meus dentes.

— Certo. Garantam que tudo saia perfeito — praticamente rosnei e ninguém se alterou.

Provavelmente, já esperavam por isso.

— Tudo vai melhorar e, então, o rei poderá se afastar para cuidar da sua saúde.

— Claro. Como se estivessem preocupados com a saúde dele — sussurrei para mim mesmo a última parte.

— Está fazendo o certo, Alteza.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Não quero nem saber o que seria o errado. Passar bem, senhores.

Abandonei a sala, antes que tudo piorasse, porém não soube para onde ir. Pela primeira vez em minha vida, nenhum lugar pareceu distante ou pacífico o suficiente.

Estava pesando minhas opções, quando Deandre apareceu afobado diante de mim. Um arrepio de pavor varreu minha espinha. Quando meu assessor me fitava dessa forma, desesperado, nunca era uma boa coisa.

— Fale logo, Deandre. Duvido que minha situação ainda piore — resmunguei.

— Se eu fosse o senhor, reformularia essa frase.

Justamente como eu pensava. Arqueei uma das sobrancelhas, para que ele dissesse logo de uma vez. Não se matava um homem aos poucos, cravava-se logo uma faca em seu coração ou uma bala na sua testa. O resto seria tortura.

— Pois diga logo, homem! — apressei-o.

— Bonnie vazou fotos suas, Vossa Alteza...

PERIGOSAS ACHERON

— Fotos minhas? — indaguei, sem entender qual o problema nisso.

Os fotógrafos vazavam fotos minhas todos os dias e esse não era um problema considerado enorme por Deandre.

— Fotos *íntimas* suas.

Fechei os olhos e soltei um riso irônico. Sabia que deveria desconfiar de Bonnie tão conformada e quieta, como se tivesse aceitado nosso término. Ela não era assim e Mason havia me alertado.

— Muito ruim? — questionei.

Meu assessor nem me olhou nos olhos ao balançar a cabeça afirmativamente.

— Não sabemos se isso vai ofender a duquesa, Vossa Alteza. Estão prestes a se casar e isso a envergonha diante de todos e... coloca sua imagem ainda mais em xeque.

Dei de ombros.

Que merda eu faria?

Bonnie já tinha vazado as fotos, de qualquer forma. Nem, ao menos, quis chantagear ou algo

assim. Sinal de que estava decidida demais para que eu conseguisse reverter a situação.

— Me mostre as imagens, Deandre.

— Certo. — Ele pegou seu celular e, em seguida, acessou uma matéria mentirosa de uma revista, que especulou as minhas escapadas prestes a me casar com alguém de sangue nobre.

Eu estava deitado na cama, com o lençol cobrindo parcialmente minhas partes íntimas e os braços embaixo da cabeça, em uma postura relaxada, de olhos fechados, aguardando alguma coisa e, ah, eu sabia justamente o que era, naquela noite.

Senti-me vulnerável por ser exposto dessa forma. Foi como ter minha vida toda desfiada por olhares curiosos e maléficos. A humilhação por ser tão idiota correu por mim e trinquei meus dentes em ódio, por ter acreditado que Bonnie só queria noites quentes, ao invés de garantir um casamento com um membro da realeza. Ela conseguiu ser perfeita em seu teatro e eu caí sem ao menos cogitar o contrário.

Quão burro um homem poderia ser ao pensar somente com a cabeça de baixo?

Muito, absurdamente burro.

— Tem outras, Alteza.

Passou as imagens para o lado, cada uma se tornando ainda mais comprometedora que a anterior. Fiz uma careta ao contemplar minha estupidez.

— Pelo menos, estou com a bunda bonita, nessa — debochei da minha própria falta de sorte.

— Não sei se eu teria esse bom humor para lidar com algo assim. Os repórteres que já estavam alvoroçados com os ataques, agora, estão inquietos e querendo conversar com você a todo custo, apenas para fazer perguntas constrangedoras.

— Tipo quais? — brinquei.

— O motivo por você ter iludido Bonnie dizendo que se casaria.

— Não iludi ninguém e, acredite em mim, Bonnie não é esse tipo de mulher que se ilude com alguma coisa.

PERIGOSAS NACIONAIS

— As pessoas não sabem disso.

— Que... porcaria! — exprimi.

— Boa sorte com isso, porque sua noiva e sua mãe estão caminhando para cá com feições horripilantes e parecendo prestes a nos assar vivos!

— Nicholas! — Olhei para trás a tempo de ver mamãe lançando chamas sobre mim.

Sorri, imaginando que ela já tivesse visto a minha indiscrição. Pelo seu olhar furioso, claro que sim. Candace aparentou ainda mais nervosismo e me senti mal por ela ter visto essas fotos, mas não foi culpa minha. Aconteceu muito antes. Eu diria, inclusive, uns quatro meses atrás. Mas, lógico, minha noiva imposta não tinha esse conhecimento.

— Não sei quem é pior: a imprensa, sua mãe ou sua noiva, com todo o respeito, Alteza.

Olhei para Deandre e nem me dei ao trabalho de responder. Ele logo chegaria à conclusão por si próprio.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

A FUGA DA PRINCESA



ADELE

“Sua Alteza permanece em Rodwell, enquanto os preparativos para seu casamento com o duque de Greenwold seguem a todo vapor. No entanto, há notícias de que há alguém nada contente com essa união e, talvez, tenha razão” – *Hirondelle Daily*.



Quando voltei para o escritório, Killian já me esperava, sentado na cadeira à frente da mesa com as pernas cruzadas.

— Ele a ama. Não tenho nem o que pensar, além de que ele a ama. Deu para sentir, assim que ele colocou os olhos em você e... também gosta dele, Adele. Você tremia, quando o viu.

Fechei meus olhos por instantes e comprimi meus lábios, movendo-me até a minha mesa, sem saber ao certo o que pensar.

— De que adianta eu mentir para você?

— Não adianta. — Meu amigo se inclinou, seu tronco cobrindo o espaço da mesa. — E não sei o que fazer para ajudar.

— Case-se comigo! — brinquei.

— Ambos sabemos que isso é uma farsa. Não iremos nos casar.

— Nicholas acredita que sim.

O semblante de Killian adquiriu um ar divertido.

— Foi tão maldosa, assim, com o homem? Coitado dele! Por que não contou logo a verdade, que anunciamos esse noivado repentino justamente para que Dwayne se manifestasse?

— Porque ele não me deixaria para trás se

soubesse disso — admiti pesarosa.

A percepção tomou conta de seus olhos.

— Faz sentido. Infelizmente, faz todo sentido. Ele não poderia deixar tudo para trás por você.

— Jamais.

— E para isso, precisou machucá-lo.

— Doeu muito em mim também, acredite.

— Com certeza, sim. E sobre me casar com você, não sei se gostaria de dividir seu coração com outra pessoa. Gosto de desafios, mas esse eu não conseguiria ganhar e, minha querida Adele, eu só entro em brigas que sei que tenho alguma chance, mesmo que remota, de vencer.

— Por que pensa isso?

— De novo, eu preciso explicar? São os olhos, princesa. Eu os avalei e eles disseram muito sobre ambos. Agora, preciso fazer algumas coisas. Vou até meu quarto. Se precisar, basta chamar lá.

Killian levantou-se e, quando passou pela porta, a fechou suavemente.

Apoiei minha cabeça em minhas mãos e
PERIGOSAS ACHERON

vislumbrei meu futuro. Sinceramente, ele pareceu mais escuro do que quando fugi de Hironnelle e, no momento, fugir já não era mais uma opção.



Tentei entender alguns números que me foram enviados sobre os poços de petróleo em minha administração. Havia cerca de quatro, no território do estado que era de minha responsabilidade e eu tinha a ligeira impressão de que muitos documentos em minhas mãos não representavam a verdade.

Maldita hora que fui fugir.

Senti meu celular vibrar no bolso. Peguei-o e assustei-me ao não reconhecer o número.

Abri a mensagem e uma felicidade maluca se apossou de mim.

“Quando eu for rei, farei um decreto, princesa, para que calcinhas possam ser tiradas da bunda sem que isso seja recriminado.”

Não precisei perguntar quem era. Odiei-me por

morrer de vontade de gargalhar com a sua mensagem, mesmo sabendo que deveria tratá-lo mal para Nicholas me esquecer de vez.

Fitei o aparelho em minhas mãos com um sorriso bobo no rosto.

Responder ou não responder?

“Não mande mensagens para mim. Nem ao menos quero saber como conseguiu esse número.”

“Eu não acredito em você”

“Não precisa acreditar em mim.”

“Tenho que me casar, mas não sei se vou conseguir”

“Por quê?”

Maldita curiosidade!

“Não consigo parar de pensar em você, Adele. Sei que somos inimigos; que nunca deveríamos ter nos envolvido, mas aconteceu e, se quer saber, você foi ainda mais inconsequente que eu, já que sabia o tempo todo quem eu era.”

“Não coloque a culpa em mim!”

“Não estou colocando a culpa em ninguém.”

“Será feliz.”

“Eu seria feliz com você. Não sei se vale a pena ser rei, se não a tiver na minha vida.”

“Não devo ser sua prioridade.”

“Não deveria tantas coisas, mas a verdade é o que é.”

“Não vejo solução para isso, sinto muito. Sabe tão bem quanto eu que nós dois juntos é algo impossível.”

“Mesmo que eu renuncie?”

Meu corpo inteiro gelou com sua mensagem. Ele renunciaria ao trono? Por... mim?

“Não seria tão louco a esse ponto.”

“Eu posso até ser louco, mas garanto que é por você. Eu abriria mão de qualquer coisa para estar com você. Nunca sequer quis a coroa. Acho que seria justo seguir meu desejo pelo menos uma vez na vida.”

“Desde crianças, nós fomos criados e educados para o trono, Nicholas. É um pouco tarde para se rebelar.”

“Antes tarde do que nunca.”

“Desde que te vi, tive a certeza de que se casaria para apaziguar os ânimos. Está tão apaixonada por mim quanto estou por você, Adele, e, no fundo, se pergunta se vale a pena viver uma vida inteira triste para seguir protocolos e manter uma inimizade secular apenas porque as pessoas te disseram para fazer isso. Por que, princesa? Só... por quê?”

“Pare.”

“Eu não consigo te esquecer. Seu cheiro, seu corpo, sua língua afiada, suas respostas inteligentes e, Deus, até sua garganta boa de briga, quando o assunto é beber, faz-me falta. Tem noção do que é olhar para um filé de peixe e lembrar de você? Se tornou a comida que mais evito, mesmo que antes eu a adorasse.”

“Vai se casar, não pode ficar me mandando mensagens.”

“Eu sou mesmo dela, se quero, com uma força descomunal, apenas você? Adele... eu nem sequer dormi com ela ou a beijei, ou senti meu coração acelerar todas as vezes em que ela sorriu. Algumas vezes, te vi nela, não por se parecerem, mas por não parar de pensar em você.”

“Sentia que o amor o salvava do desespero e que esse amor, sob a ameaça do desespero, se tornava ainda mais forte e mais puro.”

Como ele conseguia ser tão irresistível? Citar um dos meus trechos preferidos de Ana Karenina, foi sem dúvida, golpe baixo. Principalmente, um que caiu como uma luva para nós.

“Deveria se casar, porque eu não te quero. Nem sequer penso em você. Faça o favor de me esquecer e se conformar, antes que seja tarde

demais para todos de Persóvia.”

“Está mentindo.”

“Deveria se conformar e parar de tentar me entender. Não estou apaixonada por você; eu sequer me sinto atraída por você. Não nos imagino casados, porque isso jamais aconteceria. Pare de me mandar mensagens. Vou bloquear esse número e não adianta tentar entrar em contato.”

“Por que decidiu que eu fosse o seu primeiro, então? Por que ficar comigo, quando ninguém tinha despertado esse desejo em você?”

“Sou curiosa e queria saber como era. Não tinha vontade de me casar virgem, você foi apenas o meio para um fim. Não ficou com mulheres apenas por isso? Eu fiquei com você pelo mesmo motivo. Não faça disso uma grande coisa.”

“Mentira.”

“Pare de rebeldia e respeite sua noiva. E respondendo sua pergunta sem resposta de vários dias atrás: se você fosse o príncipe com o qual eu me casaria, fugiria da mesma forma. Sinto muito.”

Essa era a única coisa que o faria desistir. Eu sabia disso.

“Pensei que você me entendesse. Eu estava errado. Adeus, Adele.”

Quando terminei de ler o que escreveu, joguei o celular longe e apoiei a cabeça no tampo de madeira da mesa, chorando desolada, sentindo meu peito ser esfaqueado por milhares de facas, entrando e saindo, em uma agonia incessante.

Ouvi a porta sendo aberta em um rompante e, logo depois, braços em torno do meu corpo que se convulsionava em um choro condoído.

— Adele — Killian tentou me confortar.

Apoiei-me em seu abdômen e chorei ainda mais.

Por que inimigos?

Por quê, Deus?

Por que eu fui parar justamente nos braços dele?

Era a primeira vez que eu pensava ter sido melhor enfrentar Dwayne a sofrer como eu estava sofrendo, no momento.

— Por quê? — Proferi, em meio ao choro.

Meu amigo não me respondeu. Não havia resposta para o que me massacrava.

A FUGA DA PRINCESA



ADELE

“Quando a calma é demais, só podemos
desconfiar.” – *Hirondelle Daily*



Eu me sentei para acompanhar a reunião do Conselho, tentando desvendar cada pessoa na enorme mesa oval, quando um dos seguranças adentrou o salão, sua feição totalmente deformada em desgosto.

— Vossa Majestade, desculpe pela interrupção,

porém devo informar que o príncipe de Constance se encontra no castelo para falar com o senhor.

Meu pai levantou-se, no mesmo instante.

— Antes tarde do que nunca. Já estava me perguntando se ele não morderia a isca.

— Vou com o senhor. — Levantei-me também e ele fez um sinal para que eu voltasse a me sentar.

Obedeci-o.

— Adele, agora não. Kent irá comigo.

O Primeiro-ministro me olhou com arrogância e abriu um sorriso confiante. Killian apenas balançou a cabeça em negação, como se ouvisse os meus pensamentos e soubesse exatamente o que eu pensava em fazer.

Mordi a língua, sentindo o gosto de sangue impregnar minha boca. Permaneci muda, enquanto os dois, escoltados por vários seguranças, saíam da sala.

Killian levantou-se da sua cadeira e pediu para que o marquês sentado ao meu lado desse seu lugar a ele.

— Não fique assim, ele tem um plano.

— Claro que tem.

— E nos casaremos em breve, não está contente com isso?

— Como estaria, meu querido, se eu sei a verdade? — indaguei.

— Tem razão. Eu me casaria com você, caso quisesse, pena que a mulher que eu conheço já esteja totalmente apaixonada por outro.

Pisei no pé dele embaixo da mesa, por falar mais do que devia, e sorri triunfalmente ao assistir sua feição se avermelhar enquanto crispou os lábios para evitar o grito de dor.

— É encantadora, princesa — falou, em um sussurro, com a voz totalmente rouca — Talvez por esse motivo, ele tenha se atraído por você.

— Não fale mais dele na minha presença.

— Ainda vão se encontrar, tenho certeza. — Killian se recuperou totalmente do meu golpe e se inclinou na minha direção, para que apenas eu ouvisse o que ele tinha a dizer. — Meu pai me

contou histórias sobre uma briga antiga por terras. No começo, ele tinha certeza que Persovianos e Hironnelles se casavam entre si para manterem a riqueza dessas terras entre as famílias. Dentre as quais, ouro. Naquela época, pessoas matavam por ouro, como deve saber.

— Como ele sabe disso? — Killian atraiu minha total atenção.

— Ele é sábio, observador e não deixa que ninguém perceba que sabe das coisas. Segundo ele, havia documentos, cartas, que deixavam essa verdade subentendida. E se o desentendimento começou por uma união que não deu certo e, então, houve alguma apropriação de terras repleta de jazidas e assim seguiu?

— Será? — sussurrei.

— Faz sentido, para mim. Quando se trata de riquezas, raras são as pessoas que levam em consideração o respeito e o amor. Acho bem improvável que um coração quebrado tenha sido a origem de toda essa inimizade.

— Meu pai guarda documentos no cofre —

murmurei, inclinando-me na sua direção, assim como ele se inclinou na minha.

— Se fôssemos pegos...

— Não seremos.

— Você ainda vai me matar, princesa. Juro que vai.

— Claro que não; só vai me ajudar.

— O que você não me pede chorando, que eu não faço sorrindo? Porcaria, estou mesmo na merda. Comprometido em um casamento falso e ainda indo nas suas ideias de roubar documentos da coroa. Vou perder o título de mais de trezentos anos que está na família. Serei a vergonha do ducado.

Revirei meus olhos.

— Pare de dramatizar. Se eu descobrir a verdade, posso ajudar muito mais.

— Descobriria, de uma forma ou outra, quando se tornasse rainha.

— Só posso me tornar rainha quando me casar.

— O Conselho está verificando brechas para que

PERIGOSAS ACHERON

não precise fazer isso. Acredite em mim, eu sei.

Pensei na revelação de Killian e me perguntei qual o motivo para estarem preocupados com isso.

— Que loucura.

— Loucura seria se eles não estivessem fazendo.



— Vem, vamos tentar encontrar os documentos no cofre. — Puxei Killian pela mão.

Ele relutou em me seguir, mas, depois de uma olhada nada amistosa que lhe lancei, optou por arriscar-se, ao invés de me deixar furiosa por não me ajudar.

— Olha o que me faz fazer, Adele! Pelo amor de Deus, nós seremos pegos e eu quero só ver que desculpa terá na ponta da língua.

— Eu sempre consigo me safar. Sempre! — falei, orgulhosa.

Killian revirou os olhos.

— Odeio essa característica em você. Consegue coisas impensáveis apenas com esses olhos de

cachorro abandonado e o sorriso... claro, não posso esquecer esse sorriso que te livra de qualquer encrenca.

Pisquei para ele e continuei nosso caminho até o escritório de papai. Ele não estava lá; acompanhei, de perto, sua saída para falar com Dwayne. Já havia se passado quase meia hora e ele ainda não havia retornado. Olhei para os seguranças, vigiando a porta e fiz minha melhor pose de “com licença, eu preciso pegar algumas coisas aqui”.

— Vossa Alteza; Sua Graça... — cumprimentaram a mim e Killian, abrindo passagem.

Olhei para trás vitoriosa, logo que entramos no enorme aposento.

— Eu te disse que seria fácil e, sinceramente, não sei como não pensei nisso antes! — sussurrei, exasperada.

— Essa sua determinação ainda matará alguém. Escreva o que estou dizendo!

— Pare de bobagem! Claro que não acontecerá nada disso!

Caminhei por entre as estantes abarrotadas de livros antigos, encontrando finalmente o que eu precisava. Ele era dourado, gasto com o tempo e continha a história de Hironnelle e, infelizmente, não, nesse não havia nada que indicasse quando a briga entre os dois países começara, mas tinha que haver algum lugar onde essa verdade tenha sido eternizada. Não teria como uma inimizade se sustentar apenas com base em fofoca.

— Quanto mais eu penso, mais loucura me parece.

— Quietos! Se não vai ajudar, ao menos não atrapalhe!

Puxei o livro e uma parte da estante se soltou, revelando um puxador em ferro fundido por entre a madeira. Fechei meus dedos em torno dele e o trouxe para a frente, revelando um dos vários cofres de papai, espalhados por locais estratégicos. Acreditava fielmente que, se havia documentos antigos e condenatórios, eles, com certeza, estariam ali, sob seus olhos, onde ninguém pudesse acessar.

— Se seu... — Killian não teve tempo de

terminar sua fala, porque ouvimos o barulho da porta sendo aberta e congelamos, estáticos, apavorados em sermos pegos no flagra.

Olhei para o local e abaixei a cabeça, ao enxergar papai nos olhando como se já soubesse o que fazíamos ali.

— Sempre me perguntei quando tentaria descobrir tudo. Sua natureza é curiosa e tão tempestuosa como a da sua mãe. Foram as qualidades que mais apreciei nela e que me fizeram cair perdidamente de amor. — Ele suspirou e eu retirei minhas mãos do cofre.

Nem conseguiria abrir, de qualquer forma.

Era muito moderno e só se abria através de reconhecimento ocular, de voz e leitura de digitais. Não sei como fui tão idiota, ao ponto de pensar que a senha seria apenas números.

— Desculpe — pedi, cabisbaixa.

— Vossa Majestade, eu sinto muito. É que...

— Ela te arrastou até aqui. Eu conheço minha filha, Killian. Não se estresse com isso.

Meu amigo suspirou aliviado e lancei um olhar recriminador para ele, por me jogar na fogueira com tanta rapidez.

— Papai! — ralhei.

— E não é verdade, Adele? Você sempre foi assim, decidida demais para que as pessoas lhe dissessem o que *não* fazer.

Ele tinha mesmo razão.

— Mas, não fale como se isso fosse tão ruim, dessa forma.

— Jamais, minha querida filha. Jamais. Sentem-se, os dois. Conversarei com vocês e contarei a história entre Hironnelle e Persóvia. Adele continuaria tentando descobrir, de qualquer forma, então, acho que o melhor é ser eu a passar essas informações.

Papai indicou as duas cadeiras à frente da sua mesa e novamente vi a mim e Killian sentados, aguardando que nos dissesse algo.

— Eu preciso mesmo saber? Acho que prefiro me manter na ignorância.

— Não, por favor, tem que saber para apoiar Adele nas decisões futuras que irá tomar. Eu segui um caminho totalmente diferente do que queria, no começo, e, se continuar assim, essa maldição nunca vai acabar. Sempre haverá quem odeie sinceramente o outro país e não acho que isso foi saudável para nenhum de nós. — Papai parou de falar por instantes. — Pode parecer estúpido, mas minha filha precisou fugir e correr perigo de vida para que eu notasse o que vem acontecendo; como esse ódio está acabando conosco. E, Adele... — Virou-se para mim. — Eu sei que estive em Persóvia durante todo esse tempo e também sei que, se não tivesse sido inteligente, poderia não ter voltado. Sinto muito, filha, por ter te colocado nessa situação devido à minha ambição por poder. Ela cega as pessoas, então, não seja uma monarca como eu e fique atenta a todos os detalhes.

Pressenti que a conversa seria pesada. Papai nunca começava seus assuntos com tanto tato.

— Eu... não sabia o que fazer, mas me desculpe por não ter falado com o senhor e por ter tomado uma atitude tão drástica.

— Não se desculpe. Eu não lhe dei escolha. Se não o tivesse feito, tudo não passaria de ruína, a essa altura.

— Claro que não. O senhor não deixaria.

— Não amenize as coisas, Adele; não é necessário. E continuando o que eu estava dizendo: essa guerra entre os países começou há muitos e muitos anos; mais de três séculos. Como bem sabem, nossas terras, tanto as de Persóvia como as de Hironnelle são ricas em jazidas de Esmeralda. Muito, muito ricas. Ainda não conseguimos, sequer, explorar a todas. Quando ambos os reis notaram que havia um lugar na divisa inexplorado em sua totalidade, com uma reserva imensa, maior do que o que possuíam... entraram em guerra. Tentaram delimitar quem seria o dono daquela área. Não havia a tecnologia que há hoje, para sabermos exatamente a fronteira e vocês imaginam todo o sangue que foi derramado para que conseguissem o que queriam...

“O povo sofreu e, então, o rei de Persóvia decidiu dar trégua. Naquela época, o casamento entre famílias ainda era a única forma que

PERIGOSAS ACHERON

encontravam para isso. Então o rei de Hironnelle ofereceu a mão de sua filha em casamento ao filho do rei de Persóvia. Ambos se casaram e, por alguns meses, foram felizes, até que, para conseguir o que queria, o rei ordenou que seu filho matasse a esposa, a mutilasse e desse para seus cães, para que ninguém soubesse o que, de fato, havia acontecido. Assim, ele conseguiria domínio sobre todas as jazidas, tanto as de seu país, como as do nosso. Eles só não contavam que uma das amas da princesa acabasse por testemunhar o assassinato brutal. O rei de Hironnelle ficou furioso, afinal, ele amava sua filha e achava que tinha a entregado para o inimigo a fim de salvar todas as pessoas que sofriam com a guerra. Mandou executar o filho do seu adversário da mesma forma cruel que ele matara sua filha. No entanto, não entregou suas partes para seus cachorros, mas mandou entregar no Castelo de Baldrick, diretamente ao rei, que novamente jurou vingança a todos os Hirondelles.”

— Meu Deus... — falei, assustada.

— O ciclo não se encerra nunca, como podem ver. E é como se fosse uma maldição, já que, em

todas as descendências, alguém de Hironnelle se interessou por alguém de Persóvia e vice e versa, trazendo ainda mais ódio às dinastias. Eu não sei o que fazer para acabar com isso, mas sou velho e a verdade ou, ao menos o que sei dela, está enraizada em meus pensamentos. Talvez você, filha, — Olhou para mim. — Possa acabar com tudo, com essa sagacidade e poder conciliador. É o que torço para acontecer, já que tanto Charles como eu jamais iríamos dar o braço a torcer. Talvez você e Nicholas consigam.

Meu pai me olhou tranquilizador, como se já soubesse o que aconteceu durante todo esse tempo que passei fora. Era como se... ele realmente soubesse.

Abri minha boca em choque. Como?

— Você sabe.

— Claro que eu sei. Sou um rei; é minha obrigação. Pode ter certeza de que o pai dele sabe também e é por termos essa noção que ficamos tão preocupados. Mais uma vez, Adele, alguém ultrapassa as fronteiras e se apaixona por um

Persoviano. É a maldição das duas famílias, ambos sabemos disso. Aconteceu o mesmo com minha irmã. No entanto, ela escolheu Alec, o irmão de Charles, e não faço a menor ideia de onde se encontram. Desapareceram tão rápido que, quando descobrimos, já era tarde demais.

— Por isso você espalhou a ideia de que ela desaparecera. — Percebi.

— Exatamente. Só as pessoas mais velhas do Conselho sabem a verdade. E seu pai, Killian, — Olhou para o duque ao meu lado. — Observador ao extremo, que pescou tudo o que tentamos esconder nas entrelinhas.

— Meu Deus! Papai, são eles! Cristo! — Levantei exaltada. — Só podem ser eles que estão atacando Hironnelle e Persóvia. Ambos têm motivos para isso! — Puxei meus cabelos desesperada. — Nicholas precisa saber disso. Nicholas precisa!

— ADELE! — gritou papai.

Parei de surtar, no mesmo momento.

— Ele precisa saber, papai...

PERIGOSAS NACIONAIS

— Eu sei que precisa, mas, com tudo o que está acontecendo, *eu* preciso que você fique segura. Pressinto que uma coisa muito séria está prestes a acontecer.

Olhei temerosa para ele.

Foi a primeira vez na vida em que eu vi medo através dos olhos castanhos de papai.

PERIGOSAS ACHERON

A FUGA DA PRINCESA



NICHOLAS

“O ano novo já começará com mudanças. O príncipe, em breve, será um homem casado. Sim, também estamos assustados!” – *Persóvia Journal*.



Meu celular vibrou em cima de uma das cômodas.

Ignorei.

Quem quer que fosse poderia esperar.

— Alteza, sua roupa está impecável. Todos os
PERIGOSAS ACHERON

repórteres e fotógrafos estão aguardando um aceno, ao final da cerimônia. Não tem como dar errado. Nós cuidamos de tudo. A rainha disse para seguir seu coração e o rei reforçou que está fazendo a coisa certa. — Deandre estava alvoroçado com seu tablet e um celular. — Os membros da cavalaria de elite das forças armadas de Persóvia, que serviram com o senhor, estão todos a postos, para prestar as devidas homenagens. Basta se casar e aproveitar a virada do ano, depois de algumas horas!

Fitei-me no espelho, sem qualquer vontade de sair do quarto.

— Certo.

— Todas as figuras políticas do mundo estão presentes na Catedral de *Autumn* para prestigiar seu casamento. Estimamos cerca de quase mil convidados e ainda não recebi os números exatos dos seguranças, mas creio que seja apenas isso, Alteza. Como é o primeiro na linha de sucessão ao trono, tivemos que seguir os protocolos e convidar as pessoas mais influentes de todos os países.

— Menos de Hironnelle — constatei.

— Claro, Alteza. Como vem sendo feito há muitos e muitos anos.

— Claro — resmunguei.

Deandre parou de prestar atenção em mim para poder conversar com os responsáveis do cortejo. Falava com os seguranças a todo momento, assim como com todas as pessoas responsáveis pela organização do casamento real. Era um evento e tanto.

Após a cerimônia, teríamos que sair em carruagens — costume muito antigo, eu preferiria mil vezes mais meu Corvette — por Baldrick até o castelo, sendo essa a primeira aparição oficial, como oficialmente casados. Fechei meus olhos, sentindo-me apático com essa ideia.

— Ela está pronta.

Suspirei profundamente.

Não era ela... Ninguém jamais seria Adele.

Olhei para o espelho novamente. Um homem vazio me fitou em retorno. O traje social do exército, com as minhas condecorações, estava

impecável. Não havia nada que ocultasse a minha linhagem. Desde o brasão de Persóvia no canto esquerdo do meu peito, até as cores do país, nos meus pulsos.

Apoiei minha mão na moldura do espelho e forcei-me a mandar oxigênio para os meus pulmões. Estava a ponto de perder completamente o ar.

— Alteza... Nós não podemos nos atrasar. A noiva já está pronta. O senhor também? — Deandre notou minha falta de vontade.

A porta do meu quarto se abriu e um Mason sorridente entrou. Seu divertimento desapareceu totalmente, ao notar o meu dilema interior.

— Que clima de velório! Nem parece um casamento! Já imaginei que estaria desse jeito, Nick, mas nunca pensei que fosse te encontrar prestes a se atirar pela janela.

— Eu não posso fazer isso com ela, Mason. Não posso deixá-la infeliz porque amo outra pessoa. Entende como vai ser difícil, me deitar ao lado de alguém, quando a todo momento, em minha

cabeça, só vem o rosto de outra? Quão injusto é isso? Não posso. Não sei se sou capaz.

— Ela ou a coroa. Seu pai foi claro; todos no Conselho foram claros. Se quiser ser rei, terá que se casar e infelizmente, não com a filha do inimigo.

Coloquei as mãos na cabeça, em desespero.

— Eu não quero ser rei, porra! Eu não quero ser rei sem ela!

Quando fitei os dois homens no meu quarto, deparei-me com seus olhares assustados e pesarosos com meu rompante. A porta abriu-se novamente e várias pessoas entraram, alguns seguranças e cerimonialistas. Ao notarem como o clima ficou estranho ali, e também após receberem meu olhar enviesado, presumiram que eu não estava pronto, pediram licença e saíram.

— A garota estará no altar daqui a pouco. Então, por que, raios, aceitou essa merda de casamento, se pensaria em desistir no dia? Ela é uma boa pessoa. Não a faça se sentir pior — proferiu Mason.

E ele tinha razão, merda. Tinha muita razão.

— Eu sei! Eu sei que é!

Meu amigo caminhou até uma das poltronas, no canto do meu quarto, e se sentou com as mãos no queixo, pensativo.

— Se casar, vai deixar essa coitada infeliz pelo resto da vida, a não ser que se separem, mas isso seria um escândalo para a coroa. Se fugir, não será rei. Terá que renunciar seu direito e deixar que seu tio, o qual eu desconfio que esteja por trás de todos os ataques, sente-se no trono e governe Persóvia. Alguém consegue ver de um ponto de vista que não seja desanimador, nisso? — Ele olhou para Deandre, assim como eu.

O assessor negou em um gesto ínfimo e abaixou a cabeça em seguida.

— Estou sem opções.

— Meu amigo, você está na merda, com certeza. Quer abrir aquela garrafa agora ou depois? Acho que, com toda essa falta de sorte, merece, no mínimo, isso.

— Como se eu estivesse preocupado com um uísque, nesse momento. Eu só queria não ser

PERIGOSAS ACHERON

príncipe; só queria fazer o que tenho vontade.

— Então, não a teria encontrado.

— Não... Ou talvez, sim, quem sabe. É pedir muito, ter poder de escolha, uma vez na vida? — perguntei retoricamente. — Estou me sentindo de mãos completamente atadas.

— O que é mais forte em você? O amor ou a vontade de proteger todos?

A dúvida não deveria existir, mas ela teimava em permear meus pensamentos e me lançar contra um muro intransponível.

— Não sei. Sinceramente, não tenho a menor ideia.

— Alteza, sinto muito, mas essa é a hora. A duquesa sairá do castelo em cerca de vinte minutos. Pense bem, antes de tomar uma decisão...

Respirei profundamente, inalando o ar com dificuldade e, em seguida, soltando-o com lentidão.

— Vamos fazer isso.

— É um sacrifício para paz na consciência.

— Será mesmo, Deandre? Será?

— Eu não acho. Mas posso dar notícias de Adele para você, já que consigo entrar em Hironnelle sem problema nenhum.

Fuzilei Mason com o olhar.

— Não quero notícias dela; deixaria as coisas piores. Adele não quer arriscar e eu a entendo, de verdade, mas sabe aquela sensação de sentir falta de alguém, mesmo que eu nunca a tivesse encontrado? Sei lá, estou ficando maluco! Maluco!

— Eu? Claro que não sei do que está falando!

— Se ficar aí por mais tempo, não apareça na cerimônia — falou Deandre apressado, olhando a todo momento para a janela.

— Vamos logo.

Só me restou aceitar o destino.



Eu estava de costas para a entrada da catedral. Os sinos gigantescos na torre principal começaram seu badalar, reverberando tristeza por todo o meu corpo. Mantive meu foco na postura. O protocolo era que o príncipe não deveria se virar, até que a

noiva estivesse bem próxima do altar. Olhei para meu lado direito e tanto minha mãe quanto meu pai, fitavam-me.

Comecei a suar frio.

Isso não era o que eu queria. Não era.

Endireitei ainda mais minha postura, tentando inutilmente mandar aquela vontade de desistir para bem longe. Papai fitou-me e balançou a cabeça sutilmente em sinal de negação. Fingi não o ver. Mason estava ao meu lado, como padrinho de casamento, o que não era uma tradição dos casamentos reais, mas eu fiz questão de que acontecesse. Ele também parecia muito ciente do que eu estava prestes a fazer.

Se pudesse sair correndo até que me faltasse o ar, já o teria feito.

Observei todas as saídas da catedral e desanimei-me, ao notar como havia muitas seguranças nelas.

Os momentos com Adele começaram a passar pela minha cabeça, suscitando lembranças inesquecíveis que eu vivi ao seu lado. Quando a encontrei na floresta e achei ter visto a mulher mais

linda do mundo; quando a peguei em meus braços. Seus momentos atrapalhados, todo e qualquer um deles, deixaram-me em um estado de torpor, sem conseguir reagir.

Os segundos pareceram minutos e demoraram a passar. Os sinos badalando eram meu tormento pessoal, lembrando-me, a todo instante, de que eu estaria ligado para o restante da vida a alguém que eu sequer amava.

Lembrar nossa noite na minha cobertura, na cidade, fez-me abrir um sorriso. Absurdo lembrar dos momentos de discussão e sentir saudade deles, mas era exatamente isso que estava acontecendo.

Senti olhares em mim e, quando fitei meu amigo, ele fez um sinal para que eu me virasse. Assim que o fiz, cruzei com vários olhos conhecidos dentre a multidão de convidados, e parei sobre a duquesa por instantes, tentando assimilar feições das quais eu sentia falta nela. Candace tinha o cabelo castanho e olhos negros, que se pareciam, ao mesmo tempo em que eram totalmente diferentes, aos de Adele.

Ela estava linda, isso eu precisava admitir. O seu sorriso esticou-se em seu rosto perfeitamente delineado.

Fui até ela e peguei em sua mão, colocando-me ao seu lado no altar.

Candace me direcionou um sorriso amável, que odiei não corresponder. Ela notou meu visível desconforto e se manteve séria, contrariando todos os casamentos que aconteceram ali, nos quais ambos os noivos estavam sorridentes. Os fotógrafos oficiais se colocaram distantes, pedindo sorrisos para sermos fotografados. Não consegui fazer o que pediram.

A cerimônia iniciou-se e o nó em minha garganta aumentou a cada segundo.



— Sua Alteza Real Nicholas Henry, príncipe de Baldrick, duque de Holloway, aceita se casar com a duquesa de Bright e amá-la, zelar por ela, mantê-la segura, ensinar todos os princípios de nossa monarquia, torná-la sua rainha, honrá-la por todo o seu reinado e respeitá-la, até que a morte os separe?

Silêncio.

Um silêncio esmagador.

Peguei as mãos da mulher à minha frente entre as minhas, sentindo a baixa temperatura de sua pele. Ela estava nervosa, tanto quanto eu. Ambos por motivos diferentes, mas, ainda assim, nervosos.

Seus dedos tremularam, enquanto eu os fitei, incapaz de olhar em seus olhos, temendo que desvendasse todos os meus medos. Não seria justo comigo e não seria justo com ela, casar sem sentir amor, sem ser capaz de me dedicar por inteiro ao compromisso.

— Candace, eu não acho que mereça apenas um rei do seu lado. Tenho certeza de que merece alguém que te ame acima de tudo. Acima, até mesmo, da coroa. E é por esse motivo que não posso me casar com você. Sinto muito por ter esperado tanto — Suas mãos começaram a tremer ainda mais. O silêncio na catedral previa o desastre na cerimônia. — Mas, eu... não posso. — Sacudi a cabeça, negativamente.

Uma lágrima desceu pelos seus olhos, assim que

eu levantei a cabeça. Todos notaram o que aconteceu, visto que um burburinho começou a se propagar.

Senti uma mão firme no meu braço e já imaginei quem fosse.

— O que está fazendo, Nicholas? Diante de todos; de tantas pessoas influentes? — sibilou papai.

— O que eu deveria ter feito desde o começo; desde que essa farsa teve início. Não importaria quem subisse ao altar comigo, jamais daria certo. Não, quando meu coração já é de outra.

Olhei para mamãe e ela não parecia feliz, mas compreendia minha necessidade de dar um fim a tudo.

— Não poderá ser rei — Papai esforçou-se para parecer calmo diante de todos.

— Não quero ser rei. Nunca quis. Eu renuncio, papai. Renuncio ao trono de Persóvia.

Seus dedos congelaram, permanecendo inertes contornando meu braço. Fitei seus olhos pétreos e

perdidos. Ele esperava por qualquer coisa, menos ouvir o que eu disse.

— Não pode. É impossível. Não pode fazer isso, tomar uma atitude tão egoísta por causa de uma mulher, quando poderá ter quem quiser. Só pode haver um rei, após mim, e esse rei é você.

— Não vou me casar com ninguém além dela. Quer queira ou não. Também não pode me obrigar a ser algo que não quero.

— Tem certeza disso? — falou entredentes.

Mamãe levantou-se da cadeira e se moveu apressada até nós, prevendo a briga de proporções épicas que teríamos ali, na frente de todos, e que seria noticiada ao redor do globo.

— Acalmem-se! Vocês dois! Pelo amor de Deus, estão todos olhando.

Olhamos em volta e, de fato, ela estava completamente certa.

— Vossa Majestade, eu peguei a chave de uma das salas, para que possam discutir com privacidade. — Deandre se infiltrou no meio da

nossa confusão e tomou a frente com coerência.

Balancei a cabeça concordando.

Papai também.

A noiva e mamãe também nos seguiram, enquanto afundávamos catedral adentro, assim como Mason, que não aparentou querer ficar sozinho no altar, sem saber o que falar.

— SÓ PODE ESTAR LOUCO! — papai gritou e esbofeteou meu rosto.

Travei meu maxilar, sabendo que poderia até estar louco, mas que minha consciência estava mais tranquila do que a de muitas pessoas li, inclusive a dele.

— Pare com isso! Pare de descontar suas frustrações no nosso filho! Não vê que a culpa não é dele? A culpa é minha; toda minha! Eu que não pude ter um segundo herdeiro, que não pude garantir a linhagem real! Nicholas jamais deveria ser obrigado a assumir uma responsabilidade que não quer. — Mamãe descontrolou-se e eu respirei profundamente, tentando me acalmar.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Eu... — Candace começou a falar, mas sua voz não saiu.

Ela caiu em um choro desesperado e eu não soube o que fazer.

— Querida, eu sinto tanto, mas tanto, por você ter passado por isso! Acabou sendo a maior vítima, nessa história toda. Nós sabíamos que Nicholas estava dividido, amando outra mulher, no entanto, preferimos fechar os olhos e deixar que ele seguisse em frente com esse teatro. Não sei nem o que podemos fazer para compensá-la por tanta dor...

Mason apressou-se a passar os braços em torno de Candace e consolá-la. Não olhou na minha direção. Conseguiria ouvir, mesmo em pensamento, seus julgamentos, mas eu não envolveria uma terceira pessoa nessa porcaria toda. Já bastavam duas sofrendo por um amor impossível.

Papai falaria alguma coisa, quando o chão tremulou e o desespero se apoderou de todos nós. Poeira desprendeuse de todas as paredes, antes que tudo se tornasse confusão e eu já não entendesse mais nada do que estava acontecendo.

PERIGOSAS ACHERON

Persóvia Journal

“Atentado à Catedral de Autumn deixa mortos e feridos em um momento de extrema comoção para a família real, o casamento do sucessor ao trono, príncipe Nicholas Henry Baldrick Holloway. Ainda não temos informações sobre os membros da família, que se retiraram do altar logo que a cerimônia precisou ser pausada. Também não temos informações sobre a duquesa de Bright. Nossos repórteres estão no local aguardando por notícias e, quão logo elas se tornarem de nosso conhecimento, passaremos adiante para o povo Persoviano.”

A FUGA DA PRINCESA



ADELE

“Algo ruim recaiu sobre Packard. Nossos jornalistas estão todos no Palácio, em busca de respostas. Acompanhem as notícias em tempo real, através da televisão. Algo grande está acontecendo e nós descobriremos o quê.” – *Hirondelle Daily*.



Fui acordada às pressas, com Elize me olhando apavorada, respirando rapidamente e com vários fios do seu cabelo se desprendendo do seu coque improvisado. O desespero foi latente em seu rosto e

PERIGOSAS ACHERON

me assustou.

— Elize? — indaguei.

— Levante-se, Adele, pelo amor de Deus. Levante!

— O que aconteceu?

Joguei as pesadas cobertas no chão e levantei, calçando uma das pantufas e passando o robe de pano em torno da minha camisola. Meus olhos ardiam por causa do meu pouco descanso, tinha ido dormir tarde, enviando várias mensagens para Nick. Eu mandei tantas e liguei tantas vezes que perdia as contas. Já que eu não poderia sair, eu ao menos poderia avisá-lo pelo celular, não é? Errado! Pelo visto, eu o tinha maltratado demais para que ele me desse atenção.

— Algo muito ruim, princesa. Muito ruim. Jordyn desapareceu e ainda estou procurando por Julie. Ela não estava em seu quarto quando eu bati na porta e, agora, estão todos os seguranças correndo para todos os lados do palácio. O rei está no salão do trono, conversando com todos os convocados às pressas e pediu que a acordasse para

que fosse até lá, mas não me disse muita coisa.

Não esperei que ela dissesse mais nada e saí correndo, trombando com empregados e descendo a escadaria central de dois em dois degraus, com um terror gigantesco de que pudesse ter acontecido algo irremediável.

Assim que alcancei a entrada do salão, os dois seguranças que vigiavam a sua entrada abriram-na rapidamente. Os membros do Conselho já se encontravam todos em suas cadeiras e papai, ao centro, parecia atormentado. Seu olhar era vago e suas olheiras tão profundas quanto o mar.

— O que aconteceu? — perguntei, olhando para todos.

Ninguém foi suficientemente corajoso para dizer nada.

— O que, merda, aconteceu? — vociferei.

Ninguém se importou com minhas más maneiras, o que só aumentou o alarme na minha cabeça.

Killian levantou-se de sua cadeira, seu semblante um espelho do de papai. Seus olhos se encontraram

com os meus e minhas pernas falharam, prevendo o pior.

— Arya foi sequestrada, Adele.

Desabei.

A minha visão ficou turva e não consegui enxergar mais nada.

A FUGA DA PRINCESA



Que delícia dar vida a um livro como esse! Amei contar o início da história de Nicholas e Adele e espero que tenham gostado dessa primeira parte também!

Sempre, a cada trabalho, várias pessoas estão por perto para me ajudar, me apoiar e distribuir carinho sem pedir nada em troca. Sou muito grata por tê-las na minha vida e por serem tão maravilhosas comigo! Obrigada à Val, Sinara, Faby, Hellen, Juju, Si, Cacá, Lyne e Nora, vocês foram demais, aturando todos os meus surtos com esse casal real!

Amo vocês!

Queria deixar um agradecimento especial também aos meus leitores do Wattpad e as meninas do meu grupo no WhatsApp e no Facebook, vocês são espetaculares! O que seria de mim sem vocês?

A todos que estiveram envolvidos neste projeto, desde a revisão, até a diagramação, design de capa e afins, meus mais sinceros agradecimentos! Esse livro ficou lindo dessa forma graças a vocês, tenham certeza.

OBRIGADA!

Obrigada por lerem minhas histórias, vocês são as verdadeiras estrelas delas!

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

A FUGA DA PRINCESA



Te prometo ser a única

Trilogia *Tudo de Mim* I

[Formato e-Book](#)

PERIGOSAS ACHERON

[Amazon](#)

Livro físico

[Compre aqui!](#)

Sinopse

Bonito, rico e agradável. Thom nunca ficava sozinho. Mas o que ele mais desejava estava fora de seu alcance: Lara. Sua prima adotada que o tratava como um irmão. Para ele não tinha coisa pior do que amar e não ser amado.

Lara. Inteligente, meiga e querida por toda a família, tinha somente um segredo, que escondia de tudo e todos. Inclusive de seu primo.

Quando a verdade vier á tona, será que Thom continuará a amá-la? Pode um amor ser tão forte a ponto de sobreviver a barreiras e crenças? São perguntas que serão respondidas por si mesmo, em meio a tantos conflitos e verdades não ditas, emocionando-nos a cada passo dado em busca da felicidade.

PERIGOSAS NACIONAIS

Um império onde riqueza e poder não podem comprar o que há de mais importante no mundo: o amor.

PERIGOSAS ACHERON



Te darei o mundo

Trilogia *Tudo de Mim* II

Formato e-Book

[Amazon](#)

Livro físico

[Compre aqui!](#)

Sinopse

Stephen Cooper é um dos homens mais sedutores de Nova Iorque, e pode ter certeza que ele se aproveitou disso. Ficando com quem ele quisesse e desejando quem ele pudesse. O grande problema, é que ele amava uma mulher que não lhe pertencia, e por isso, incentivou-a a viver um amor que não era o dele. Ficou sozinho e com o coração partido, sem expectativas de nada melhor para o futuro.

Eva Barnes é uma mulher batalhadora que nunca conheceu coisas fáceis na vida. Sofreu e sofre nas mãos de um pai bêbado, que se mantém às suas custas, enquanto ela ainda cuida da pequena filha de quatro anos. Ela não se considera uma mulher de futilidades, mas ao conhecer Stephen, pensa duas vezes na possibilidade de se deixar levar por um homem tão charmoso. Afinal, ela já caiu nesse truque e saiu despedaçada ao final.

Ambos guardam segredos entre si, mas durante a noite, eles não precisam ser revelados, precisam?

Dois corações quebrados, duas almas em busca do amor. Podem estes dois encontrar o que tanto procuram um no outro?

Jamais duvide do destino e jamais subestime o

PERIGOSAS NACIONAIS

amor.

PERIGOSAS ACHERON



Te farei minha

Trilogia *Tudo de Mim* III

[AMAZON](#)

Sinopse

Andy é a típica garota texana, que usa botas e chapéus, tem uma Silverado onde toca somente músicas cowntry, e, claro, como na maioria das histórias de mulheres sulistas, tem um cowboy!

Hardy é seu sonho adolescente. Uns bons anos

PERIGOSAS ACHERON

mais velho, e muita experiência na arte de seduzir, ele nem mesmo presta atenção na mulher que vive a salivar litros por sua causa. E como se já não bastasse isso, após sair com sua irmã mais velha, Andy pareceu realmente sumir do mapa para ele. Mas ela cansou de ser ignorada, e esse verdadeiro homem de Dallas mal sabe o que o espera.

Muitas brigas, ciúmes e umas boas pancadas da vida, vão provar que o Texas se tornará pequeno para conter o desastre iminente de Hardy e Andy, prestes a descobrirem o amor.



Sadie e Max

Conto

[AMAZON](#)

Sinopse

Sadie e Max são duas pessoas que não acreditam no amor. Por motivos diferentes e realidades opostas. Mas, e se em um olhar tudo mudasse? Eles estão prestes a se surpreenderem e descobrirem um dos caminhos que levam ao amor.

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON



Meu astro do basquete

Série *Boston Globe*, livro 1

[AMAZON](#)

Sinopse

Beatriz é uma bibliotecária simples e maluca, que sonha em ficar frente a frente com o lendário astro do basquete, Josh Currey. Quando uma reviravolta acontece e tudo se encaminha para um final desanimador, ela se surpreende em como o destino pode pregar peças e virar toda a nossa vida

PERIGOSAS ACHERON

de cabeça para baixo.

Josh por outro lado, está aproveitando seu momento, tanto para se consagrar, como para ajudar as pessoas as quais tem a oportunidade de ajudar. É um homem decidido e que sabe a responsabilidade que carrega nas costas, adorando um bom jogo e aceitando todos os desafios à ele impostos.

Mas, será que ambos se encontrarão em meio a tantos empecilhos, dentre eles, a fama mundial do jogador?

E se o passado conter tudo o que procura para o futuro?

Nesse jogo da vida ambos descobrirão que um vencendo, os dois se tornam campeões!

foto



Antes do sucesso

Série Boston Globe, livro 2

[AMAZON](#)

Sinopse

Allan James é um dos jogadores mais famosos da NBA. Todos querem estar ao seu redor por causa do seu jeito humilde, e o adoram pelo seu bom humor. No entanto, o que ninguém percebe, é que debaixo de tudo isso, ele esconde suas mágoas e tristezas, tentando afastar memórias de alguém que

um dia fora insubstituível.

Roselyn Stewart é uma pacata bibliotecária que não se preocupa ou se interessa por fama nem atenção, mas sua vida vira de pernas para o ar quando James, o famoso jogador, se infiltra no seu mundo tranquilo, sem ao menos pedir permissão. Com seu jeito brincalhão e irresistível, ele mexe com seus sentimentos e a deixa confusa, fazendo-a repensar tudo o que acreditava sobre os homens.

Ninguém sabe, mas o passado de ambos pode estar mais perto do que imaginam, e só eles poderão escolher os caminhos para o futuro.

Pode o presente ser mais importante que o passado? E se o passado bater à sua porta, você o manda embora ou o convida a entrar?

foto



Na marcação do amor

Série *Boston Globe*, livro 3

[AMAZON](#)

Sinopse

Silas Johnson é um homem tranquilo, que sempre quis encontrar alguém com quem pudesse contar. Não têm muitas ambições, é o mais romântico dos seus três amigos e não se importa com as piadas ao seu redor. Afinal, como dizem, Silas é o Silas e todos sabem o quão romântico ele

é capaz de ser.

Diane Kannenberg por outro lado, é uma jornalista esportiva brasileira, que sabe o que quer e isso inclui se sair bem na sua profissão, sem ficar à sombra de ninguém. Odeia como os astros acham que podem ficar com todas as mulheres do planeta e, principalmente, odeia a confiança com a qual eles falam com ela.

Silas sabe que ela vai ser dele.

Diane só pensa em quão idiota ele é por pensar isso.

Os dois vão acabar perdendo e descobrindo que na marcação do amor, o que menos importa é vencer.

foto



A filha do astro

Série *Boston Globe*, livro 4

[AMAZON](#)

Sinopse

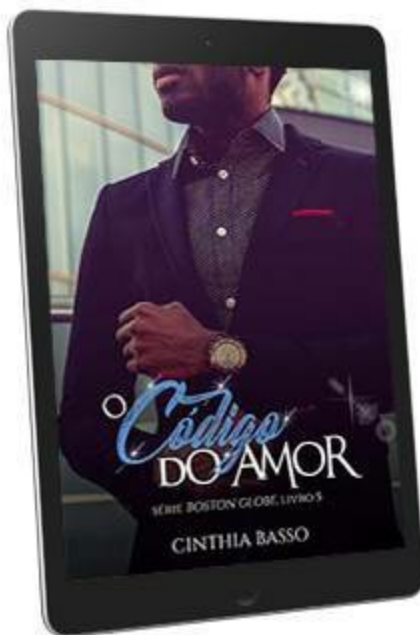
Lily Currey é uma mulher que sabe exatamente o que quer e nunca pretendeu ficar à sombra do sucesso do pai. Se tornou uma das modelos mais conhecidas e desejadas do mundo, guardando segredos e problemas debaixo de sete chaves, mantendo para si tudo o que poderia destruir a sua

carreira.

Collin, seu irmão adotivo, aproveita e muito a vida de solteiro, sem se importar com o que os outros pensam e sem ligar muito para as mulheres que dizem amá-lo. É um cara que sabe o efeito que a sua presença causa e, por isso, prefere ser de todas do que investir suas fichas em apenas uma.

As pessoas pensam nela como a filha do astro. Enquanto ele é o jogador matador da liga de beisebol.

Lily e Collin... Seria mesmo interessante se não fosse um tanto quanto impossível!
Ou o impossível é apenas aquilo que nunca foi tentado?



O código do amor

Série *Boston Globe*, livro 5

[AMAZON](#)

Sinopse

Tyler Currey é um cara da tecnologia, com pinta de playboy e um corpo de fazer salivar até as nerds mais puritanas. Sua inteligência é surpreendente, assim como a sua capacidade de ter qualquer mulher aos seus pés, com uma simples conversa. Sua ficha de conquista é maior do que muitas em

Boston e ele não se importa com isso, afinal, por que não aproveitaria?

Mia Roberts é diferente e recatada, adora roupas do Star Wars, assim como revistas em quadrinhos e tudo o mais baseado em super-heróis. Por que Marvel ou DC Comics se ela pode gostar das duas? Seus óculos desajustados e sua falta de jeito com os homens poderiam caracterizá-la como sem graça para alguns, mas não para alguém com a mesma personalidade que ela.

Máquinas são mais fáceis de se compreender?

E se eles acabarem descobrindo que tem algo bem maior para entender do que simples linhas de programação?

Cada código tem suas particularidades, e o deles, é repleto delas.

foto



Raio de sol

Formato e-Book

[Amazon](#)

Livro físico

[Compre aqui!](#)

Sinopse

Suellen Carvalho nasceu em Ventura, mas seu sonho fez com que saísse da cidade sem olhar para

trás, com o intuito de estudar e se tornar a escritora que tanto queria ser. Agora, com um bloqueio literário, ela está de volta e se surpreende ao notar que Vince, seu amigo de infância, se transformou de garoto franzino para um peão sexy, com um sorriso digno de fazê-la delirar.

Vincent D'Ávila é filho do fazendeiro mais conhecido da região, herdeiro da fazenda Raio de sol e um dos brutos mais cobiçados de Ventura. Com a volta da única mulher que sempre mexeu com os seus sentidos, Vince terá que escolher entre se render ao sentimento adormecido, ou trancafiar de vez tudo o que Suellen lhe desperta, e ela, por sua vez, terá que se decidir entre ir embora novamente ou atender ao pedido do seu coração.

O tempo os separou.

Mas existiria algo mais forte capaz de uni-los?



Lacando a Lua

Spin-off de Raio de Sol

[AMAZON](#)

Sinopse

Magnólia Rodrigues é uma mulher de fases, arredia, marcante, apaixonada e um tanto quanto atrevida. Nunca acreditou que pudesse de fato ser a protagonista da sua própria vida, mas viu tudo mudar quando aceitou se casar com um homem que na verdade, não conhecia.

PERIGOSAS NACIONAIS

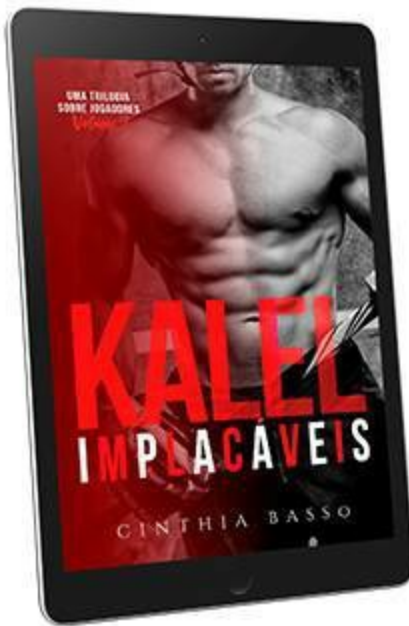
Rodrigo Sanches é herdeiro de um império poderoso, um verdadeiro executivo que renegou tudo o que tinha direito, fugindo para Ventura, abandonando todas as pessoas que o sufocavam, sem ao menos olhar para trás. Não tinha perspectivas e não ansiava por nada, até o dia que conheceu Mag... A mulher mais insuportável e atraente com a qual ele poderia cruzar.

Ela é a lua e ele se tornou um caubói.

Poderia então laçar o impossível e domar seu coração?

Um novo livro está sendo escrito e uma nova história será contada.

PERIGOSAS ACHERON



KALEL

Trilogia Implacáveis, livro 1

[AMAZON](#)

Sinopse

Kalel “Destruidor” Haucke, o capitão do time de hóquei Boston Red Ice, vive uma vida regada a sexo, sem muitas preocupações além da sua devoção pelo esporte. É insuportável, convencido e charmoso ao extremo, usando desses artifícios para ficar com as mulheres que deseja, sem se importar em como elas se sentirão depois.

PERIGOSAS ACHERON

Mas poderia tudo mudar quando coloca os olhos no maior desafio que já enfrentou?

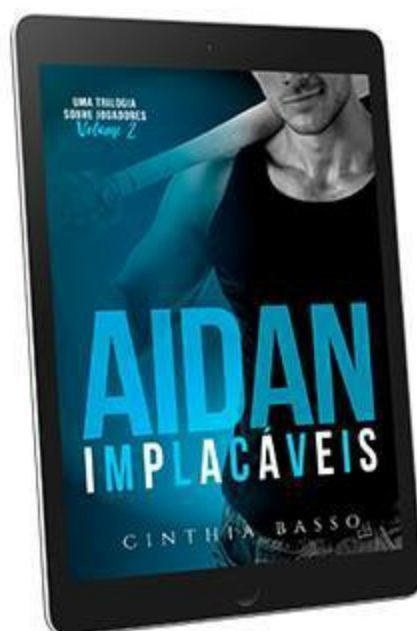
Lindsay Campbell é destemida, uma tenista que não mede forças para conquistar todos os seus sonhos. Guarda segredos que esconde de todas as pessoas, segredos que podem acabar com a sua carreira, assim como, a de quem se aproximar dela. Ambos vão se encontrar e então tudo será posto à prova.

Uma escolha terá que ser feita.

Uma decisão respeitada.

O esporte é a solução ou a causa dos problemas?

Uma pergunta, que infelizmente, parece não ter resposta.



AIDAN

Trilogia Implacáveis, livro 2

[AMAZON](#)

Sinopse

Aidan Campbell para todos os efeitos é um jogador de beisebol excepcional, e um dos homens mais interessantes da Major League Baseball. De uma família conhecida por ser influente e absurdamente rica, é definido pelo seu dinheiro, não pelo seu caráter. Quem é Aidan? Alguém o conhece de verdade?

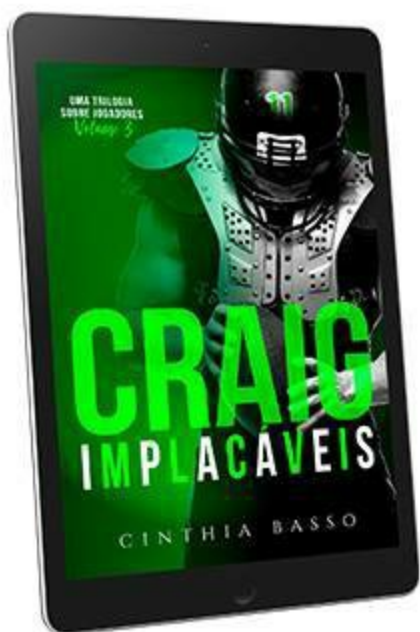
PERIGOSAS NACIONAIS

Gwendolyn Simmons é uma mulher independente, com o coração partido, em busca de si própria e de um lugar para curar suas feridas. Decide então mudar de ares, ansiando por passar uma temporada com a mãe. Só não esperava encontrar alguém do seu passado em tão boa... forma.

Aidan pode ser o único capaz de ajudá-la a esquecer seu coração partido, mas também pode ser a causa de uma nova rachadura.

Os papéis serão invertidos e quem será a caça e quem será o caçador, uma incógnita.

PERIGOSAS ACHERON



CRAIG

Trilogia Implacáveis, livro 3

[AMAZON](#)

Sinopse

Craig Monroe é o último cara no mundo com o qual Madison O'Connell gostaria de trabalhar. Entretanto, lá estava ela, na porta de um dos maiores jogadores de futebol americano de todos os tempos. O confiante quarterback do Miami Green Dolphins.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Se ela pudesse escolher, se as contas não viessem para lembrá-la todo fim de mês, ela de fato, optaria por não lidar com um homem egocêntrico, que não se importava com nada além dos seus próprios problemas.

Madison previa uma catástrofe, mas não desistiria.

Craig só queria continuar com a sua vida de regalias e... se livrar dela.

A determinação de Madison.

O humor insuportável de Craig.

Uma combinação explosiva e que pode causar estragos.

No desfecho da trilogia Implacáveis, você irá perceber que o pior... fica sempre para o final.

PERIGOSAS ACHERON



TUDO QUE POSSO VER

[AMAZON](#)

Sinopse

Erika Albuquerque sempre teve sua vida traçada, com a certeza de que um futuro glorioso a esperava. No entanto, por que ela não se sentia feliz? Entre idas e vindas da vida, ela acaba se encontrando na avenida Sentimento, onde um estúdio de tatuagem se sobressaía ao seu mundo caótico de cores.

PERIGOSAS ACHERON

Com uma singularidade, Erika conseguia enxergar tudo o que os outros... não conseguiam ver. E ao colocar seus olhos naquele homem, teve a súbita certeza que nada seria o mesmo sem ele.

Athos Monteiro, uma pessoa tranquila, que vivia cada dia por vez, não imaginava que a sessão marcada em uma segunda-feira calma e sem pretensões mudaria a sua rotina de uma forma tão irreversível. Ele não sabia o que estava acontecendo, mas tinha a noção de que aquela mulher com cabelos cacheados e olhos tão verdes, quanto esmeraldas, o deixava incomodado de uma maneira estranha e sem explicação.

Athos e Erika não deveriam se encontrar, mas, entre uma trama de mistérios e mentiras, se veem interligados. Correndo contra um sentimento tão irrefreável quanto uma tempestade e tão inevitável... como o tempo.

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

A FUGA DA PRINCESA



Uma moça do interior, que viu nos livros a oportunidade de viajar sem sair do lugar. Engenheira civil, que sonha pelas linhas de livros sem ter a menor vergonha de admitir isso.

Adora Einstein, Tesla e todos os cientistas capazes de criar teorias considera das absurdas, de
PERIGOSAS ACHERON

ideias adversas.

Cria diversas histórias através das mais diferentes inspirações, não escreve sem ouvir a uma boa música e costuma colocar sempre um pouco de si nos personagens. Enfim, essa é Cinthia Basso, uma mulher com o romantismo à flor da pele, que não busca nada além da felicidade.

A FUGA DA PRINCESA



Entre em contato com a autora em suas redes sociais:

[Facebook](#) | [Instagram](#)

cinthiabasso@outlook.com

Gostou do livro? Compartilhe seu comentário nas redes sociais e na **Amazon** indicando-o para futuros leitores. Obrigada!

Notas

[←1]

Foram produzidas apenas 110 garrafas para celebrar o aniversário de 50 anos do pai do dono da famosa destilaria Glenfarclas. Após 50 anos de armazenamento, engarrafaram em 2005. Cada unidade custa cerca de 9.600 euros.

[←2]

Charuto da empresa Gurkha Cigars, que custa em torno de um milhão de dólares. Tem esse preço elevado devido ao processo de produção e os materiais usados no mesmo.

PERIGOSAS NACIONAIS

[←3]

Consagrada marca fabricante de pianos, fundada em 1853.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

[←4]

Estou sem sorte.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

[←5]

Você não é uma candidata.

PERIGOSAS ACHERON

[←6]

Se eu pudesse realmente escolher alguém.

PERIGOSAS NACIONAIS

[←7]

Muitas queixas.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

[←8]

Quanta astúcia, alteza.

PERIGOSAS ACHERON

[←9]

Eu gosto de pensar que sou inteligente.

PERIGOSAS NACIONAIS

[←10]

Valsa orquestrada, composta em 1882 por Johann Strauss II.

PERIGOSAS ACHERON

[←11]

Denominação para o crepe salgado.

[←12]

Meu coração em francês.